



## SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

|       |     |
|-------|-----|
| LIV.- | 01  |
| PAG.- | 026 |
| REG.- | 812 |

TÍTULO DA PEÇA: " O CAVALINHO AZUL "

## DISTRIBUIÇÃO

AUTOR DA PEÇA: " MARIA CLARA MACHADO "

REQUERENTE

PROTOCOLOS

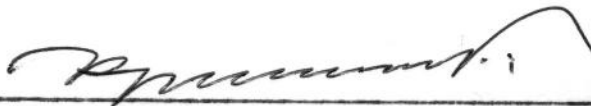
JOSE PAULO DOS SANTOS NETO

021/86-SR/DF

ILMO. SR. DIRETOR DO DEPARTAMENTO DE CENSURA FEDERAL

FRANCISCO DE ASSIS GUIMARÃES, diretor teatral vem pedir à V.Sa. que se mande censurar a peça infantil " O CAVALINHO AZUL" de Maria Clara Machado, que tem sua extréia marcada para o dia 5 de novembro do corrente ano, no TEATRO SÃO PEDRO, em São Paulo.

Nêstes Termos,  
P/Deferimento



---

FRANCISCO DE ASSIS GUIMARAES(C.I.3.355.711).

São Paulo, 25 de Outubro de 1968.



Reconhecida como de Utilidade Pública  
pelo Decreto n. 4.092, de 4 de agosto  
— de 1920. —



Filiada à Confederação Internacional das  
Sociedades de Autores e Compositores,  
— de Paris. —

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0248, 8-3

## SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS

Fundada em 27 de Setembro de 1917  
Sede: AV. ALMIRANTE BARROSO, 97 - 3.º andar.  
End. Teleg.: SBAT - RIO  
RIO DE JANEIRO — BRASIL

### Direitos de Representação

### Autorização Nº 173933

A Sociedade Brasileira de Autores Teatrais (SBAT), reconhecida como de utilidade pública federal, pelo decreto n.º 4.092, de 4-8-1920, mandatária de seus associados nacionais e estrangeiros, para todos os fins de direito, autoriza, nos termos do artigo 2.º do decreto n. 4.790, de 2-1-1924, combinado com os artigos 26 e seu parágrafo único, e 27, do decreto n.º 5.492, de 16-7-1928, art. 46 do decreto n.º 18.527, de 10-12-1928, e artigo 35 do decreto n.º 21.111, de 1-3-1932, Lei n.º 2.415, de 9-2-1955 art. 42, do decreto n.º 20.493, de 24-1-1946, a representação da peça teatral: O Cavalinho Azul

Original de Maria Clara Machado

Música de —

Tradução de —

No Teatro São Pedro Cidade J. Paulo

Empresa Grupo Evolução Pela Cia. —

nos dias 1ª a 4ª Censura da peça

sob a condição do pagamento dos respectivos direitos autorais, na base de

— % da renda bruta de cada espetáculo, mediante a

garantia mínima de Cr\$ — por espetáculo, obrigando-se a Em-

presa a fornecer à SBAT uma cópia do "bordereau" de receita, devidamente au-

tenticado, responsabilizando-se pela sua exatidão, bem como pelo integral paga-

mento dos direitos autorais acima estipulados, em moeda corrente.

A Autorização deve ser anexada ao progra-  
mático e entregue às autoridades competentes.  
A utilização do direito autoral respectivo, só poderá  
na primeira via do recibo oficial da SBAT.

Isenta de selo - Art. 1.º do Dec. 7.957, de 17-9-1945.

## Resumo dos textos de Leis invocadas nesta autorização

### Decreto n.º 4.092, de 4 de agosto de 1920:

Art. 1.º — Fica reconhecida como de Utilidade Pública a **Sociedade Brasileira de Autores Teatrais** com sede no Rio de Janeiro.

§ 1.º — É facultado a esta Sociedade representar seus associados:

a) — Perante a Polícia ou em Juízo Civil e Criminal ativa e passivamente, em todos os processos referentes à propriedade literária e artística nos quais esses associados sejam parte.

b) — Perante as Empresas teatrais, para a cobrança das quotas ou percentagens de direitos de autor.

§ 2.º — Para o disposto no § 1.º a Sociedade se reputará mandatária de seus associados, para todos os fins de direito, pelo simples ato de filiação à Sociedade, salvo cláusula expressa em contrário.

§ 4.º — A prova de filiação à **Sociedade Brasileira de Autores Teatrais** ou às suas congêneres estrangeiras poderá ser feita pela relação oficial dos sócios, publicada pela imprensa ou em avulso, ou por certidão em cartório, passada por tabelião público, pela qual se verifique constar da relação o nome do autor teatral.

### Decreto n.º 4.790, de 2 de janeiro de 1924:

Art. 2.º — Nenhuma composição musical, tragédia, drama, comédia, ou qualquer outra produção, seja qual for a sua denominação, poderá ser executada ou representada em teatros os espetáculos públicos, para os quais se pague entrada, sem autorização, para cada vez, de seu autor, representante ou pessoa legitimamente subrogada nos direitos daquele.

### Decreto n.º 5.492, de 16 de julho de 1928:

Art. 26 — As disposições do art. 2.º e seguintes do Decreto n.º 4.790, de 2-1-1924, aplicam-se a todas as composições musicais e peças de teatro, executadas, representadas ou transmitidas pela radio-telefonía, com intuito de lucro, em reuniões públicas.

§ único — Consideram-se realizadas com intuito de lucro quaisquer audições musicais, representações artísticas ou difusões, radio-telefônicas em que os músicos, exe-

cutantes ou transmitentes tenham retribuição pelo trabalho.

Art. 27 — Os proprietários ou empresários de quaisquer estabelecimentos de diversões públicas, são responsáveis pelos direitos autorais das produções aí realizadas.

### Decreto n.º 18.527, de 10 de dezembro de 1928:

Art. 46 — Ficam obrigados à apresentação de programas os proprietários, empresários, diretores ou quaisquer outros responsáveis pelas representações, exhibições ou irradiações que se realizarem em teatros, cinematógrafos, dancings, cabarés, sociedades radio-telefônicas ou outros quaisquer estabelecimentos de diversões públicas.

### Decreto n.º 21.111, de 1 de março de 1932:

Art. 35, § 1.º — A irradiação de quaisquer assuntos ou trabalhos, já divulgados ou não por outros meios, deverá respeitar os direitos autorais e ser igualmente precedida da indicação dos nomes dos autores.

### Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946:

Art. 42 — Considera-se local de representação, execução, exhibição e irradiação e de outras formas de espetáculo, reuniões e diversões públicas, inclusive competições desportivas, os teatros, os circos, arenas e pistas, parques, salões ou dependências adequadas, assim como quaisquer estabelecimentos onde se reserve espaço para algum daqueles fins e que sejam, de qualquer maneira, freqüentados coletivamente, mesmo as que tenham a denominação de sociedades recreativas e desportivas.

### Lei n.º 2.415, de 9 de fevereiro de 1955:

Art. 1.º — A outorga, no território nacional, da licença autoral para a realização de representações, execuções públicas e tele-transmissões, pelo rádio ou televisão, de que tratam os arts. 42 e 43, § 1.º, do Decreto número 18.527, de 10 de dezembro de 1928, e 88 do Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946, compete exclusivamente ao próprio autor ou à Sociedade legalmente constituída para a defesa de direitos autorais, à qual o autor for filiado e que o tenha registrado na forma do artigo 105, § 1.º, do Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946.

V/  


O CAVALINHO

AZUL

de

Maria Clara Machado

musicas de: Reginaldo de Carvalho

estréia: dia 3/11/68

pelo GRUPO EVOLUÇÃO DE TEATRO



## O CAVALINHO AZUL

## PRIMEIRA CENA

(Ao abrir-se o pano vê-se apenas o palco vazio. Enquanto ouve-se a música nº 1A, 1B, um velho de longas barbas, maltrapilho e vagabundo, simpático e bonachão, se dirige à direção à platéia segurando um tamborete.)

## VELHO

En me chamo João de Deus. Sou vagabundo. Estou aqui para contar a história do menino Vicente e de seu cavalo. Um dia perdi a tesoura de cortar barba e tive que deixar crescer a barba. No princípio não gostava; sujava muito quando eu comia, - mas agora gosto; quando faz frio cubro-me assim, (mostra), e minha barba serve de cobertor. Também aprendi a comer com minha barba: faço assim (mostra). Gosto dela também por causa do Vicente que me achou parecido com o Padre Eterno. Isto quer dizer que minha barba se parece com a barba de Deus. Por isso cuido dela. Barbade de Deus é coisa séria. Vou contar contar como é que esta história começou. Aqui (pela esquerda entram o pai e a mãe carregando a casa) morava Vicente com seu pai e sua mãe, nesta casinha (o pai e a mãe colocam a casa e o banquinho e desaparecem). E ali vem ele - nem me viu ainda - com seu cavalo. Vou deixar esta história contar-se por si mesma, enquanto vou ajudando aqui, ao lado. (O velho senta-se no tamborete, fora da cena, perto da cortina, na semi-obscuridade, enquanto a luz cresce dentro do palco, onde se vê um menino pobre puxando uma enorme corda que prende ao pescoço de um feio pangaré, sujo, magro com cara infeliz. O menino em êxtase procura convencer o cavalo (dois atores em pé, um fazendo a cabeça com uma máscara e o outro fazendo de trazeiro)

## VICENTE

Se você der mais uma voltinha, só mais uma voltinha, meu cavalinho, eu prometo levar você lá numa campina toda verdinha de tanto capim verde. Vamos, vamos, meu cavalinho azul! (O cavalo se levanta com grande esforço e começa a trotar em volta do menino) Vamos, meu cavalinho azul. Upa. Upa. Upa. (O cavalo cansado começa se arrastar).

## VICENTE

(zangado) Assim você não poderá trabalhar no circo. Não pode. Veja como eu faço - Como aquele grande cavalo branco lá do circo da cidade. Brrrrrrrrrr, assim, levantando as patas e depois me levando na garupa como a bailarina Lili, toda verde de tão bonita, e o domador Rogério de boné dourado e calças vermelhas... Upa. Upa. - Upa. Vamos, vamos. (O cavalo está exausto) Bem, por hoje, chega. Amanhã treinaremos mais. Você está cada vez melhor e mais bonito.

## MÃE

(de dentro) Vicente

## VICENTE

O que é, mamãe?

## MÃE

6  
-2-

MÃE

(saíndo com uma troxa de roupas para lavar) Venha estudar, menino. Está quase na hora da escola.

VICENTE

Já vou mamãe. Deixe eu conversar mais um pouquinho só com meu cavalinho azul.

MÃE

Que cavalinho azul que nada. Um pangaré velho que não presta mais nem para puxar a carroça de teu pai (saíndo com a trouxa) Cavalinho azul...Azul.

VICENTE

(baixo para o cavalo) Não liga não meu cavalinho. (Para a platéia) Mamãe chama meu cavalinho de sujo e velho porque ela pensa que ele é sujo e velho, porque mamãe é gente grande e gente grande tem que lavar roupa, fica cansada e maltrata o cavalinho, sem querer. Como é que ela pode saber a côr do meu cavalo se nem vê ele direito de tanto cozinhar, arrumar e lavar roupa? Também ele anda um pouco sujo hoje, mas é porque a água do nosso rio está quase seca, não lava mais direito, (para o cavalo) mas amanhã vou também te levar num rio muito grande, muito branco, de tão limpo, que passa perto da campina verde. Lá você tomará um banho e vamos para o circo. Quem não estiver muito limpo e lindo também não pode entrar no circo, está ouvindo?

PAI

(chegando com o balde) Vicente, olha a ração do Mimoso. Eccehga de fazê-lo rodar. ele está muito magro, precisa descansar.

VICENTE

Vou levar ele, papai, para a grande campina verde e vou dar um banho nele no rio de água branca.

PAI

(bem humorado) Onde é que existe esta campina, menino? Tudo está seco, isto sim. - Seco e esturricado. Onde é que tem um rio grande e branco?

VICENTE

Aquêlê lá longe.

PAI

Longe, onde?

VICENTE

Ora, papai, lá longe do outro lado daquele morro mais longe.

PAI

Lá longe é a cidade,

VICENTE

Onde está o circo, não é?



7

PAI

É. Vá estudar, menino.

VICENTE

Vou buscar meu livro e venho estudar aqui, tá bem? (entra por traz da casa).

PAI

(depois de misturar a comida do cavalo) Toma, pangaré, come isto para não morrer de fome. (O pangaré enfia a cara no balde. O pai sai e volta o menino).

VICENTE

Você sabe o que é uma ilha? É uma quantidade de terra cercada de água por todos os lados... um istmo (diz baixinho, como procurando decorar) Um istmo...é ...Sa-be, cavalinho, nós vamos lá... nós vamos na ilha cercada de água por todos os lados, cercada de istmos... de cahos, de tudo. Depois vamos promontório. Depois, eu monto em você e saímos correndo atrás das capitâneas hereditárias... vai ser ótimo.

MÃE

(de dentro) Vicente, venha estudar cá dentro. Sôzinho, longe dêste cavalo.

VICENTE

Estou indo. (entra gritando) Vamos para as capitâneas hereditárias. Eu e meu cavalinho azul...

PAI

(chegando e ouvindo as últimas palavras do filho) Mulher, venha cá. (a mãe chega) Mulher temos que vender o pangaré. (O cavalo levanta a cara do balde, assustado);

MÃE

(preocupada) Vender? Por que?

PAI

Este pangaré não serve mais para nada. Já vendi a carroça. Este cavalo só serve para comer mais dinheiro. Se fôr vendido, posso apurar uns cobres e com êle comprar umas galinhas e começar uma criação.

MÃE

E o menino?

PAI

O menino esquece. Arranja outro brinquedo.

MÃE

Esquece não. êle só pensa nisto.

PAI

Está ficando doido; melhor é levar o cavalo logo. (põe o chapêu, pega o cavalo pela corda) Vou à cidade vendê-lo. Pro menino trago um brinquedo. Adeus, mulher(sai)



MÃE

Por que você não vende a vaquinha?

PAI

(parando e voltando-se) A vaquinha dá leite.

MÃE

Mas o cavalo dá alegria ao menino.

PAI

Mas não dá dinheiro. O menino se acostuma. (O pai sai puxando o pangaré. No pros cênio ele se encontra com o velho João de Deus e pára).

VELHO

Bom dia.

PAI

Quem é o senhor?

VELHO

Sou João de Deus.

PAI

O que é que está fazendo aqui?

VELHO

Estou vendo tudo.

PAI

Para que?

VELHO

VELHO

Para contar aos outros, (para a platéia) eles.

PAI

(depois de olhar para a platéia) Vai contar na certa que sou um pai muito ruim - porque vou vender o pangaré....

VELHO

O senhor tem que vender mesmo?

PAI

Depois quem vai arranjar dinheiro para o menino comer? É muito fácil ter pena do pangaré mas de mim ninguém tem. Adeus. (sai muito zangado). ✓

VELHO

O pai ficou muito zangado e partiu para a feira onde vendeu o cavalo. Pensamos - que o menino ia ficar muito triste. Alguns dias se passaram, e vejam o nosso Vi-



cente sentadinho na porta, com sua bola, presente do pai. (escurece no velho e clareia na cena.

## SEGUNDA CENA

Vicente sentado na soleira da porta de vez em quando dá uma espiadela para fora. (Ouve-se a música nº 3A).

VICENTE

Mamãe;

(aparecendo) Que é, menino?

VICENTE

Que horas que ele volta?

MÃE

Quem?

VICENTE

O meu cavalinho azul.

MÃE

Acho que ele volta ... amanhã. Venha para dentro, Vicente. Nem almoçou direito. 2 Assim sem comer você não pode ficar.

VICENTE

Estou esperando.

MÃE

(com muito jeito) Acho, meu filhinho, que seu cavalo não volta mais. Seu pai, trouxe esta bola para você brincar com ela. Você não acha bonito esta bola?

VICENTE

Acho. Por isso que eu quero mostrar ela ao meu cavalo.

MÃE

(exasperada) Seu cavalo foi vendido.

VICENTE

Eu sei, mamãe, não precisa gritar. Papai me disse. Mas depois ele volta.

MÃE

Mas agora ele tem outro dono.

VICENTE

(rindo) Outro dono. Ah.Ah.ah. Como é possível isto, mamãe. Dono a gente só tem um ele volta.

MÃE

Volta não.



VICENTE

Volta sim. Volta porque estou esperando êle para irmos ao circo.

MÃE

(entrando na casa) Ah, menino. Assim não é possível.

VICENTE

(Música nº 3)

(sòzinho) Estou achando que meu cavallinho perdeu o caminho. (suspirando forte) Êle é tão distraído. Preciso ir atrás dêle. Mamãe disse que êste mundo está cheio de perigos, não posso mais deixar meu amigo perdido por aí. Talvez êle tenha ido para as Antilhas Holandesas ou então para a ilha de Brocoló cercada de água por todos os lados, ou algum istmo ou cabo... sei lá, todos êstes perigos... e se êle foi para a serra da Mantiqueira? Coitadinho! Adeus meu pai, adeus minha mãe, me esperem que eu volto com êle. Adeus. (O menino sai pelo proscênio em direção oposta ao lugar onde está o velho e a música continua até o encontro com o velho.)

TERCEIRA CENA ^

(O velho entra na cena e tira a casa. VICENTE torna a aparecer na cena nua, enquanto o velho o aguarda).

VELHO

Sòzinho, menino, neste caminho?

VICENTE

Quem é o senhor?

VELHO

(meio surdo) O que?

VICENTE

Quem é o senhor?

VELHO

João de Deus.

VICENTE

(espantadíssimo) O senhor é ... o DEUS?

VELHO

(depois de uma pausa, gozador, topando a confusão)

Sou.

VICENTE

Do catecismo?

VELHO

Hi! Hi! Hi! ... sou.



VICENTE

Bem que eu estou vendo tanta barba(pausa). Deus no duro? Padre Eterno?

VELHO

No duro.

VICENTE

Aquêle que está em tôda a parte?

VELHO

Aquêle mesmo.

VICENTE

Então, senhor Deus quer fazer o favor de olhar onde está o meu cavalinho azul?

VELHO

O que?

VICENTE

Pois o senhor não vê tudo?

VELHO

Vejo. Claro que sim...

VICENTE

Cabos, ilhas, istmos, serra da Mantiqueira, e tudo? e idéia na cabeça e tudo?

VELHO

E tudo.

VICENTE

Então cadê êle?

VELHO

Êle?

VICENTE

O cavalo, Não viu? O meu?

VELHO

Não vi.

VICENTE

Mas você não vê tudo?

VELHO

Ah! vi sim. Muito lindo seu cavalo.

VICENTE

Azul!

VELHO

Com cauda azul, muito grande... X

VICENTE

Não, a cauda é branco, ó Deus, você esqueceu?

VELHO

Esqueci não. Fico cansado de ver tudo ao mesmo tempo...

VICENTE

Deve cansar mesmo ver tudo ao mesmo tempo. Não tem dor de cabeça? Eu não. Não sou como o senhor. Coitado! Só vejo poucas coisas e meu cavalinho.

VELHO

Então vamos achá-lo.

VICENTE

O senhor vem comigo?

VELHO

Não posso, menino. Se vou procurar seu cavalo quem é que vai vigiar o mundo?

VICENTE

O senhor não pode deixar algum santo fazer isso por uns dias?

VELHO

Não posso.

VICENTE

Então, adeus.

VELHO

Espera, menino. Onde é que você vai?

VICENTE

Vou indo por aí ver se acho ele.

VELHO

Quando você precisar de mim é só chamar que estou ali sentado naquele banquinho.

VICENTE

É dali que o senhor vigia o mundo?

VELHO

E.

VICENTE

Ahn! Então, adeus. (desaparece do lado oposto).

QUARTA CENA

VELHO

Foi assim que conheci Vicente. Uns achavam que ele era um menino mentiroso porque inventava coisas; via cavalos azuis, circos enormes, campinas verdes; achava que - um vagabundo como eu era Deus, imaginem vocês. X

Outros achavam que ele era louquinho. Cá para mim, acho que ele nem era mentiroso nem louco. Apenas via as coisas diferentes e acreditava mesmo no que via. Só sei que ele andou pelo mundo atrás de seu cavalo. Será que encontrou? Vamos ver por onde ele anda agora. Depois de muito caminhar chegou primeiro a um circo numa cidade pequena perto da cidade dele. (O velho puxa a pequena arquibancada). Os donos deste circo são aqueles 3 músicos que vêm ali. (O velho volta ao tamborete. Os músicos entram com suas cadeiras, solenemente. Um gordo e alto, o segundo alto e magro, e o terceiro, baixinho. O gordo leva um violino, o alto leva um piano e o baixinho, um contrabaixo que vão buscar fora de cena depois de colocarem as cadeiras no fundo da cena. Estes instrumentos são feitos de madeira compensada, bem leves para serem carregados e a música é tocada nos bastidores enquanto os músicos de cena apenas pretendem que tocam como em instrumentos de brinquedo. O gordo abre a portinhola de seu violino que só tem a utilidade de guardar dinheiro e retira uma flauta. Os três começam a tocar a música nº 5A, enquanto chega a meninazinha que cumprimenta os velhos e senta na arquibancada. Os velhos usam fraque e artola,



cartola, barbas postigas e pedaços de cabelos saindo das cartolas).

VELHO

Estes velhos alugaram um palhaço para fazer graça enquanto eles tocavam e ganhavam dinheiro. (Tamboar forte para a chegada do palhaço.)

PALHAÇO

Caro público! Boa tarde, bom dia e boa noite! Este é o nosso grande circo americano! Boa tarde bom dia e boa noite! Os melhores (acentuando) trapezistas do mundo vão voar por este teto! Cinco elefantes vermelhos domesticados, educados, amestrados, vão cantar! Cantar, caro público, cantar com voz de elefantes! Um cachorro chamado Doly vai tocar violino... Tocar violino, caro público, com pata de cachorro... Um gato vai cantar... Um gato cantor, caro público, com voz de barítono... Uma foca bailarina, e uma bailarina gente, vão dançar ao mesmo tempo, ao mesmo tempo, caro público, em cima de cinco cavalos... cinco cavalos, caro público... Um homem que engole fogo e cospe gelo, cospe gelo, caro público. (Ouve-se um tambor forte. Segue-se grande silêncio).

PALHAÇO X

...Tudo por cinco cruzeiros!

(O palhaço passa pela arquibancada esperando quem pague, enquanto os músicos terminam a valsinha. A menina se levanta e tira de uma bolsinha cinco cruzeiros que entrega ao palhaço; este leva o dinheiro para o gordo, que abre a portinhola de seu violino e guarda o dinheiro).

E para começar, o grande palhaço, o mais engraçado do mundo, vai fazer um número de corda bamba. Este palhaço sou eu e aqui está a corda bamba.

(O palhaço estica no chão uma corda, abre um guarda-chuva mirim e começa a fingir que se equilibra no clássico número. Os músicos acompanham o número. A menina bate palmas).

PALHAÇO

Muito obrigado! Muito obrigado, caro público! E agora o grande palhaço do grande (neste momento entra Vicente; o palhaço faz uma pausa para olhá-lo, depois recomeça... do grande circo americano vai fazer o número de contorsionismo. (Vicente, entusiasmado, começa a bater palmas. O palhaço fica nervoso com tanto entusiasmo e desanda a fazer uma série de números e evoluções, sempre com Vicente e a menina batendo palmas, até que exausto se senta no chão). X

VICENTE

(se aproximando) Grande palhaço do grande circo americano, quer fazer o favor de me dizer se o meu cavalo azul está aqui?

PALHAÇO

O que? Um cavalo azul? Nunca vi. (Poe-se de pé. Os músicos também).

VICENTE

Com um rabo enore, branco!

PALHAÇO

Isto existe? Um cavalo azul?

VICENTE

O meu. É lindo. Dança, canta e voa!



18  
-10-

PALHAÇO

(Correndo para os músicos) Cavalo azul... Cavalo azul... Deve ser mentira... Deixa de bobagem, menino. Não vê que eu estou trabalhando? Não atrapalhe meu número contando coisas (meio em dúvida) que não existem... Sai daí (num canto, desconfiado) Cavalo Azul! (Vicente sobe na arquibancada) os músicos tocam um acorde esquisito, o palhaço presta atenção e corre para Vicente).

PALHAÇO

Se quiser assistir tem que pagar.

VICENTE

Mas eu não tenho dinheiro.

MENINA

Eu pago para ele. (A menina tira o dinheiro e dá ao palhaço; Este leva-o ao músico gordo que guarda dentro do violino).

VICENTE

Obrigado, menininha.

PALHAÇO

Agora podem bater palmas. Acabei meu número de contorsionismo (Vicente e a menina - batem palmas.)

PALHAÇO

(Trocando a casaca e pondo uniforme de domador) Atenção. Agora o grande circo-americano vai apresentar o número de 3 elefantes que vieram especialmente da África para o nosso circo. (Entram 3 elefantes muito cansados que dançam muito sem graça uma valsa tocada pelos músicos (10). Depois, os elefantes vão-se embora e os meninos batem palmas).

PALHAÇO

E por hoje é só. caro público.

MENINA

Mas o sr. disse que ia ter uma porção de coisas mais!

PALHAÇO

Eu disse!

MENINA

Disse sim. Cachorro que toca violino. Trapezistas no ar, e a dançarina Lili? E a foca? Cadê?

PALHAÇO

(cortando) Ah! é verdade...mas isto tudo vai ser amanhã...AMANHÃ, caro público. Imaginem que a dançarina Lili (confidencial) está com dor de barriga...e o trapezista o trapezista... (entusiasmando-se) caro público, torceu o pé...o cachorro que toca violino foi despedido por que...porque mordeu o rabo do gato cantor... e o gato cantor foi para o hospital...mas amanhã...caro público...amanhã por cinco cruzeiros - teremos tudo isto...Boa tarde...boa noite...boa noite... (vai saindo enquanto fala. A música recomeça. 5-A). Vicente acompanha a música com o corpo. A menina observa-o

MENINA

Ele é azul mesmo?

VICENTE

O quê?

(os músicos param de tocar e põem ouvidos).

057  
21

MENINA

(repetindo) Ele é azul mesmo;

VICENTE

Tão azul que nem sei!

MENINA

Eu gostaria tanto de procurar um cavalo azul!

VICENTE

Você quer vir comigo;

MENINA

Não posso.

VICENTE

Por quê?

MENINA

Paguei cinco cruzeiros e estou esperando acontecer alguma coisa bonita aqui no circo.

VICENTE

E não acontece nada?

MENINA

Todos os dias é a mesma coisa. O palhaço dá cambalhotas e os 3 elefantes dançam. Já dei tôdas as minhas notas de cinco e ainda não vi o cachorro tocar violino.

VICENTE

Vai ver que é mentira do palhaço.

MENINA

Será?

VICENTE

Vamos buscar o cavaleiro. É melhor procurar nós dois do que sozinho. Vai ser lindo!

MENINA

Tenho que pagar cinco cruzeiros;

VICENTE

Não. Você pode vir de graça.

MENINA

Então, vamos.

VICENTE

Para que lado você quer ir primeiro? No Pacífico ou no Índico?

MENINA

Tenho um tio que mora no Ceará. Vamos lá primeiro?

VICENTE

Capital Fortaleza?

MENINA

E.

VICENTE

Fortaleza é um nome lindo. Então vamos lá primeiro.

(Saem. Clareia sobre o tamborete onde está o velho João de Deus).



VELHO

Enquanto Vicente saía com a menina, os 3 velhos músicos que na verdade são 3 bandidos disfarçados (os velhos tiram a barba e fazem cara de bandido); estes bandidos que fingiam que eram músicos, obrigaram o palhaço a trabalhar de graça, não davam comida aos elefantes dançarinos, roubavam tudo que viam, quando ouviram a história do cavalinho azul ficaram loucos para roubá-lo do menino.

(penumbra sobre o velho)

BAIXINHO

Você ouviu? Ele tem um cavalo azul.

GORDO

Se conseguirmos este cavalo para o circo, ganharemos tanto dinheiro que ficaremos milionários... Todo mundo vai querer ver esta maravilha.

ALTO

Vamos pegar o menino.

BAIXINHO

Chame o palhaço.

(O Alto sai e volta com o palhaço.)

BAIXINHO

Você ouviu o menino, palhaço?

PALHAÇO

Ele tem um cavalo azul.

ALTO

Com um rabo enorme, branco.

BAIXINHO

E sabe dançar.

OS 4

E voar.

(Os 3 se entreolharam, vestem as barbas e se precipitam para fora da cena, trazendo em seguida Vicente e a menina um pouco atrás. Vicente está assustado. Os 3 estão querendo adular o menino.)

BAIXINHO

Palhaço, vai buscar pipocas para ele (palhaço sai).

ALTO

Sente-se aqui, menino.

GORDO

E você aqui, menina. (Os dois meninos sentam-se nas duas cadeiras oferecidas pelos músicos).

(O palhaço volta com as pipocas. Os 4 olham para os meninos comerem as pipocas).

BAIXINHO

Faz uma graça, para o menino rir, palhaço.

(O palhaço faz umas caretas, mas o menino não ri. Só os 3 músicos dão gargalhadas estrondosas para impressionar o menino que finalmente começa a rir. A menina está um pouco assustada.

BAIXINHO

(Quando todos param de rir de repente) É verdade mesmo, menino?

VICENTE

OS 3

Azul?

VICENTE

Azul.

ALTO

Como o céu?

VICENTE

Não.

GORDO

Como o mar?

VICENTE

Não.

OS 3

Oh!

BAIXINHOS

Como os olhos do palhaço?

VICENTE

Não.

ALTO

Então como é ele?

VICENTE

(Música nº 13)

(Enleado) as vezes ele fica como o céu, depois quando vem a tarde ele fica um pouco como os olhos do palhaço, mas à noite é sempre como o mar à noite.

OS 4

É lindo! Sen-sa-ci-o-nal!...

VICENTE

É. (cessa a música).

BAIXINHO

(Rapidamente) Por quanto você quer vender?

VICENTE

Não quero vender nunca. Meu pai já vendeu mas vou buscá-lo.

MENINA

Não vende não!...

BAIXINHO

(chamando os outros para confabularem num canto) Venham cá. Fica aí, palhaço, fazendo mais graça para ele.

(Enquanto os 3 músicos bandidos confabulam, o palhaço tenta continuar as graças).

VICENTE

Não precisa disso não, palhaço. Você já deve estar cansado.

BAIXINHO

(Voltando-se para Vicente) ele come muito, seu cavalo?

VICENTE

Só milho e capim, às vezes um pouco de nuvem que desmancha.



BAIXINHO

(Como para si mesmo) Nuvem desmanchada é chuva. É barato. (para Vicente) E por onde anda ele?

VICENTE

Aí pelo mundo... Na serra da Mantiqueira, no Ceará ou... (os 3 se aproximam).

OS 3

Ou...

VICENTE

Nas Capitânicas Hereditárias.

OS 3

! ! ! !

VICENTE

É um dia ele fugiu de casa e foi correr o mundo; agora tenho que ir atrás dele, se não ele é capaz de se perder aí por estes perigos que existem nos promontórios e istmos da terra. (começa a sair com a menina).

GORDO

Você vai por que estrada?

VICENTE

Pega estrada do ceará. Adeus, velhos. Na volta passo por aqui montado nele... (sai com a menina) X

QUINTA CENA

BAIXINHO

Precisamos deste cavalo.

GORDO

Vamos matar o menino.

ALTO

Não adianta matar o menino sem termos primeiro o cavalo.

BAIXINHO

É de um cavalo assim que estamos presesando. Um cavalo milagroso; que nos dará dinheiro sem precisarmos trabalhar.

ALTO

Ele come pouco milho

GORDO

E capim.

BAIXINHO

Nós lhe daremos só capim. O milho está caro.

OS 2

Só capim.

BAIXINHO

Escutem aqui, amigos. Iremos atrás do menino. Quando ele achar o cavalo, matamos o menino e trazemos o cavalo.

ALTO

Que grande idéia, Baixinho!

BAIXINHO

(Chamando) Palhaço! Tira este circo daí. Vamos viajar...

(O palhaço tira as arquibancadas. Os velhos saem com seus instrumentos. João de Deus tira as cadeiras e fala do meio da cena).

## SEXTA CENA

## VELHO

Vicente, sempre acompanhado da menina, começou a busca pela estrada. Foi primeiro até o Ceará. E o cavalinho não estava nem em Fortaleza nem em Cabrobó, nem em lugar nenhum. Foi a Pernambuco, ao Amazonas, andou perto do rio Negro e do Tocantins e nada. Depois voltou para o sul. Os dois meninos viajavam de dia e dormiam à noite... Mas não sabiam do perigo que vinha atrás deles. Os 3 velhos, fingindo que eram músicos de verdade, para não serem vistos, andavam durante a noite e dormiam de dia. Os velhos cada vez mais gulosos só pensavam no dinheiro que o cavalo azul ia dar-lhes. (Volta para o tamborete).

(A CENA da viagem dos meninos perseguidos pelos músicos é feita com mudança de luz e de música. Enquanto toca a música nº 14 A - BC - passam o menino e a menina - A cena escurece para sugerir noite, mudando também a música para o nº 14 AB e os tres músicos com ares de perseguição. Os meninos tornam a passar e torna a clarear em cena. Os meninos estão visivelmente cansados. Voltam a passar os velhos - também cansados e finalmente tornam os meninos que se dirigem a João de Deus no proscênio. Cessa a música).

## MENINA

Já andamos muito, Vicente. Vamos descansar um pouco.

## VICENTE

Vamos. Também estou muito cansado. Ei, sr Deus! Este meu cavalo está me dando tanto trabalho?... (os dois sentam-se perto do velho e dormem).

## VELHO

Tão cansados, coitadinhos. (O velho sussurra uma canção de ninar enquanto escurece sobre eles e os velhos entram em cena com sua música e param também para descansar (Cessa a música).

## ALTO

(sentando-se perto do piano) Quanto você acha que ele vale, eim Baixinho?

## BAIXINHO

(Abrindo a portinhola do contrabaixo e tirando uma banana.) Milhares de notas de cinco cruzeiros.

## ALTO

Ficemos ricos e não precisaremos mais trabalhar (abre seu piano e tira também uma banana, dando outra para o Gordo. eles comem a banana.)

## BAIXINHO

Vamos embora que está amanhecendo. Não podemos perder a pista do menino.

## Os 2

Não podemos perder a pista do cavalo azul. (Saem).

## SETIMA CENA

## VELHO

Enquanto dormem um pouquinho, vou preparar a cidade aonde eles vão chegar. (O ve-



20  
-18-

lho puxa o coreto para o meio da cena. Os meninos se levantam, espreguiçam e entram na cidade enquanto o velho volta ao tamborete).

VICENTE

Vem ali um homem. (Aparece um homem bem vestido, cessa a música). Homem, será que o sr. viu um cavalo azul passando por aqui?

HOMEM

Um, o que?

VICENTE

Um cavalo azul.

HOMEM

Você está doido? Isto aqui é uma cidade. Não existe destas coisas por aqui. (Quer sair).

VICENTE

(Puxando-o) Existe sim o meu. Quer saber como ele é?

HOMEM

Tenho mais o que fazer do que ouvir histórias de cavalos azuis. Já estou atrasado-cinco minutos. Não posso chegar atrasado. (vem vindo outro homem).

VICENTE

O senhor viu?

2º HOMEM

Meu relógio estava atrasado 3 minutos. Não posso perder a hora. (Sai). (vem vindo o-3º homem)

VICENTE

Será que o sr. viu? ↓

3º HOMEM

Não vi nada. (desaparece).

VICENTE

(Vem vindo a lavadeira).

E a senhora viu?

LAVADEIRA

Não adianta perguntar que não vi nada. Se vejo alguma coisa não posso lavar tãda-roupa. (Sai).

VICENTE

E os senhores?

(Vem vindo os 3 soldadinhos).

3 SOLDADOS MARCHANDO

(Cantando em cadência) Não temos tempo a perder... Não temos tempo a perder... Não temos tempo a perder... (Saem). ( Surge o vendedor).

VENDEDOR

Quem quer comprar?... Quem quer comprar?... Quem quer comprar?...

A menina sai atrás do vendedor.

(A cidade, num ritmo mais acelerado, torna a voltar e todos, sem perceberem Vicente, passam de um lado para o outro sempre dizendo suas frases apressadas).

VICENTE

(gritando acima de tãdas as vozes) Quem viu o meu cavalo azul? Quem viu o meu cavalo azul? (Tãda a cidade desaparece, ouve-se então a voz da Velha que viu).

VELHA - QUE - VIU

Eu vi... eu vi... ( Entra em cena, vestida de maneira estranhamente fora de moda, e como estas loucas que usam chapéu, xale e bolsa que, em outras épocas, foram elegantes).

VICENTE

(Precipitando-se para ela) Viu? Azul? X

VELHA - QUE - VIU

Todo azul com ENORMES asas para voar na terra. X pag. 16

VICENTE

E. E.

VELHA - QUE - VIU

E com grandes barbatanas para nadar no mar...

VICENTE

( Achando que a velha esta exagerando) Bem, isto...

VELHA - QUE - VIU

(Cortando) E dois olhos de fogo, numa cabeça tão linda... tão linda...

VICENTE

(Não se contendo) Ela viu... Ela viu... (para a velha) Espera, vou chamar minha amiga (sai de cena) Menina... Menina... ela viu... (enquanto Vicente procura a menina chegam os 3 velhos e raptam a velha)

GORDO

Ela viu. É nossa. (Desaparecem com a velha que não reage).

VICENTE

(Voltando com a menina) Onde está a Velha - Que - Viu? para onde foi a Velha-que-viu? Desapareceu! Velha! Velha!

MENINA

(Sentando-se na escada do coreto muito desanimada) Vicente, não adianta mais a gente procurar... já andamos tanto... tanto!

VICENTE

Já estamos quase encontrando. A velha viu. Ela vai nos dizer para onde ele foi.... Onde? Onde está você, meu cavalinho? Bem perto?

VENDEDOR

(Chegando) Quem quer comprar?... quem quer comprar...

MENINA

(Desanimada) O sr. tem um cavalinho azul?

VENDEDOR

Azul, vermelho, amarelo... da cor que o freguês quiser...

VICENTE

De verdade?

VENDEDOR

De papelão

MENINA

Quanto custa?

VENDEDOR

5 cruzeiros. (Tira um cavalinho de massa azul). X

VICENTE

Será que o sr. não viu um de verdade?



MENINA

Este mesmo serve, Vicente. Vamos embora. Estou com medo.

VENDEDOR

Por que é que você não procura no curral do Cow-Boy?

VICENTE

Lá tem cavalos?

VENDEDOR

Muitos. (Sai) Quem quer comprar... Quem quer comprar?

VICENTE

Então vamos lá, meninazinha?

MENINA

Quero ir para casa, Vicente. Este mesmo serve.

VICENTE

É a última vez que procuramos, está bem?

MENINA

Promete?

VICENTE?

Depois você pode voltar.

MENINA

E você?

VICENTE

Só volto quando encontrar meu cavallinho, Cortado. Tão sozinho. X

MENINA

Então, vamos. (Os dois saem. A menina puxando o cavalo de papelão).

VICENTE

(Saindo) Pena que a Velha-que-viu tenha sumido. (Voltam os 3 músicos carregando a - velha).

BALXINHO

Agora pode falar, velha.

ALTO

E depressa, que não temos tempo a perder. (A velha fica quieta e entra no coreto - cantarolando) Fala, velha. Onde é que está o cavalo? Você viu?

VELHA-QUE-VIU (Calmamente)

O vento é verde, a chuva é branca, e lá vem o menino cavalgando o cavalo azul...

OS 3

É ele. Onde? (Amendrontados eles saem de cena e tornam a voltar com os instrumentos de onde tiram armar).

VELHA-QUE-VIU

Cavalgando na nuvem...

OS 3

(Olhando e apontando armas para as nuvens) Nas Nuvens? Deve ser um monstro!

GORDO

Um dragão!

BALXINHO

Um dragão!

ALTO

Um dragãozão!

X

23

VELHA

VELHA-QUE-VIU

(Agora bem rápido) Lá vem o menino cavalgando no cavalo azul... Cavalgando na nuvem que é preta e grita: ai! ai! ai! Quero cair, quero molhar... quero virar rio, pro cavalo beber...(Avelha começa a passear pela cena seguida pelos velhos estupufatos) Pacatá, pacatá...pacatá...

BAIXINHO

Ela é doida!

VELHA-QUE-VIU

Quero cair

Quero molhar

Virar um rio

Pacatá, pacatá, pacatá.

Um rio virar

Pro cavalo beber... ah! ah! ah!

BAIXINHO

Pára com isto, velha(segura a velha) Quer matar de susto 3 pobres velhos que sofrem do coração? eim? Onde é que viu o cavalo azul, eim? Diz logo, velha senão eu te mato.

VELHA

Me larga velho horroroso... (A velha se desprende e sai correndo com os velhos atrás numa corrida bastante ridícula. A velha escapole e some).

ALTO

Depressa Gordo, Lá vem gente. Ninguém deve saber que estamos aqui.

( os 3 mais do depressa tomam seus instrumentos guardam as armas, entram no coreto e começam a tocar uma valsinha lenta. Música nº 5 AB). Pela frente e pro trás dos velhos passam os habitantes da cidade que nós já conhecemos. Ninguém repara nos velhos. Todos Saem. Menos o vendedor.

VENDEDOR

Quem quer comprar...

GORDO

Psiu! Seu Vendedor!

VENDEDOR

Quer comprar, senho? X

BAIXINHO

Queria saber se o sr. não viu um menino com uma menina.

VENDEDOR

Ora, senhor, eu vejo tantos todos os dias.

BAIXINHO

Mas êste é diferente. êle anda atrás de um cavalo azul.

VENDEDOR

Ah! Aquê! Vi sim. A menina até me comprou um brinquedo.

ALTO

Para onde foram êles?

VENDEDOR

Acho que foram até o curral do Cowboy. Lá está cheio de cavalos. Pode ser que êle-encontre o dêle lá



BAIXINHO

Curral do Cowboy onde é?

VENDEDOR

No fim desta estrada que começa ali. Quem são os senhores? Parentes do menino?

BAIXINHO

Tios dêle. E donos de um circo lá no sul... Obrigado pela informação. Vamos, pessoal. Precisamos encontrar nosso sobrinho.

OS 2

Nosso sobrinhozinho. (Os velhos saem com a música nº 14B).

VENDEDOR

Quem quer comprar...(o vendedor sai e o velho tira o coreto).

8ª CENA

VELHO

O caminho para o curral do Cowboy era muito comprido. Vicente e a meninazinha começaram a andar pela estrada mas se perderam no caminho.

(Enquanto o velho fala no proscênio os meninos passam com a música nº 1B)... e foram para longe do curral.(cessa a música). Mas os velhos, que são bandidos muito-espertos vão chegar primeiro no curral. Neste lugar o cowboy criava cavalos para vender aos cirgos. Eram portanto cavalos ensinados. (entram os 4 cavalinhos brancos Os atores que vestem a cabeça dos cavalinhos brancos entram de lado levando uma fina peça de cenário que esconde o corpo e as pernas dos atores e representa o curral). De noite os bandidos chegaram. Estava muito escuro(escurece em cena enquanto surgem os 3 bandidos com lanternas e começam a procura, iluminando a cara de cada cavalo que levanta o focinho à medida que é iluminado).

BAIXINHO

Este é branco(os outros respondem sempre: é branco).Este também é branco. Este também é branco. Este também é branco.

OS 2

Tudo branco

OS /3

Onde está o azul?

ALTO

Só se está trancado. Vamos esperar o dia chegar e perguntar ao vaqueiro.

GORDO

Por que não procurar logo?

ALTO

Se o vaqueiro desconfia pode mandar nos prender.

GORDO

GORDO

Por que não pedimos a ele para nos vender?

BAIXINHO

Você é cretino, Gordo? Acha que alguém vai querer vender um cavalo que voa, que canta e que é azul,

ALTO

Temos é que roubar.

25

GORDO

Vamos logo, então.

ALTO

ALTO

Vê se o dia está nascendo?

GORDO

(olhando) Já (Clareia em cena, os cavalos relinham e levantam a cabeça. Os bandidos se escondem. Chega o Cowboy com seu grande chapéu).

COWBOY

Que barulho é este? Se é ladrão de cavalo, atenção! que eu atiro. (puxa os revólveres) Não há ninguém aí? (O Cowboy corre accena até que ouve o barulho de um dos instrumentos, e muito desconfiado aponta os revólveres. Os 3 músicos apavorados, imediatamente saem do esconderijo segurando os instrumentos).

BAIXINHO

Somos 3 pobres músicos pedindo esmolas. 7

COWBOY

Músicos aqui no curral? Isto está me cheirando a mentira.

ALTO

Somos músicos sim.

GORDO

Sim, somos músicos.

BAIXINHO

Ouça, senhor Cowboy. (Começam a tocar a música nº 5B).

COWBOY

(Interrompendo) Vocês não vieram roubar meus cavalos? (Os 3 começam a rir nervosamente)

BAIXINHO

Que bobagem!

ALTO

Que bobagem !

GORDO

GORDO

Que bobagem !

BAIXINHO

Vamos continuar a tocar para ele. (os 3 põem-se a tocar - música 5A, enquanto o Cowboy passeia desconfiado. Enquanto tocam, chegam Vicente e a menina).

VICENTE

Olha quem esrá aqui. O circo! Os nossos amigos do circo. Os músicos? (Os bandidos param de tocar e ficam estatelados) Queridos músicos, como é que vocês vieram parar aqui? (Os 3 se entreolharam e olham para o Cowboy).

BAIXINHO

Andando.

ALTO

Andando.

GORDO

Andando.

VICENTE

Para que vocês estão aqui?

BAIXINHO



26  
12

Vimos tocar música para este Cowboy. (Música nº 5).

ALTO E BAIXINHO

Vimos (confirmando)

COWBOY

Acho que eles são ladrões de cavalos.

VICENTE

São não, se cowboy. Eles são músicos do maior circo do mundo. Como vai o palhaço?

GORDO

Vai Bem.

ALTO

Vai bem.

BAIXINHO

Vai bem.

VICENTE

Com licença. Quero falar agora com o Cowby, porque (falando confidencialmente) o meu cavalelho azul está aqui. Com licença. (Vicente leva o Cowboy para um canto e começa a conversar. Os músicos querem ouvir a conversa.)

Ouve-se apenas o Cowboy dizer alto:

COWBOY

Azul? Sim, claro, venha comigo. (Os 3 saem de cena).

BAIXINHO

(Para os músicos) Vocês não ouviram? (os 3 abrem as portinholas dos instrumentos e tiram os revólveres). Agora o cavalo está no papo. (Vem vindo o Cowboy com os meninos) Mãos ao alto!

ALTO

Mãos ao alto! +

BAIXINHO

Mãos ao alto!

GORDO

Passem já para cá o cavalo azul. (Os cavalos brancos assustados fogem em disparada. O Cowboy levanta a mão. Vicente e a menina olham sem compreenderem o que está se passando).

GORDO

Mãos ao alto, menino!

ALTO

Mãos ao alto, menina! (Todos estão de mãos erquidas).

COWBOY

Ladrão de cavalos. Bem que eu desconfiava...

BAIXINHO

Passem logo o cavalo azul, se não querem levar tiros na barriga.

VICENTE

Mas ele não está aqui, seu músico.

BAIXINHO

Não me faça de bôbo, sim, menino? Já estou cansado de ouvir mentiras. Pensa que não ouvi o Cowboy dizer que o cavalo azul está aqui?

Mas não é o meu, seu Baixinho. O meu não é igual a aquele.

BAIXINHO

Seu Cowboy, não tenho tempo a perder. O cavalo ou a vida.

COWBOY

(Vendo que não pode fazer nada contra tanta arma apontada) Hip! Hip! Hip! Azul! Azul! (Todos aguardam ansiosos a chegada do cavalo).

BAIXINHO

Vamos, por que ele não apreze?

COWBOY

Hip! Hip! Hip! Azul! (Surge um dos cavalos brancos, muito tímido).

GORDO

Mas este não é azul!

OS 3

É branco.

COWBOY

O nome dêle é Azul, porque tem olho azul.

BAIXINHO

(Para Vicente) É este o seu?

VICENTE

(Rindo) Não... O meu é todo azul e grande!

ALTO

(Meio alucinado) E sabe cantar...

GORDO

GORDO

(Idem) E voar!

BAIXINHO

(Realista) E vaídar muito dinheiro ao Baixinho aqui... Vamos (gritando), quero - seu cavalo azul, está ouvindo? (Sacode o menino, enquanto o Cowboy e a menina saem disfarçadamente) Quero o seu cavalo para o meu circo, compreende? Agora, neste min mutinho.

VICENTE

Mas eu estou procurando o meu cavalo, e depois vou levá-lo ao circo. Fica calmo, - seu músico, não é preciso isso aí (revólver). O sr. é músico mesmo ou é bandido?

BAIXINHO

Bandido ... e músico

VICENTE

Mais bandido do que músico... ou mais músico do que bandido?

BAIXINHO

Quase que só bandido.

VICENTE

Vocês três?

OS 3

Nós três (Os 3 tiram as barbas e fazem caras de bandidos)

VICENTE

Que caras feias, santo Deus. Vocês roubam pianos, violões, violoncelos, violinos, iolas e vitrolas?



ALTO

Nós roubamos tudo.

BAIXINHO

Chega de conversa, amarrem o menino. Enquanto ele não nos der seu cavalo azul, não será solto. (O Alto e o Gordo amarram o menino). Vamos, agora trate de descobrir o seu cavalo.

VICENTE

Amarrado ninguém pode procurar nada, se vocês fazem o favor de me desamarrar.

BAIXINHO

Vai é morrer, porque estou desconfiado que este negócio todo é uma mentira.

ALTO

Nos fez andar meses e meses atrás dele...

GORDO

Estou cansado de procurar.

BAIXINHO

Menino que faz bandido ficar cansado e não acha cavalo azul, deve morrer.

OS 2

Morrer.

VICENTE

Mas se eu morrer, quem vai procurar meu cavalinho?

BAIXINHO

Não interessa.

ALTO

Não interessa.

GORDO

Não interessa. (ouve-se de fora a voz do Cowboy que em seguida aparece armado).

COWBOY

Mãos ao alto! (Os três largam tudo e ficam de mãos para o alto). Músicos de meia-tigela! Ladrões de cavalos! Já, já, para a polícia, andem!...

BAIXINHO

(fingindo) Deixe ao menos levar nossos instrumentos, sr. Cowboy. Assim quando estivermos na prisão sôzinhos, nossa música distrairá...

COWBOY

Está bem. Mas andem logo. (Os músicos fingem que vão pegar os instrumentos e saem correndo com o Cowboy atrás). Pare, seus bandidos, que eu atiro mesmo...(sai atrás dos bandidos. A menina se apressa em desamarrar o menino).

MENINA

Vicente, meu amigo, vamos embora? para nossa casa? Minha mãe e meu pai devem estar muito aflitos procurando.

VICENTE

Estou com muitas saudades de casa, também. X

MENINA

Então vamos.

VICENTE

Preciso primeiro achar ele. Depois eu volto. Você vai na frente, está bem? A gente pede ao sr. Deus para te levar. O sr. leva?(Dirigindo-se ao Velho).

VELHO

(Sem se mexer) Levo, sim, Vicente. Eu levo a meninazinha para a casa dela.

VICENTE

Eu sabia, sr. Deus. (para a menina) Diga ao papai e a mamãe que estou quase achando o meu cavalinho. Diga a mamãe para preparar uma cama bem macia para mim. Estou cansado de tando dormir no chão duro. Diga ao papi para preparar capim verde para o cavalinho. Diga ao palhaço que os músicos são bandidos e quando eu chegar vamos fazer um circo só para nós. Me esperem todos na entrada da cidade que vou chegar como um doido galopando no meu cavalo...

MENINA

Adeus, Vicente e volta logo. Cuidado com os perigos (Sai).

VICENTE

(Enquanto a menina dá a mão ao velho saindo em seguida pelo proscênio) Diga a mamãe para botar vestido novo para a minha chegada e fazer docê de côco e canja de galinha para eu comer... Adeus... (enquanto a menina sai puxando seu cavalinho de papelão ouve-se a música nº 1B (só flauta-contrabaixo). Ao mesmo tempo, o cavalinho branco de olho azul sai levando seu curral. Vicente fica sozinho olhando sair o cavalo de papelão). Agora vou a serra da Mantiqueira. (maroto) Acho que você está lá, meu cavalinho! (Vicente sai de cena. Cessa a música)

Pela cena aparecem os 3 bandidos fugindo do Cowboy que vem logo atrás com a música nº 14B. Voltam os 3 músicos em mãos ao alto com o cowboy atrás. Desaparecem).

(Música nº 3B)

VELHO

Como vocês viram, os 3 músicos foram presos, a menina levei para a casa dela. Todos na cidade estão esperando Vicente voltar. Ele continuou correndo mundo.

(Na cena surge Vicente todo esfarrapado, sem um pé de sapato. comendo um pedaço de pão - O ator ou atriz que faz o Vicente deve trocar de roupa para esta cena). Quando estava muito cansado, vinha deitar aqui perto de mim. (Vicente deita-se perto de João de Deus) E foi assim que um dia... Vejam vocês...

(No palco uma luz azulada e estranha começa a clarear a cena. Vicente se aproxima e aproxima-se do meio do palco, atento. Ele está quase em silhueta. Tudo está azulado e escuro. A música nº 30 A.B.C. num crescendo, acompanhada pelo galopar de um cavalo, anuncia a aproximação do cavalinho azul que surge do fundo da cena imponente e todo azul, com cauda branca. Este cavalo representa o mesmo pângaré do início da peça agora transfigurado. Vicente, imóvel, observa).

VICENTE

(Como se estivesse fazendo a coisa mais natural do mundo, sem absolutamente encerrar a aparição do seu cavalinho como coisa impossível, pega a corda que, como na primeira cena, caía do pescoço do cavalo e começa a fazer com ele as mesmas evoluções) Upa! Upa! meu cavalinho. Vamos já para casa, meu cavalinho! papai, mamãe, a menina, o palhaço, estão todos esperando na entrada da cidade! Todos esperam nossa volta! Upa! Upa! upa! Para casa, meu cavalinho. A galope! Para casa!

(O cavalo dá várias galopadas em torno do menino, enquanto a música cresce, até se acende e se apaga em vários tons de cores, e o pano fecha).





SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS  
TURMA DE CENSURA DE TEATROS E CONGÊNERES

LAUDO CENSÓRIO

Título: O CAVALINHO AZUL

Nome do Autor: MARIA CLARA MACHADO

Nome do Tradutor: \_\_\_\_\_

Gênero: Infantil

Entrecho: Um menino, em seus devaneios infantis, julga possuir um cavalo azul, com rabe branco, enquanto na realidade era um velho pangaré desbetado. Seu pai, vendo que o cavalo perturbava seus estudos, resolve vendê-lo. O menino fica esperando que o cavalo volte e, como isso não ocorre, vai procurá-lo em várias regiões do Brasil, sendo perseguido por três ladrões que desejavam apoderar-se do animal. Posteriormente um vaqueiro acaba por prender os ladrões e o menino encontra realmente um cavallinho azul de cauda branca, tal qual via seu pangaré.

Apreciação moral Bom, se julgarmos que é bom mantermos nesse senão e procurar realizá-los.

Observações: \_\_\_\_\_

Classificação final: LIVRE

Brasília-DF. em 9 de dezembro de 1968

Censor Federal - matrícula n. \_\_\_\_\_

Senhor Chefe da Seção de Censura

Em anexo, encaminho a peça abaixo indicada, com o voto do Censor S. Mantovani, que procedeu o exame da mesma.

NOME DA PEÇA:

O CAVALINHO AZUL

AUTOR:

Maria Clara Machado

RESTRIÇÃO SUGERIDA:

Livre

OBS.

Em

10/12/68

Chefe da TCTC

VISTO:

Encaminhe-se o presente processo à apreciação do Senhor Chefe do SCDP, para a decisão final.

Em

10.12.68

Chefe da seção de Censura

DESPACHO

Expedir os certificados de Censura de acordo com voto do Censor

Em

11/12/68

CHEFE DO SCDP





MINISTÉRIO DA JUSTIÇA  
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0248, p. 33

# CENSURA FEDERAL TEATRO

Certificado Nº 812/68



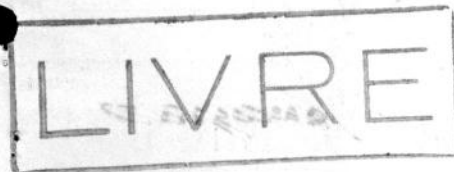
PEÇA 4/::: \* O CAVALINHO AZUL \* :::/-

ORIGINAL DE MARIA CLARA MACHADO

APROVADO PELO S. C. D. P.  
CLASSIFICAÇÃO

VÁLIDO ATÉ 11 de DEZEMBRO de 19 69

Brasília, 11 de DEZEMBRO de 19 68



AP/

*Aloysio Muhlethaler de Souza*  
Chefe do S. C. D. P. ALOYSIO MUHLETHALER DE SOUZA

## CERTIFICADO DO S. C. D. P.

Certifico constar do livro nº 01 fôlha nº 25, de registro de peças teatrais, o assentamento da peça intitulada \* O CAVALINHO AZUL \*

Original de MARIA CLARA MACHADO

Tradução de \_\_\_\_\_

Adaptação de \_\_\_\_\_

Produção de GRUPO EVOLUÇÃO (FRANCISCO DE ASSIS GUIMARÃES) SP

Tendo sido censurada em 09 de DEZEMBRO de 19 68 e recebido

a seguinte classificação: L I V R E :::: NENHUMA RESTRIÇÃO DE IDADE::

**OBS: O PRESENTE CERTIFICADO SÓ TEM VALIDADE, QUANDO ACOMPANHADO DO SCRIPT DA PEÇA DEVIDAMENTE CARIMBADO PELO S.C.D.P.**

Brasília, 11 de DEZEMBRO de 19 68

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0248, p. 34



JOSÉ SAMPATO BRAGA :

Chefe da Turma de Censores  
de Teatro e Congêneres



Reconhecida como de Utilidade Pública  
pelo Decreto n. 4.092, de 4 de agosto  
— de 1920. —



filial à Confederação Internacional das  
Sociedades de Autores e Compositores,  
— de Paris. —

## SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS

Fundada em 27 de Setembro de 1917  
Séde: AV. ALMIRANTE BARROSO, 97 - 3.º andar.  
End. Teleg.: SBAT - RIO  
RIO DE JANEIRO — BRASIL

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0248, p.35

### Direitos de Representação

Autorização Nº 162712

A Sociedade Brasileira de Autores Teatrais (SBAT), reconhecida como de utilidade pública federal, pelo decreto n.º 4.092, de 4-8-1920, mandatária de seus associados nacionais e estrangeiros, para todos os fins de direito, autoriza, nos termos do artigo 2.º do decreto n. 4.790, de 2-1-1924, combinado com os artigos 26 e seu parágrafo único, e 27, do decreto n.º 5.492, de 16-7-1928, art. 46 do decreto n.º 18.527, de 10-12-1928, e artigo 35 do decreto n.º 21.111, de 1-3-1932, Lei n.º 2.415, de 9-2-1955, art. 42, do decreto n.º 20.493, de 24-1-1946, a representação da peça teatral:

Original de .....

Música de .....

Tradução de .....

No Teatro .....

Empreza .....

nos dias .....

sob a condição do pagamento dos respectivos direitos autorais, na base de

.....% da renda bruta de cada espetáculo, mediante a

garantia mínima de Cr\$ ..... por espetáculo, obrigando-se a Empreza a fornecer à SBAT uma cópia do "bordereau" de receita devidamente autenticado, responsabilizando-se pela sua exatidão, bem como pelo integral pagamento dos direitos autorais acima estipulados em moeda corrente.

de

S. Paulo,

de 195.....

ada no progra-

## Resumo dos textos de Leis invocadas nesta autorização

### Decreto n. 4.092, de 4 de agosto de 1920:

Art. 1.º — Fica reconhecida como de Utilidade Pública a **Sociedade Brasileira de Autores Teatrais** com sede no Rio de Janeiro.

§ 1.º — É facultado a esta Sociedade representar seus associados:

a) — Perante a Polícia ou em Juízo Civil e Criminal ativa e passivamente, em todos os processos referentes à propriedade literária e artística nos quais esses associados sejam parte.

b) — Perante as Empresas teatrais, para a cobrança das quotas ou percentagens de direitos de autor.

§ 2.º — Para o disposto no § 1.º a Sociedade se reputará mandatária de seus associados, para todos os fins de direito, pelo simples ato de filiação à Sociedade, salvo cláusula expressa em contrário.

§ 4.º — A prova de filiação à **Sociedade Brasileira de Autores Teatrais** ou às suas congêneres estrangeiras poderá ser feita pela relação oficial dos sócios, publicada pela imprensa ou em avulso, ou por certidão em cartório, passada por tabelião público, pela qual se verifique constar da relação o nome do autor teatral.

### Decreto n.º 4.790, de 2 de janeiro de 1924:

Art. 2.º — Nenhuma composição musical, tragédia, drama, comédia, ou qualquer outra produção, seja qual for a sua denominação, poderá ser executada ou representada em teatros os espetáculos públicos, para os quais se pague entrada, sem autorização, para cada vez, de seu autor, representante ou pessoa legitimamente subrogada nos direitos daquele.

### Decreto n.º 5.492, de 16 de julho de 1928:

Art. 26 — As disposições do art. 2.º e seguintes do Decreto n.º 4.790, de 2-1-1924, aplicam-se a todas as composições musicais e peças de teatro, executadas, representadas ou transmitidas pela radio-telefonía, com intuito de lucro, em reuniões públicas.

§ único — Consideram-se realizadas com intuito de lucro quaisquer audições musicais, representações artísticas ou difusões, radio-telefônicas em que os músicos, exe-

cutantes ou transmitentes tenham retribuição pelo trabalho.

Art. 27 — Os proprietários ou empresários de quaisquer estabelecimentos de diversões públicas, são responsáveis pelos direitos autorais das produções aí realizadas.

### Decreto n.º 18.527, de 10 de dezembro de 1928:

Art. 46 — Ficam obrigados à apresentação de programas os proprietários, empresários, diretores ou quaisquer outros responsáveis pelas representações, exhibições ou irradiações que se realizarem em teatros, cinematógrafos, dancings, cabarês, sociedades rádio-telefônicas ou outros quaisquer estabelecimentos de diversões públicas.

### Decreto n.º 21.111, de 1 de março de 1932:

Art. 35, § 1.º — A irradiação de quaisquer assuntos ou trabalhos, já divulgados ou não por outros meios, deverá respeitar os direitos autorais e ser igualmente precedida da indicação dos nomes dos autores.

### Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946:

Art. 42 — Considera-se local de representação, execução, exibição e irradiação e de outras formas de espetáculo, reuniões e diversões públicas, inclusive competições desportivas, os teatros, os circos, arenas e pistas, parques, salões ou dependências adequadas, assim como quaisquer estabelecimentos onde se reserve espaço para algum daqueles fins e que sejam, de qualquer maneira, frequentados coletivamente, mesmo as que tenham a denominação de sociedades recreativas e desportivas.

### Lei n.º 2.415, de 9 de fevereiro de 1955:

Art. 1.º — A outorga, no território nacional, da licença autoral para a realização de representações, execuções públicas e tele-transmissões, pelo rádio ou televisão, de que tratam os arts. 42 e 43, § 1.º, do Decreto número 18.527, de 10 de dezembro de 1928, e 88 do Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946, compete exclusivamente ao próprio autor ou à Sociedade legalmente constituída para a defesa de direitos autorais, à qual o autor for filiado e que o tenha registrado na forma do artigo 105, § 1.º, do Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946.



## teatro rotunda

rua cardoso de almeida, 612 - apto. 102 - tel. 65-9606

Exmo.Sr.

Chefe do Departamento de Censura da Polícia Federal

Maria Alice Monteiro de Campos Vergueiro,  
C.I.RG 1.699.866, empresária do Teatro Rotunda com sede à  
Rua Cardoso de Almeida, 612 apto. 102 vem mui respeitosa-  
mente requerer de V.Excia. o encaminhamento do texto "O Cavali-  
nho Azul" de Maria Clara Machado, a fim de ser submetido à  
censura.

Nêstes Têrmos

P. Deferimento

São Paulo, 7 de maio de 1969.

|                                          |
|------------------------------------------|
| M. J. D. P. F.                           |
| SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS |
| Protocolo N.º 1805                       |
| Em 16/05/1969                            |
| Protocolista                             |

|                         |
|-------------------------|
| RECEBI O PROGRAMA ANEXO |
| Em de 19                |

Maria Alice M. de C. Vergueiro



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA  
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0248, p.38

# CENSURA FEDERAL

## TEATRO

354

Certificado Nº 1176/69



PEÇA -:::/ O CAVALINHO AZUL /:::-

ORIGINAL DE MARIA CLARA MACHADO

APROVADO PELO S. C. D. P.

VÁLIDO ATÉ 04 de JUNHO de 19 74

CLASSIFICAÇÃO

Brasília, 04 de JUNHO de 19 69

LIVRE

*Aloysio Muhlenthaler de Souza*  
Chefe do S. C. D. P. ALOYSIO MUELTHALER DE SOUZA



## CERTIFICADO DO S.C.D.P.

Certifico constar do l.º 01 fôlha nº 4, de registro de peças teatrais, o assentamento da peça intitulada -:::/ O CAVALINHO AZUL /:::-

Original de MARIA CLARA MACHADO

Tradução de \_\_\_\_\_

Adaptação de \_\_\_\_\_

Produção de TEATRO ROTUNDA - R. CARDOSO DE ALMEIDA, 612 - APTº. 102 - SP.

Tendo sido censurada em 31 de MAIO de 1969 e recebido

a seguinte classificação: L I V R E.

CONDICIONADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL E À AFIXAÇÃO DE CARTAZ, CONFORME  
§ 2º DO ART. 1º DA LEI 5536/68.-

OBS. ESTE CERTIFICADO SOMENTE É VÁLIDO QUANDO ACOMPANHADO DO SCRIPT DA  
PEÇA DEVIDAMENTE AUTENTICADO PELO SCDP.

Brasília, 04 de JUNHO de 1969

JOSÉ SAMPAYO BRAGA

Chefe da Turma de Censores  
de Teatro e Congêneres

36

Memº. Nº

, 04 de junho de 1969

: Chefe do SCDP

: Sr. Delegado Regional do DPR/SP.

: Providências (solicita)

Sr. Delegado,

Solicito as providências no sentido de que sejam cumpridas pelo Chefe do SCDP de sua DR, as seguintes determinações de caráter técnico deste Serviço:

1. Assistir encios gerais das peças " O MÉDICO DE BORBOLE - 199", " VITIMAS DO DEVER ", " MAMÃ GANHA ", " APRENDIZ DE FELICIANO ", " CAVALINHO AZUL ", " OLHO VIVO ", " O ACROBATA PEDRE DESCULPAS E OAI ", " OS MARCIANOS INVADEM A TERRA ", " FALA BAI XO SENÃO EU GRITO " e " INTRIGA E AMOR ";

2. Enviar a 3ª de SCDP, relatórios minuciosos a respeito dos espetáculos e,

3. entregar a documentação aos interessados, somente após autorização desta Chefia, via rádio.

Atenciosamente,

ALOYSIO MULLERHALER DE SOUZA

Chefe do SCDP.

Recebi  
AMT

H-6-69





38

SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS  
TURMA DE CENSURA DE TEATROS E CONGÊNERES

P A R E C E R

I) Documentação

a) Título em Português: O CAVALINHO AZUL

b) Título original: \_\_\_\_\_

c) Autor: MARIA CLARA MACHADO

d) Tradutor: \_\_\_\_\_

e) Diretor: \_\_\_\_\_

f) Produtor: \_\_\_\_\_

g) Companhia: \_\_\_\_\_

h) Classificação da Censura: LIVRE

II) Análise Muito interessante, apropriada para o gênero.

a) Gênero: Peca infantil, musicada.

b) Argumento: Um garoto fêz, na sua imaginação de criança modesta, criada no interior, de um velho pangaré, um lindo cavallinho, o qual, êle dedicou tôda sua afeição, e carinhosamente o tratava. Porém, um dia seu pai acha por bem vender o velho animal e para contentar o garoto compra-lhe uma bola. Ma o pequeno não se contenta e sai à procura do seu pangaré, arranja uma menina como companheira, andam bastante, enfrentam vários perigos, até que, quando tudo parecia perdido o velho animal volta tranformado realmente num "belo CAVALINHO AZUL".

c) 1 - Mensagem: o autor procura na singeleza da estória enviar ao mundo - da criança uma mensagem de perseverança e fé naquilo que deseja possuir.

2 - Impressão final: Bem conduzida dentro do texto, com um desfecho feliz, dando um sabor de satisfação e contentamento para os seus assistentes.

d) Diálogos: Linguagem moderada, clara, própria mesma para audição infantil.

e) Cenas: Cenários modestos, condizendo com a narrativa, onde se passam os fatos, em 1 (um) ato e 9 cenas.

f) Personagens: VICENTE; o menino, JOÃO DE DEUS; o pai, a mãe o pangaré o palhaço, o músico gordo, o músico alto, o músico baixo, a menina, o 1º homem, o 2º homem, o 3º homem, a lavadeira, o vendedor, os 3 soldados,, velha-que-vive, o cowboy, os 3 elefantes e os 4 cavalos.

g) Valor educativo: Uma peça bem feita com todos os requisitos para ser apresentada a uma platéia tanto infantil como adulta.

III) Conclusão

Brasília, 31 de maio de 1969

*Luizamira Soares Lopes*  
Técnico de Censura - Cart. nº 079

Sr. Chefe da Seção de Censura

Anexo, encaminho a peça abaixo indicada, com o voto do Técnico de Censura LUZAMIRA SOARES LOPES, que a examinou

TÍTULO:-

O CAVALINHO AZUL

AUTOR:

Maria Clara Machado

RESTRIÇÃO:-

L I V R E

Em, 02/junho/1969

*Jose Sampaio Braga*  
JOSE SAMPAIO BRAGA  
TCTC-SC/SCDP

*Manoel Felipe de Souza Leão Ento*  
MANOEL FELIPE DE SOUZA LEÃO ENTO  
Chefe da S. de Censura

*Aloys Omuhlethaler de Souza*  
ALOYS OMUHLETHALER DE SOUZA  
Chefe do SCDP



ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO GENERAL FLORES DA CUNHA  
1869 -- 1969

100 anos

Ofício nº

Porto Alegre, de novembro de 1969

Senhor Chefe do Serviço de Censura de Diversões

Encaminhamos a V.Sa. com a finalidade dos necessários registros junto a esse Departamento, peças infantis, que integram o repertório do Teatro Infantil Permanente do Instituto de Educação "General Flores da Cunha", para o próximo ano.

Na certeza do atendimento de nossa solicitação, subscrevemo-nos

Maria Luísa Roth  
Diretora

ILUSTRÍSSIMO SENHOR  
CORONEL ALOISIO MUBLETHALER  
M.D. CHEFE DO SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS DO  
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL  
BRASÍLIA

ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO GERAL ELTON DA SILVA

RELACÃO DAS PEÇAS INFANTIS QUE INTEGRAM O REPERTÓRIO DO  
T I P I E .

- 1) A Volta do Camaleão Alface
- 2) O Cavalinho Azul
- 3) O Chapeuzinho Vermelho
- 4) Camaleão na Lua
- 5) Simbita e o Dragão
- 6) Maroquinhas Fru-Fru
- 7) A Boneca Valdosa
- 8) Pluft, o Fantasminha
- 9) O Rapto das cebolinhas
- 10) Auto de Natal
- 11) A Boneca Maricota
- 12) O Burro Professor

\*\*\*\*\*





MINISTÉRIO DA JUSTIÇA

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

BRASÍLIA, D. F.

S/N.

Em 4 de dezembro de 1969

Do : Técnico de Censura Cred. JOÃO DE DEUS CARDOSO

Ao : Sr. Chefe da Turma de Censura de Teatro e Congêneres

Assunto : Relatório s/ peça teatral (apresenta)

Senhor Chefe,

Designado por V. S<sup>a</sup>. para proceder ao exame da peça infantil intitulada "O CAVALINHO AZUL", original de Maria Clara / Machado, cumpre-me informar que, comparando o texto apresentado a este SCDP com dois outros já censurados por este Serviço, constatei a completa identidade deste com aqueles, estando plenamente / de acordo com a classificação sugerida pelos censores que examinaram aqueles scripts, em virtude de se tratar de espetáculo infantil por excelência cujo conteúdo não indica qualquer restrição.

Assim sendo, sou pela sua liberação com a classificação de livre.

Nada mais tendo a relatar, aproveito a oportunidade para colocar-me à disposição de V. S<sup>a</sup>. para novas determinações.

Atenciosamente,

  
JOÃO DE DEUS CARDOSO

Sr. Chefe da Seção de Censura,

Anexo, envio a peça abaixo indicada, com o voto do Téc. de Censura CARDOSO, que fez a comparação de scripts da mesma.

TÍTULO: "O CAVALINHO AZUL"

AUTOR: Maria Clara Machado

REST.: LIVRE

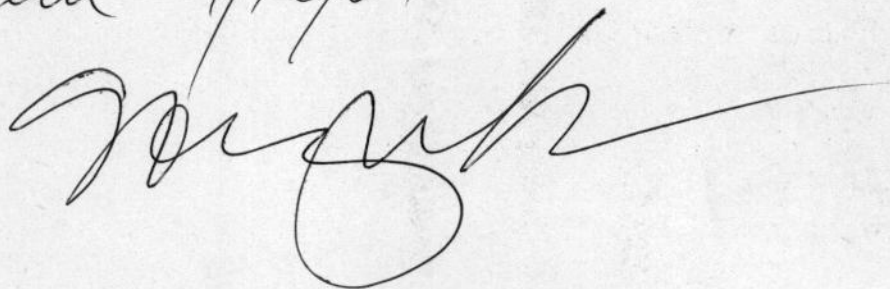
VALIDADE CERTIFICADO: ATÉ 04-JUNHO-1974

Brasília-DF, 04 de dezembro de 1969

  
RUBENS GARIGAN PINHO  
Chefe da TCTC

A consideração do  
Senhor chefe do SCDP.

Em 4/12/69



A TCTC  
LIBERÉ-SE.

5.12.69



340/69-TCTC

05-dezb-1969

Chefe do SCDP

Sr. Delegado Regional do DPF/ RS  
Providências (solicita)

Sr. Delegado,

Solicito vossas providências no sentido de que sejam cumpridas pela TCDP dessa DR, as seguintes determinações de caráter técnico deste Serviço:

1. assistir ensaio geral da peça teatral "O CAVALINHO AZUL", de Maria Claram Machado;

2. enviar a este SCDP relatório minucioso a respeito do espetáculo e,

3. entregar script e certificado anexos ao interessado - qualificado no verso do certificado - somente após autorização desta Chefia, via rádio, à vista do constante do item 2.

Atenciosamente,

CONSTÂNCIO MONTEBELLO

Chefe do SCDP-Subst.

Rec'd  
5/12/69



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA  
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0298,8.48

# CENSURA FEDERAL TEATRO



Certificado Nº 2096/69

PEÇA -III- O CAVALINHO AZUL -III-

ORIGINAL DE MARIA CLARA MACHADO

APROVADO PELO S. C. D. P.  
CLASSIFICAÇÃO

VÁLIDO ATÉ 04 de JUNHO de 19 74

Brasília, 05 de DEZEMBRO de 19 69

LIVRE

Chefe do S. C. D. P. CONSTANCIO MONTEBELLO / SUBSTITUTO



M.J. - D.P.F.  
CERTIFICADO DO S.C.D.P.

Certifico constar do livro nº 01 fôlha nº 66, de registro de peças teatrais, o assentamento da peça intitulada ---:/ O CAVALINHO AZUL /:--

Original de MARIA CLARA MACHADO

Tradução de \_\_\_\_\_

Adaptação de \_\_\_\_\_

Produção de INSTITUTO DE EDUCAÇÃO GERAL FLORES DA JUNHA-P. ALEGRE-RS.

Tendo sido censurada em 04 de DEZEMBRO de 1969 e recebido

a seguinte classificação: L I V R E.-

- CONDICIONADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL E A AFINAÇÃO DE CARTAZ, CONFORME  
§ 2º DO ART. 1º DA LEI 5536/68.--

OBS. ESTE CERTIFICADO SOMENTE É VÁLIDO QUANDO ACOMPANHADO DO SCRIPT DA  
PEÇA DEVIDAMENTE AUTENTICADO PELO SCDP;

Brasília, 05 de DEZEMBRO de 1969

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0248, p. 49

  
RUBENS GARIGAN PINTO

Chefe da Turma de Censores  
de Teatro e Congêneres

GOVÉRNO DO ESTADO DO PARANÁ



FUNDAÇÃO TEATRO GUAÍRA

Of. 1/71-FTG.

Curitiba, 3 de fevereiro de 1971

SENHOR CHEFE:

Sirvo-me do presente, para encaminhar a Vossa Senhoria, para a necessária liberação do Serviço de Censura de Diversões Públicas, quatro (4) exemplares da peça "O CAVALINHO AZUL", de Maria Clara Machado, em 1 ato e 9 cenas, música de Reginaldo de Carvalho, que o TEATRO DE COMÉDIA DO PARANÁ, elenco oficial do Govêrno do Estado, irá apresentar no Pequeno Auditório do Teatro Guaira, aos sabados e domingos, durante os meses de março, abril, maio e junho do exercício corrente.

Outrossim, solicito a Vossa Senhoria, se digne devolver êste material, através a Delegacia de Polícia Federal, desta Capital.-

Na oportunidade, renovo a Vossa Senhoria os meus protestos de elevada estima e consideração.

ATENCIOSAMENTE

OCTAVIO FERREIRA DO AMARAL NETO

Diretor Superintendente

AO ILUSTRÍSSIMO SENHOR

Professôr WILSON A.DE AGUIAR

MD.CHEFE DO SERVIÇO DE CENSURA E DIVERSÕES

PÚBLICAS DO DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

Edifício B.N.D.E. 3º andar -BRASÍLIADISTRITO FEDERAL.-

mgb.





Estado do Paraná

Of. 1/71-FTG.

Curitiba, 3 de fevereiro de 1971

SENHOR CHEFE:

Ssirvo-me do presente, para encaminhar a Vossa Senhoria, para a necessária liberação do Serviço de Censura de Diversões Públicas, quatro (4) exemplares da peça "O CAVALINHO AZUL", de Maria Clara Machado, em 1 ato e 9 cenas, música de Reginaldo de Carvalho, que o TEATRO DE COMÉDIA DO PARANÁ, elenco oficial do Governo do Estado, irá apresentar no Pequeno Auditório do Teatro Guaira, aos sábados e domingos, durante os meses de março, abril, maio e junho do exercício corrente.

Outrossim, solicito a Vossa Senhoria, se digne devolver este material, através a Delegacia de Polícia Federal, desta Capital.-

Na oportunidade, renovo a Vossa Senhoria os meus protestos de elevada estima e consideração.

ATENCIOSAMENTE

OCTAVIO FERREIRA DO AMARAL NETO  
Diretor Superintendente

AO ILUSTRÍSSIMO SENHOR  
Professôr WILSON A.DE AGUIAR  
MD.CHEFE DO SERVIÇO DE CENSURA E DIVERSÕES  
PÚBLICAS DO DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL  
Edifício B.N.D.E. 3º andar -BRASÍLIA  
DISTRITO FEDERAL.-  
mgb.



Estado do Paraná

Of. 1/71-FTG.

Curitiba, 3 de fevereiro de 1971

SENHOR CHEFE:

Ssírvo-me do presente, para encaminhar a Vossa Senhoria, para a necessária liberação do Serviço de Censura de Diversões Públicas, quatro (4) exemplares da peça "O CAVALINHO AZUL", de Maria Clara Machado, em 1 ato e 9 cenas, música de Reginaldo de Carvalho, que o TEATRO DE COMÉDIA DO PARANÁ, elenco oficial do Governo do Estado, irá apresentar no Pequeno Auditório do Teatro Guaíra, aos sábados e domingos, durante os meses de março, abril, maio e junho do exercício corrente.

Outrossim, solicito a Vossa Senhoria, se digne devolver este material, através a Delegacia de Polícia Federal, desta Capital.-

Na oportunidade, renovo a Vossa Senhoria os meus protestos de elevada estima e consideração.

ATENCIOSAMENTE

OCTAVIO FERREIRA DO AMARAL NETO  
Diretor Superintendente

AO ILUSTRÍSSIMO SENHOR  
Professôr WILSON A.DE AGUIAR  
MD.CHEFE DO SERVIÇO DE CENSURA E DIVERSÕES  
PÚBLICAS DO DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL  
Edifício B.N.D.E. 39 andar -BRASÍLIA  
DISTRITO FEDERAL.-  
mgb.





# *Sociedade Brasileira de Autores Teatrais*

Fundada em 27 de Setembro de 1917 — Reconhecida como de Utilidade Pública Federal pelo Dec. 4.092, de 4-8-1920

Filiada à Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores

Séde: Av. Almirante Barroso, 97 - 3º andar — End. Teleg. SBAT-RIO

Rio de Janeiro — Brasil.

Curitiba, 03 de Fevereiro de 1.971

Nº..... 004/71-Pr.

## A U T O R I Z A Ç Ã O

O ABAIXO ASSINADO, NA QUALIDADE DE REPRESENTANTE DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS (SBAT), NO ESTADO DO PARANÁ, PELO PRESENTE AUTORIZA A CENSURA DA PEÇA "O CAVALINHO AZUL" DE AUTORIA DE MARIA CLARA MACHADO.

ATENCIOSAMENTE

**S. B. A. T.**

SOC. BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS  
Mucursal do Paraná

ALBERTO G. CUNHA - REPRESENTANTE





# Sociedade Brasileira de Autores Teatrais

Fundada em 27 de Setembro de 1917 — Reconhecida como de Utilidade Pública Federal pelo Dec. 4.092, de 4-8-1920

Filiada à Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores

Sede: Av. Almirante Barroso, 97 - 3º andar — End. Teleg. SBAT-RIO

Rio de Janeiro — Brasil.

Curitiba, 03 de Fevereiro de 1.971

NS..... 004/71-Pr.

COPIA

## A U T O R I Z A Ç Ã O

O ABAIXO ASSINADO, NA QUALIDADE DE REPRESENTANTE DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS (SBAT), NO ESTADO DO PARANÁ, PELO PRESENTE AUTORIZA A CENSURA DA PÉÇA "O CAVALINHO AZUL" DE AUTORIA DE MARIA CLARA MACHADO.

ATENCIOSAMENTE

S. B. A. T.

SOC. BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS

Curitiba, 03 de Fevereiro de 1971

*[Handwritten signature]*  
 REPRESENTANTE



SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS  
TURMA DE CENSURA DE TEATROS E CONGÊNERES

P A R E C E R

I) Documentação

a) Título em Português: O CAVALINHO AZUL

b) Título original: \_\_\_\_\_

c) Autor: MARIA CLARA MACHADO

d) Tradutor: \_\_\_\_\_

e) Diretor: \_\_\_\_\_

f) Produtor: \_\_\_\_\_

g) Companhia: TEATRO DE COMÉDIA DO PARANÁ

h) Classificação da Censura: LIVRE

II) Análise

a) Gênero: INFANTIL

b) Argumento: UM MENINOZINHO POBRE POSSUÍA UM VELHO PANGARÉ, MAS GOSTAVA TANTO DELE QUE ACREDITAVA E SÓ O VIA COMO UM LINDO CAVALINHO AZUL DE CAUDA BRANCA. UM DIA, SEU PAI RESOLVE VENDÊ-LO, E O MENINO INCONFORMADO SAI DE CASA À PROCURA DE SEU CAMALINHO. NO CAMINHO, ENCONTRA TRÊS MALFEITORES QUE, DISFARÇADOS DE MÚSICOS, AO SABEREM DA EXISTÊNCIA DE TAL CAVALO PERSEGUEM O MENINO. MAIS TARDE, E BEM LONGE DE CASA, OS BANDIDOS SÃO PRÊSOS, E O MENINO, JÁ DESANIMADO, VÊ DE REPENTE SEU LINDO CAVALINHO CHEGAR. MAS, AO INVÉS DO VELHO PANGARÉ, APARECE REALMENTE UM LINDO CAVALO AZUL.

c) 1 - Mensagem: POSITIVA. FALA SOBRE A FÉ E A ESPERANÇA DE UMA CRIANÇA, QUE RECEBEU COMO PRÊMIO A CONCRETIZAÇÃO DE SEU SONHO.

2 - Impressão final: TRATA-SE DE CONTO INFANTIL E, COMO TAL, BASTANTE IMAGINOSO, TRATANDO DE UMA FICÇÃO SADIA E ADEQUADA A CRIANÇAS.

d) Diálogos: COMUNICATIVOS

e) Cenas: \_\_\_\_\_



f) Personagens: FICTÍCIOS. ATUAÇÃO POSITIVA

g) Valor educativo: VÁLIDO COMO ENTRENIMENTO

III) Conclusão PELO EXPOSTO, SUGIRO A LIBERAÇÃO DA PRESENTE PEÇA COM A CLASSIFICAÇÃO LIVRE, POR TRATAR-SE DE ESPETÁCULO ADEQUADO A CRIANÇAS.

Brasília, 17 de FEVEREIRO de 1971

*Luiza M. B. de Paula*  
Técnico de Censura - Cart. nº 913  
LUZIA M. B. DE PAULA

Sr. Chefe da Seção de Censura,

Anexo encaminho a peça abaixo indicada, com o parecer do Técnico de Censura LUZIA MARIA BARCELLOS, que a examinou.

Título: O CAVALINHO AZUL

Autor : Maria Clara Machado

Restr.: L I V R E

Obs: Peça Infantil liberada anteriormente c/a mesma classificação.

*De acordo*

*Em: 18/2/71*

*W. P. M. M.*

Em 18 de fevereiro de 1971

*Manoel Miranda Ferreira*  
MANOEL MIRANDA FERREIRA  
CHEFE DA TCTC



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA  
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0248, p. 57

# CENSURA FEDERAL

## TEATRO

Certificado Nº 3494/71

PEÇA ==="" O CAVALINHO AZUL ""==

ORIGINAL DE MARIA CLARA MACHADO

APROVADO PELO S. C. D. P.  
CLASSIFICAÇÃO

VÁLIDO ATÉ 19 de FEVEREIRO de 19 76

Brasília, 19 de FEVEREIRO de 19 71

**LIVRE**

Chefe do S. C. D. P.

*Genivalino*  
**GEOVÁ LEMOS CAVALCANTE**



M. J. - D. P. F.  
**CERTIFICADO DO S. C. D. P.**

Certifico constar do livro nº 02 fôlha nº 10, de registro de peças teatrais, o assentamento da peça intitulada " O CAVALINHO AZUL "

Original de MARIA CLARA MACHADO

Tradução de \_\_\_\_\_

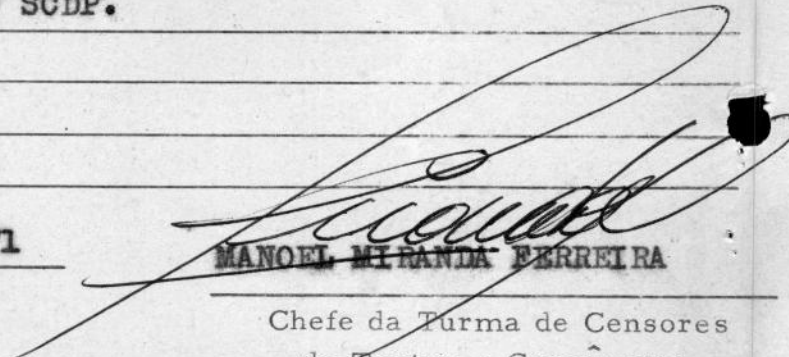
Adaptação de \_\_\_\_\_

Produção de TEATRO DE COMÉDIA DO PARANÁ - CURITIBA /PR.

Tendo sido censurada em 17 de FEVEREIRO de 19 71 e recebido a seguinte classificação: LIVRE - CONDICIONADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL -

**O PRESENTE CERTIFICADO SÓMENTE TERA VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO  
SCRIPT DEVIDAMENTE CARIMBADO PELO SCDP.**

Brasília, 19 de FEVEREIRO de 19 71

  
MANOEL MIRANDA FERREIRA

Chefe da Turma de Censores  
de Teatro e Congêneres

Mem. nº 89 /71-SCDP

Brasília, 25<sup>de</sup> fevereiro de 1971

DO : Chefe do Serviço de Censura de Diversões Públicas  
PARA : Sr. Chefe da TCDP- DR/PR  
ASS. : Providências (solicita).

Senhor Chefe,

Solicito as suas providências no sentido de que seja assistido o ensaio geral da peça teatral abaixo indicada, podendo ser entregue a documentação ao interessado, caso a classificação estabelecida por este SCDP esteja de acordo com o observado no ensaio, devendo ser remetido, posteriormente, minucioso relatório a respeito.

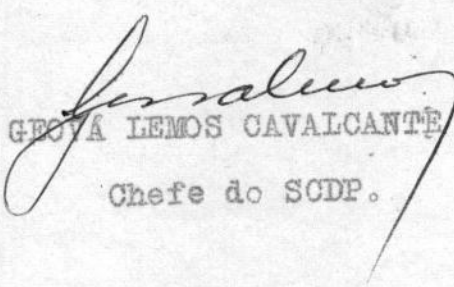
Peça: O CAVALINHO AZUL

Autor: MARIA CLARA MACHADO

Inter.: TEATRO DE COMÉDIA DO PARANÁ

End.: CURITIBA//PR

Atenciosamente,

  
GEOVÁ LEMOS CAVALCANTE

Chefe do SCDP.

AP/ap.



**INSTITUTO MODERNO N. S. DA SALETE**

AV. GETULIO VARGAS, 1066 — FONE: 4161

**CAMPINA GRANDE — PARAÍBA**

|          |           |
|----------|-----------|
| D.F.S.P. |           |
| 030545   | -9 AGO 71 |

Ilmo. Sr.

Diretor do Departamento da Censura Federal  
Brasília - DF.

Estou remetendo o texto "O Cavalinho Azul", da teatróloga Maria Clara Machado, a fim de ser apreciado por êsse Departamento.

Tendo em vista a encenação do mesmo para os primeiros dias do mês de setembro do corrente ano solicito de V.S. devolver à ~~nemetente~~ com a máxima brevidade possível.

Aproveito a oportunidade para apresentar a V.S. os protestos de estima e consideração.

*Enedia Agra Ramos*  
Enedia Agra Ramos  
Diretora

|                        |
|------------------------|
| DPF - D. N. - S. K. A. |
| Recebido <i>9.1.81</i> |
| <i>Miguel</i>          |



# Sociedade Brasileira de Autores Teatrais

Fundada em 27 de Setembro de 1917 — Reconhecida como de Utilidade Pública Federal pelo Dec. 4.092, de 4-8-1920

Filiada à Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores

Sede: Av. Almirante Barroso, 97 - 3º andar — End. Teleg. SBAT-RIO  
Rio de Janeiro — Brasil.

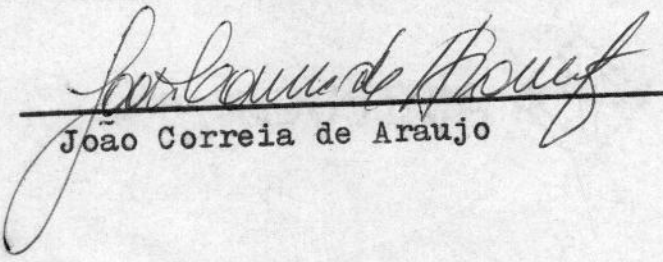
Campina Grande, 04 de Agosto de 1971

Ao  
Diretor do Departamento de Censura Federal  
D.P.F.  
BRAZILIA DF.

Prezado Senhor-:

Levo ao conhecimento de v.s., que Instituto Moderno N.S. da Salete, da cidade de Campina Grande na Paraíba, está autorizado a montar o texto teatral O CAVALINHO AZUL, de autoria de Maria Clara Machado, nas seguintes bases 50% do salário mínimo da região.

Sem outro assunto, para o momento, firmo-me  
atenciosamente

  
João Correia de Araújo





"VARIG", S. A. - (viação aérea rio-grandense)

AEROPORTO CONGONHAS - SÃO PAULO

C.G.C. N.º 92.772.821

ENEIDA AGRA RAMOS

Remetente:

INST.N.S. DA SALETE

Fone: AV. GETÚLIO VARGAS

Enderço:

1066

PRATA

N.º

Apto.

Bairro:

CAMPINA GRANDE

Origem:

CONHECIMENTO AÉREO

Série "A"

184326

DIRETOR DO DEPARTAMENTO DE

Destinatário:

CENSURA FEDERAL

Fone:

Enderço:

N.º

Apto.

Bairro:

BRASILIA

Destino:

N.º de volumes: 1 pac Conteúdo: PEÇAS DE TEATRO

declarado pelo remetente

Pêso: 0,800

N. fiscal n.º

Valor mercadoria Cr\$

Local emissão: CPV

Data: 04/08/71

FRETE PAGO

Pêso taxado: 1.000

kgs x Cr\$

5,35

p/ kg Cr\$

5,35

3,00

TARIFA APLICADA - assinalar com X

Exp ☐Enc ☐C. I. ☐Ret ☐

Taxa terrestre..... Cr\$

Taxa redespacho..... Cr\$

..... Cr\$

Ad-valorem..... Cr\$

TOTAL..... Cr\$

8,35

Ass. emissor

2a VIA - DO DESTINATÁRIO

"CONDIÇÕES DO TRANSPORTE"

1. O trajeto a seguir é o constante dos horários da transportadora e o transporte fica sujeito aos horários e tarifas vigorantes.
2. Aplica-se ao transporte coberto pelo presente conhecimento aéreo, que se regerá exclusivamente pelas disposições do Código Brasileiro do Ar e demais leis e regulamentos pertinentes, as "Condições Gerais de Transporte" de Transportadora, arquivados na Junta Comercial do Rio Grande do Sul, e à disposição dos interessados em qualquer agência da empresa, de que o expedidor se declara ciente.
3. Considerar-se-á totalmente concluído o contrato de transporte, para todos os efeitos legais, a partir do momento em que for efetuado o redespacho, se for o caso, pelo meio indicado no conhecimento ou outro qualquer, a critério da Transportadora.
4. O ressarcimento de qualquer prejuízo somente poderá ser pleiteado de acordo com as condições de transporte do transportador ou transportadores em cujo trecho tiver ocorrido o dano, extravio ou roubo.
5. Qualquer declaração constante neste conhecimento não importa em convenção contrária ao disposto no C. B. Ar e demais leis e regulamentos pertinentes.
6. O expedidor declara expressamente que os volumes não contêm valores, cartas ou missivas, abertas ou fechadas, e se responsabiliza pela exatidão das indicações e declarações constantes do presente conhecimento, que foi emitido em 6 vias para um só efeito.





M.J.-DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL  
POLÍCIA FEDERAL DE SEGURANÇA  
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

TÍTULO

"CAVALINHO AZUL" - de Maria Clara Machado

## PARECER

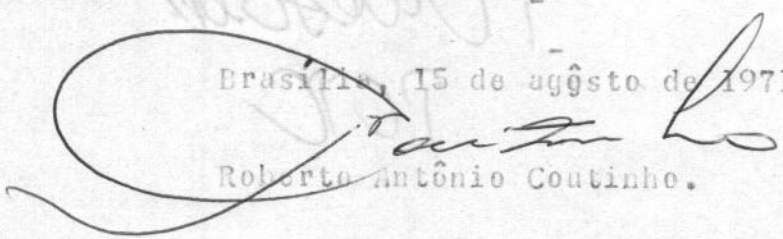
Classificação etária: LIVRE.

Trata-se de uma peça já liberada várias vezes pelo SCDP, sem nenhuma restrição etária.

Comparando o "Script" requerido com os outros já liberados constatei a sua igualdade.

Assim, sugiro que a peça em questão também seja liberada com CENSURA LIVRE.

Brasília, 15 de agosto de 1971.

  
Roberto Antônio Coutinho.

À Seção de Censura:

Trata-se de TFK liberado  
anteriormente. A classificação  
foi mantida.

16.8.71

F. Almeida

PCR

de acordo.

Qui: 16/8/71.

Wilson

WILSON DE QUEIROZ GARCIA  
Chefe da Seção de Censura

Trata-se sem  
restrição etária.

Finalmente  
17.8.71



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0248, p. 66

# CENSURA FEDERAL

## TEATRO

Certificado Nº 4 123/71

PEÇA \* O CAVALINHO AZUL \*

ORIGINAL DE MARIA CLARA MACHADO

APROVADO PELO S. C. D. P.

VÁLIDO ATÉ 18 de AGOSTO de 76

CLASSIFICAÇÃO

Brasília, 18 de AGOSTO de 71

# LIVRE

Chefe do S. C. D. P.

*Gervalemo*  
GEOVÁ LEMOS CAVALCANTE



M. J. - D. P. F.

**CERTIFICADO DO S.C.D.P.**

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0248, p. 67

Certifico constar do livro nº 01 fôlha nº 04, de registro de peças teatrais, o assentamento da peça intitulada \_\_\_\_\_

**O CAVALINHO AZUL**

Original de MARIA CLARA MACHADO

Tradução de \_\_\_\_\_

Adaptação de \_\_\_\_\_

Produção de + INST. MODERNO N.S. DA SALETE - AV. G. VARGAS, 1066 - CAMP I

Tendo sido censurada em 15 de AGOSTO de 19 71 NA GRANDE - PB e recebido

a seguinte classificação: L I V R E :::: CONDICIONADA AO EXAME DO  
ENSAIO GERAL :::::

**O PRESENTE CERTIFICADO SÔMENTE TERÁ VALIDADE,  
QUANDO ACOMPANHADO DO SCRIPT DA PEÇA DEVIDAMENTE  
CARIMBADO PELO S.C.D.P.**

Brasília, 18 de AGOSTO de 19 71

*Wilsou de Queiroz Garcia*  
**WILSON DE QUEIROZ GARCIA  
CHEFE DA SEÇÃO DE CENSURA**

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX  
Chefe da Turma de Censura  
de Teatro e Congenêres  
XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

Mem. nº /71- SCDP Ex. / / 71

De: Chefe da Seção de Censura do SCDP

Lo: R. Chefe do TGD-DR-DPE/

As: Providências ( Solicita )

652

Senhor Chefe:

19

8

Solicito as suas providências no sentido de que seja assistido o ensaio geral da peça teatral a - baixo discriminada, podendo ser <sup>PB</sup> entregue a documentação ao interessado, caso a classificação estabelecida por - este SCDP esteja de acôrdo com o observado no ensaio, - devendo, posteriormente, ser remetido minucioso relatório a respeito.

Pega:

Autor:

Intrs:

Endr:

Atenciosamente

Wilson de Queiroz Garcia

**O CAVALINHO AZUL**

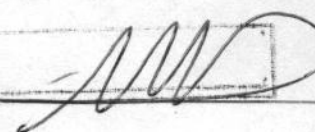
Chefe da Seção de Censura

**MARIA CLARA MACHADO****INTS. MODERNO N.S. DA SALETE****Av. G. VARGAS 1066****CAMPINA GRANDE-PB.**

RJ-DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL  
2ª SEÇÃO DE RELAÇÕES ADMINISTRATIVAS

Exmo. Senhor Diretor da Censura Federal

13 SET 10 29 35989

RECEBIDO POR: 

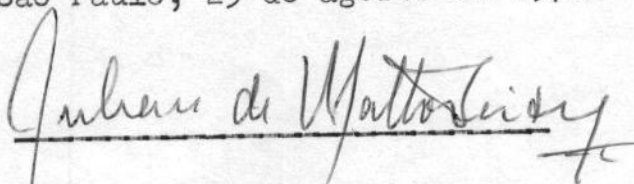
Rubens de Mattos Teixeira, brasileiro, casado, morador a rua Lavandisca, 596, na cidade de São Paulo, diretor do Teatro da Criança de São Paulo, vem solicitar a V.Excia. autorização para ser levada em São Paulo a peça de Maria Clara Machado, "O Cavaleiro Azul".

Para tanto, solicita seja censurada a referida peça.

Nêstes termos

Pede Deferimento

São Paulo, 25 de agosto de 1971

  
Rubens de Mattos Teixeira

Diretor do TCSP

Anexo: Três cópias da peça "O Cavaleiro Azul"



**SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS (SBAT)**

Fundada em 27 de setembro de 1917 — Reconhecida como de Utilidade Pública Federal pelo Dec. 4.092, de 4-8-1920 — Filiada à Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores — Membro do Conselho Pan-Americano da "CISAC" — Membro do IBECC (Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura — Membro da UNESCO — Representante do INC (Instituto Nacional do Cinema do Ministério da Educação e Cultura.

Sede: Av. Almirante Barroso, 97 - 3º andar — Rio de Janeiro GB.

**AUTORIZAÇÃO PARA  
REPRESENTAÇÃO DE PEÇA TEATRAL**
**Série 3/70 - SP Nº 18406**

A Sociedade Brasileira de Autores Teatrais (SBAT), reconhecida como de utilidade pública federal, pelo decreto n.º 4.092, de 4-8-1920 mandatária de seus associados nacionais e estrangeiros, para todos os fins de direito, autoriza, nos termos do artigo 2.º do decreto n.º 4.790, de 2-1-1924, combinado com os artigos 26 e seu parágrafo único, e 27, do decreto n.º 5.492, de 16-7-1928, art. 46 do decreto n.º 18.527, de 10-12-1928, e artigo 35 do decreto n.º 21.111, de 1-3-1932, Lei n.º 2.415, de 9-2-1955, art. 42, do decreto n.º 20.493, de 24-1-1946, e artigo 1.º do decreto n.º 1.023, de 17-5-1962, a representação da peça teatral: O Cavaleiro Azul.

Original de Maria Clara Machado

Música de .....

Tradução de .....

No Teatro Maria D. CostaCidade S. PauloEmpresa Teatro Da CriançaRela. Cia. São Paulonos dias Para Censura da Pesa

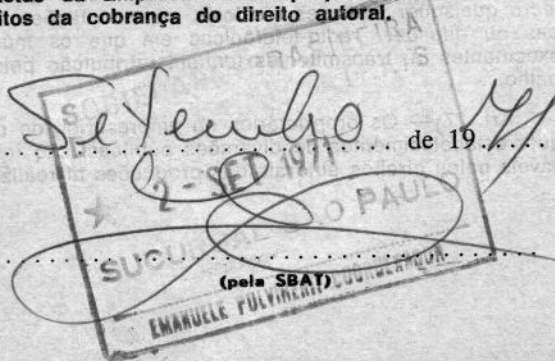
sob condição de pagamento dos respectivos direitos autorais, na base de .....%

..... da renda bruta de cada espetáculo, com a garantia mínima de NCr\$ ..... por espetáculo, obrigando-se a Empresa a fornecer à SBAT uma cópia do "bordereau" de receita, devidamente autenticado, responsabilizando-se pela sua exatidão, bem como pelo integral pagamento dos direitos autorais acima estipulados, em moeda corrente.

Esta autorização obriga a Empresa, implicitamente, a pagar à SBAT a mesma cota porcentual, a título de direitos autorais, sobre as importâncias que receber de qualquer entidade, pública ou privada, Repartições Federais, Estaduais ou Municipais, desde que tais recebimentos a obriguem a conceder ingressos, no todo ou parte da lotação, ou reduzir os preços dos mesmos, a qualquer título.

Da mesma forma obriga-se a Empresa a incluir nos bordereaux de receita, como ingressos vendidos a preços normais, todos os que forem utilizados por sócios cotistas da Empresa ou do próprio teatro, para os efeitos da cobrança do direito autoral.

Esta via de Autorização não vale como recibo. Deve ser anexada ao programa respectivo e entregue às autoridades competentes. — A quitação do direito autoral respectivo, só poderá ser dada na primeira via do recibo oficial da SBAT.



## Resumo dos textos de Leis invocadas nesta autorização

### Decreto n.º 4.092, de 4 de agosto de 1920:

Art. 1.º — Fica reconhecida como de Utilidade Pública a **Sociedade Brasileira de Autores Teatrais** com sede no Rio de Janeiro.

§ 1.º — É facultado a esta Sociedade representar seus associados:

a) — Perante a Polícia ou em Juízo Civil e Criminal ativa e passivamente, em todos os processos referentes à propriedade literária e artística nos quais esses associados sejam parte.

b) — Perante as Empresas teatrais, para a cobrança das quotas ou percentagens de direitos de autor.

§ 2.º — Para o disposto no § 1.º a Sociedade se reputará mandatária de seus associados, para todos os fins de direito, pelo simples ato de filiação à Sociedade, salvo cláusula expressa em contrário.

§ 4.º — A prova de filiação à **Sociedade Brasileira de Autores Teatrais** ou às suas congêneres estrangeiras poderá ser feita pela relação oficial dos sócios, publicada pela imprensa ou em avulso, ou por certidão em cartório, passada por tabelião público, pela qual se verifique constar da relação o nome do autor teatral.

### Decreto n.º 4.790, de 2 de janeiro de 1924:

Art. 2.º — Nenhuma composição musical, tragédia, drama, comédia, ou qualquer outra produção, seja qual for a sua denominação, poderá ser executada ou representada em teatros os espetáculos públicos, para os quais se pague entrada, sem autorização, para cada vez, de seu autor, representante ou pessoa legitimamente subrogada nos direitos daquele.

### Decreto n.º 5.492, de 16 de julho de 1928:

Art. 26 — As disposições do art. 2.º e seguintes do Decreto n.º 4.790, de 2-1-1924, aplicam-se a todas as composições musicais e peças de teatro, executadas, representadas ou transmitidas pela radio-telefonía, com intuito de lucro, em reuniões públicas.

§ único — Consideram-se realizadas com intuito de lucro quaisquer audições musicais, representações artísticas ou difusões radio-telefônicas em que os músicos, executantes ou transmitentes tenham retribuição pelo trabalho.

Art. 27 — Os proprietários ou empresários de quaisquer estabelecimentos de diversões públicas, são responsáveis pelos direitos autorais das produções aí realizadas.

### Decreto n.º 18.527, de 10 de dezembro de 1928:

Art. 46 — Ficam obrigados à apresentação de programas os proprietários, empresários, diretores ou quaisquer outros responsáveis pelas representações, exhibições ou irradiações que se realizarem em teatros, cinematógrafos, dancings, cabarés, sociedades radio-telefônicas ou outros quaisquer estabelecimentos de diversões públicas.

### Decreto n.º 21.111, de 1 de março de 1932:

Art. 35, § 1.º — A irradiação de quaisquer assuntos ou trabalhos, já divulgados ou não por outros meios, deverá respeitar os direitos autorais e ser igualmente precedida da indicação dos nomes dos autores.

### Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946:

Art. 42 — Considera-se local de representação, execução, exibição e irradiação e de outras formas de espetáculo, reuniões e diversões públicas, inclusive competições desportivas, os teatros, os circos, arenas e pistas, parques, salões ou dependências adequadas, assim como quaisquer estabelecimentos onde se reserve espaço para algum daqueles fins e que sejam, de qualquer maneira, freqüentados coletivamente, mesmo as que tenham a denominação de sociedades recreativas e desportivas.

### Lei n.º 2.415, de 9 de fevereiro de 1955:

Art. 1.º — A autorga, no território nacional, da licença autoral para a realização de representações, execuções públicas e tele-transmissões, pelo rádio ou televisão, de que tratam os arts. 42 e 43, § 1.º, do Decreto número 18.527, de 10 de dezembro de 1928, e 88 do Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946, compete exclusivamente ao próprio autor ou à Sociedade legalmente constituída para a defesa de direitos autorais, à qual o autor fôr filiado e que o tenha registrado na forma do artigo 105, § 1.º, do Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946.

### Decreto n.º 1.023, de 17 de maio de 1962:

Art. 1.º — Qualquer espetáculo público (representações, execuções, irradiações, funções esportivas, recreativas e beneficentes, etc.) realizado em teatro, cinema, estações de rádio e televisão, circo, parque, cassino, clube, associações recreativas ou esportivas, salões de dependências adequadas, depende de aprovação do respectivo programa, pelo Serviço de Censura de Diversões Públicas (S. C. D. P.) no Distrito Federal, e pela autoridade policial nos Estados e Territórios, seja o espetáculo ou função promovido por pessoa física ou jurídica, ou por entidade de organização comercial ou de organização civil.



M. J. - DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL  
POLÍCIA FEDERAL DE SEGURANÇA  
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

TÍTULO O CAVALINHO AZUL - DE MARIA CLARA MACHADO

PARECER

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: LIVRE

PEÇA VÁRIAS VÊZES LIBERADA POR ÊSTE SERVIÇO.  
SEM RESTRIÇÕES ETÁRIAS. O NOVO PEDIDO APRESENTA O MESMO TEMA  
INFANTIL, RAZÃO PELA QUAL, PROponho SEJA MANTIDO O CRITÉRIO A-  
DOTADO NAS OCASIÕES ANTERIORES.

BRASÍLIA, 17 DE SETEMBRO DE 1971.

HELLÉ PRUDENTE CARVALHÊDO



À Secção de Cursos:

Tant-se de peça já  
liberada por este Serviço.

A classificação por  
maneira de

20.9.71

Amélia  
RTE

De acordo.

Em: 21/9/71.

Wiseu mi

T Libere-se sem  
restrições staxia.

Fernando  
230971



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0248, p. 74

68

# CENSURA FEDERAL

## TEATRO

\*\* Certificado Nº

1245/71

PEÇA

=== O CAVALINHO AZUL ===

ORIGINAL DE

MARIA CLARA MACHADO

APROVADO PELO S. C. D. P.

CLASSIFICAÇÃO

VÁLIDO ATÉ 27 de SETEMBRO de 1976

Brasília, 27 de SETEMBRO de 1971

# LIVRE

Chefe do S. C. D. P.

GEOVÁ LEMOS CAVALCANTE

**M. J. - D. P. F.**  
**CERTIFICADO DO S. C. D. P.**  
BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0248, p 75

Certifico constar do livro nº 02 fôlha nº 33, de registro de peças teatrais, o assentamento da peça intitulada " O CAVALINHO AZUL "

Original de MARIA CLARA MACHADO

Tradução de \_\_\_\_\_

Adaptação de \_\_\_\_\_

Produção de TEATRO DA CRIANÇA DE SÃO PAULO = /SP

Tendo sido censurada em 17 de SETEMBRO de 1971 e recebido

a seguinte classificação: LIVRE - CONDICIONADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL -

O PRESENTE CERTIFICADO SÓMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO  
SCRIPT DEVIDAMENTE CARIMBADO PELO SCDP.

Brasília, 27 de SETEMBRO de 1971

*Wilson de Queiroz Garcia*  
**WILSON DE QUEIROZ GARCIA**

**-ch. da seção de censura**

~~Chefe da Turma de Censura~~

~~de Teatro e Congêneres~~



Mem. nº

/71 SCDP

En,

/71

De: Chefe da TCTC do SCDP

Ao: Sr. Chefe da TCDP-DR-DPE/

Ass: Providências ( solicita )

28

9

SP

Senhor Chefe:

Solicito as suas providências no sentido de que seja assistido o ensaio geral da peça teatral a baixo discriminada, podendo ser entregue a documentação ao interessado, caso a classificação estabelecida por este SCDP esteja de acordo com o observado no ensaio, devendo, posteriormente, ser remetido minucioso relatório e respeito.

Pega:

Autor:

Intr:

Endr:

" O CAVALINHO AZUL "

MARIA CLAMA MACHADO

Atenciosamente,  
TEATRO DA CRIANÇA DE SÃO PAULO  
SÃO PAULO-SP.

PAULO LEITE DE LACERDA

-TCTC -

RJ-DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL  
DA-SEÇÃO DE RELAÇÕES ADMINISTRATIVAS

11 OUT 1147 40196

RECEBIDO POR: *Mépur*

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL  
DELEGACIA REGIONAL DE SÃO PAULO

OF. nº 577 /71-TCDP/DR/SP

Em, 05 de outubro de 1971.

Do: Delegado Regional do D.P.F. em São Paulo

Ao: Exmo. Sr. Diretor Geral do D.P.F.

Assunto: Certificados (Encaminha)



Senhor Diretor Geral.

Com êste, encaminho a V.Exª. para os devidos fins, duas vias do certificado referente a peça teatral / "O CAVALINHO AZUL", de autoria de Maria Clara Machado, expedidas para o Teatro da Criança de São Paulo, remetidas para esta/DR com o memorando nº 781/71-SCDP, em 28/09/71, sem numeração.

GEN. R/1 - DENIZART SOARES DE OLIVEIRA  
DELEGADO REGIONAL

Exmo. Sr. Gen.

NILO CANEPPA SILVA

DD. Diretor Geral do Departamento de Polícia Federal

BRASÍLIA - D.F.

atf.

*As Arguinis  
para  
aspectos  
provin-  
27.10.71  
1 And. Silva*

*a SC para  
providenciar a  
correção  
18/10/71  
Wipau mi  
chefe do SCOP, Subst.*



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

MEM.º N.º 852

Data 26.10.71

Do Chefe da TCTC do SCDP

Para : Sr. Chefe da TCDP-DR-DPF/SP

Assunto: Providências - Solicita -

Sr. Chefe:

Solicito as suas providências no sentido de que, através da TCDP dessa DR, sejam devolvidos ao Sr. Ribens de Matos Teixeira, rua Lavandises nº 596, os certificados anexos da peça teatral "O CAVALINHO AZUL", de Maria Clara Machado, que foram reenviados a este Serviço para devida numeração.

Atenciosamente,

PAULO LEITE DE LACERDA

-TCTC-





C.Ss.R. COMUNIDADE REDENTORISTA DE APARECIDA

Praça N. Sra. Aparecida, 273 - Tel. 285

12570 - APARECIDA - E. S. PAULO

Ao Excm<sup>o</sup> Sr. Chefe do S.C.D.P.  
 MINISTÉRIO DA JUSTIÇA  
 DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL  
 (CENSURA FEDERAL - TEATRO)  
 BRASÍLIA - DF.

Excm<sup>o</sup> Sr.:

O abaixo assinado, Octacílio Plentz, Presidente do Grêmio teatral "Benedito Júlio Barreto" - grupo cênico de Amadores - querendo sole-  
 nizar mais o sesquicentenário de nossa independência, vem pedir a  
 ês te egrégio Departamento do S.C.D.F. aprovação para as seguintes ob-  
 ras teatrais:

- 1) Livro intitulado: Teatro, Maria Clara Machado, contendo as peças:  
 a) A Volta do Camaleão Alface. b) O Embarque de Noé - c) O Cavali-  
 nho Azul. - d) Camaleão na Lua.
- 2) Joãozinho Anda Pra Trás - de Lúcia Benedetti.
- 3) Simbita e o Dragão - de Lúcia Benedetti.
- 4) A Comédia atômica de Lauro César Muniz.
- 5) Auto da Alma - de Gil Vicente.
- 6) Jô - Drama em 1 Ato - de P.Ronoaldo Pelaquin.
- 7) O Direito à vida - de um conto russo de Jefim Sosunina - Adaptação  
 de Ronoaldo Pelaquin.

Desde já agradecemos o atendimento e afirmamos nossos votos de  
 sincera estima e colaboração com o 'orgão de polícia federal, digo  
 do S.C.D.P.

Octacílio Plentz  
 (Octacílio Plentz )



# Sociedade Brasileira de Autores Teatrais

Fundada em 27 de Setembro de 1917 — Reconhecida como de Utilidade Pública Federal pelo Dec. 4.092, de 4-8-1920

Afilhada à Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores

Séde: Av. Almirante Barroso, 97 - 3º andar — End. Teleg. SBAT - RIO

Rio de Janeiro — Brasil.

Rio de Janeiro 28 de Junho de 1972



Ilmo. Sr.  
Chefe do Serviço de Censura de Diversões  
Brasília DF.-

Ilustre Senhor:

Pelo presente declaramos nossa inteira concordância no sentido de que sejam submetidos à censura os textos das peças abaixo citadas, de autoria de associados nossos, sem exceção:

O EMBARQUE DE NOÉ A VOLTA DO CAMALEÃO ALFACE CAVALINHO AZUL CAMALEÃO NA LUA, todas de Maria Clara Machado.

JOÃOZINHO ANDA PRA TRAZ e SIMBITA E O DRAGÃO, de Lucia Benedetti  
COMEDIA ATOMICA, de Lauro Cesar Muniz e

AUTO DA ALMA, classico de Gil Vicente, adaptação de autor brasileiro.

Fazendo a presente comunicação a êsse prestigioso Serviço de Censura, estamos atendendo à solicitação do Rev. Pde. Octacilio Plentz.

vemo-nos

Com a nossa maior consideração, subscre-

Djalma Bittencourt  
Superintendente.



BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0248, p.81



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

MEM.º N.º 33  
Data 02.06.72

Do **Chefe da Seção de Arquivo do SCDP.**

Para **Sr. Chefe do SCDP.**

Assunto: **Providências - Solicita**



Senhor Chefe:

Solicito suas providências no sentido de que através da DR/SP, seja informado ao P. OCTACÍLIO PLENTZ na C.Ss.R. - COMUNIDADE REDENTORISTA DE APARECIDA à Praça N.Sr.Aparecida, 273, em Aparecida, estado de São Paulo, para no prazo de 30 dias remeter ao SCDP, a Guia dos Direitos Autorais (SBAT), com relação às peças teatrais: "A VOLTA DO CAMALEÃO ALFACE"; "O CAVALINHO AZUL"; "CAMALEÃO ALFACE"; "O EMBARQUE DE NOÉ" de autoria de Maria Clara Machado, "JOÃOZINHO ANDA PRA TRÁS" e "SIMBITA E O DRAGÃO" de autoria de Lúcia Benedetti, "A COMÉDIA ATÔMICA" de Lauro César Muniz, "O AUTO DA AIMA" de Gil Vicente, "JÓ" de autoria de P.Ronaldo Pelaquin e "O DIREITO À VIDA" de Jefim Sosulia. O referido senhor, nos solicitou censura para todas elas, estando entretanto, as referidas peças, retidas nesta Seção, aguardando os citados documentos (SBAT).

Atenciosamente

Chefe da Seção de Arquivo do SCDP.





*Handwritten notes and signatures in the top right corner.*

TÍTULO O CAVALINHO AZUL  
GÊNERO PEÇA TEATRAL (INFANTIL)

1) 3. ARQUIVO*Arquivo*Documentação EM ORDEMFé liberada? SIMFls. etária anterior LIVREPça. APARECIDA - 81D.F. 25/07/72

Arquivo

4) CHEFE S.C.*S. Dir. J. P.**De acordo**livre (fl. 6)**9/8/72*2) PROGRAMAÇÃORec. Censura GRACIETE

Rec. Censura

Rec. Censura

Data p/exame de 31 a 02/08OBS: CONFRONTOD.F. 31/07-72 *Mack*

Rec. Programação

3) S.C.T.C.5) DIRETOR D.C.

*De acordo. Emitir  
certificados (livre).*

*Em 08/08/72*

*Chilino  
P/TCTC*

**LIBERE - SE**  
na forma do parecer  
Em. *9.8.72*  
1972

*Rosângela Nunes*



M. J. - DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL  
POLÍCIA FEDERAL DE SEGURANÇA  
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS



73  
A  
68  
M

TÍTULO O CAVALINHO AZUL

AUTORA: MARIA CLARA MACHADO

PARECER

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: LIVRE

PEÇA JÁ DIVERSAS VEZES CENSURADA E LIBERADA POR ESTA DIVISÃO DE CENSURA COM CLASSIFICAÇÃO LIVRE.

SUGERIMOS SEJA MANTIDO O MESMO CRITÉRIO LIBERATÓRIO, POIS O PRESENTE TEXTO É IDENTICO AOS ANTERIORES E NADA APRESENTA QUE NOS LEVE A ALTERAR ESSA CLASSIFICAÇÃO.

BRASILIA, 1º DE JULHO DE 1972

Graciete n. Moreno da Silva

GRACIETE MORENO DA SILVA



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

MEM.º N.º 748.

Data 08/08/72

Do Chefe da TCTC/DCDP/DPF

Para Chefe da TCDP/SR/SP

Assunto: Peça Teatral - (Encaminha).

Senhor Chefe,

Solicito providências de V.S. no sentido de que sejam entregues ao interessado as / peças teatrais "O CAVALINHO AZUL", "A VOLTA DO CAMALEÃO ALFACE", "O EMBARQUE DE NOÉ", "CAMALEÃO NA/LUA". A primeira, com censura livre; a segunda e a terceira, livre, condicionada ao ensaio-geral; a / quarta, livre, com cortes. Todas em 2 (duas) vias, com seus respectivos certificados.

Atenciosamente,

*Carlos Pereira de Oliveira*  
CARLOS PEREIRA DE OLIVEIRA  
Chefe da TCTC em exercício





MINISTÉRIO DA JUSTIÇA

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0248, P.85

75

70  
9

# CENSURA FEDERAL

## TEATRO

Certificado Nº 5.022/72

PEÇA: O CAVALINHO AZUL

ORIGINAL DE MARIA CLARA MACHADO

APROVADO PARA D.C.D.P.  
CLASSIFICAÇÃO

VÁLIDO ATÉ 09 de AGOSTO de 19 77

Brasília, 09 de AGOSTO de 19 72

# LIVRE

- ROGÉRIO NUNES -

Diretor da DCDP

M.J-D.P.F

**CERTIFICADO DA D.C.D.P**  
BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0248, p. 86

Certifico constar do livro nº 02 fôlha nº 59, de registro de peças teatrais, o assentamento da peça intitulada : O CAVALINHO AZUL

Original de : MARIA CLARA MACHADO

Tradução de \_\_\_\_\_

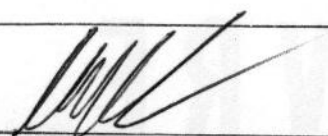
Adaptação de \_\_\_\_\_

Produção de : GRÊMIO TEATRAL BENEDITO JÚLIO BARRETO - SP -

Tendo sido censurada em 19 de AGOSTO de 19 72 e recebido

a seguinte classificação: LIVRE. CONDICIONADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL. O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO SCRIPT DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCP.

Brasília, 09 de AGOSTO de 19 72

  
- HUGO PÓVOA DA SILVA -

Chefe do Serviço de Censura

MI - DPF - SRA/BSE

- 1 ADU 1535 041487

RECEBIDO POR

ILMº SR DIRETOR DO SERVIÇO DE CENSURA FEDERAL

Encam inhamos em anexo 3 exemplares da peça infantil de MARIA CLARA MACHADO (O CAVALINHO AZUL) para apreciação e censura. O espetáculo será encenado através da FUNDAÇÃO CULTURAL DO DF no Teatro Martins Pena pelo TEATRO JOVEM DE BRASÍLIA.

Nêstes Têrmos

P. Deferimento

Brasília, 31 de julho de 1973.

*Maria Clara Machado*  
.....  
*p/ Teatro Jovem de Brasília*



**SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS (SBAT)**

Fundada em 27 de setembro de 1917 — Reconhecida como de Utilidade Pública Federal pelo Dec. 4.092, de 4-8-1920 — Filiada à Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores — Membro do Conselho Pan-Americano da "CISAC" — Membro do IBECC (Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura) — Membro da UNESCO — Representante do INC (Instituto Nacional do Cinema do Ministério da Educação e Cultura).

Sede: Av. Almirante Barroso, 97 - 3º andar — Rio de Janeiro GB.

**AUTORIZAÇÃO PARA  
REPRESENTAÇÃO DE PEÇA TEATRAL**

Série 3/70

Nº 21436

A Sociedade Brasileira de Autores Teatrais (SBAT), reconhecida como de utilidade pública federal, pelo decreto n.º 4.092, de 4-8-1920 mandatária de seus associados nacionais e estrangeiros, para todos os fins de direito, autoriza, nos termos do artigo 2.º do decreto n.º 4.790, de 2-1-1924, combinado com os artigos 26 e seu parágrafo único, e 27, do decreto n.º 5.492, de 16-7-1928, art. 46 do decreto n.º 18.527, de 10-12-1928, e artigo 35 do decreto n.º 21.111, de 1-3-1932, Lei n.º 2.415, de 9-2-1955, art. 42, do decreto n.º 20.493, de 24-1-1946, e artigo 1.º do decreto n.º 1.023, de 17-5-1962, a representação da peça teatral: O Cavalinho Azul

Original de Maria Clara MachadoMúsica de Vários conforme Programação do Reginaldo de CarvalhoTradução de XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXNo Teatro XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX Cidade XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXEmpresa XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX Pela Cia. XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXnos dias Para ser censuradosob condição de pagamento dos respectivos direitos autorais, na base de %

da renda bruta de cada espetáculo, com a garantia mínima de NCr\$ .....

por espetáculo, obrigando-se a Empresa a fornecer à SBAT uma cópia do "bordereau" de receita, devidamente autenticado, responsabilizando-se pela sua exatidão, bem como pelo integral pagamento dos direitos autorais acima estipulados, em moeda corrente.

Esta autorização obriga a Empresa, implicitamente, a pagar à SBAT a mesma cota porcentual, a título de direitos autorais, sobre as importâncias que receber de qualquer entidade, pública ou privada, Repartições Federais, Estaduais ou Municipais, desde que tais recebimentos a obriguem a conceder ingressos, no todo ou parte da lotação, ou reduzir os preços dos mesmos, a qualquer título.

Brasília, DF, 1 de agosto de 1973

Esta via de Autorização não vale como recibo. Deve ser anexada ao programa respectivo e entregue às autoridades competentes. — A quitação do direito autoral respectivo, só poderá ser dada na primeira via do recibo oficial da SBAT.

Da mesma forma obriga-se a Empresa a incluir nos bordereaux de receita, como ingressos vendidos a preços normais, todos os que forem utilizados por sócios cotistas da Empresa ou do próprio teatro, para os efeitos da cobrança do direito autoral.

de 1 de agosto de 1973

*Alucena*  
(pela SBAT)

## SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS (SBAT)

## Resumo dos textos de Leis invocadas nesta autorização

## Decreto n.º 4.092, de 4 de agosto de 1920:

Art. 1.º — Fica reconhecida como de Utilidade Pública a **Sociedade Brasileira de Autores Teatrais** com sede no Rio de Janeiro.

§ 1.º — É facultado a esta Sociedade representar seus associados:

a) — Perante a Polícia ou em Juízo Civil e Criminal ativa e passivamente, em todos os processos referentes à propriedade literária e artística nos quais esses associados sejam parte.

b) — Perante as Empresas teatrais, para a cobrança das quotas ou percentagens de direitos de autor.

§ 2.º — Para o disposto no § 1.º a Sociedade se reputará mandatária de seus associados, para todos os fins de direito, pelo simples ato de filiação à Sociedade, salvo cláusula expressa em contrário.

§ 4.º — A prova de filiação à **Sociedade Brasileira de Autores Teatrais** ou às suas congêneres estrangeiras poderá ser feita pela relação oficial dos sócios, publicada pela imprensa ou em avulso, ou por certidão em cartório, passada por tabelião público, pela qual se verifique constar da relação o nome do autor teatral.

## Decreto n.º 4.790, de 2 de janeiro de 1924:

Art. 2.º — Nenhuma composição musical, tragédia, drama, comédia, ou qualquer outra produção, seja qual for a sua denominação, poderá ser executada ou representada em teatros ou espetáculos públicos, para os quais se pague entrada, sem autorização, para cada vez, de seu autor, representante ou pessoa legitimamente subrogada nos direitos daquele.

## Decreto n.º 5.492, de 16 de julho de 1928:

Art. 26 — As disposições do art. 2.º e seguintes do Decreto n.º 4.790, de 2-1-1924, aplicam-se a todas as composições musicais e peças de teatro, executadas, representadas ou transmitidas pela radio-telefonía, com intuito de lucro, em reuniões públicas.

§ único — Consideram-se realizadas com intuito de lucro quaisquer audições musicais, representações artísticas ou difusões radio-telefônicas em que os músicos, executantes ou transmitentes tenham retribuição pelo trabalho.

Art. 27 — Os proprietários ou empresários de quaisquer estabelecimentos de diversões públicas, são responsáveis pelos direitos autorais das produções aí realizadas.

## Decreto n.º 18.527, de 10 de dezembro de 1928:

Art. 46 — Ficam obrigados à apresentação de programas os proprietários, empresários, diretores ou quaisquer outros responsáveis pelas representações, exibições ou irradiações que se realizarem em teatros, cinematógrafos, dancings, cabarés, sociedades radio-telefônicas ou outros quaisquer estabelecimentos de diversões públicas.

## Decreto n.º 21.111, de 1 de março de 1932:

Art. 35, § 1.º — A irradiação de quaisquer assuntos ou trabalhos, já divulgados ou não por outros meios, deverá respeitar os direitos autorais e ser igualmente precedida da indicação dos nomes dos autores.

## Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946:

Art. 42 — Considera-se local de representação, execução, exibição e irradiação e de outras formas de espetáculo, reuniões e diversões públicas, inclusive competições desportivas, os teatros, os circos, arenas e pistas, parques, salões ou dependências adequadas, assim como quaisquer estabelecimentos onde se reserve espaço para algum daqueles fins e que sejam, de qualquer maneira, freqüentados coletivamente, mesmo as que tenham a denominação de sociedades recreativas e desportivas.

## Lei n.º 2.415, de 9 de fevereiro de 1955:

Art. 1.º — A outorga, no território nacional, da licença autoral para a realização de representações, execuções públicas e tele-transmissões, pelo rádio ou televisão, de que tratam os arts. 42 e 43, § 1.º, do Decreto número 18.527, de 10 de dezembro de 1928, e 88 do Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946, compete exclusivamente ao próprio autor ou à Sociedade legalmente constituída para a defesa de direitos autorais, à qual o autor fôr filiado e que o tenha registrado na forma do artigo 105, § 1.º, do Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946.

## Decreto n.º 1.023, de 17 de maio de 1962:

Art. 1.º — Qualquer espetáculo público (representações, execuções, irradiações, funções esportivas, recreativas e beneficentes, etc.) realizado em teatro, cinema, estações de rádio e televisão, circo, parque, cassino, clube, associações recreativas ou esportivas, salões de dependências adequadas, depende de aprovação do respectivo programa, pelo Serviço de Censura de Diversões Públicas (S. C. D. P.) no Distrito Federal, e pela autoridade policial nos Estados e Territórios, seja o espetáculo ou função promovido por pessoa física ou jurídica, ou por entidade de organização comercial ou de organização civil.

## TEATRO

TÍTULO O CAVALINHO AZUL

## 1) S. ARQUIVO

Documentação Em OrdemClas. Anterior LivrePraça BRASILIA - DF

Obs.: \_\_\_\_\_

DF. 2 / 8 / 73

Chefe Seção Arquivo

## 2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura Graciete

Técnico de Censura \_\_\_\_\_

Técnico de Censura \_\_\_\_\_

Data para Exame de 13/08/73 a 15/08/73DF. 10/08/73

Resp. pela Programação

## 4) SERVIÇO DE CENSURA

SR. Diretor

De acordo com o  
parecer 6553/73 -  
LIVRE.

Em 23/8/73

## 3) S. C. T. C.

De acordo com o pa-  
recer 6553/73 - Li-  
vre - sem custos,  
condicionados, ex-  
tremamente, ao custo ge-  
ral.Custa-se a certi-  
ficar, observando  
a validade dos au-  
torizados.

## 5) Diretor da D. C. D. P.

LIBERE-SE

na forma do parecer

Em, 23 / 8 / 1973

Rogério Nunes





Parecer Nº

655-3/73

Título: O CAVALINHO AZUL

Classificação Etária: LIVRE - CONFRONTO -

Espécie: Peca teatral Com cortes: Não

Boa Qualidade: --- Livre P/Exportação: ---

Dublado: --- Legendado: ---

Vedada a Exploração Comercial: ---

Cenas: A vista do ensaio geral

Época: Hipotética Gênero: Drama (infantil)

Linguagem: Comum, a altura da compreensão infantil

Tema: Infantil

Personagem: Maus, bons, ingênuos, persistentes, compreensivos, leais.

Mensagem: Entretenimento

Enredo: Um garoto, possuidor de um pangaré, pela amizade de votada ao animal e a fertilidade da imaginação infantil, via-o como um belo e feroso corcel azul. A necessidade, porém, obriga o pai da criança a vender o cavalo e, informado com a ausência do companheiro, o menino parte a sua procura, encontrando-o após inúmeras aventuras, retornando então ao lar.

1 - Cortes:

2 - Conclusão: Peça infantil já liberada diversas vezes pelo DCDP com a chancela LIVRE. Procedendo ao confronto dos textos verifiquei identidade de conteúdo e inexistência de fatos que levem a uma alteração dessa classificação, pelo que sugiro que a mesma seja mantida.

Brasília, 20 de agosto de 1973

- Téc. Censura - GRACIETE MORENO DA SILVA

DPF-507

O CAVALINHO AZUL

MARIA CLARA MACHADO

FUNDAÇÃO CULTURAL DO DF

20 AGOSTO

73

L I V R E. CONDICIONADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL. O

PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO "SCRIPT"

DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.

22

AGOSTO

73

DEUBETH BURLINHAQUI

Recebido Original

Em, 10/11/73

*[Handwritten signature]*

*[Handwritten signature]*

*[Handwritten signature]*

LIVRE

ROGERIO NUNES

AGOSTO

22

AGOSTO

09

MARIA CLARA MACHADO

O CAVALINHO AZUL

812/73

BR.D.F.A.N.B.S.B NS.C.P.R.TEA.PTE.0248, p 93



BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0248, P. 94

: O CAVALINHO AZUL

: MARIA CLARA MACHADO

FUNDAÇÃO CULTURAL DO DF

20 AGOSTO

73

L I V R E. CONDICIONADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL, O  
PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO "SCRIPT"  
DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.

22

AGOSTO

73

DEUSETH BURLAMAQUI

mh

812/73

O CAVALINHO AZUL

MARIA CLARA MACHADO

LIVRE

22 AGOSTO  
ROGÉRIO NUNES

FICHA DO  
S.A. DCDP

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

48513

OFICIO Nº 61/74/SCDP/DPF/MA

São Luís, 05 de agosto de 1.974

Senhor Diretor,

Pelo presente, em anexo, encaminho a V.Sª (3) três peças teatrais "O CAVALINHO AZUL", original de Maria Clara Machado, "AS BETERRABAS DO SENHOR DUQUE", original de Oscar Von Pfuhl e "A CIGARRA E A FORMIGA", original de Reynaldo Faray, para uma vez verificadas por essa Divisão receberem os competentes certificados, se aprovados.

Na oportunidade apresento a V.Sª. protestos de estima e consideração.

*João Batista Xavier*  
Dr. João Batista Xavier  
Diretor da DPF/MA

Ilmo. Sr.

DIRETOR DA DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS DO DPF  
BRASILIA - DF



**SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS (SBAT)**

Fundada em 27 de setembro de 1917 — Reconhecida como de Utilidade Pública Federal pelo Dec. 4.092, de 4-8-1920 — Filiada à Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores — Membro do Conselho Pan-Americano da "CISAC" — Membro do IBECC (Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura) — Membro da UNESCO — Representante do INC (Instituto Nacional do Cinema do Ministério da Educação e Cultura.

Sede: Av. Almirante Barroso, 97 - 3º andar — Rio de Janeiro GB.

**AUTORIZAÇÃO PARA  
REPRESENTAÇÃO DE PEÇA TEATRAL**

Série 3/70

Nº 37170

A Sociedade Brasileira de Autores Teatrais (SBAT), reconhecida como de utilidade pública federal, pelo decreto n.º 4.092, de 4-8-1920 mandatária de seus associados nacionais e estrangeiros, para todos os fins de direito, autoriza, nos termos do artigo 2.º do decreto n.º 4.790, de 2-1-1924, combinado com os artigos 26 e seu parágrafo único, e 27, do decreto n.º 5.492, de 16-7-1928, art. 46 do decreto n.º 18.527, de 10-12-1928, e artigo 35 do decreto n.º 21.111, de 1-3-1932, Lei n.º 2.415, de 9-2-1955, art. 42, do decreto n.º 20.493, de 24-1-1946, e artigo 1.º do decreto n.º 1.023, de 17-5-1962, a representação da peça teatral: O CAVALINHO AZUL

Original de MARIA CLARA MACHADO

Música de .....

Tradução de .....

No Teatro .....

Cidade .....

Empresa BEMINARIO P. DE TEATRO Pela Cia. ....

nos dias .....

sob condição de pagamento dos respectivos direitos autorais, na base de .....%

..... da renda bruta de cada espetáculo, com a garantia mínima de NCr\$ ..... por espetáculo, obrigando-se a Empresa a fornecer à SBAT uma cópia do "bordereau" de receita, devidamente autenticado, responsabilizando-se pela sua exatidão, bem como pelo integral pagamento dos direitos autorais acima estipulados, em moeda corrente.

Esta autorização obriga a Empresa, implicitamente, a pagar à SBAT a mesma cota porcentual, a título de direitos autorais, sobre as importâncias que receber de qualquer entidade, pública ou privada, Reparições Federais, Estaduais ou Municipais, desde que tais recebimentos a obriguem a conceder ingressos, no todo ou parte da lotação, ou reduzir os preços dos mesmos, a qualquer título.

Da mesma forma obriga-se a Empresa a incluir nos bordereaux de receita, como ingressos vendidos a preços normais, todos os que forem utilizados por sócios cotistas da Empresa ou do próprio teatro, para os efeitos da cobrança do direito autoral.

SÃO LUIS ..... 05 de Agosto ..... de 19 74

Esta via de Autorização não vale como recibo. Deve ser anexada ao programa respectivo e entregue às autoridades competentes. — A quitação do direito autoral respectivo, só poderá ser dada na primeira via do recibo oficial da SBAT.

(pela SBAT)

## Resumo dos textos de Leis invocadas nesta autorização

### Decreto n.º 4.092, de 4 de agosto de 1920:

Art. 1.º — Fica reconhecida como de Utilidade Pública a **Sociedade Brasileira de Autores Teatrais** com sede no Rio de Janeiro.

§ 1.º — É facultado a esta Sociedade representar seus associados:

a) — Perante a Polícia ou em Juízo Civil e Criminal ativa e passivamente, em todos os processos referentes à propriedade literária e artística nos quais esses associados sejam parte,

b) — Perante as Empresas teatrais, para a cobrança das quotas ou percentagens de direitos de autor.

§ 2.º — Para o disposto no § 1.º a Sociedade se reputará mandatária de seus associados, para todos os fins de direito, pelo simples ato de filiação à Sociedade, salvo cláusula expressa em contrário.

§ 4.º — A prova de filiação à **Sociedade Brasileira de Autores Teatrais** ou às suas congêneres estrangeiras poderá ser feita pela relação oficial dos sócios, publicada pela imprensa ou em avulso, ou por certidão em cartório, passada por tabelião público, pela qual se verifique constar da relação o nome do autor teatral.

### Decreto n.º 4.790, de 2 de janeiro de 1924:

Art. 2.º — Nenhuma composição musical, tragédia, drama, comédia, ou qualquer outra produção, seja qual for a sua denominação, poderá ser executada ou representada em teatros ou espetáculos públicos, para os quais se pague entrada, sem autorização, para cada vez, de seu autor, representante ou pessoa legitimamente subrogada nos direitos daquele.

### Decreto n.º 5.492, de 16 de julho de 1928:

Art. 26 — As disposições do art. 2.º e seguintes do Decreto n.º 4.790, de 2-1-1924, aplicam-se a todas as composições musicais e peças de teatro, executadas, representadas ou transmitidas pela radio-telefonía, com intuito de lucro, em reuniões públicas.

§ único — Consideram-se realizadas com intuito de lucro quaisquer audições musicais, representações artísticas ou difusões radio-telefônicas em que os músicos, executantes ou transmitentes tenham retribuição pelo trabalho.

Art. 27 — Os proprietários ou empresários de quaisquer estabelecimentos de diversões públicas, são responsáveis pelos direitos autorais das produções aí realizadas.

### Decreto n.º 18.527, de 10 de dezembro de 1928:

Art. 46 — Ficam obrigados à apresentação de programas os proprietários, empresários, diretores ou quaisquer outros responsáveis pelas representações, exhibições ou irradiações que se realizarem em teatros, cinematógrafos, dancings, cabarés, sociedades radio-telefônicas ou outros quaisquer estabelecimentos de diversões públicas.

### Decreto n.º 21.111, de 1 de março de 1932:

Art. 35, § 1.º — A irradiação de quaisquer assuntos ou trabalhos, já divulgados ou não por outros meios, deverá respeitar os direitos autorais e ser igualmente precedida da indicação dos nomes dos autores.

### Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946:

Art. 42 — Considera-se local de representação, execução, exhibição e irradiação e de outras formas de espetáculo, reuniões e diversões públicas, inclusive competições desportivas, os teatros, os circos, arenas e pistas, parques, salões ou dependências adequadas, assim como quaisquer estabelecimentos onde se reserve espaço para algum daqueles fins e que sejam, de qualquer maneira, frequentados coletivamente, mesmo as que tenham a denominação de sociedades recreativas e desportivas.

### Lei n.º 2.415, de 9 de fevereiro de 1955:

Art. 1.º — A autorga, no território nacional, da licença autoral para a realização de representações, execuções públicas e tele-transmissões, pelo rádio ou televisão, de que tratam os arts. 42 e 43, § 1.º, do Decreto número 18.527, de 10 de dezembro de 1928, e 88 do Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946, compete exclusivamente ao próprio autor ou à Sociedade legalmente constituída para a defesa de direitos autorais, à qual o autor fôr filiado e que o tenha registrado na forma do artigo 105, § 1.º, do Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946.

### Decreto n.º 1.023, de 17 de maio de 1962:

Art. 1.º — Qualquer espetáculo público (representações, execuções, irradiações, funções esportivas, recreativas e beneficentes, etc.) realizado em teatro, cinema, estações de rádio e televisão, circo, parque, cassino, clube, associações recreativas ou esportivas, salões de dependências adequadas, depende de aprovação do respectivo programa, pelo Serviço de Censura de Diversões Públicas (S. C. D. P.) no Distrito Federal, e pela autoridade policial nos Estados e Territórios, seja o espetáculo ou função promovido por pessoa física ou jurídica, ou por entidade de organização comercial ou de organização civil.



Ilmº Sr. Chefe do Serviço de Censura de Diversões Públicas do D.P.F.  
Brasília - D.F.



REYNALDO FARAY COELHO, brasileiro, solteiro, natural do Maranhão, residente à Rua dos Pinheiros, Nº 17 Jardim São Francisco no bairro de São Francisco, carteira de Identidade nº 53.445, funcionário Público Estadual, vem mui respeitosamente solicitar de V. Sia., a censura prévia da peça Teatral infantil denominada: "O CAVALINHO AZUL" Original de Maria Clara Machado. Em anexos 3 (trez) scripts da peça e a autorização da S.B.A.T.

Nestes Termos

Espera Deferimento.

SÃO Luis (Ma) 5 de agosto de 1974.

*Reynaldo Faray Coelho*  
REYNALDO FARAY COELHO

responsável

REYNALDO FARAY COELHO

Rua Nina Rodrigues, Nº 230

São Luis = Ma. = 65.000



## TEATRO

TÍTULO O CAVALINHO AZUL

## 1) S. ARQUIVO

Documentação Em OrdemClas. Anterior LIVREPraça SÃO LUIS - MA

Obs.: \_\_\_\_\_

DF. 8 / 8 / 74

Chefe Seção Arquivo

## 4) SERVIÇO DE CENSURA

## 2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura \_\_\_\_\_

Técnico de Censura \_\_\_\_\_

Técnico de Censura \_\_\_\_\_

Data para Exame de \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_ a \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

DF. \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

Resp. pela Programação

3) S. C. T. C. De acordo com o Pa-  
recer nº 18730/74.

A S.E. para emitir  
os certificados, Livre, em  
cartões, condicionado, toda  
via, ao exame do ensaio  
qual.

A consideração do  
senhor chefe do S.C.

Em 26/8/74  
Manoel Fúido  
chefe de S.C.T.C.

## 5) Diretor da D. C. D. P.

Livre-seEm 28/8/74Manoel Fúido

Manoel Francisco Clotery Guido  
Chefe do Serviço de Censura  
Subst.



PARECER Nº

18130 1.1h

TÍTULO: O CAVALINHO AZUL (Maria Clara Machado)CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: LIVRE

Um garoto humilde, dono de um velho pangaré, apega-se tanto ao cavalo, ao ponto de vê-lo lindo e azul, maravilhoso e ágil. O pai vende o cavalo e dá-lhe uma bola. Inconformado, o garoto sai pelo mundo à procura de seu cavalo, ajudado por uma menina, que o acompanha na viagem. Passam por muitas aventuras, inclusive perseguidos por falsos músicos, na realidade bandidos, interessados em que o cavalo fosse encontrado, pois pensavam tratar-se de um animal raro. Sua intenção era roubá-lo do garoto. Depois de muitas peripécias, o menino reencontra seu cavalinho azul.

Como mensagem, a peça dá ênfase à perseverança. A persistência leva o indivíduo a alcançar o que almeja, mesmo que para isso sofra e leve tempo. A peça já foi liberada diversas vezes pelo DCDP, sob a chancela de LIVRE. Procedendo ao confronto dos textos apresentados, verifiquei serem iguais. Desta forma, opino também pela liberação sem impropriedade.

Brasília, 22.08.74

MAR Resende

Maria Angélica Ribeiro de Resende

280874

82  
W

670/74-SCTC/SC/DCDP

Diretor do Departamento de Polícia Federal no Maranhão

"O CAVALINHO AZUL"

Maria Clara Machado

Diretor:

São Luis-MA

MFCC/rs



BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.

: O CAVALINHO AZUL

: MARIA CLARA MACHADO

: SEMINÁRIO PERMANENTE DE TEATRO - MA -

REYNALDO F. COELHO

22

AGOSTO

74

L I V R E.....

CONDICIONADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL. O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO "SCRIPT" DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DI-VISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS.

27

AGOSTO

74

Manoel F. Guido

MANOEL FRANCISCO GUIDO - SUBSTITUTO.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0248, p.104

JUZA CHILAVAS O :

MARIA CLARA MACHADO :

812/74

- AM - SEMINÁRIO PERMANENTE DE TEATRO - MA -

: O CAVALINHO AZUL

REYNALDO F. COELHO

AV

AGOSTO

22

MARIA CLARA MACHADO

CONDICIONADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL. O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TE-  
RÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO "SCRIPT" DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DI-  
REÇÃO DE CENSURA DE TEATROS DO ESTADO DE SÃO PAULO. 27 AGOSTO 74

LIVRE

27

AGOSTO

74

ROBERTO MUNES



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA  
**DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL**  
SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL EM M. G. - B. H.

MJ - DPF - SPA / BSB

21 NOV 1111 071707

SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

Of. Nº: 3163/74/GAB/SCDP/SR/MG

B.H., 15.11.1974.

FICHADO  
S. A. DCDP

De ordem  
ao arquivo  
em 22/11/74

SENHOR DIRETOR :

Ruth Nogales  
Chefe do SA/DCDP

A FIM DE SER EXAMINADO POR PARTE DES  
SA DIVISÃO , SEGUE , EM ANEXO , TRÊS VIAS DO TEXTO " O CAVA  
LINHO AZUL " DE MARIA CLARA MACHADO , QUE SERÁ ENCENADA NO  
TEATRO MARÍLIA , DESTA CAPITAL POR ALUNOS DO TEATRO ESCOLA  
DA CRUZ VERMELHA BRASILEIRA .

ATENCIOSAMENTE ,

AMANDO AMARAL - CEL. R/I  
SUPERINTENDENTE REGIONAL DO DPF/MG

ILMº. SR.

DR. ROGÉRIO NUNES

DD.DIRETOR DA DCDP

BRASÍLIA/D.F.



Belo Horizonte, 14 de novembro de 1974

ILMO. SR.  
DIRETOR DA CENSURA FEDERAL

O TEATRO ESCOLA DA CRUZ VERMELHA BRASILEIRA -  
filial de Minas Gerais - vem, muito respeitosamente, solici-  
tar-lhe seja autorizada a liberação da peça infantil de Ma-  
ria Clara Machado "Cavalinho Azul", a ser levada no Teatro  
Marília, nesta Capital, dia 15 de dezembro de 1974.

Nestes termos pede e espera

Deferimento

Hélvia Vorcaro

Hélvia Vorcaro

Secretária



# Sociedade Brasileira de Autores Teatrais

Fundada em 27 de Setembro de 1917 — Reconhecida como de Utilidade Pública Federal pelo Dec. 4.092, de 4-8-1920

Filiada à Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores

Sede: Av. Almirante Barroso, 97 - 3º andar — End. Teleg. SBAT-RIO  
Rio de Janeiro — Brasil.

Belo Horizonte,

~~Rio de Janeiro~~, 14 de Novembro

de 19 74

Sr. Diretor da Divisão

~~CHEFE DO SERVIÇO~~ DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS DO D. P. F.

Brasília, D. F.

Saudações

Com a presente, temos a honra de encaminhar a V. S.,  
para fins de CENSURA (três) cópias da peça: "O CAVALINHO  
AZUL" (infantil).....  
DE: Maria Clara Machado.....  
próxima apresentação da Teatro Escola da Cruz Vermelha  
Brasileira..... no Teatro MARÍLIA.....  
com estréia marcada para o dia 15 de dezembro de 1974.

Sem outro assunto, subscrevêmo-nos, com a maior  
consideração,

SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS  
SUCURSAL DE MINAS GERAIS  
Djalma Bittencourt  
GROVER FERREIRA DIRETOR

## TEATRO

TÍTULO O Cavalinho Azul

## 1) S. ARQUIVO

Documentação em ordemClas. Anterior LivrePraça Belo Horizonte - MG

Obs.: \_\_\_\_\_

DF. 25 / 11 / 74

Chefe Seção Arquivo

## 4) SERVIÇO DE CENSURA

## 2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura \_\_\_\_\_

Técnico de Censura \_\_\_\_\_

Técnico de Censura \_\_\_\_\_

Data para Exame de \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_ a \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

DF. \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

Resp. pela Programação

## 3) S. C. T. C.

De acordo com o parecer nº 22.218/74.A SE para emitir certificado com classificação estaria livre, sem cortes, todavia, condicionada ao exame do ensaio geral.2) - À consideração do Sr. Chefe do SC. Em 24/12/74Manoel Francisco Claverly Guido  
Chefe da Seção de Censura de  
Teatro e Congêneres/SC

## 5) Diretor da D. C. D. P.

LIBERE-SE  
na forma do parecerEm, 05 / 12 / 74Manoel Francisco Claverly Guido  
Chefe do Serviço de Censura  
Subst.



PARECER Nº 22318 , 74TÍTULO: "O CAVALINHO AZUL" (confronto)Maria Clara MachadoCLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: LIVRE

A peça "O Cavalelino Azul" de Maria Clara Machado, por mim examinada, não difere, em seu contexto, daquela anteriormente censurada. Por esta razão, sugiro que a mesma seja considerada LIVRE, ao ser liberada.

Brasília-DF, 03 de dezembro de 1974.

  
Arésio Teixeira Peixoto

89  
M

051274

1.008/74-SCTG/SG/DCDP

Superintendente Regional do DPF em Minas Gerais

" O CAVALINHO AZUL "

Maria Clara Machado

Superintendente:

Belo Horizonte-MG

MFCG/rs

90  
11

CAVALINHO AZUL

MARIA CLARA MACHADO

812/74

TEATRO ESCOLA DA CURS VERMELHA BRASILEIRA

CAVALINHO AZUL

HELVIA VORCARD

DEZEMBRO 04

LIVRE. CONDICIONADO AO EXAME DO ENSAIO CENAL. O PRE  
MARIO CLARA MACHADO

SENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO "SCRIPT"  
DEVIDAMENTE CARIMBADO PELO DCR.

04 DEZEMBRO 79

04 DEZEMBRO 74

LIVRE

*[Handwritten signatures and stamps]*  
ROGERIO NUNES



CAVALINHO AZUL

MARIA CLARA MACHADO

TEATRO ESCOLA DA CURZ VERMELHA BRASILEIRA - MG

HÉLVIA VORCARO

04 DEZEMBRO

74

LIVRE. CONDICIONADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL. O PRE  
SENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO "SCRIPT"  
DEVIDAMENTE CARIMBADO PELO DCDP.

04

DEZEMBRO

74

MANOEL FRANCISCO C. GUIDO - SUBST.

DLC

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

DIVISÃO DE TELECOMUNICAÇÕES

RADIOGRAMA RECEBIDO

RECEBI NO DIA 06/12/74

AS 9:00 HRS.

Assinatura

Legível

CONTROLE

Nº

07/935



DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

DIVISÃO DE TELECOMUNICAÇÕES

RADIOGRAMA RECEBIDO

44733

DIVISÃO DE TELECOMUNICAÇÕES

SEOP - CMG

05 DEZ 1974 1830

INDICAÇÕES

PREÂMBULO:

BHORIZONTE MG 2206 26 5/12 1700

DE SERVIÇO

RECEPÇÃO:

C 560 JC ML 05 1755

RECEBIDO EM

AS

ENCAMINHADO A:

DCDP

EM

AS

RUBRICA:

u

END.

DIR

DCDP

FICHA D

9. A. DCDP

B S B

T E X T O E A S S I N T U R A

12206/74 GAB SCDP SR MG 05 12 74 PT

AFIM ATENDER PARTE INTERESSADA

VG HELVIA VOLCARO VG SOLICITO INFO SITUAÇÃO PEÇA "CAVALINHO AZUL" DE MA

RIA CLARA MACHADO PT SDS

SR MG

De ordem.

A SCTC para informar.

Em, 06/12/74

Sr. Diretor.

Informo a V.Sa. que o certificado da peça "CAVALINHO AZUL", que recebeu o nº 812/74, foi encaminhado a SR/MG em 05/12/74, pelo ofício nº 1008/74

Manoel Furtado

ao anexo  
verificar  
06/12/74

# RADIOGRAMA

Nome e cargo do expedidor fechando o texto. Escrever separando as linhas com 2 espaços

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0248, p.114



## MINISTÉRIO DA JUSTIÇA DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

PARA USO DA ESTAÇÃO

Nº

97  
K

PRÉAMBULO

Espécie: OFICIAL

Número.....

Data:.....

Origem.....

Palavras.....

Hora:.....

ENDERÊÇO

SR/MC

POSIÇÃO:

QUITAÇÃO

HRS:

OPR:

TEXTO A TRANSMITIR

Nº 600/DCDP de 09 \_ 12 \_ 74 \_ RERA NR 2206/SCDP INFO CERTIFS PEÇA "CA-  
VALINHO AZUL" ENVIADOS OF NR 1008/74 DIA 05/12/74 PT DIR DCDP

DPF-SAY.84

Assinatura ou rubrica do expedidor.....





MJ - DPF - SRA / BSB

12 DEZ 1127 076515

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA  
**DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL**  
SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL EM M. G. - B. H.

SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

FICHA DO  
S. A. DCDB

OF. Nº 3392/74/GAB/SCDP/DPF/SR/MG

B. HTE, 11.12.74

SENHOR DIRETOR:

CUMPRINDO AS DETERMINAÇÕES CONTIDAS NO MEMORANDUM Nº 1.008/74-SCTC/SC/DCDP, DATADO DE 04 DE DEZEMBRO DO CORRENTE, ESTAMOS, PELO PRESENTE, REMETENDO O RELATÓRIO DO FISCAL DE CENSURA QUE ASSISTIU AO ENSAIO-GERAL DA PEÇA TEATRAL "O CAVALINHO AZUL" DE AUTORIA DE MARIA CLARA MACHADO, COM CENSURA LIVRE, ENCENADA NO TEATRO MARÍLIA, DESTA CAPITAL, NO DIA 09 DE DEZEMBRO DO CORRENTE.

Aproveito a oportunidade para renovar a V.Sa. nossos protestos de elevada estima e distinta consideração.

AMANDO AMARAL - CEL. R/1  
SUPERINTENDENTE REGIONAL DO DPF/MG

ILMO. SR.  
DIRETOR DA DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS  
BRÁSILIA - DISTRITO FEDERAL

De ordem  
Ao Arquivo.  
Em, 12.12.74  
Ass. G. P. M.



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA  
**DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL**  
SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL EM M. G. - B. H.

SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

ASSUNTO: ENSAIO-GERAL DA PEÇA TEATRAL "O CAVALINHO AZUL".  
CERTIFICADO DE CENSURA Nº 812/74 DE 04 DE DEZEMBRO DE 1.974.

SENHOR CHEFE DO SCDP:

EM ATENÇÃO AO MEMORANDUM Nº 1.008/74-SCTC/SC/DCDP, DATADO DE 04 DE DEZEMBRO DE 1.974 E CUMPRINDO DETERMINAÇÃO DE V.SA., DESLOQUEI-ME, NO DIA 09 DE DEZEMBRO DO CORRENTE, ATÉ AO TEATRO MARÍLIA, SITO NESTA CIDADE, COM A FINALIDADE DE ASSISTIR O ENSAIO-GERAL DA PEÇA TEATRAL INTITULADA "O CAVALINHO AZUL", AUTORIA DE MARIA CLARA MACHADO, COM CENSURA LIVRE.

APESAR DE SE TRATAR DE AMADORES, OS INTERPRETES SOUBERAM REPRESENTAR COM SERIEDADE E BRILHANTISMO A PEÇA A ELES CONFIADA, PROCURANDO TRANSMITIR, PRINCIPALMENTE, AO PÚBLICO INFANTIL O QUANTO UM ANIMAL DE ESTIMAÇÃO PODE REPRESENTAR DE VALIOSO NA VIDA DE UMA CRIANÇA.

É O QUE ME CUMPRE RELATAR A V.SA., PARA OS FINS E EFEITOS DEVIDOS.

BELO HORIZONTE, 10 DE DEZ. 1974

*Moacir de Paula Liberato*

BEL. MOACIR DE PAULA LIBERATO  
FISCAL DE CENSURA

À

CONSIDERAÇÃO DO SR. SUP. REGIONAL

EM 10.12.74

*Lacy de Medeiros Murici*

LACY DE MEDEIROS MURICI  
CHEFE DO SCDP EM EXERCÍCIO.



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

~~DIVISÃO DE POLÍCIA FEDERAL NO ESTADO DE ALAGOAS~~  
SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL DO DPF EM ALAGOAS



Maceió, AL.  
Em 19 de maio de 1976

OF. N.º 048/76-SCDP/SR/DPF/AL

Do Superintendente Regional do DPF em Alagoas

Ao Senhor Diretor da Divisão de Censura de Diversões Públicas do DPF/BSA

Assunto: Encaminhamento (faz)

MJ-DPF-SRA/BSB

24 MAI 15 16 020965

SRA/FICHA DO

RESERVADO PARA

*Handwritten signature*  
MACHADO  
S. A. DCDP

Senhor Diretor:

Anexo ao presente, encaminho a V. S<sup>a</sup>. o requerimento do senhor Helio Paranhos Jambo, juntamente com os SCRIPTS em três (3) vias, da peça teatral "O CAVALINHO AZUL", de autoria de Maria Clara Machado.

Aproveito a oportunidade para renovar a V. S<sup>a</sup>. os meus protestos de elevada estima e distinta consideração.

*Handwritten signature*  
DR. REDIVADO OLIVEIRA ACIOLY  
SUPERINTENDENTE REGIONAL DO DPF EM ALAGOAS.



**GRUPO  
TEATRAL****"Educação e Cultura"**

a arte a serviço da educação da criança

|                    |
|--------------------|
| SR - J. F. - AL    |
| PROTOCOLADO : 3101 |
| DATA 19/05/1976    |

96  
d

Ilmo. Snr. Superintendente Regional do DPF em Alagoas.

150  
19/5/76  
F. F. F.

Helio Paranhos Jambo, diretor do Grupo Teatral Educação e Cultura, GTEC, situado a rua Conselheiro Lourenço de Albuquerque 75, / centro, nesta cidade, vem mui respeitosamente solicitar a V.Sa. que se digno mande encaminhar a peça teatral "O Cavalinho Azul", autoria de Maria Clara Machado a Divisão de Censura de Diversões Públicas do DPF, para que seja feita a censura prévia da mesma.

Nestes termos

Pede deferimento

Maceió, 17 de maio de 1976

Helio Paranhos Jambo  
Presidente

Anexo: Requerimento à Divisão de Censura e seus anexos.

GRUPO  
TEATRAL

"Educação e Cultura"

A arte a serviço da educação da criança

af  
M

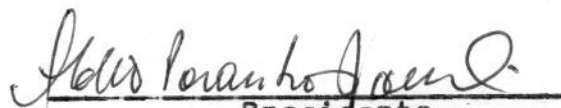
Ilmo. Snr. Diretor da Divisão de Censura de Diversões Públicas.

Helio Paranhos Jambo, Diretor do Grupo Teatral Educação e Cultura, GTEC, situado a rua Conselheiro Lourenço de Albuquerque 75, centro, nesta cidade, vem mui respeitosamente solicitar à V. Sa. que se digne mandar fazer a censura prévia da peça teatral "O Cavalinho Azul", autoria de Maria Clara Machado para que seja apresentada no Teatro Deodoro.

Nestes termos

Pede deferimento

Maceió, 17 de maio de 1976.

  
Presidente

Anexos: 3 exemplares mimeografados da peça em lide;

1 declaração da Sociedade de Autores Teatrais.



# *Sociedade Brasileira de Autores Teatrais*

Fundada em 27 de Setembro de 1917 — Reconhecida como de Utilidade Pública Federal pelo Dec. 4.092, de 4-8-1920

Filiada à Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores

Sede: Av. Almirante Barroso, 97 - 3º andar — End. Teleg. SBAT-RIO

Rio de Janeiro — Brasil.

98  
M

## DECLARAÇÃO

Declaramos , a quem interessar possa , que a autora  
da peça " O Cavalezinho Azul " , Maria Clara Machado , é /  
filiada da Sociedade Brasileira de Autores Teatrais /  
( SBAT ) .

Maceió , 17 de Maio de 1976

BRAULIO LEITE JÚNIOR

Representante SBAT/ ALAGOAS



## TEATRO

TÍTULO O CAVALINHO AZUL

1) S.C.T.C.

Clas. Anterior LIBRE -Praça MACAIO - AL

Obs.:

DF. 1 07 06 1976

Resp. pela elaboração do Processo

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura

Técnico de Censura

Data prazo Exame de \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_ a \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_

DF. \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_

Resp. pela Programação

3) CHEFE DA S.C.T.C.

A S. E., para se emitirem dois certificados, com a classificação: impróprio para menores de LIBRE, sem cortes e com os dados constantes do requerimento de Censura condicionada ao exame do ensaio geral. Obs.:

Brasília-DF, 24 de Junho de 1976Maria Antônia R. Gama

Ch. SCTC-SC/DCDP

Brasília-DF

de

de 1.97

4) SERVIÇO DE CENSURA

Em \_\_\_\_ de \_\_\_\_ de 1.97

5) DIRETOR DA D.C.D.P.

LIBERE-SE - libre  
na forma do parecer, processo anterior

Em, 28 / 06 / 1976

Arésio Teixeira Pereira  
Chefe do Serviço de Censura - DCDP  
SUBSTITUTO

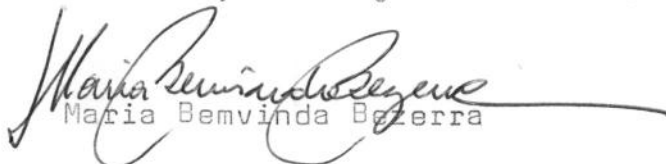
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL  
DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS100  
MPARECER Nº 3638 176TÍTULO: " O CAVALHINHO AZUL "CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: LIVRE

ESPÉCIE: Peça teatral - AUTORA: Maria Chaves Machado

Procedendo ao confronto do supra citado texto constatei perfeita identidade com os originais que se acham ~~xxxxxxx~~ no arquivo da DCDP do DPF.

Por não conter no "script" qualquer implicação e ser capaz de entreter o público mirim, sugiro a mesma liberação constante em certificados anteriormente concedidos, ou seja, livre de restrição etária.

Brasília, 21 de junho de 1976.

  
Maria Bemvinda Bezerra

497/76-SCTC/SC/DCDP

20/6/76

Superintendente Regional do DPF em Alagoas-SR/AL

"O CAVALINHO AZUL"

M<sup>a</sup> Clara Machado

Superintendente:

Maceió-AL



BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0248, p. 124

JULIA CAVALINHO AZUL

MARIA CLARA MACHADO

012/76

STEC - 81

: O CAVALINHO AZUL

JUNHO

24

LIVRE. CONDICIONADO AO EXAME DO CARRÃO GERAL. O PRE-

SENTE CERTIFICADO BOMENTE YERÁ VALIDADE QUANDO RECONHECIDO DO "RECEI" DE

: MARIA CLARA MACHADO

EDADANTE CARRINHO DELO CARR.

24 JUNHO

81

24 JUNHO

76

LIVRE

Comissao de R.C. Fagundes  
CORIOLANO DE LOIOLA C. FAGUNDES

107  
M

: O CAVALINHO AZUL

: MARIA CLARA MACHADO

GTEC - AL

24 JUNHO

76

LIVRE. CONDICIONADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL. O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO "SCRIPT" DE VIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.

24 JUNHO

76

*Aréio T. Peixoto*  
ARÉIO T. PEIXOTO

mhf

(805)

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0248, p.126

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL  
DIVISÃO DE TELECOMUNICAÇÕES  
RADIOGRAMA RECEBIDO

RECEBI NO DIA 13, 8, 76  
AS \_\_\_\_\_ HRS. *M. M. M.*  
Assinatura Legível

CONTROLE

Nº



DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL  
DIVISÃO DE TELECOMUNICAÇÕES  
RADIOGRAMA RECEBIDO

23. 741

DIVISÃO DE TELECOMUNICAÇÕES  
SEOP - CMG

INDICAÇÕES

PREÂMBULO: MACEIOH-AL NR 607 40 13/09 1035P

DE SERVIÇO

RECEPÇÃO: C579 JX-VS 131147

RECEBIDO EM 13 SET 1976 AS 1200

ENCAMINHADO A: *DCDP*

EM \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_ AS \_\_\_\_

RUBRICA: *[Signature]*

END.

DCDP/DPF/BSA

TEXTOS ASSINATURA

NR 019/76/SCDP DE 130976 PT INFO ASSISTIDO ENSAIO GERAL PEÇA TEATRAL  
"O CAVALINHO AZUL" AUTORIA MARIA CLARA MACHADO VG CTC 812/76 VG ENTRE-  
QUE DOC INTERESSADO VG CLASF ESTA ACD DCDP PT

SR/AL

RICHADO  
S. A. DCDP

*Quarta 4 ao prop  
13/9/76  
[Signature]*



FICHADO  
S. A. DCDP

J-PPF-SRA/BSB

27 OUT 1359 032029

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
MJ/DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL  
SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL DE S. PAULO  
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

OF.

Nº 7.127/77-SCDP/SR/SP

Em, 25 de outubro de 1977.

*Arquivado  
10/10/77  
K. 21/10/77*

Senhor Diretor

Em cumprimento ao que determina a Portaria nº 042/75-DCDP, estamos remetendo a V.S., uma via do texto das peças teatrais "O CAVALINHO AZUL" original de M. Clara Machado; "NÃO VOU MAIS BRINCAR DE CABRA CEGA" original de Vicente Galvão Parizi; "A ILHA DO ARCO IRIS" original de Ione Prado; "ONDE CANTA O SABIÁ" original de Gastão Tojeiro; "O CORONEL DOS CORONEIS" original de Maurício Segall; "UMA CONSULTA" original de Arthur Azevedo; "OS INIMIGOS NÃO MANDAM FLORES" original de Pedro Bloch; "LUZIA" ou "O AMOR DE LUZIA" e outros títulos, original de Carlos Mecen; "A GUERRA MAIS OU MENOS SANTA" original de Mário Brasini; "O ENVANGELHO SEGUNDO ZEBEDEU" original de César Vieira e "O GALINHEIRO" original de Darcy José Pedroso.

Outrossim, informamos que os demais itens da referida Portaria serão cumpridos por este SCDP, para posterior remessa a DCDP.

Na oportunidade, renovamos a V.S., protestos de estima e consideração.

*João Vieira Madeira*  
JOSE VIEIRA MADEIRA  
CHEFE DO SCDP/SR/SP

Ao Ilmo. Sr.

DR. ROGÉRIO NUNES

DD. Diretor da Divisão de Censura de Diversões Públicas  
BRASILIA/DF



# Sociedade Brasileira de Autores Teatrais

Fundada em 27 de Setembro de 1917 — Reconhecida como de Utilidade Pública Federal pelo Dec. 4.092, de 4-8-1920  
 Filial da Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores  
 Sede: Av. Almirante Barroso, 97 - 3º andar — End. Teleg. SBAT-RIO  
 Rio de Janeiro — Brasil

São Paulo

20 de Outubro

de 19 77

Ilmo. Sr.

Diretor do Departamento de Censura Federal

(Departamento de Polícia Federal)

Brasília DF

MI-DPF

SR/SP

20 OUT 1450Z

39296

Saudações atenciosas:

Com a presente, temos a satisfação de encaminhar a V. Sa.  
 para fins de CENSURA, três cópias da peça  
 "O CAVALINHO AZUL"

Original de MARIA CLARA MACHADO

Tradução de

Próxima apresentação de PAM -PROGRAMAÇÕES ARTISTICAS

Teatro DO SESC

Cidade CAMPINAS

Estado SÃO PAULO

A estréia está prevista para 7 DE NOVEMBRO DE 1977.

Sem outro assunto, subscrevemo-nos com a devida con-  
 sideração.

De acordo c/ a Pont  
 n: 42175:

Permitir em texto  
 a DDP;

2/ Designar TC para o  
 exame no SRP/SP  
 em 24/10/77

Assinatura  
 do SRP/SP



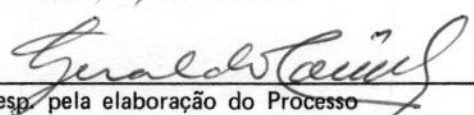
## TEATRO

106  
ATÍTULO 0 CAVALINHO AZUL

MA CLARA MACHADO

1) ~~S.C.T.C.~~ ARQUIVOClas. Anterior LIVREPraça São PAULO - SP

Obs.: \_\_\_\_\_

DF. 03/11/77
  
 Resp. pela elaboração do Processo

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura \_\_\_\_\_

Técnico de Censura \_\_\_\_\_

Data prazo Exame de \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_ a \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

DF. \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

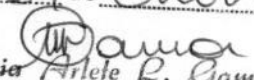
 \_\_\_\_\_  
 Resp. pela Programação

4) SERVIÇO DE CENSURA

Em \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 1.97

3) CHEFE DA S.C.T.C.

A S. E., para se emitirem dois certificados,  
 com a classificação: ~~impróprio para menores~~  
 de livre, sem cortes e  
 com os dados constantes do requerimento de  
clug, condicionada ao exame  
 do ensaio geral. Obs.: \_\_\_\_\_

Brasília-DF, 24 de nov de 1977
  
 Maria Arlete R. Gama  
 Ch. SCTC-SC/DCDP

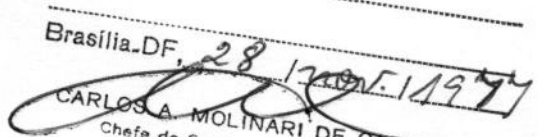
Brasília - DF

de

de 1.97

5) DIRETOR DA D.C.D.P.

 LIBERE-SE DE CONFORMIDADE  
 COM O PROCESSO ANTERIOR  
 Classificação: livre

 Brasília-DF, 28/11/77  
  
 CARLOS A. MOLINARI DE CARVALHO  
 Chefe do Serviço de Censura - DCDP



107  
p1PARECER Nº 5022 / 77TÍTULO: O CAVALINHO AZUL - De Maria Clara MachadoCLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: L I V R E

Feita a comparação entre os textos foi verificada total identificação nos mesmos, o que justifica a manutenção do critério anterior.

Brasília, 23 de novembro de 1977

Hilé Prudente Carvalhêdo

- JUSA CHUVAZAO 0 -

- MARIA CLARA MACHADO -

812/77

: O CAVALINHO AZUL :

: MARIA CLARA MACHADO :

27 AGOSTO 79

25 NOVEMBRO 77

LIVRE

CARLOS A. MOLINARI DE CARVALHO

SUBSTITUTO

- O CAVALINHO AZUL -

- MARIA CLARA MACHADO -

S P.

24

NOVEMBRO

77

L I V R E. CONDICIONADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL.

O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO SEU  
"SCRIPT" DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.

25

NOVEMBRO

77

FMFN/

ARELIO T. PEIXOTO  
SUBSTITUTO



108  
21

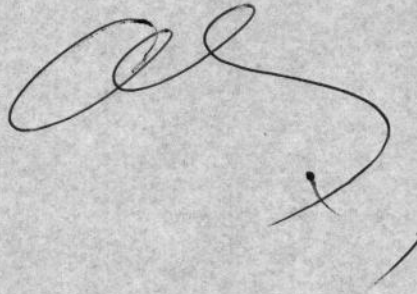
1966/77

BSB, 23/11/77

em São Paulo

7127/77-SCDP/SR/SP

"O CAVALINHO AZUL" de Maria Clara Machado.

A large, stylized handwritten signature in dark ink, located at the bottom center of the page. The signature is fluid and cursive, with a long horizontal stroke extending to the right.



MJ-DPF-SRA/BSB

MACHADO  
A. A. DCDP

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
MJ - DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL  
Superintendência Regional em Santa Catarina

144678 009158

Of. nº 477/SCDP

Florianópolis, 05 de abril de 1978.

*Arquivo  
verif. e prom.  
10478*

Senhor Diretor:

Com o presente, encaminhamos a V.Sª. 03 vias do Script da Peça Teatral "O CAVALINHO AZUL", de autoria de Maria Clara Machado, juntamente com ofício solicitando a liberação da referida peça.

Atenciosamente,

NEI DE OLIVEIRA

Chefe da SCDP/SR/SC

Ilmo. Sr. D

Dr. Rogério Nunes

DD. Diretor da DCDP/DPF

Brasília - DF

Blumenau, 28 de março de 1978

110  
M

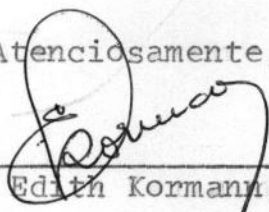
Ilmo. Sr.

Diretor do Serviço de Censura de Diversões Públicas  
Departamento de Polícia Federal  
Brasília-DF

Senhor Diretor,

O presente tem a finalidade de solicitar a V.S. o obséquio de mandar censurar e liberar a peça "O CAVALINHO AZUL" de autoria de Maria Clara Machado, que os alunos do curso de Educação Artística pretendem encenar e estreiar, se possível, na segunda quinzena de maio do corrente ano.

Atenciosamente,



Edith Kormann, profa. de Teatro da FURB



TÍTULO 0 CAVALINHO AZUL

1) ARQUIVO

Clas. Anterior LIVRE

Praça FLORIANÓPOLIS - SC

Obs.: \_\_\_\_\_

DF. 13, 04, 78

[Assinatura]  
Resp. pela elaboração do Processo

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura \_\_\_\_\_

Técnico de Censura \_\_\_\_\_

Data prazo Exame de \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_ a \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

DF. \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

\_\_\_\_\_  
Resp. pela Programação

4) SERVIÇO DE CENSURA

Em \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 1.97

3) CHEFE DA S.C.T.C.

A S. E., para se emitirem dois certificados,  
com a classificação: impróprio para menores  
de LIVRE, sem cortes e  
com os dados constantes do requerimento de  
Censura, condicionada ao exame  
de ensaio geral. Obs.: \_\_\_\_\_

Brasília-DF, 17 de abril de 1978

Brasília-DF

de

de 1.97

[Assinatura]  
Maria R. Gama  
Ch. S.C.T.C./DCDP

5) DIRETOR DA D.C.D.P.

LIBERE-SE DE CONFORMIDADE  
COM O PROCESSO ANTERIOR  
Classificação: Livre, sem

cortes.  
Brasília-DF, 18 abril 1978.

[Assinatura]  
CARLOS A. MOLINARI DE CARVALHO  
Chefe do Serviço de Censura - DCDP

PARECER Nº 1300 / 78TÍTULO: "O CAVALINHO AZUL" - Maria Clara MachadoCLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: LIVRE

Procedendo o confronto dos textos da peça infantil  
acima referida, constatei perfeita identidade dos mesmos,  
razão pela qual, sugiro a liberação sem restrições etá -  
rias.

Brasília-DF, 14 de abril de 1978.

  
Cleusa Maria Ferreira Barros.

113  
el

545/78-SCTC/SC/DCDP

17/04

8

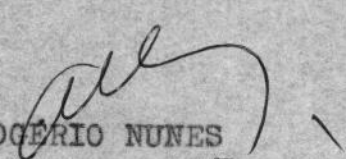
Superintendente Regional do DPF em Santa Catarina

"O CAVALINHO AZUL"

Maria Clara Machado

Superintendente:

FLORIANÓPOLIS-SC

  
ROGÉRIO NUNES



114  
a

1024 OHNIAVAD 0 :

004024 ABRAO 11242 :

812/78

0 CAVALINHO AZUL

0000 - 00

00000000000000000000

00000000000000000000

ABRIL

17

LIVRE. CONDICIONADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL, O PRESENTE

CERTIFICADO SOFRENTE TEM VALIDADE SOMENTE PARA O ACREDITADO DE "SCRIPT" DESIGNADO

27

AGOSTO

79

18

ABRIL

78

LIVRE

*República*

00000000000000000000

10

114

41/10  
: O CAVALINHO AZUL

: MARIA CLARA MACHADO

FURB - SC

EDITH KORMANN

17

ABRIL

78

LIVRE. CONDICIONADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL. O PRESENTE  
CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO "SCRIPT" DEVIDAMEN  
TE CARIMBADO PELA DCDP.

18

ABRIL

78

CARLOS A. MOLINARI DE CARVALHO

FICHADO  
S.A. DCDP

MJ-DEF-SRA/BSB

29 JUN 1130 017249

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

OF: Nº 071/78-SCDP/SR/RS

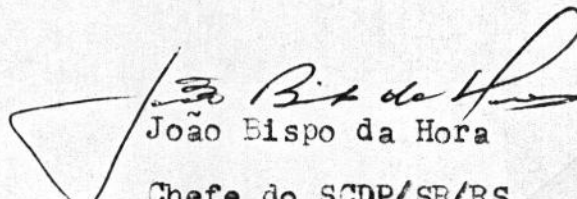
Porto Alegre, 28 de junho de 1978

Senhor Diretor:

*Arquivado  
vindo 29/6/78*

Em anexo, estamos encaminhando a V.Sa., para exame nessa DCDP, os scripts de 7 (sete) peças teatrais, com os respectivos requerimentos, as quais serão encenadas durante o III FEMITE (Festival Missioneiro de Teatro Estudantil), a realizar-se de 28 de agosto a 1º de setembro do corrente ano, na cidade de Santo Ângelo/RS.

Na oportunidade, reiteramos a V.Sa. os nossos protestos de consideração e apreço.

  
João Bispo da Hora

Chefe do SCDP/SR/RS

A Sua Senhoria o Senhor  
Diretor da DCDP  
BRASÍLIA - DF



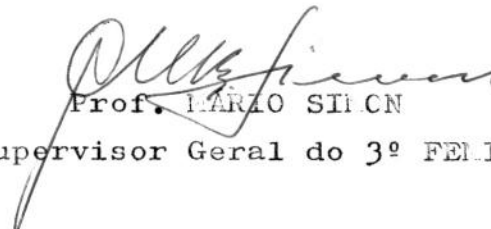
ILMO. SR.

DIRETOR DA DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS  
DEPARTAMENTO DA POLÍCIA FEDERAL  
BRASÍLIA DF

MÁRIO SIMON, brasileiro, casado, professor, residente e domiciliado em Santo Ângelo - RS, exercendo suas funções na Secretaria Municipal de Turismo e Esportes da Prefeitura Municipal desta mesma cidade, pela designação do cargo de Supervisor Geral do 3º FESTIVAL MISSIONEIRO DE TEATRO ESTUDANTIL, vem, mui respeitosamente solicitar a V. Sa. que se digne examinar e liberar a peça ... O CAVALINHO AZUL ..... de autoria de ... Maria Clara Machado ....., em 1.e.9.cenas atos, do gênero ..... Infantil ..... e com as seguintes particularidades Será apresentada no... Festival pelo G.T. da Escola Catarina Lépori. - Santo Ângelo-RS

Nestes termos,  
pede deferimento.

Santo Ângelo, 10 de junho de 1978.

  
Prof. MARIO SIMON  
Supervisor Geral do 3º FELITE

OBS. : O 3º FESTIVAL MISSIONEIRO DE TEATRO ESTUDANTIL está marcado para 28, 29, 30, 31/agosto e 1º/setembro de 1978. A peça acima deverá se apresentar no Festival.

## TEATRO

TÍTULO

O CAVALINHO AZUL

157

1) S. C. T. C.

Clas. Anterior

Praça

Obs.:

DF.

30, 06, 78,

Resp. pela elaboração do Processo

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura

Técnico de Censura

Data prazo Exame de / / a / /

DF. / /

Resp. pela Programação

3) CHEFE DA S.C.T.C.

A S. E., para se emitirem dois certificados, com a classificação: impróprio para menores de livre, sem cortes e com os dados constantes do requerimento de cens., condicionada ao exame do ensaio geral. Obs.:

Brasília-DF, 02 de agosto de 1978

Maria Antônia L. Gama  
Ch. SCTC-SC/DCDP

Brasília-DF

de

de 1.97

4) SERVIÇO DE CENSURA

Em

de

de 1.97

5) DIRETOR DA D.C.D.P.

LIBERE-SE DE CONFORMIDADE  
COM O PROCESSO ANTERIOR

Classificação:

Brasília-DF,

CARLOS A. MOLINARI DE CARVALHO  
Chefe do Serviço de Censura - DCDP



PARECER Nº 2632 / 78

TÍTULO: "O CAVALINHO AZUL", peça infantil de Maria Glara Machado.

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: L I V R E, sem corte.

Pela identidade dos textos e considerando que o certificado nº 812/78 DCDP, está em vigor até o dia 27/08/79, opino pela manutenção da classificação, ou seja, LIVRE.

Brasília, 07 de agosto de 1978.

  
L. Fernando

Técnico de Censura



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

1145  
h

1145/78- SCTG/SC/DCDP

BSB/

07/8

78

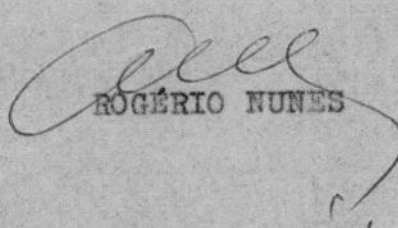
Superintendente Regional do DPF no Rio Grande do Sul

" O CAVALINHO AZUL "

" MARIA CLARA MACHADO "

Superintendente:

em SANTO ÂNGELO/RS

  
ROGÉRIO NUNES

812/78

: O CAVALINHO AZUL.

MARIA CLARA MACHADO

27

AGOSTO

79

09

AGOSTO

78

LIVRE

ROGERIO NUNES

120  
fl

O CAVALINHO AZUL

MARIA CLARA MACHADO

G.T. DA ESCOLA CATARINA LÉPORI - RS

PROF. MÁRIO SIMON

08 AGOSTO

78

LIVRE. CONDICIONADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL. O PRESENTE  
CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO "SCRIPT" DEVIDEN  
TE CARIMB DO PELA DCDP.

09

AGOSTO

78

CARLOS A. MOLINARI DE CARVALH





MJ-DPF-SRA/BSB

Em 9/5/79 N.º 13363

RECEBIDO POR:

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

SRA/FICHADO



Ofício nº 192/79 - SCDP/SR/RJ

Em, 8 de maio de 1979

Do Chefe do Serviço de Censura de Diversões Públicas/RJ

Ao Sr. Diretor da Divisão de Censura de Diversões Públicas

Assunto : Encaminhamento (faz)

FICHADO  
S.A. DCDF

*De ordem  
ao Arquivo  
em 10/9/79  
mmh*

Senhor Diretor:

Encaminho a V. Sa. um texto, pareceres e o ensaio geral da peça "O CAVALINHO AZUL", de Maria Clara Machado, liberada sem restrição etária.

Para efeito de certificado definitivo, esclareço que o exame da peça foi requerido por João Sérgio Maranhão Nunes.

Na oportunidade, renovo a V. Sa. protestos de consideração e apreço.

*Joel Carlos Tavares de Almeida*  
JOEL CARLOS TAVARES DE ALMEIDA  
Chefe do SCDP/SR/RJ

- em exercício -



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

Exame comparativo  
Título-"Ocavalinho Azul"  
De Autoria-Maria Clara Machado.

529

Referencia a comparação, é identica a anterior, visto  
a leitura e detalhes da mesma.

Rio 4-04-1979

Téc: C. Guterres

128  
M



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS.SR/RJ.

ASSUNTO:EXAME COMPARATIVO DE PEÇA TEATRAL.

TÍTULO " O CAVALINHO AZUL "

AUTORA: MARIA CLARA MACHADO.

CLASSIFICAÇÃO: LIVRE

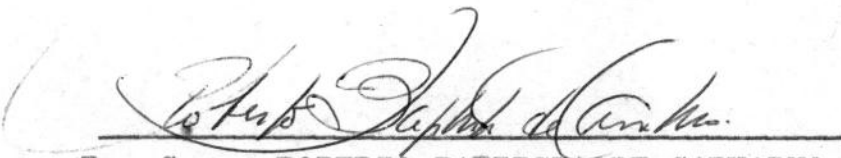
PARECER Nº: 520

Trata-se de peça aprovada com certificado nº186/77/RJ.

No exame comparativo efetuado, consta-tei que a peça em pauta, confere com o original.

Atende os interesses do público infantil, e seu conteúdo de acordo com os preceitos / censórios, motivo pelo qual mantenho a classificação etária livre.

Rio de Janeiro 04 de abril de 1979

  
Tec.Cens. ROBERTO BAPTISTA DE CARVALHO  
Mat. 1.741.123.





SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

Título da Peça-O Cavalinho Azul  
Local-Teatro Amador-O Tablado.  
Av.Lineu de Paula Machado Nº 795  
Autor-Maria Clara Machado  
Data -2 de Maio de 1979-às 21 h  
ENSAIO GERAL

713

Tendo como cenário único,o palco Multicor,onde desenrola-se os quadros.

Inicialmente é apresentado o Cavalinho Azul, e é contado suas artimanhas e situações,que as vezes o mesmo se encontra.

O J.Vicente pessoa mais chegada ao Cavalinho é constante par do mesmo e sempre conta as estórias envolvidas pelo animal.

Os pais de J,Vicente diz que se afaste do animal para ter tempo de estudar.

O que acontece que J.Vicente tem uma amigüinha que muito envolve-se ao Cavalinho.

Finalizando,J.Vicente dá umas voltas com o pequeno animal,e amedida que o palco vai escurecendo,sendo o término da peça.

LIVRE

Rio 3-de Maio de 1979.

Tec.C.Guterres

Tec. C.Roberto

## TEATRO

TÍTULO O Cavalinho Azul

## 1) ARQUIVO

Clas. Anterior livrePraça Rio de Janeiro - RJ

Obs.: \_\_\_\_\_

DF. 15 / 5 / 79 /Calvin N. Gomes

Resp. pela elaboração do Processo

## 2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura \_\_\_\_\_

Técnico de Censura \_\_\_\_\_

Data prazo Exame de \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_ a \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_

DF. \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_

Resp. pela Programação

## 3) CHEFE DA S.C.T.C.

Emita-se o certificado, de acordo com requerimento de censura e com a classificação: ~~impro-~~  
~~pria para menores de~~ LIVRE ~~anos~~  
sem cortes, condicionada ao exame do ensaio geral.

Obs.: Já foi efetuado o exame do ensaio geralBrasília-DF, 15 de maio de 1979Belê Cavalcêdo

Brasília-DF

de

de 1.97

## 4) SERVIÇO DE CENSURA

À consideração do Senhor Diretor da DCDP,  
 tendo em vista tratar-se de PEÇA para  
 o qual os censores propõem a classificação  
 etária de LIVRE.

Brasília-DF, 16 de MAIO de 1979

Em \_\_\_\_ de \_\_\_\_ de 1.97

## 5) DIRETOR DA D.C.D.P.

**LIBERE-SE**

na forma do parecer

Em, 16 de maio de 1979Wilsen MiDir. DCDP Subst.

"O CAVALINHO AZUL"

MARIA CLARA MACHADO

126  
H

812/79

" O CAVALINHO AZUL "

JOÃO SERGIO MARINHO NUNES - RJ

MAIO

15

MARIA CLARA MACHADO

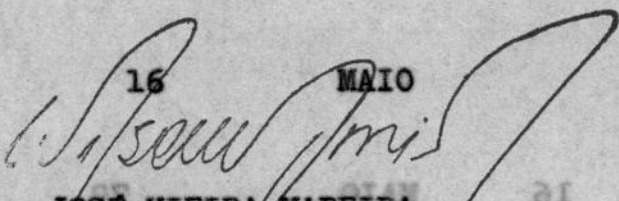
LIVRE. CONDICIONADA AO EXAME DO ENSAIO GERAL. O PRESENTE

CERTIFICADO SOMENTE TEM VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO SEU TEXTO DEVIDA-

16 MAIO 84.

16 MAIO

79.



JOSÉ VIEIRA MADEIRA

LIVRE



"O CAVALINHO AZUL"

MARIA CLARA MACHADO

JOÃO SERGIO MARINHO NUNES - RJ

15

MAIO

79

LIVRE. CONDICIONADA AO EXAME DO ENSAIO GERAL. O PRESENTE  
CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO SEU TEXTO DEVIDA-  
MENTE CARIMBADO PELA DCDP.

16

MAIO

79

ELIEL JOSÉ DE SOUSA - SUBSTITUTO

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

127  
d

OF.Nº 354/79-SCTC/SC/DCDP

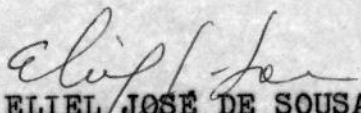
16 de maio de 1979.

RJ

Of. 192/79-SCDP-SR/RJ.

"O CAVALINHO AZUL", de Maria

Clara Machado.

  
ELIEL JOSÉ DE SOUSA  
Chefe do SC/DCDP  
SUBSTITUTO

SRA/FICHADO

FICHADO  
S.A. DCDP

MJ-DPF-SRA/BSB

-1 NOV 09 56 030648

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

Ofício nº 587/79-SCDP/SR/RJ

Em 26.10.79

Do Chefe do Serviço de Censura de Diversões Públicas/RJ

Endereço

Ao Sr. Diretor da Divisão de Censura de Diversões Públicas

Assunto: Solicitação (faz)

Ref.: Ofício nº 1374/77-SCDP/SR/RJ, de 14.12.77

*De ordem,  
ao Agente,  
H verificar a  
procedência  
Em 05.11.79**Arésio Teixeira Deixoto  
Matr. 2.405.306*

Senhor Diretor:

Em atenção ao Ofício de referência, solicito a V.Sª., seja fornecido o certificado definitivo da peça teatral intitulada "O CAVALINHO AZUL", de Maria Clara Machado.

Na oportunidade, renovo a V.Sª. protestos de consideração e apreço.

*Augusto da Costa*  
AUGUSTO DA COSTA  
Chefe do SCDP/SR/RJ



FICHA DO  
S. A. DCDF

MJ

16 OUT 10 21 = 029174

Fl. nº

Rub.

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL  
SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL NO PARANÁ  
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

Of. nº 3693/78-SCDP

Curitiba, Em 13 de Outubro de 1.978

Do Chefe do SCDP/SR/PR

Ao Sr. Diretor da DCDF/DPF

Assunto: Encaminhamento ( faz )

Senhor Diretor

*De adu  
de Augusto  
em 18.10.78  
Mm*

Para conhecimento de V.Sa. estamos enca-  
minhando cópias dos Pareceres nº 250/252, sobre o texto da peça " UM ELEFAN-  
TINHO INCOMODA MUITA GENTE " de Oscar Von Pfuhl, e 264, sobre o texto da pe-  
ça " O CAVALINHO AZUL " de Maria Clara Machado.

Da mesma forma, encaminhamos os Pareceres  
de verificação prévia de nº 067, 068, 069 e 070, respectivamente das revistas  
editadas nesta capital pela GRAFIPAR e intituladas " PETECA nº 28 ", " PERSO-  
NAL nº 17 ", Peteca ASTRAL nº 03 " e " ERDS nº 03 ".

Na oportunidade, renovamos nossos pro-  
testos de consideração e alta estima.

*[Assinatura]*  
TC - José Augusto Costa  
Chefe do SCDP/SR/PR

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA  
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL  
SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL NO PARANÁ  
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

PARECER nº 264/78-SCDP

Curitiba, 11 de Outubro de 1.978

TÍTULO : O Cavalinho Azul

GÊNERO : Texto teatral

AUTOR : Maria Clara Machado

CLASSIFICAÇÃO : LIVRE

TCs : Benedito Zumas Filho

Regina M. S. L. Abill Russ

Senhor Chefe

Examinamos o texto da peça teatral de autoria de Maria Clara Machado, intitulado " O CAVALINHO AZUL ", constatando tratar-se de uma história infantil em que um menino, Vicente, imagina um pangaré velho de seu pai como se fora um belo cavalo azul que, amestrado, se comportaria à maneira dos cavalos de circo. Por dificuldades financeiras o pai vende o cavalo, mas o menino, inconformado, sai pelo mundo à sua procura. Três bandidos, disfarçados em músicos e que exploravam um velho palhaço de circo, ao ouvirem as histórias do menino imaginam ficar ricos se lhe roubassem dito cavalo azul. Acompanham-no em sua busca para perpetrarem o roubo premeditado. Numa cidade muito / longe, onde um cowboy vendia cavalos para circo, chega o menino e procura entre os animais o seu que era azul: os bandidos tentam antecipar-se a êle mas são des / cobertos e afugentados pelo cowboy, que os persegue e prende. Quando todos em / sua cidade aguardam a volta de Vicente com seu cavalo, aparece êle segurando-o pelo cabresto e dizendo que todos os aguardavam e porisso deviam retornar.

O texto é simples, bem ao gosto das crianças, numa linguagem singela e pura. Diante disso, entendemos que nenhuma restrição deva ser feita ao mesmo sendo nosso parecer pela sua liberação integral e / com a classificação LIVRE.

TC - Benedito Zumas Filho  
Chefe da SCC/SCDP/SR/PRRegina M. S. L. Abill Russ  
TC - Regina M.S.L. Abill Russ  
Chefe da SF /SCDP/SR/PR



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

"O CAVALINHO AZUL"

"MARIA CLARA MACHADO"





15 SET 1980 011181

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL RECEBIDO POR

MJ-DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL  
SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL DA BAHIA  
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

FICHADO  
DCDP

OFÍCIO Nº

32903

/80-SCDP/SR/DPF/BA

EM 12.09.80

ASSUNTO: Encaminhamento - faz

Senhor Diretor,

Com o presente, encaminho a V. Sa. os textos das peças teatrais abaixo relacionados, a fim de serem examinados de acordo com as normas censórias em vigor:

1. A BRUXINHA QUE ERA BOA, autoria de Maria Clara Machado; - 11182/80-SCDP
2. TRÊS PERALTAS NA PRAÇA (OU O PAÍS DO PENSAMENTO), autoria de José Valluzi, adaptação de Ary Meirelles; - 11185/80-SCDP
3. O MERCADOR E O GÊNIO, adaptação Uripia Zwiry; 11184/80-SCDP
4. O CAVALINHO AZUL, autoria Maria Clara Machado. - 11183/80-SCDP

Outrossim, segue a peça teatral "HÁ VAGAS PARA MOÇAS DE FINO TRATO", autoria de Alcione Araújo, remetida a este S.C.D.P. por engano. 11186/80-SCDP

Na oportunidade, reitero a V. Sa. os protestos de estima e consideração.

MARIA HELENA GUERREIRO-BEL\*  
Técnica de Censura  
Chefe do SCDP/SR/DPF/BA

ILMO. SR.

DIRETOR DA DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS  
BRASÍLIA - DF.

ILMO. SR. DIRETOR DA DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS  
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

MS - DPF - DCDP - DSB

15 SET 11 11 8 011183

RECEBIDO POR

FICHA DO  
DCDP

EDUARDO CABUS

Requerente

Brasileira

Nacionalidade

Professor / Diretor Teatral

Profissão

Carteira de Identidade Nº 404.476 - Instituto de Identificação Pedro Melo - Ba

residente e domiciliado à Residente - Av. Sete de Setembro, 212/108 - Domicílio  
do : Rua Gamboa de Lima, 03 - Salvador - Bahia, vem,

mui respeitosamente, requerer de V. Sa. que se digne mandar examinar, de conformidade com as normas

censórias vigentes, a (s) Texto Teatral abaixo relacionada (s),

Espécie

de autoria de: Maria Clara Machado

O CAVALINHO AZUL

Título (s)

Nestes termos,

Pede deferimento.

Salvador - Ba. 06 de setembro de 1980

Local e Data

Eduardo Cabus  
Requerente

Anexos:

3 cópias do texto

## 1 - EMPRESA OU GRUPO (Se houver)

Nome: EDUARDO CABUS - Teatro Gamboa CGC: 13587001/0001-17  
 Sede: Gamboa de Lima, 03  
 CEP: 40000  
 Diretor ou Responsável: Director - Eduardo Cabus

## 2 - DADOS DO AUTOR

Nome: Maria Clara Machado  
 Pseudônimo: \_\_\_\_\_ Filiação: \_\_\_\_\_  
 Nacionalidade: \_\_\_\_\_ Naturalidade: \_\_\_\_\_  
 Data do Nasc.: Brasileira Identificação: \_\_\_\_\_  
 Estado Civil: \_\_\_\_\_  
 Profissão: \_\_\_\_\_  
 Endereço: Teatro O Tablado - Rio de Janeiro  
 CEP: \_\_\_\_\_

## 3 - PARCERIA

Nome: \_\_\_\_\_  
 Pseudônimo: \_\_\_\_\_ Filiação: \_\_\_\_\_  
 Nacionalidade: \_\_\_\_\_ Naturalidade: \_\_\_\_\_  
 Data do Nasc.: \_\_\_\_\_ Identificação: \_\_\_\_\_  
 Estado Civil: \_\_\_\_\_  
 Profissão: \_\_\_\_\_  
 Endereço: \_\_\_\_\_  
 CEP: \_\_\_\_\_

Nome: \_\_\_\_\_  
 Pseudônimo: \_\_\_\_\_ Filiação: \_\_\_\_\_  
 Nacionalidade: \_\_\_\_\_ Naturalidade: \_\_\_\_\_  
 Data do Nasc.: \_\_\_\_\_ Identificação: \_\_\_\_\_  
 Estado Civil: \_\_\_\_\_  
 Profissão: \_\_\_\_\_  
 Endereço: \_\_\_\_\_  
 CEP: \_\_\_\_\_

Declaro que a matéria a ser examinada nunca foi submetida à apreciação dessa DCDP (excetuando os pedidos de renovação de certificado ou de confronto de texto), assumindo, inteira responsabilidade pelas informações aqui prestadas.

A referida solicitação possivelmente foi feita por outra empresa teatral, haja visto que a peça já foi encenada em outros Estados da Federação.

DATA: Salvador, 06 de setembro de 1980

Ass.: [Assinatura]



## TEATRO

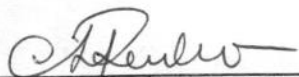
TÍTULO "O CAVALINHO AZUL"

"MARIA CLARA MACHADO"

## 1) S.C.T.C.

Clas. Anterior LIVREPraça SALVADOR / BA

Obs.:

DF. 18 / 09 / 80

Resp. pela elaboração do Processo

## 2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura

Técnico de Censura

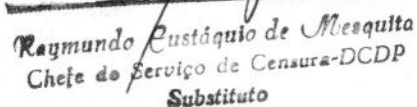
Data prazo Exame de \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_ a \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_

DF. \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_

Resp. pela Programação

## 4) SERVIÇO DE CENSURA

De Acordo.

Em: 30 dede 1980  
Raymundo Custódio de Mesquita  
Chefe do Serviço de Censura-DCDP  
Substituto

Em

de

de 1.97

## 3) CHEFE DA S.C.T.C.

Emita-se o certificado, de acordo com requerimento de censura e com a classificação: LIVRE anos, 2 cortes, condicionada ao exame do ensa-

Obs.:

conferênciaBrasília-DF 29 de 09 de 1980  
Helé Prudente Carnalhedo  
M. de C. P. T. E. A. P. T. E.

Brasília-DF

de

de 1.97

## 5) DIRETOR DA D.C.D.P.



PARECER Nº

3665, 80

TÍTULO: "O Cavalinho Azul"

Autora: Maria Clara Machado.

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: LIVRE

Ao proceder o confronto da peça teatral em reexame, observamos que, apesar da omissão de algumas falas, nada existe que impeça lhe seja concedida a liberação com a chancela anterior, ou seja, LIVRE.

Brasília, 29 de setembro de 1980

*Silma Helena Domingos Ribeiro*  
\_\_\_\_\_  
Vilma Helena Domingos Ribeiro  
Mat. 2.397.522  
Técnica de Censura

O CAVALINHO AZUL

MARIA CLARA MACHADO

EDUARDO CABÚS

- SALVADOR-BA -

30

SETEMBRO

80

LIVRE. O PRESENTE CERTIFICADO SÓ TERÁ VALIDADE QUANDO  
ACOMPANHADO DO SCRIPT DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.

12

OUTUBRO

80

RAYMUNDO E. DE MESQUITA



812

" O CAVALINHO AZUL "

MARIA CLARA MACHADO

19

OUTUBRO

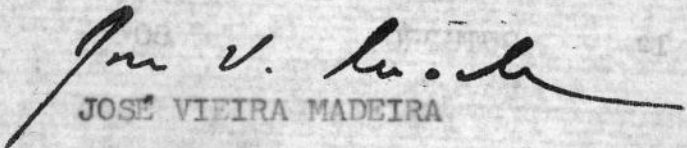
8

19

OUTUBRO

80

  
**LIVRE**

  
JOSE VIEIRA MADEIRA

3.902/80-SE/DCDP

19-10-80

Chefe do SCDP/SR/BA

"O CAVALINHO AZUL"

"A BRUXINHA QUE ERA BOA", de Maria Clara Machado

"O MERCADOR E O GÊNIO" de José Valuzi.

Chefe,

Salvador - BA.

*Jose V. Lu. Lu.*  
VILHA MADEIRA

MJ-DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL  
CÓDIGO - 08202

26 JUN 10 50 25 004530

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICASOfício : nº 159/84 -SCDP/SR/RS

EM: 19.06.84

DO: Chefe do SCDP/SR/RS

ENDEREÇO: Av. Presidente Roosevelt, 420

AO: Sra. Diretora da DCDP

ASSUNTO: Encaminhamento (faz)

Conforme determina a Portaria nº 017/78-DCDP, de 13/07/78, estamos anexando a este, para o fim previsto na letra "d" da mesma portaria, os documentos a seguir:

- 1 - uma via do "script" da peça teatral intitulada O CAVALINHO AZUL, de autoria de MARIA CLARA MACHADO;
- 2 - requerimento do interessado;
- 3 - relatórios da comissão técnica;
- 4 - relatórios do ensaio geral;
- 5 - uma via do Certificado de Censura provisório.

Atenciosamente,

  
João Bispo da Hora  
Chefe do SCDP/SR/RS



ILMO. SR. DIRETOR DA DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS  
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

|                               |            |
|-------------------------------|------------|
| MJ-DPF                        | SCDP/SR/RS |
| 23/05                         | 11:55      |
| Nº 08443                      | 002724 184 |
| RECEBIDO POR: <i>Parreira</i> |            |

EUCLIDES DUTRA DE MORAIS

Requerente

BRASILEIRA

Nacionalidade

ARTISTA

Profissão

Carteira de Identidade 6009972008 SSP/RS

N.º e Órgão Expedidor

Residente e domiciliado à Florianópolis 237 Apto 401 Santa Maria /RS

, vem,

mui respeitosamente, requerer de V. Sa. que se digne mandar examinar, de conformidade com as normas censórias

vigentes, a (s) Peça Teatral abaixo relacionada (s),

Espécie

de autoria de: Maria Clara Machado

"O CAVALINHO AZUL"

Título (s)

Nestes termos,

Pede deferimento.

SANTA MARIA, 18 maio de 1984

Local e Data

Requerente

Anexos :

**1 - EMPRESA OU GRUPO (Se houver)**

Nome: E D M PRODUCOES PROMOCOES CGC: 88684493/0001-77  
 Sede: Floriano Peixoto 237  
 CEP: 97100  
 Diretor ou Responsável: Euclides Dutra de Moraes

**2 - DADOS DO AUTOR**

Nome: Maria Clara Machado  
 Pseudônimo: \_\_\_\_\_ Filiação: \_\_\_\_\_  
 Nacionalidade: Brasileira Naturalidade: \_\_\_\_\_  
 Data do Nasc.: \_\_\_\_\_ Identificação: \_\_\_\_\_  
 Estado Civil: \_\_\_\_\_  
 Profissão: \_\_\_\_\_  
 Endereço: \_\_\_\_\_  
 CEP: \_\_\_\_\_

**3 - PARCERIA**

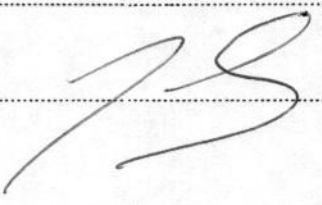
Nome: \_\_\_\_\_  
 Pseudônimo: \_\_\_\_\_ Filiação: \_\_\_\_\_  
 Nacionalidade: \_\_\_\_\_ Naturalidade: \_\_\_\_\_  
 Data do Nasc.: \_\_\_\_\_ Identificação: \_\_\_\_\_  
 Estado Civil: \_\_\_\_\_  
 Profissão: \_\_\_\_\_  
 Endereço: \_\_\_\_\_  
 CEP: \_\_\_\_\_

Nome: \_\_\_\_\_  
 Pseudônimo: \_\_\_\_\_ Filiação: \_\_\_\_\_  
 Nacionalidade: \_\_\_\_\_ Naturalidade: \_\_\_\_\_  
 Data do Nasc.: \_\_\_\_\_ Identificação: \_\_\_\_\_  
 Estado Civil: \_\_\_\_\_  
 Profissão: \_\_\_\_\_  
 Endereço: \_\_\_\_\_  
 CEP: \_\_\_\_\_

Declaro que a matéria a ser examinada nunca foi submetida à apreciação dessa DCDP (excetuando os pedidos de renovação de certificado ou confronto de texto), assumindo, inteira responsabilidade pelas informações aqui prestadas.

Data: Santa Maria 18 de maio de 1984

Ass.: \_\_\_\_\_





# Sociedade Brasileira de Autores Teatrais

Fundada em 27 de Setembro de 1917 — Reconhecida como de Utilidade Pública Federal pelo Dec. 4.092, de 4-8-1920  
 Filial da Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores  
 Sede: Av. Almirante Barroso, 97 - 3º andar — End. Teleg. SBAT-RIO  
 Rio de Janeiro — Brasil



## AUTORIZAÇÃO PARA ESPETÁCULO TEATRAL

Nº 32155

A Sociedade Brasileira de Autores Teatrais (SBAT), reconhecida como de utilidade pública federal, pelo decreto n.º 4.092, de 4-8-1920, mandatária de seus associados nacionais e estrangeiros, para todos os fins de direito, autoriza, nos termos do artigo 2.º do decreto n.º 4.790, de 2-1-1924, combinado com os artigos 26 e seu parágrafo único, e 27, do decreto n.º 5.492, de 16-7-1928, art. 46 do decreto n.º 18.527, de 10-12-1928, e artigos 35 do decreto n.º 21.111, de 1-3-1932, Lei n.º 2415, de 9-2-1955, art. 42, do decreto n.º 20.493, de 24-1-1946 e artigo 1.º do decreto n.º 1.023, de 17-5-1962 e da Lei n.º 5.988, de 14-12-1973, o espetáculo teatral:

Original de CAVALINHO BRUNO  
Mania Clara Machado

Música de —

Tradução de —

Direção de Euclides Moraes - EDM Promocões

No Teatro Varia Cidade Varia

Empresa Grupo Parais Pela Cia. —

nos dias Quarta - 12 de 1984 - 10.30h

sob condições de pagamento dos respectivos direitos autorais na base de 10 %

1 de renda bruta de cada espetáculo, com a garantia mínima de Cr\$ 1.000,00

por espetáculo, obrigando-se a Empresa a fornecer, à SBAT uma cópia do "bordereau" de receita, devidamente autenticado, responsabilizando-se pela sua exatidão, bem como pelo integral pagamento dos direitos autorais acima estipulados, em moeda corrente.

Esta autorização obriga a Empresa, implicitamente, a pagar à SBAT a mesma cota percentual, a título de direitos autorais, sobre as importâncias que receber de qualquer entidade, pública ou privada, Repartições Federais, Estaduais ou Municipais, desde que tais recebimentos a obriguem a conceder ingressos, no todo ou parte da lotação, ou reduzir os preços dos mesmos, a qualquer título.

Da mesma forma obriga-se a Empresa a incluir nos bordereau da receita, como ingressos vendidos a preços normais, todos os que forem utilizados por sócios cotistas da Empresa ou do próprio teatro, para os efeitos da cobrança do direito autoral.

Maria 12 de Março de 1984

Este via de Autorização não vale como recibo. Deve ser anexada ao programa respectivo e entregue às autoridades competentes. — A quitação do direito autoral respectivo, só poderá ser dada na primeira via do recibo oficial da SBAT.

600 blocos de 50x50 - 30.001 a 60.000 - 1/79

pela (SBAT)



O CAVALINHO AZULCENA I

TAMBORETE

ATOR I (VELHO): Eu me chamo João de Deus. Sou vagabundo. Estou aqui para contar a história do menino Vicente e de seu cavalo. Um dia perdi a tesoura de cortar barba e tive de deixar crescer esta barba. No princípio não gostava; sujava muito quando eu comia, mas agora gosto; quando faz frio cubro-me assim, e a minha barba serve de cobertor. Também aprendi a comer com minha barba; faço assim. Gosto dela também por causa do Vicente, que me achou parecido com o Padre Eterno. Isto quer dizer que minha barba se parece com a barba de Deus. Por isso cuido dela. Barba de Deus é coisa séria. Vou contar como é que esta história começou. Aqui morava Vicente com seu pai e sua mãe, nesta casinha. E ali vem ele - bem me viu ainda - com seu cavalo. Vou deixar esta história contar-se por si mesma, enquanto vou ajudando aqui ao lado.

TRASEIRO

ATOR II (VICENTE): Se você der mais uma voltinha, só mais uma voltinha me cavalinho, eu prometo levar você lá numa campina toda verde de tanto capim verde. Vamos, vamos, meu cavalinho azul. Vamos meu cavalinho azul! Upa! Upa! Upa! (ZANGADO) Assim você não poderá trabalhar no circo! Não pode. Veja como eu fogo. Como aquele grande cavalo branco lá do crico da cidade. Buuuuuuuuuu, assim, levantando as patas e depois me levando na garupa como a bailarina Lili, toda verde de tão bonita, e o domador Rogério de boné dourado e calças vermelhas... Upa! Upa! Upa! Vamos, vamos! (CAVALO PUF!) Bem, por hoje, chega. Amanhã treinaremos mais. Você está cada vez melhor e mais bonito.

ATOR I: (MÃE): Vicente!

VICENTE: O que é, mamãe?

LAVAR

MÃE: Venha estudar menino. Está quase na hora da escola.

VICENTE: Já vou, mamãe. Deixe eu conversar mais um pouquinho só com meu c



valinho azul.

MÃE: Que cavalinho azul, que nada! Um pangaré velho que não presta nem para puxar a carroça do teu pai. Cavalinho azul!... Azul!

VICENTE: Não liga não, meu cavalinho. <sup>PLATEIA</sup> Mamãe chama meu cavalinho de sujo e velho porque ela pensa que ele é sujo e velho, porque mamãe é gente grande e gente grande tem que lavar roupa, fica cansada e maltrata o cavalinho, sem querer. Como é que ela pode saber a cor do meu cavalo se nem vê ele direito de tanto cozinhar, arrumar e lavar roupa? Também ele anda um pouco sujo hoje, mas é porque a água do nosso rio está quase seca, não lava mais direito, <sup>CAVALO</sup> mas amanhã vou também te levar num rio muito grande, muito branco de tão limpo, que passa perto da campina verde. Lá você tomará um banho e vamos para o circo. Quem não estiver muito limpo e lindo também não pode entrar no circo, está ouvindo?

ATOR III (PAI): Vicente, olha a ração do Mimoso. E chega de fazê-lo <sup>Cor-</sup> ~~ser~~ <sup>rer</sup>. Ele está muito magro, precisa descansar.

VICENTE: Vou levar ele, papai, para uma grande campina verde e vou dar um banho nele no rio de água branca.

PAI: Onde é que existe esta campina, menino? Tudo está seco, isto sim. Seco e esturricado. Onde é que tem um rio grande e branco?

VICENTE: Aquela lá longe.

PAI: Longo, onde?

VICENTE: Pra, papai, lá longe, do outro lado daquele morro mais longe.

PAI: Lá longe é a cidade.

VICENTE: Onde está o circo, não é?

PAI: É. Vá estudar, menino.

VICENTE: Vou buscar meu livro e vou estudar aqui, tá bom?

PAI: Toma, pangaré, come isto para não morrer de fome. (PAI)

VICENTE: Você sabe o que é uma ilha? É uma quantidade de terra cercada de água por todos os lados... Um istmo. Um istmo... é... Sabe, cavalinho, nós vamos lá... nós vamos na ilha cercada de água por todos os lados, cercada de istmos... de cabos, de tudo. Depois vamos ao promontório. Depois eu monto em você e saímos correndo atrás



das capitâneas hereditárias... Vai ser ótimo!

MÃE: Vicente, venha estudar cá dentro. Sozinho, longe deste

VICENTE: Estou indo. Mãe, vamos para as capitâneas hereditárias! Eu e meu cavalinho azul...

MÃE: O quê é isto, menino? Deve ser coisa do demônio, só pode... e deste cavalo! Ah, este cavalo...

PAI: Mulher, venha cá!

MÃE: Sim!

PAI: Mulher, temos que vender o pangaré.

MÃE: Vender? Por quê?

PAI: Este pangaré não serve mais para nada. Já vendi a carroça. Este cavalo só serve para comer mais dinheiro. Se for vendido, posso apurar uns cöbres e com ele comprar umas galinhas e começar uma criação.

MÃE: E o menino?

PAI: O menino esquece. Arranja outro brinquedo.

MÃE: Esquece não. Ele só pensa nisso.

PAI: Está ficando doído; melhor é levar o cavalo logo. Vou a cidade vendê-lo. Pro menino trazer um brinquedo. Adeus, mulher.

MÃE: Por que você não vende a vaquinha?

PAI: A vaquinha dá leite.

MÃE: Mas o cavalo dá alegria ao menino.

PAI: Mas não dá dinheiro. O menino se acostuma.

(PARA) VELHO: Sem dia.

PAI: Quem é o senhor?

VELHO: Sou João de Deus.

PAI: O que é que o senhor está fazendo aqui?

VELHO: Estou vendo tudo.

PAI: Para quê?

VELHO: Para contar aos outros, ... eles.

PAI: Vai contar na certa que sou um pai muito ruim porque vou vender o pangaré!...

VELHO: O senhor tem que vender mesmo?

PAI: Depois quem vai arranjar dinheiro para o menino comer? É muito fácil





ter pena do pangaré, mas de mim ninguém tem. Adeus.

VELHO: O pai ficou muito zangado e partiu para a feira, onde vendeu o cavalo. Pensamos que o menino ia ficar muito triste. Alguns dias se passaram, e veja o nosso vicente sentadinho na porta, com sua bola, presente do pai.

## CENA II

(Mús. 3A) VICENTE: Mamãe!

MÃE: Que ó, menino?

VICENTE: Que horas que ele volta?

MÃE: Quem?

VICENTE: O meu cavalinho azul.

MÃE: Acho que ele volta... amanhã. Venha para dentro, Vicente. Nem almoço direito. Assim sem comer você não pode ficar.

VICENTE: Estou esperando.

MÃE: Acho, meu filhinho, que seu cavalo não volta mais. Seu pai trouxe esta bola para você brincar com ela. Você não acha bonita esta bola?

VICENTE: Acho. Por isso que eu quero mostrar ela ao meu cavalo.

MÃE: Seu cavalo foi vendido.

VICENTE: Eu sei, mamãe, não precisa gritar. Papai me disse. Mas depois ele volta.

MÃE: Mas agora ele tem outro dono.

VICENTE: Outro dono. Ah! Ah! Ah! Como é possível isto, mamãe? Dono a gente só tem um. Ele volta.

MÃE: Volta não.

VICENTE: Volta sim. Volta porque estou esperando ele para ir ao circo.

MÃE: Ah, menino. Assim não é possível.

VICENTE: Estou achando ó que meu cavalinho perdeu o caminho. Ele é tão desobediente! Preciso ir atrás dele. Mamãe disse que este mundo está cheio de perigos. Não posso mais deixar meu amigo perdido por aí. Talvez ele tenha ido para as Antilhas Holandesas ou então para a ilha do Braccio cercada de água por todos os lados, ou algum istmo ou cabo... sei lá, todos estes perigos... e se ele foi para a Ser

ra da Mantiqueira? Coitadinho! Adeus meu pai, adeus minha mãe,  
me esperem que eu volto com ele. Adeus.

CENA III

O AGUARDA) VELHO: Sozinho, menino, neste caminho?

VICENTE: Quem é o senhor?

VELHO: O quê?

VICENTE: Quem é o senhor?

VELHO: João de Deus.

VICENTE: O Senhor é... o Deus?

VELHO: Sou

VICENTE: Do catecismo?

VELHO: Ih! ih! ih! Sou.

VICENTE: Bem que eu estou vendo tanta barba. Deus no duro? Padre Eterno?

VELHO: No duro.

VICENTE: Aquele que está em toda a parte?

VELHO: Aquele mesmo.

VICENTE: Então, Senhor Deus, quer fazer o favor de olhar onde está o meu  
cavalinho azul?

VELHO: O quê?

VICENTE: Pois o senhor não vê tudo?

VELHO: Vejo, Claro que sim...

VICENTE: Cabos, ilhas, istmos, serra da Mantiqueira, e tudo? e idéia na  
cabeça o tudo?

VELHO: E tudo.

VICENTE: Então cadê ele?

VELHO: Ele?

VICENTE: O cavalo. Não viu? O nou?

VELHO: Não vi.

VICENTE: Mas você não vê tudo?

VELHO: Ah! vi sim. Muito lindo seu cavalo.

VICENTE: Azul!

VELHO: Com cauda azul, muito grande...

VICENTE: Não, acauda é branca, ó Deus, você esqueceu?

VELHO: Esqueci não. Fico cansado de ver tudo ao mesmo tempo...

VICENTE: Deve cansar mesmo ver tudo ao mesmo tempo. Não tem dor de cabeça? Eu não. Não sou como o senhor. Coitado! Só vejo poucas coisas e meu cavallinho.

VELHO: Então vamos achá-lo.

VICENTE: O senhor vem comigo?

VELHO: Não posso, menino. Se vou procurar seu cavalo, quem é que vai vigiar o mundo?

VICENTE: O senhor não pode deixar algum santo fazer isso por uns dias?

VELHO: Não posso.

(VICENTE: Por quê?) (VELHO: Não são de confiança...)

VICENTE: Então, adeus.

VELHO: Espera, menino. Onde é que você vai?

VICENTE: Vou indo por aí ver se acho ele.

VELHO: Quando você precisar de mim, é só chamar que estou ali sentado na aquele banquinho.

VICENTE: É dali que o senhor vigia o mundo?

VELHO: É.

VICENTE: Ahn! Então, adeus!

CENA IV

VELHO: Foi assim que conheci Vicente. Uns achavam que ele era um menino mentiroso porque inventava coisas; via cavalos azuis, circos enormes, campos verdes; achava que um vagabundo como eu era Deus, imaginem vocês. Outros achavam que ele era louquinho. Cá para mim, acho que ele nem era mentiroso, nem louco. Apenas via as coisas diferentes e acreditava mesmo no que via. Só sei que ele andou pelo mundo atrás do seu cavalo. Será que encontrou? Vamos ver por onde ele anda agora? Vamos ou não? Depois de muito caminhar chegou primeiro a um circo numa cidade pequena perto da cidade d'ela. Os donos deste circo são aqueles três músicos que vêm ali. Estes velhos alugaram um palhaço para fazer graça enquanto eles tocavam e ganhavam dinheiro.

(PALESTRA) ATRIZ IV (PALHAÇO): Caro público! Boa tarde, bom dia e boa noite! Este é





o nosso grande circo Nacional! Boa tarde, bom dia e ~~boa noite!~~  
Os melhores trapezistas do mundo vão voar por este teto! Cinco  
elefantes vermelhos, domesticados, educados, amestrados, vão  
cantar! Cantar, caro público, cantar com voz de elefantes! Um  
cachorro chamado Doly vai tocar violino... Tocar violino, caro  
público, com pata de cachorro... Um gato vai cantar... Um gato  
cantar, caro público, com voz de gato... Uma foca bailarina e  
uma bailarina gente vão dançar ao mesmo tempo, ao mesmo tempo,  
caro público... Um homem que engole fogo e cospe gelo, cospe -  
gelo, caro público. (TAMBORES)

\* MEENINA Tudo por cinco cruzeiros! (ENTRADA DA MEENINA) ~~EU QUERO, EU QUERO!~~ ~~QUANTO É?~~ R\$ 5,00, né?  
E para começar, o grande palhaco, o mais engraçado do mundo,  
vai fazer um número de corda bamba. Este palhaco sou eu e aqui  
está a corda bamba. (EXECUTA) Muito obrigado! Muito obrigado,  
caro público! E agora o grande palhaco do grande circo Nacional..

VICENTE: Grande palhaco do grande circo Nacional, quer fazer o favor de  
me dizer se o meu cavalo azul está aqui?

PALHACO: O quê? Um cavalo azul? Nunca vi.

VICENTE: Com um rabo enorme, branco!

PALHACO: Isto existe? Um cavalo azul?

VICENTE: /O meu. É lindo. Dança, canta e voa.

PALHACO: (P/OS MÚSICOS) Cavalo azul... Cavalo azul... Devo ser uma menti-  
ra... Deixa de bobagem, menino. Não vê que eu estou trabalhando?  
Não atrapalhe meu meu número contando coisas que não existem...  
Sai daí. (PENSATIVO) Cavalo azul! (VICENTE SÓB NA ARQUIDANÇADA)  
(ACRIDE ESQUISITO) Se quiser assistir, tem que pagar.

VICENTE: Mas eu não tenho dinheiro.

\* ATRIA III (MEENINA): Eu pago para ele.

VICENTE: Obrigado, menininha.

PALHACO: E agora o grande circo Nacional vai apresentar o número com o e-  
lefante que veio especialmente da África para o nosso circo.  
(MÚSICA) E por hoje é só caro público.

\* MEENINA: Mas o senhor disse que ia ter uma porção de coisas mais!



PALHACO: Eu disse?

\* MENINA: Disse sim. Chachorro que toda violino. Trapezistas não a dançarina Lili? E a foca? Cadê?

PALHACO: Ah! é verdade... mas isto tudo vai ser amanhã... Amanhã, caro público. Imaginem que a dançarina Lili está com dor de barriga e o trapezista... o trapezista... caro público, torceu o pé... o cachorro que toca violino foi despedido porque... porque mordeu o rabo do gato cantor... e o gato cantor foi para o hospital mas amanhã... caro público... amanhã por cinco cruzeiros teremos tudo isto... Boa tarde... bom dia... boa noite...

\* MENINA: Ele é azul mesmo?

VICENTE: O quê?

\* MENINA: Ele é azul mesmo?

VICENTE: Tão azul que nem sei!

\* MENINA: <sup>Ah!</sup> Eu gostaria tanto de procurar um cavalo azul!

VICENTE: Você quer vir comigo?

\* MENINA: Não posso.

VICENTE: Por quê?

\* MENINA: Dei cinco cruzeiros e estão esperando acontecer alguma coisa bonita aqui no circo.

VICENTE: E não acontece nada?

\* MENINA: Todos os dias é a mesma coisa. O palhaco dá cambalhotas e o xaxado, o elefante levanta as patinhas. Já dei todas as minhas notas de cinco e ainda não vi o cachorro tocar violino.

VICENTE: Vai ver que é mentira do palhaco.

\* MENINA: Será?

VICENTE: Vamos buscar o cavalinho. É melhor procurar nós dois do que sozinho. Vai ser lindo!

\* MENINA: Tenho que pagar cinco cruzeiros?

VICENTE: Não. Você pode vir de graça.

\* MENINA: Então, vamos.

VICENTE: Para que lado você quer ir primeiro? No pacífico ou no índico?

\* MENINA: Tenho um tio que mora no Ceará. Vamos lá primeiro?



VICENTE: Capital fortaleza?

★ MENINA: É.

VICENTE: Fortaleza é um nome lindo. Então vamos lá primeiro.

VELHO: Enquanto Vicente saia com a menina, os três velhos músicos que na verdade são três bandidos disfarçados... estes bandidos que fingiam que eram músicos, obrigavam o palhaço a trabalhar de graça, não davam comida aos elefantes dançarinos, roubavam tudo que viam, quando ouviram a história do cavaleiro azul ficaram loucos para roubá-lo do menino.

ATOR II (BAIXINHO): Você ouviu? Ele tem um cavalo azul.

GOBIZ I (GORDO): Se conseguirmos este cavalo para o circo, ganharemos tanto dinheiro que ficaremos milionários... Todo mundo vai querer ver esta maravilha.

ATOR III (ALTO): Vamos pegar o menino, pois ele tem um cavalo azul...

GORDO: Com um rabo enorme, branco.

BAIXINHO: E sabe dançar.

OS TRÊS: E voar. (CHAMAR E TRAZER O MENINO)

ALTO: Sente-se aqui, menino.

GORDO: E você aqui, menina.

BAIXINHO: É verdade mesmo, menino?

VICENTE: É

OS TRÊS: Azul?

VICENTE: Azul.

ALTO: Como o céu?

VICENTE: Não.

GORDO: Como o mar?

VICENTE: Não!

OS TRÊS: Oh!

BAIXINHO: Como os olhos do palhaço?

VICENTE: Não

ALTO: Então como é ele?

VICENTE: Às vezes ele fica como o céu, depois, quando vem a tarde, ele fica um pouco como os olhos do palhaço, mas à noite é sempre como o mar à noite.

OS TRÊS: É lindo! Sen-sa-cio-nal...





VICENTE: É.

BAIXINHO: Por quanto você quer vender?

VICENTE: Não quero vender nunca. Meu pai já vendeu, mas vou busco lá.

\* MEMINA: Não vende não!

BAIXINHO: Espera só um pouquinho menino... Venham cá!

ALTO: Venham cá!

CORDO: Venham cá!

BAIXINHO: Vamos lá! (IDEM)

BAIXINHO: Ele come muito, seu cavalo?

VICENTE: Só milho e capim, às vezes um pouco de nuvem que desmancha.

BAIXINHO: Nuvem desmanchada é chuva. É barato. E por onde anda ele?

VICENTE: Aí pelo mundo... Na serra da Mantiqueira, no Ceará ou...

OS TRÊS: Ou...

VICENTE: Nas Capitâneas Hereditárias.(...) É. Um dia ele fugiu de casa e foi correr o mundo; agora tenho que ir atrás dele, senão ele é capaz de se perder ~~mas~~ aí por estes perigos que existem nos promontórios e istmos da terra.

CORDO: Você vai por que estrada?

VICENTE: Pela estrada do Ceará. Adeus, velhos. Na volta passo por aqui montado nele...

#### CENA V

BAIXINHO: Precisamos deste cavalo.

CORDO: Vamos matar o menino.

ALTO: Não adianta matar o menino sem termos primeiro o cavalo.

BAIXINHO: É de um cavalo assim que estamos precisando. Um cavalo milagroso, que nos dará dinheiro sem precisarmos trabalhar.

ALTO: Ele come pouco milho.

CORDO: E capim.

BAIXINHO: Nós lhe daremos só capim. O milho está caro.

OS DOIS: Só capim.

BAIXINHO: Escutem aqui, amigos. Iremos atrás do menino. Quando ele achar o cavalo, matamos o menino e trazemos o cavalo.

ALTO: Que grande idéia, Baixinho!

BAIXINHO: Cordo! Tira este circo daí. Vamos viajar...

CENA VI

VELHO: Vicente, sempre acompanhado pela menina, começou sua busca pela estrada. Foi primeiro até o Ceará. E o cavallinho não estava nem em Fortaleza nem em Cabrobo, nem em lugar nenhum. Foi a pernambuco, ao Amazonas, andou perto do rio Negro e do Tocantins. E nada. Depois voltou para o sul. Os dois meninos viajavam de dia e dormiam a noite... Mas não sabiam do perigo que vinha atrás deles. Os três velhos, fingindo que eram músicos de verdade, para não serem vistos, andavam durante a noite e dormiam de dia. Os velhos, cada vez mais gulosos, só pensavam no dinheiro que o cavalo azul ia dar-lhes.

\* BEIJA: Já andamos muito, Vicente. Vamos descansar um pouco.

VICENTE: Vamos. Também estou muito cansado. Ei Sr. Deus! Este meu cavallinho está me dando tanto trabalho!...

VELHO: Tão cansados, coitadinhos.

ALTO: Quanto você acha que ele vale, hem baixinho?

BAIXINHO: Milhares de notas de cinco cruzeiros.

ALTO: Ficaremos ricos e não precisaremos mais trabalhar.

BAIXINHO: Vamos embora que está amanhecendo. Não podemos perder a pista do menino.

OS DOIS: Não podemos perder a pista do cavalo azul. (SAEM)

CENA VII

VELHO: Enquanto dormem um pouquinho vou preparar a cidade aonde eles vão chegar.

VICENTE: Vem ali um homem. Homem será que o senhor viu um cavalo azul passando por aqui?

HOMEN: Um o quê?

VICENTE: Um cavalo azul.

HOMEN: Você está doido? Isto aqui é uma cidade. Não existe destas coisas por aqui.

VICENTE: Existe sim, o meu. Quer saber como ele é?

HOMEN: Tenho mais o que fazer do que ouvir histórias de cavalos azuis. Já estou atrasado cinco minutos. Não posso chegar atrasado.

XXXXXXXX

VICENTE: O Senhor viu?

2º HOMEM: Meu relógio estava atrasado três minutos. Não posso perder a hora.

VICENTE: Será que a senhora viu?

MULHER: Não vi nada.

VENDEDOR: Quem quer comprar... (REPETE)

(PASSA NOVAMENTE A BARAFUNDA DA CIDADE, A MENINA SAI ATRÁS DO VENDEDOR)

ATRIZ I (VELHA-QUE-VIU): Eu vi... eu vi...

VICENTE: Viu? Azul?

VELHA: Todo azul com enormes asas para voar na terra.

VICENTE: É. É.

VELHA: E com grandes barbatanas para nadar no mar.

VICENTE: Bem, isto...

VELHA: E dois olhos de fogo, numa cabeça tão linda... tão linda...

VICENTE: Ela viu... Ela viu! Espera, vou chamar minha amiga. Menina...

Menina... ela viu...

(OS BANDIDOS RAPTA A VELHA)

VICENTE: Onde está a Velha-que-viu? para onde foi a "Velha-que-viu? Desapareceu! Velha! Velha!

\* MENINA: Vicente, não adianta mais a gente procurar... já andamos tanto... tanto...

VICENTE: Já estamos quase encontrando. Avelha viu. Ela vai nos dizer para onde ele foi... Onde? Onde está você, meu cavalinho? Bem perto?

VENDEDOR: Quem quer comprar?... Quem quer comprar...

\* MENINA: O senhor tem um cavalinho azul?

VENDEDOR: Azul, vermelho, amarelo... da cor que o freu-uês quiser...

VICENTE: De verdade?

VENDEDOR: De papolão.

\* MENINA: Quanto custa?

*EU QUERO... E' CR\$ 5,00*

VENDEDOR: Cinco cruzeiros.

VICENTE: Será que o senhor não viu um de verdade?

\* MENINA: Este mesmo serve, Vicente. Vamos embora, Estou com medo.

VENDEDOR: Por que é que você não procura no curral do Coubo?





VICENTE: Lá tem cavalos?

VENDEDOR: Muitos. Quem quer comprar?...

VICENTE: Então vamos lá, meninazinha?

\* MENINA: Quero ir para casa, Vicente. Este mesmo serve.

VICENTE: É a última vez que procuramos, está bem?

\* MENINA: Prometo?

VICENTE: Depois você pode voltar.

\* MENINA: E você?

VICENTE: Só volto quando encontrar meu cavalinho. Coitado. Tão sozinho.

\* MENINA: Então, vamos.

VICENTE: Pena que a Velha-que-viu tenha sumido.

BAIXINHO: Agora pode falar, velha.

ALTO: E depressa que não temos tempo a perder. Fala, velha. Onde é que está o cavalo? Você viu?

VELHA: O vento é verde, a chuva é branca, e lá vem o menino cavalgando no cavalo azul...

OS DOIS: É ele. Onde?

VELHA: Cavalgando na nuvem...

OS DOIS: Nas nuvens? Deve ser um monstro...! =

BAIXINHO: Um dragão!

ALTO: Um dragão!

OS DOIS: Um dragãozão!

VELHA: Lá vem o menino cavalgando no cavalo azul... Cavalgando na nuvem que é preta e grita: ai! ai! ai! Quero cair, quero molhar... quero virar um rio pro cavalo beber... Pacatá, pacatá... pacatá...

BAIXINHO: Ela é doida!

VELHA: Quero cair-

Quero molhar.

Virar um rio.

Pacatá, pacatá, pacotá.

Um rio virar

Pro cavalo beber... ah! ah! ah!

BAIXINHO: Para com isso velha. Quer matar de susto dois pobres velhas que



sofrem do coração? hem? Onde é que você viu o cavalo azul, hem?

Diz logo velha, senão eu te mato.

VELHA: Me larga velho horroroso...

ALTO: Depressa baixinho. Lá vem gente. Ninguém deve saber que estamos aqui.

BAIXINHO: E o gordo...?

ALTO: O gordo... O gordo... Ah! o gordo foi no banheiro!

BAIXINHO: Então depressa, vamos atrás dele!

ALTO: Então vamos.

~~XXXXXXXXXXXX~~

VENDEDOR: Quem quer comprar?... (CONVERSA COM O VELHO ATÉ O RETORNO DOS BANDIDOS)

GORDO: Psiuu! Seu vendedor!

VENDEDOR: Quer comprar senhor?

BAIXINHO: Queria saber se o senhor não viu um menino com uma menina.

VENDEDOR: Ora, senhor, eu vejo tantos todos os dias.

BAIXINHO: Mas este é diferente. Ele anda atrás de um cavalo azul.

VENDEDOR: Ah! Aquelo? Vi sim. A menina até me comprou um brinquedo.

ALTO: Para onde foram eles?

VENDEDOR: Acho que foram até o curral do Cowboy. Lá está cheio de cavalos. Pode ser que ele encontre o dele lá.

BAIXINHO: Curral do Cowboy onde é?

VENDEDOR: No fim desta estrada que começa ali. Quem são os senhores? Parontes do menino?

BAIXINHO: Tios dele! E donos de um circo lá no sul. Obrigado pela informação. Vamos pessoal. Precisamos encontrar nosso sobrinhozinho.

OS DOIS: Nosso sobrinhozinho.

VENDEDOR: Quem quer comprar...

### CENA VIII

VELHO: O caminho para o curral do Cowboy era muito capprido. Vicente e a meninazinha começaram a andar pela estrada mas se perderam no caminho. E foram para longe do curral. Mas os velhos que são bandidos muito espertos vão chegar primeiro ao curral. Neste lugar o cowboy



criava cavalos para vender aos circos. Era port-  
los ensinados. De noite os bandidos chegaram. Estava  
escuro.



BAIXINHO: Este é branco. Este também é branco. Este também é branco.

BAIXINHO: Onde

ALTO: está

CORDO: o azul?

BAIXINHO: o azul

ALTO: está

CORDO: onde?

ALTO: Só se está trancado. Vamos esperar o dia chegar e perguntar ao  
vaqueiro.

CORDO: Por que não procurar logo?

ALTO: Se o vaqueiro desconfia pode mandar nos prender.

CORDO: Por que não pedimos a ele para nos vender?

BAIXINHO: Você é cético Cordo? Acha que alguém vai querer vender um ca-  
valo que voa, que canta e que é azul?

ALTO: Temos é que roubar.

CORDO: Vamos logo, então.

ALTO: Vê se o dia está amanehecendo?

CORDO: Já.

COWBOY: Que barulho é esse? Se é ladrão de cavalo, atenção! que eu atiro.  
Não há ninguém aí?

BAIXINHO: Somos três músicos pedindo esmola.

COWBOY: Músicos aqui no curral? Isto está me chateando a mente.

ALTO: Somos músicos, sim.

CORDO: Sim, somos músicos.

BAIXINHO: Boa noite Cowboy.

COWBOY: Vocês não vieram roubar meus cavalos?

BAIXINHO: Que bobagem. (OS OUTROS BOMBEIAM)

Vamos continuar a tocar para ele.

WICKIE: Olha quem está aqui. O circo! Os nossos amigos do circo. Os mú-



sicos! Queridos músicos, como é que vocês vieram parar aqui?

BAIXINHO: Andando. (OS OUTROS REPETEM)

VICENTE: Para que vocês estão aqui?

BAIXINHO: Viemos tocar música para este Cowboy.

OS DOIS: Viemos.

COUROY: Acho que eles são ladrões de cavalos.

VICENTE: São não, seu Cowboy. Eles são músicos do maior crico do mundo.  
Como vai o palhaço?

GORDO: Vai bem (OS OUTROS REPETEM)

VICENTE: Com licença. Quero falar com o Cowboy, porque o meu cavalinho azul está aqui. Com licença.

COUROY: Azul? Sim, claro, venha comigo.

BAIXINHO: Vocês não ouviram? Agora o cavalo está no papo. Mãos ao alto!

ALTO: Mãos ao alto!

~~XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX~~

GORDO: Passem já para cá o cavalo azul.

Mãos ao alto, menino!

ALTO: Mãos ao alto, menina!

COUROY: Ladrões de cavalos. Bem que eu desconfiava.

BAIXINHO: Passem logo o cavalo azul, se não querem levar tiros na barriga

VICENTE: Mas ele não está aqui, seu músico.

BAIXINHO: Não me faça de bobo, sim, menino? Já estou cansado de ouvir men  
tiras. Pensa que não ouvi o Cowboy dizer que o azul estava aqui

VICENTE: Mas não é o meu seu Baixinho. O meu não é igual aquele.

BAIXINHO: Seu Cowboy, não tenho tempo a perder. O cavalo ou a vida.

COUROY: Hip! Hip! Azul! Azul!

BAIXINHO: Vamos, por que ele não aparece?

COUROY: Azul!

GORDO: Mas este não é azul!

OS TRÊS: É branco.

BAIXINHO: ~~XXXXXXXXXX~~ é este o seu?

COWBOY - O NOME DELE É AZUL PQ. TEM  
O OUTRO AZUL

VICENTE: Não... O meu é todo azul e grande.

ALTO: E sabe cantar...

GORDO: E voar!

XXXXXXXXXX



BAIXINHO: E vai dar muito dinheiro ao Baixinho... Vamos. Quero o meu cavalo azul, está ouvindo? Quero o seu cavalo para coo compreende? Agora, neste minutinho.

VICENTE: Mas eu estou procurando o meu cavalo, e depois vou levá-lo ao ciroc. Fique calmo, seu músico, não é preciso isto aí. (REVÓLVER) O senhor é músico mesmo, ou é bandido?

BAIXINHO: Bandido e músico.

VICENTE: Mais bandido do que músico... ou mais músico do que bandido?

BAIXINHO: Quase que só bandido.

VICENTE: Vocês três?

OS TRÊS: Nós três.

VICENTE: Que caras feias, meu santo Deus. Vocês roubam pianos, violões, violinos, violas e vitrolas?

ALTO: Nós roubamos tudo.

BAIXINHO: Chega de conversa. Amarrem o menino. Enquanto ele não nos der seu cavalo azul, não será solto. Vamos, agora trate de descobrir o seu cavalo.

VICENTE: Amarrado ninguém pode procurar nada. Se vocês fazem o favor de me desamarrar.

BAIXINHO: Vai é morrer, porque estou desconfiado que este negócio todo é uma mentira.

ALTO: Nos fez andar meses e meses atrás dele...

GORDO: Estou cansado de procurar.

BAIXINHO: Menino que faz bandido ficar cansado e não acha cavalo azul deve morrer...

OS DOIS: Morrer.

VICENTE: Mas se eu morrer, quem vai procurar meu cavalinho?

BAIXINHO: Não interessa? (OS OUTROS REPETEM)

COUROY: Não ao alto! Músicos de meia tijela. Ladrões de cavalos! Já, já, para a polícia, andem!

BAIXINHO: Deixe ao menos levar nossos instrumentos, Sr. Cowboy. Assim, quando estivermos na prisão sozinhos, nossa música nos distrair

COUROY: Está bem. Mas andem logo. (FOGEM) Parem seus bandidos, que eu ati

ro mesmo...

\* MENINA: Vicente, meu amigo, vamos embora? <sup>?</sup> para nossa casa? Minha mãe e meu pai devem estar muito aflitos procurando.

VICENTE: Estou com muitas saudades lá de casa também.

\* MENINA: Então vamos.

VICENTE: Preciso primeiro achar ele. Depois eu volto. Você vai na frente, está bem? A gente pede ao senhor Deus para te levar. O senhor leva?

VELHO: Levo, sim, Vicente. Eu levo a meninazinha para a casa dela.

VICENTE: Eu sabia, Sr. Deus. Diga a papai e mamãe que estou quase achando o meu cavalinho. Diga a mamãe para preparar uma cama bem macia para mim. Estou cansado de tanto dormir no chão duro. Diga a papai para preparar capim verde para o cavalinho. Diga ao palhaço que os músicos são bandidos e quando eu chegar vamos fazer um circo só para nós. Me esperem todos na entrada da cidade que vou chegar como um doido galopando no meu cavalo...

\* MENINA: Adeus, Vicente, e volte logo. Cuidado com os perigos.

VICENTE: Diga a mamãe para botar vestido novo para a minha chegada e faça doce de coco e canja de galinha para eu comer... Adeus... Agora vou a serra da Mantiqueira. Ache que você está lá, meu cavalinho!

VELHO: Como vocês viram, os três músicos foram presos, a menina levou para a casa dela. Todos na cidade estão esperando Vicente voltar. Ele continuou correndo mundo. Quando estava muito cansado, vinha doitar aqui perto de mim. E foi assim que um dia... Vejam vocês...

VICENTE: Upa! Upa! meu cavalinho. Vamos já para casa, meu cavalinho! Papai, mamãe, a menina, o palhaço, estão todos nos esperando na entrada da cidade! Todos esperam nossa volta! Upa! Upa! Upa! Para casa, meu cavalinho. A galope! Para casa!





SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

R E L A T Ó R I O

Senhor Chefe:

Cumprindo determinação de V.Sa., realizamos dia 28 próximo passado, no DCE da UFSM/Santa Maria, o exame do ensaio geral da peça "O CAVALINHO AZUL", de autoria de Maria Clara Machado.

Foi levada ao palco pelo grupo "Porão de Teatro", tendo iniciado às 17:00 horas e terminado às 18:00 hs..Duração de 60 minutos.

O script segue anexo a este relatório para confronto e posterior fornecimento de Certificado de Censura.

A classificação etária para a peça: Censura Livre.

A PEÇA

Representada em um só ato, trata-se da história de um menino que elegeu seu melhor amigo um cavalinho que era seu melhor, amigo, companheiro de todas as horas. Imaginava-o bem branco com azas azuis, muito lindo. Seu pai era pobre e teve de vender o cavalo, pois já não tinha dinheiro para sustentá-lo. O menino não conformado, abandonou sua casa para ir procurar seu amigo.

Encontrou um amigo, João de Deus, que o guiava e orientava em suas andanças a procura de seu "Cavalinho Azul".

Seguiram também o menino, três bandidos que trabalhavam em um circo, e queriam roubar o cavalinho, caso fosse encontrado, para apresentá-lo, e ganhar bastante dinheiro. Não conseguiram porque o Cowboy viu os bandidos de revolveres querendo matar o menino.

Os bandidos foram presos e o menino, na sua inocência, continuou procurando, e finalmente encontrou seu amigo.

Cenário, Iluminação e Música.

No desenrolar da peça aparecem cinco (5) cenários. Inicialmente uma casa amarela, janela marrom com flores. Uma cerca cinza e corda para estender roupa. O segundo painel é um circo com bandeirinhas e arquibancada "Circo Nacional". 3º um coreto na Praça da cidade. 4º Um curral marrom com 3 (tres) cavalos. No último painel aparece: Fim. A iluminação é perfeitamente adequada a peça.

COREOGRAFIA E GUARDA ROUPA

Trata-se de uma peça bastante movimentada, com muitos gestos, pulos, correrias. As vestimentas dos personagens são bastante alegres e decentes.

Continua....

## SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

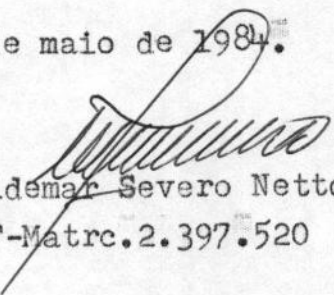
Continuação do Relatório - fls. 02 -

Vicente veste um macacão verde, camiseta e tenis.  
João de Deus usa botas pretas, calça cinza, camiseta branca, casaco verde (velho e sujo), carrega um banquinho na mão.  
Menina, vestido tipo jardineira, sandálias.  
Músicos: cartolas azul, vermelho e branco, calça preta com suspensórios, camiseta cor de rosa, sapatilhas brancas e bigodes.  
Pae: Chapéu, bombacha, camisa branca, alpargatas.  
Mãe: Vestido estampado azul, comprido.  
Vendedor: Capa amarela com chapéu da mesma cor.  
Velha que viu: Saia e blusa cor de rosa e lilás, xale marrom, bolsa preta e sombrinha.  
Palhaço: roupa de palhaço convencional, sapato grande vermelho.  
Cavalho: branco de tecido com duas pessoas dentro. Elefante: também de tecido com duas pessoas dentro.  
Cowboy - Calça de brim, bota e jaqueta marrom, camisa listrada.

CONCLUSÃO

É uma peça infantil bastante interessante e construtiva.  
Julgamos correta a classificação - Censura Livre - Nada havendo contra a liberação da peça por este Serviço.  
Era o que tínhamos a relatar.

Santa Maria, 02 de maio de 1984.



Waldemar Severo Netto  
APF-Matrc.2.397.520



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

RELATÓRIO Nº 275/84-SCC

## I. Identificação:

a. Título: "CAVALINHO AZUL"

b. Autor : Maria Clara Machado.

c. Especie: Texto teatral.

Visto.  
Em 08.06.84  
JOÃO BISPO DA HORA  
Téc. Cens. Matr. 2.324.463  
Chefe do SCCP/SE/DPF/RS

II. Resumo: Trata-se de uma peça infantil na qual o velho e pobre João de Deus, narra a história do menino Vicente e seu cavalo. Numa zona rural, vivia Vicente com seus pais, agricultores e pobres. O menino estava obstinado pelo seu cavalinho, imaginando tornarem-se grandes artistas no circo da cidade. Seu pai por falta de dinheiro, vendeu o cavalo dizendo ao menino que breve voltaria. O menino ganhou uma bola para brincar, porém não esquece o cavalo. Um dia sai de casa a procura do cavalo. Depois de muita luta encontra o amigo João de Deus que lhe ensina os caminhos para chegar ao cavalo. Eles foram seguidos por tres bandidos disfarçados de músicos que pretendiam roubar o cavalo azul para vendê-lo. Porém foram envolvidos com um cowboy, que foi enganado junto com o menino. Porém com as manobras do menino, todos foram soltos para buscar o cavalo, quando o Cowboy prende os ladrões e o menino encontra por fim seu cavalinho azul e volta para casa feliz e com festejos.

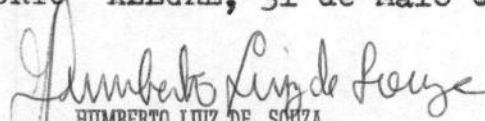
III. Mensagem Principal: Positiva; destaca a pureza da amizade infantil e sua perseverança na luta pela reconquista do mesmo.

IV. Público alvo: Infantil      Linguagem: Normal.

V. Grau de persuasão: relativo (conto infantil fantástico).

PARECER: Considerando tratar-se de uma peça infantil, com mensagem positiva de luta por um objetivo e sinceridade, opino pela liberação do texto em apreço com Censura Livre.

PORTO ALEGRE, 31 de Maio de 1984.

  
HUMBERTO LUIZ DE SOUZA  
TC - Matr. 2.018.156



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS  
RELATÓRIO Nº 274/84-SCC

1. Identificação:

Título: O CAVALINHO AZUL  
Autora: Maria Clara Machado  
Espécie: Texto teatral (exame)

2. Conteúdo:

2.1. Enredo: Um menino vivia brincando com um cavalo de seu pai, no sítio onde moravam. Na sua imaginação o animal era azul, voava e cantava. Imaginando mil coisas com ele, esperava um dia levá-lo a um circo. Mas fazia seca no lugar e o pai é obrigado a vender o animal. Compra uma bola para o menino, esperando compensar a perda do cavalo, pois sabe de sua afeição pelo animal. O garoto, porém, não entende como o seu cavalo poderia ter outro dono e parte à procura dele. Numa cidade busca-o num circo, mas não o encontra ali. O circo, na realidade, era explorado por três ladrões que ao ouvirem o menino dizer que procurava um cavalo "azul" voador e cantador, seguiram-no às escondidas por todos os lugares onde andava. O garoto encontrara no circo uma menina que se tornara sua amiga. Esta se oferecera para procurar o cavaleiro azul com ele e desde então, acompanhava-o. Alguém diz aos meninos que o cavalo estava no curral do cowboy e lá chegando são presos pelos três bandidos que os seguiam. Mas o cowboy prende os facínoras. A menina volta para casa porque estava com saudades dos familiares e o menino continua na busca de seu cavalo azul, até que um belo dia ele aparece montando-o, de volta para os seus.

2.2. Mensagem: Mostra que a tenacidade e a perseverança são importantes na procura do que se deseja. É positiva.

3. Público alvo: Infantil.4. Linguagem: Coloquial e narrativa.5. Grau de persuasão: Convincente.

6. Perspectiva censória: A peça apresenta temática infantil, mostrando o poder da imaginação da criança com seus brinquedos, e, no caso, a afeição do menino pelo cavalo. Mostra como um brinquedo pode tornar-se elemento da maior importância para a criança, devendo o adulto ter muita sensibilidade e tato ao procurar substituir ou tirar dela um brinquedo ou um animal ao qual se afeiçãoou. Contém críticas veladas à educação tradicional, atingindo mais aos adultos e sem maior influência sobre o público infantil quanto a este aspecto.

PARECER

Opinamos pela liberação da peça, pois a mesma não contém matéria contrária à legislação censória em vigor.

7. Classificação etária: Livre.

Porto Alegre, 31 de maio de 1984.

  
GRACIETE DA SILVA GAMBIM  
TC - Matr. 2.415.790

## SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

PARECER nº 282 - SCC -

TÍTULO : CAVALINHO AZUL  
AUTOR : MARIA CLARA MACHADO  
ESPÉCIE: TEXTO DE TEATRO  
CLASSIFICAÇÃO: LIVRE

*Vi rto.*  
*Em 08.06.84*  
JOÃO ESPO DA HORA  
Téc. Cens. Matr. 2.324.483  
Chefe do SCDP/SR/DF/RS

Enredo: família pobre vende seu único cavalo, pois necessitava comprar alimentos, porém o menino que se apegará ao animal, não compreendendo a situação e desejoso de encontrar seu cavaleirinho sai pelo mundo a procurá-lo. Em suas andanças pergunta a todos por um cavalo azul que faz muitas proezas e ao chegar a um / circo, alguns malfeitores, acreditando na fantasia do menino, imaginam obterem muito lucro com tal animal e tudo fazem para conseguí-lo. Perseguindo e ameaçando o menino quando este encontra seu magro e velho cavaleirinho, este consegue auxílio do cowboy dono do estábulo, que prende os malfeitores permitindo o retorno do menino a casa com o seu grande amigo cavaleirinho.

Mensagem: Estimulo a perseverança em busca de um objetivo.

Linguagem : Adequada, coloquial.

Público Alvo: infantil

Grau de Persuasão: fraco

Perspectiva Censória: Valorização da criatividade e reconhecimento do mundo infantil dando importância aos conceitos e valores que o estruturam.

Parecer: pelo exposto, opino pela liberação sem restrições de idade. LIVRE.

Porto Alegre, 04 de junho de 1984.

*Irigoien Rosa Pedrosa*  
T. CENSURA - SCDP/  
MAT. 2.404.837



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0248, p.195

# CENSURA FEDERAL

## TEATRO

Certificado Nº 365/84-RS

PEÇA O CAVALINHO AZUL

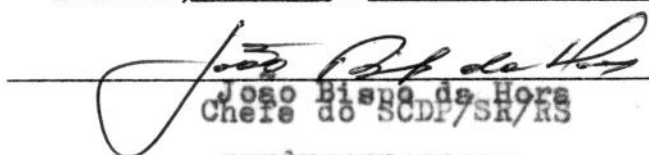
ORIGINAL DE MARIA CLARA MACHADO

PELO SCDP/SR/RS  
~~XXXXXXXXXX~~  
APROVADO PELA D.O.C.D.P.  
CLASSIFICAÇÃO

VÁLIDO ATÉ 19 de agosto de 19 84

P.Alegre,  
~~XXXXXXXXXX~~ 19 de junho de 19 84  
Brasília,

CENSURA FEDERAL/RS  
LIVRE

  
João Bispo da Hora  
Chefe do SCDP/SR/RS

~~XXXXXXXXXX~~  
Diretor da DODPX



M.J-D.P.F  
CERTIFICADO DA D.C.D.P

Certifico constar no arquivo de registro de peças teatrais deste Serviço, o assentamento da peça intitulada O CAVALINHO AZUL

Original de MARIA CLARA MACHADO

Tradução de \_\_\_\_\_

Adaptação de \_\_\_\_\_

Produção de E D M PRODUÇÕES PROMOÇÕES - SANTA MARIA/RS

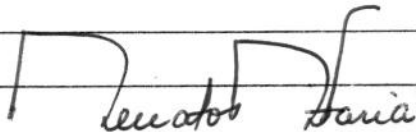
Requerida por EUCLIDES DUTRA DE MORAIS

Tendo sido censurada em 19 de junho de 19 84 e recebido

a seguinte classificação: LIVRE, SEM CORTES, CONDICIONADA AO EXAME DO ENSAIO GERAL. ESTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO "SCRIPT" DEVIDAMENTE CARIMBADO POR ESTE SCDP/SR/RS.

P. Alegre,

Brasília, 19 de junho de 19 84



RENATO RODRIGUES DE FARIA

Téc. Censura N.º 415.818

Chefe da SCC/SCDP/SR/DPF/RS

~~Chefe do Serviço de Censura~~

TÍTULO O CAVALINHO AZUL.

AUTOR: MARIA CLARA MACHADO.

1) ARQUIVO

Clas. Anterior 3 LIVRE.

Praça SR/RS

Obs.: \_\_\_\_\_

DF. 26 / 06 / 84

[Assinatura]  
Resp. pela elaboração do Processo

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura \_\_\_\_\_

Técnico de Censura \_\_\_\_\_

Data prazo Exame de \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_ a \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_

DF. \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_

\_\_\_\_\_  
Resp. pela Programação

3) CHEFE DA S.C.T.C.

Emita-se o certificado, de acordo com requerimento de censura e com a classificação: imprópria para menores de livre anos, sem cortes, condicionada ao exame do ensaio.

Obs.: Cert. Parecerio SR/RS  
Brasília-DF, 27 de junho de 1984

[Assinatura]  
Técnica de Censura  
Mat. 2.415.904

Brasília-DF de de 1.97

4) SERVIÇO DE CENSURA

A consideração do Senhor Diretor da DCDP, tendo em vista tratar-se de \_\_\_\_\_ para o qual os sensores possuem a classificação etária de livre

Brasília-DF, 29 de junho de 1984

Em de de 1.97

5) DIRETOR DA D.C.D.P.

**LIBERE-SE**  
na forma do parecer

Em, 29 / junho / 1984

[Assinatura]

Solange M. T. Hernandez  
Diretora da DCDP



BR DFANBSB NS.CPR.TEAT.PLE. 0248, p.198

**MINISTÉRIO DA JUSTIÇA**  
**DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL**  
**DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS**

**ESPETÁCULO TEATRAL**

CERTIFICADO Nº

**0812**

EMIÇÃO

**29 JUNHO DE 1984**

VALIDADE

**29 JUNHO DE 1989**

TÍTULO

**O CAVALINHO AZUL**

AUTOR (ES)

**MARIA CLARA MACHADO**

CLASSIFICAÇÃO

**LIVRE**

JUSTIFICAÇÃO DE IMPROPRIEDADE

*Solange M. F. Hernandez*  
**SOLANGE MARIA TEIXEIRA HERNANDES**  
**DIRETORA DA DCDP**  
ASSINATURA

TÍTULO: **O CAVALINHO AZUL**

ESPÉCIE: **PEÇA TEATRAL**

CERTIFICADO Nº **0812**

TRADUTOR OU ADAPTADOR:

REQUERENTE: **EUCLIDES DUTRA DE MORAIS - SANTA MARIA/RS.**

DECISÃO: **LIVRE. CONDICIONADA AO EXAME DO ENSAIO GERAL. ESTE CERTIFICADO SÓ TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO SCRIPT DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.**

**BSB, 29 DE JUNHO**  
**ARS.**

**DE 19 84**

*Nei de Oliveira*  
**NEI DE OLIVEIRA**  
**CHEFE DO SC = DCDP**  
ASSINATURA



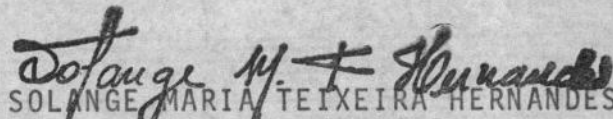
02 de julho de 1984

1098/84-SE/DCDP

RS

"O CAVALINHO AZUL", de autoria de Maria Clara Machado.

Atenciosamente,

  
SOLANGE MARIA TEIXEIRA HERNANDES  
Diretora da DCDP



DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL  
COD. 000 - 00202

31 AGO 10 11 55 006266

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL DCDP / BSB  
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL  
SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL DE S. PAULO  
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

OF.

Nº 4378 / 84- SCDP/SR/SP

Em 30 de Agosto

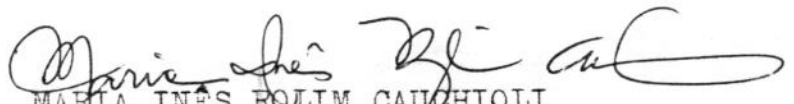
de 19 84

Senhor Diretor

De acordo com a Portaria nº 017/78-DCDP, estamos encaminhando a V.S. uma via do texto e relatórios de leitura e de ensaio geral da (s) peça (s) teatral (is):

- 01 - ARENA CONTA ZUMBI, de Augusto Boal, Gianfrancesco Guarnieri e Edu Lobo
- 02 - A REVOLTA DOS BRINQUEDOS, de Pedro Veiga e Pernambuco de Oliveira
- 03 - QUANDO TENHO RAZÃO NÃO É CULPA MINHA, de Hugo Possolo e Carmo Murano
- 04 - O CAVALINHO AZUL, de Maria Clara Machado
- 05 - ULTIMO TANGO EM HUAHUATENANGO, de John Holden

Na oportunidade, renovamos a V.S., pro -  
testos de estima e consideração.

  
MARIA INÊS ROLIM CAUCHIOLI  
CHEFE DO SCDP/SR/SP

Ao Ilmo. Sra.

DRa. SOLANGE MARIA T. HERNANDES

DD. Diretor da DCDP

BRASILIA/DF

## CIA. DE TEATRO ARCO-IRIS

C. G. C. 51.876.392/0001-00

Rua Santa Catarina, 138 - Vila Santana - Fone (DDD 0192) 71-3795 - CEP 13270 - Valinhos - SP.

ILMO. SENHOR CHEFE DO SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS  
DO DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL DE SÃO PAULO.

*Int. 16828*

*07/08/84*

Alfredo João Ribeiro, portador do RG. ( 9. 858.362 ) de nacionalidade brasileira, residente à Rua Santa Catarina, 138 - V. Santana - Valinhos SP. representando a Sociedade Cultural Teatro Arco-Iris, com sede no mesmo endereço citado acima, pretendendo encenar a peça infantil " O CAVALINHOS AZUL " vem mui respeitosamente requerer que a V.SA. se digne a mandar proceder a leitura e exame censório do espetáculo.

Para tanto prestamos as seguintes informações:

NOME DA PEÇA.....O CAVALINHOS AZUL  
AUTORA.....MARIA CLARA MACHADO  
PRODUTOR.....SOCIEDADE CULTURAL TEATRO ARCO-IRIS  
LOCAL.....DIA 18 e 19 de AGOSTO- Centro de Convivência - Campinas.

TERMOS EM QUE,  
P.DEFERIMENTO

SÃO PAULO 06 DE AGOSTO DE 1984

*Alfredo J. Ribeiro*  
Alfredo João Ribeiro



Campinas  
Vera  
04/08/84

## O CAVALINHO AZUL

1 ato e 9 cenas

Música de Reginaldo de Carvalho

### PERSONAGENS

João de Deus *solista*

Vicente, o menino *2.º*

O pai *1.º homem*

A mãe *atriz*

O pangaré - *os músicos*

O palhaço - *palhaço*

O músico gordo

O músico alto

O músico baixo

A menina - *atriz*

O 1.º homem - *palhaço*

O 2.º homem -

O 3.º homem -

A lavadeira - *atriz*

O vendedor

Os três soldados

Velha-que-riu - *atriz*

O cowboy - *palhaço*

Os três elefantes

Os quatro cavalos } *FANTASMAS GRANDES*

Os personagens dos três elefantes podem ser os mesmos dos três soldados. Os quatro cavalos podem ser os soldados, o 1.º e o 2.º homem.

## CENÁRIO

*O palco vazio com fundo azulado. Os elementos das várias cenas vão sendo colocados à medida que a ação se desenrola.*

- 1.<sup>a</sup> cena: Sugestão de uma casa.
- 2.<sup>a</sup> cena: O mesmo.
- 3.<sup>a</sup> cena: Cena vazia.
- 4.<sup>a</sup> cena: Sugestão de arquibancada de circo. 3 cadeiras.
- 5.<sup>a</sup> cena: O mesmo.
- 6.<sup>a</sup> cena: Cena vazia.
- 7.<sup>a</sup> cena: Sugestão de uma cidade: um coreto.
- 8.<sup>a</sup> cena: O curral do cowboy.
- 9.<sup>a</sup> cena: Cena vazia.

1.<sup>a</sup> CENA

*(Ao abrir-se o pano, vê-se apenas o palco vazio. Enquanto se ouve a música n.º 1A, 1B, um velho de longas barbas, maltrapilho e vagabundo, simpático e bonachão se dirige em direção à platéia segurando um tamborete.)*

## VELHO

Eu me chamo João de Deus. Sou vagabundo. Estou aqui para contar a história do menino Vicente

e de seu cavalo. Um dia perdi a tesoura de cortar barba e tive que deixar crescer esta barba. No princípio não gostava; sujava muito quando eu comia, mas agora gosto; quando faz frio cubro-me assim, *(Mostra.)* e minha barba serve de cobertor. Também aprendi a comer com minha barba: faço assim. *(Mostra.)* Gosto dela também por causa do Vicente, que me achou parecido com o Padre Eterno. Isto quer dizer que minha barba se parece com a barba de Deus. Por isso cuido dela. Barba de Deus é coisa séria. Vou contar como é que esta história começou. Aqui *(Pela esquerda entram o pai e a mãe carregando a casa.)* morava Vicente com seu pai e sua mãe, nesta casinha. *(O pai e a mãe colocam a casa e o banquinho e desaparecem.)* E ali vem ele — nem me viu ainda — com seu cavalo. Vou deixar esta história contar-se por si mesma, enquanto vou ajudando aqui, ao lado. *(O velho senta-se no tamborete, fora da cena, perto da cortina, na semi-obscuridade, enquanto a luz cresce dentro do palco, onde se vê um menino pobre puxando uma enorme corda que prende ao pescoço de um feio pangaré, sujo, magro, com cara infeliz. O menino, em êxtase, procura convencer o cavalo. (Dois atôres em pé, um fazendo a cabeça com uma máscara e o outro fazendo de traseiro.)*

VICENTE

Se você der mais uma voltinha, só mais uma voltinha, meu cavalinho, eu prometo levar você lá numa campina toda verdinha de tanto capim verde. Vamos, vamos, meu cavalinho azul! *(O cavalo se levanta com grande esforço e começa a trotar em volta do menino.)* Vamos, meu cavalinho azul! Upa! Upa! Upa! *(O cavalo, cansado, começa a se arrastar.)*

VICENTE

*(Zangado.)* Assim você não poderá trabalhar no circo! Não pode. Veja como eu faço. Como aquele grande cavalo branco lá do circo da cidade. Buuuuuuuu, assim, levantando as patas e depois me levando na garupa como a bailarina Lili, toda verde de tão bonita, e o domador Rogério de boné dourado e calças vermelhas... Upa! Upa! Upa! Vamos, vamos! *(O cavalo está exausto.)* Bem, por hoje, chega. Amanhã treinaremos mais. Você está cada vez melhor e mais bonito.

MÃE

*(De dentro.)* Vicente!

VICENTE

O que é, mamãe?

MÃE

*(Saindo com uma trouxa de roupas para lavar.)*  
Venha estudar, menino. Está quase na hora da escola.

VICENTE

Já vou, mamãe. Deixe eu conversar mais um pouquinho só com meu cavalinho azul.

MÃE

Que cavalinho azul, que nada! Um pangaré velho que não presta mais nem para puxar a carroça



de teu pai (*Saindo com a trouxa.*) Cavalinho azul! . . . Azul!

VICENTE

(*Baixo, para o cavalo.*) Não liga não, meu cavalinho. (*Para a platéia.*) Mamãe chama meu cavalinho de sujo e velho porque ela pensa que ele é sujo e velho, porque mamãe é gente grande e gente grande tem que lavar roupa, fica cansada e maltrata o cavalinho, sem querer. Como é que ela pode saber a côr do meu cavalo se nem vê ele direito de tanto cozinhar, arrumar e lavar roupa? Também ele anda um pouco sujo hoje, mas é porque a água do nosso rio está quase seca, não lava mais direito, (*Para o cavalo.*) mas amanhã vou também te levar num rio muito grande, muito branco de tão limpo, que passa perto da campina verde. Lá você tomará um banho e vamos para o circo. Quem não estiver muito limpo e lindo também não pode entrar no circo, está ouvindo?

PAI

(*Chegando com o balde.*) Vicente, olha a ração do Mimoso. E chega de fazê-lo rodar. Ele está muito magro, precisa descansar.

VICENTE

Vou levar ele, papai, para a grande campina verde e vou dar um banho nele no rio de água branca.

PAI

(*Bem humorado.*) Onde é que existe esta campina, menino? Tudo está seco, isto sim. Seco e esturricado. Onde é que tem um rio grande e branco?

VICENTE

Aquêlê lá longe.

PAI

Longe, onde?

VICENTE

Ora, papai, lá longe, do outro lado daquele morro mais longe.

PAI

Lá longe é a cidade.

VICENTE

Onde está o circo, não é?

PAI

É. Vá estudar, menino.

VICENTE

Vou buscar meu livro e venho estudar aqui, tá bem? (*Entra por trás da casa.*)

PAI

(*Depois de misturar a comida do cavalo.*) Toma, pangaré, come isto para não morrer de fome. (*O pan-*

garé enfia a cara no balde. O pai sai e volta o menino.)

VICENTE

Você sabe o que é uma ilha? É uma quantidade de terra cercada de água por todos os lados... Um istmo (*Diz baixinho, como procurando decorar.*) Um istmo... é... Sabe, cavalinho, nós vamos lá... nós vamos na ilha cercada de água por todos os lados, cercada de istmos... de cabos, de tudo. Depois vamos ao promontório. Depois, eu monto em você e saímos correndo atrás das capitâncias hereditárias... Vai ser ótimo!

MÃE

(*De dentro.*) Vicente, venha estudar cá dentro. Sòzinho, longe dêste cavalo.

VICENTE

Estou indo. (*Entra gritando.*) Vamos para as capitâncias hereditárias! Eu e meu cavalinho azul...

PAI

(*Chegando e ouvindo as últimas palavras do tio.*) Mulher! venha cá. (*A mãe chega.*) Mulher, temos que vender o pangaré. (*O cavalo levanta a cara do balde, assustado.*)

MÃE

(*Preocupada.*) Vender? Por quê?

PAI

Êste pangaré não serve mais para nada. Já vendi a carroça. Êste cavalo só serve para comer mais dinheiro. Se fôr vendido, posso apurar uns cobres e com êle comprar umas galinhas e começar uma criação.

MÃE

E o menino?

PAI

O menino esquece. Arranja outro brinquedo.

MÃE

Esquece não. Êle só pensa nisto.

PAI

Está ficando doido; melhor é levar o cavalo logo. (*Põe o chapéu, pega o cavalo pela corda.*) Vou à cidade vendê-lo. Pro menino trago um brinquedo. Adeus, mulher. (*Sai.*)

MÃE

Por que você não vende a vaquinha?

PAI

(*Parando e voltando-se.*) A vaquinha dá leite.

MÃE

Mas o cavalo dá alegria ao menino.

PAI

Mas não dá dinheiro. O menino se acostuma.  
(O pai sai puxando o pangaré. No proscênio êle se encontra com o velho João de Deus e pára.)

VELHO

Bom dia.

PAI

Quem é o senhor?

VELHO

Sou João de Deus.

PAI

O que é que está fazendo aqui?

VELHO

Estou vendo tudo.

PAI

Para quê?

VELHO

Para contar aos outros, (Para a platéia.) êles.

PAI

(Depois de olhar para a platéia.) Vai contar na certa que sou um pai muito ruim porque vou vender o pangaré! ...

VELHO

O senhor tem que vender mesmo?

PAI

Depois quem vai arranjar dinheiro para o menino comer? É muito fácil ter pena do pangaré, mas de mim ninguém tem. Adeus. (Sai muito zangado.)

VELHO

O pai ficou muito zangado e partiu para a feira, onde vendeu o cavalo. Pensamos que o menino ia ficar muito triste. Alguns dias se passaram, e vejamos o nosso Vicente sentadinho na porta, com sua bola, presente do pai. (Escurece no velhó e clareia na cena.)

## 2.ª CENA

Vicente, sentado na soleira da porta, de vez em quando dá uma espiadela para fora. (Ouve-se a música n.º 3A.)

VICENTE

Mamãe!

(Aparecendo.) Que é, menino?



VICENTE

Que horas que ele volta?

MÃE

Quem?

VICENTE

O meu cavalinho azul.

MÃE

Acho que ele volta... amanhã. Venha para dentro, Vicente. Nem almoçou direito. Assim sem comer você não pode ficar.

VICENTE

Estou esperando.

MÃE

(Com muito jeito.) Acho, meu filhinho, que seu cavalo não volta mais. Seu pai trouxe esta bola para você brincar com ela. Você não acha bonita esta bola?

VICENTE

Acho. Por isso que eu quero mostrar ela ao meu cavalo.

MÃE

(Exasperada.) Seu cavalo foi vendido.

VICENTE

Eu sei, mamãe, não precisa gritar. Papai me disse. Mas depois ele volta.

MÃE

Mas agora ele tem outro dono.

VICENTE

(Rindo.) Outro dono. Ah! ah! ah! Como é possível isto, mamãe? Dono a gente só tem um. Ele volta.

MÃE

Volta não.

VICENTE

Volta sim. Volta porque estou esperando ele para irmos ao circo.

MÃE

(Entrando na casa.) Ah, menino. Assim não é possível.

VICENTE

(Música n.º 3B)

(Sòzinho.) Estou achando é que meu cavalinho perdeu o caminho. (Suspirando forte.) Ele é tão dis-

traído! Preciso ir atrás dêle. Mamãe disse que êste mundo está cheio de perigos. Não posso mais deixar meu amigo perdido por aí. Talvez êle tenha ido para as Antilhas Holandesas ou então para a ilha de Bro-coiô cercada de água por todos os lados, ou algum istmo ou cabo... sei lá, todos êstes perigos... e se êle foi para a serra da Mantiqueira? Coitadinho! Adeus meu pai, adeus minha mãe, me esperem que eu volto com êle. Adeus. *(O menino sai pelo proscênio em direção oposta ao lugar onde está o velho e a música continua até o encontro com o velho.)*

### 3.ª CENA

*(O velho entra na cena e tira a casa. Vicente torna a aparecer na cena nua, enquanto o velho o aguarda.)*

VELHO

Sòzinho, menino, neste caminho?

VICENTE

Quem é o senhor?

VELHO

*(Meio surdo.)* O quê?

VICENTE

Quem é o senhor?

VELHO

João de Deus.

VICENTE

*(Espantadíssimo.)* O senhor é... o Deus?

VELHO

*(Depois de uma pausa, gozador, topando a confusão.)* Sou.

VICENTE

Do catecismo?

VELHO

Ih! ih!, ih... sou.

VICENTE

Bem que eu estou vendo tanta barba. *(Pausa.)*  
Deus no duro? Padre Eterno?

VELHO

No duro.

VICENTE

Aquêle que está en: tôda a parte?

VELHO

Aquêê mesmo.

VICENTE

Então, Senhor Deus, quer fazer o favor de olhar onde está o meu cavalinho azul?

VELHO

O quê?

VICENTE

Pois o senhor não vê tudo?

VELHO

Vejo. Claro que sim...

VICENTE

Cabos, ilhas, istmos, serra da Mantiqueira, e tudo? e idéia na cabeça e tudo?

VELHO

E tudo.

VICENTE

Então cadê êle?

VELHO

Êle?

VICENTE

O cavalo. Não viu? O meu?

VELHO

Não vi.

VICENTE

Mas você não vê tudo?

VELHO

Ah! vi sim. Muito lindo seu cavalo.

VICENTE

Azul!

VELHO

Com cauda azul, muito grande...

VICENTE

Não, a cauda é branca, ó Deus, você esqueceu?

VELHO

Esqueci não. Fico cansado de ver tudo ao mesmo tempo...

VICENTE

Deve cansar mesmo ver tudo ao mesmo tempo. Não tem dor de cabeça? Eu não. Não sou como o



nos dêste circo são aquêles três músicos que vêm ali (O velho volta ao tamborete. Os músicos entram com suas cadeiras, solenemente. Um gordo e alto, o segundo alto e magro, e o terceiro, baixinho. O gordo leva um violino, o alto leva um piano, e o baixinho, um contrabaixo, que vão buscar fora de cena depois de colocarem as cadeiras no fundo da cena. Êstes instrumentos são feitos de madeira compensada, bem leves para serem carregados e a música é tocada nos bastidores enquanto os músicos de cena apenas pretendem que tocam como em instrumentos de brinquedo. O gordo abre a portinhola de seu violino que só tem a utilidade de guardar dinheiro, e retira uma flauta. Os três começam a tocar a música n.º 5A, enquanto chega a meninazinha que cumprimenta os velhos e senta na arquibancada. Os velhos usam fraque e cartola, barbas postiças e pedaços de cabelos saindo das cartolas.)

#### VELHO

Êstes velhos alugaram um palhaço para fazer graça enquanto êles tocavam e ganhavam dinheiro.

(Tambor forte para a chegada do palhaço.)

#### PALHAÇO

Caro público! Boa tarde, bom dia e boa noite! Êste é o nosso grande circo americano! Boa tarde, bom dia e boa noite! Os melhores (Acentuando.) trapezistas do mundo vão voar por êste teto! Cinco elefantes vermelhos, domesticados, educados, amestrados, vão cantar! Cantar, caro público, cantar com voz de elefantes! Um cachorro chamado Doly vai tocar violino... Tocar violino, caro público, com pata de ca-

chorro... Um gato vai cantar... Um gato cantor, caro público, com voz de barítono... Uma foca bailarina e uma bailarina gente vão dançar ao mesmo tempo, ao mesmo tempo, caro público, em cima de cinco cavalos... cinco cavalos, caro público... Um homem que engole fogo e cospe gelo, cospe gelo, caro público, (Ouve-se um tambor forte. Segue-se grande silêncio.)

#### PALHAÇO

... Tudo por cinco cruzeiros!

(O palhaço passa pela arquibancada esperando quem pague, enquanto os músicos terminam a valsinha. A menina se levanta e tira de uma bolsinha cinco cruzeiros, que entrega ao palhaço; êste leva o dinheiro para o gordo, que abre a portinhola de seu violino e guarda o dinheiro.)

E, para começar, o grande palhaço, o mais engraçado do mundo, vai fazer um número de corda bamba. Êste palhaço sou eu e aqui está a corda bamba.

(O palhaço estica no chão uma corda, abre um guarda-chuva mirim e começa a fingir que se equilibra no clássico número. Os músicos acompanham o número. A menina bate palmas.)

#### PALHAÇO

Muito obrigado! Muito obrigado, caro público! E agora o grande palhaço do grande... (Neste momento entra Vicente; o palhaço faz uma pausa para olhá-lo, depois recomeça)... do grande circo americano vai fazer o número de contorcionismo. (Vicente, entusiasmado, começa a bater palmas. O palhaço fica nervoso com tanto entusiasmo e desanda a fazer uma

série de números e evoluções, sempre com Vicente e a menina batendo palmas, até que, exausto, se senta no chão.)

VICENTE

(Aproximando-se.) Grande palhaço do grande circo americano, quer fazer o favor de me dizer se o meu cavalo azul está aqui?

PALHAÇO

O quê? Um cavalo azul? Nunca vi. (Põe-se de pé. Os músicos também.)

VICENTE

Com um rabo enorme, branco!

PALHAÇO

Isto existe? Um cavalo azul?

VICENTE

O meu. É lindo. Dança, canta e voa.

PALHAÇO

(Correndo para os músicos.) Cavalo azul... Cavalo azul... Deve ser mentira... Deixa de bobagem, menino. Não vê que estou trabalhando? Não atrapalhe meu número contando coisas (meio em dú-



Vicente e João de Deus (Clare Isabella e Cesar Tozzi)

vida) que não existem. . . Sai daí. (*Num canto, desconfiado.*) Cavalo azul!

(*Vicente sobe na arquibancada, os músicos tocam um acorde esquisito, o palhaço presta atenção e corre para Vicente.*)

PALHAÇO

Se quiser assistir, tem que pagar.

VICENTE

Mas eu não tenho dinheiro.

MENINA

Eu pago para êle. (*A menina tira o dinheiro e dá ao palhaço; êste leva-o ao músico gordo, que o guarda dentro do violino.*)

VICENTE

Obrigado, menininha.

PALHAÇO

Agora podem bater palmas. Acabei meu número de contorcionismo. (*Vicente e a menina batem palmas.*)

PALHAÇO

(*Trocando de casaca e pondo uniforme de dormador.*)



Atenção. Agora o grande circo americano vai apresentar o número dos três elefantes que vieram especialmente da África para o nosso circo.

*(Entram três elefantes muito cansados que dançam muito sem graça uma valsa tocada pelos músicos (10). Depois, os elefantes vão-se embora e os meninos batem palmas.)*

PALHAÇO

E por hoje é só, caro público.

MENINA

Mas o senhor disse que ia ter uma porção de coisas mais!

PALHAÇO

Eu disse?

MENINA

Disse sim. Cachorro que toca violino. Trapezistas no ar, e a dançarina Lili? E a foca? Cadê?

PALHAÇO

*(Cortando.)* Ah! é verdade... mas isto tudo vai ser amanhã... Amanhã, caro público. Imaginem que a dançarina Lili *(Confidencial.)* está com dor de barriga... e o trapezista... o trapezista... *(Entusiasmado-se.)* caro público, torceu o pé... o cachorro

que toca violino foi despedido porque... porque mordeu o rabo do gato cantor... e o gato cantor foi para o hospital... mas amanhã... caro público... amanhã por cinco cruzeiros teremos tudo isto... Boa tarde... bom dia... boa noite... *(Vai saindo enquanto fala. A música recomeça: 5A.)*

*(Vicente acompanha a música com o corpo. A menina observa-o.)*

MENINA

Ele é azul mesmo?

VICENTE

O quê?

*(Os músicos param de tocar e põem ouvidos.)*

MENINA

*(Repetindo.)* Ele é azul mesmo?

VICENTE

Tão azul que nem sei!

MENINA

Eu gostaria tanto de procurar um cavalo azul!

VICENTE

Você quer vir comigo?

MENINA

Não posso.

VICENTE

Por quê?

MENINA

Paguei cinco cruzeiros e estou esperando acontecer alguma coisa bonita aqui no circo.

VICENTE

E não acontece nada?

MENINA

Todos os dias é a mesma coisa. O palhaço dá cambalhotas e os três elefantes dançam. Já dei tôdas as minhas notas de cinco e ainda não vi o cachorro tocar violino.

VICENTE

Vai ver que é mentira do palhaço.

MENINA

Será?

VICENTE

Vamos buscar o cavalinho. É melhor procurar nós dois do que sozinho. Vai ser lindo!

MENINA

Tenho que pagar cinco cruzeiros?

VICENTE

Não. Você pode vir de graça.

MENINA

Então, vamos.

VICENTE

Para que lado você quer ir primeiro? No Pacífico ou no Índico?

MENINA

Tenho um tio que mora no Ceará. Vamos lá primeiro?

VICENTE

Capital Fortaleza?

MENINA

É.

VICENTE

Fortaleza é um nome lindo. Então vamos lá primeiro.

(Saem. Clareia sôbre o tamborete onde está o velho João de Deus.)

VELHO

Enquanto Vicente saía com a menina, os três velhos músicos que na verdade são três bandidos disfarçados. *(Os velhos tiram a barba e fazem cara de bandido.)* estes bandidos que fingiam que eram músicos, obrigavam o palhaço a trabalhar de graça, não davam comida aos elefantes dançarinos, roubavam tudo que viam, quando ouviram a história do cavalinho azul ficaram loucos para roubá-lo do menino.

*(Penumbra sobre o velho.)*

BAIXINHO

Você ouviu? Ele tem um cavalo azul.

GORDO

Se conseguirmos este cavalo para o circo, ganharemos tanto dinheiro que ficaremos milionários... Todo mundo vai querer ver esta maravilha.

ALTO

Vamos pegar o menino.

BAIXINHO

Chame o palhaço.

*(O Alto sai e volta com o palhaço.)*

BAIXINHO

Você ouviu o menino, palhaço?

PALHAÇO

Ele tem um cavalo azul.

ALTO

Com um rabo enorme, branco.

BAIXINHO

E sabe dançar.

OS QUATRO

E voar.

*(Os três velhos se entreolham, vestem as barbas e se precipitam para fora de cena, trazendo em seguida Vicente e a menina um pouco atrás. Vicente está assustado. Os três estão querendo adular o menino.)*

BAIXINHO

Palhaço, vai buscar pipocas para ele. *(Palhaço sai.)*

ALTO

Sente-se aqui, menino.

GORDO

E você aqui, menina. *(Os dois meninos sentam-se nas duas cadeiras oferecidas pelos músicos.)*

*(O palhaço volta com as pipocas. Os quatro olham para os meninos comerem as pipocas.)*



BAIXINHO

Faz uma graça, para o menino rir, palhaço.

(O palhaço faz umas caretas, mas o menino não ri. Só os três músicos dão gargalhadas estrondosas para impressionar o menino, que finalmente começa a rir. A menina está um pouco assustada.)

BAIXINHO

(Quando todos param de rir de repente.) É verdade mesmo, menino?

VICENTE

É.

OS TRÊS

Azul?

VICENTE

Azul.

ALTO

Como o céu?

VICENTE

Não.

GORDO

Como o mar?

VICENTE

Não.

OS TRÊS

Oh!

BAIXINHO

Como os olhos do palhaço?

VICENTE

Não.

ALTO

Então como é êle?

VICENTE

(Música n.º 13)

(Enleado.) Às vezes êle fica como o céu, depois, quando vem a tarde, êle fica um pouco como os olhos do palhaço, mas à noite é sempre como o mar à noite.

OS QUATRO

É lindo! Sen-sa-ci-o-nal...

VICENTE

É. (Cessa a música.)

BAIXINHO

(Rapidamente.) Por quanto você quer vender?

VICENTE

Não quero vender nunca. Meu pai já vendeu, mas vou buscá-lo.

MENINA

Não vende não! ...

BAIXINHO

(Chamando os outros para confabularem num canto.) Venham cá. Fica aí, palhaço, fazendo mais graça para êle.

(Enquanto os três músicos bandidos confabulam, o palhaço tenta continuar as graças.)

VICENTE

Não precisa disso não, palhaço. Você já deve estar cansado.

BAIXINHO

(Voltando-se para Vicente.) Êle come muito, seu cavalo?

VICENTE

Só milho e capim, às vêzes um pouco de nuvem que desmancha.

BAIXINHO

(Como para si mesmo.) Nuvem desmanchada é chuva. É barato. (Para Vicente.) E por onde anda êle?

VICENTE

Aí pelo mundo... Na serra da Mantiqueira, no Ceará ou... (Os três se aproximam.)

OS TRÊS

Ou...

VICENTE

Nas Capitanias Hereditárias.

OS TRÊS

!!!!

VICENTE

Ê. Um dia êle fugiu de casa e foi correr o mundo; agora tenho que ir atrás dêle, senão êle é capaz de se perder aí por êstes perigos que existem nos promontórios e istmos da terra. (Começa a sair com a menina.)

GORDO

Você vai por que estrada?

VICENTE

Pela estrada do Ceará. Adeus, velhos. Na volta passo por aqui montado nêle... (Sai com a menina.)

## 5.ª CENA

BAIXINHO

Precisamos dêste cavalo.

GORDO

Vamos matar o menino.

ALTO

Não adianta matar o menino sem têmos primeiro o cavalo.

BAIXINHO

É de um cavalo assim que estamos precisando. Um cavalo milagroso, que nos dará dinheiro sem precisarmos trabalhar.

ALTO

Ele come pouco milho.

GORDO

E capim.

BAIXINHO

Nós lhe daremos só capim. O milho está caro.

OS DOIS

Só capim.

BAIXINHO

Escutem aqui, amigos. Iremos atrás do menino. Quando ele achar o cavalo, matamos o menino e trazemos o cavalo.

ALTO

Que grande idéia, Baixinho!

BAIXINHO

(Chamando.) Palhaço! Tira êste circo daí. Vamos viajar...

(O palhaço tira as arquibancadas. Os velhos saem com seus instrumentos. João de Deus tira as cadeiras e fala do meio da cena.)

## 6.ª CENA

VELHO

Vicente, sempre acompanhado pela menina, começou sua busca pela estrada. Foi primeiro até o Ceará. E o cavalinho não estava nem em Fortaleza nem em Cabrobó, nem em lugar nenhum. Foi a Pernambuco, ao Amazonas, andou perto do rio Negro e do Tocantins. E nada. Depois voltou para o sul. Os dois meninos viajavam de dia e dormiam à noite... Mas não sabiam do perigo que vinha atrás deles. Os três velhos, fingindo que eram músicos de verdade, para não serem vistos, andavam durante a noite e dormiam de dia. Os velhos, cada vez mais gulôso, só pensavam no dinheiro <sup>poderiam</sup> <sup>que iriam</sup> <sup>ganhar</sup> <sup>com</sup> o cavalo azul <sup>inho</sup> <sup>medalhas</sup>. (Volta para o taborete.)

(A cena da viagem dos meninos perseguidos pelos músicos é feita com mudanças de luz e de música. Enquanto toca a música número 14A - BC — passam o menino e a menina. A cena escurece para sugerir noite, mudando também a música para o número 14AB e

passam os três músicos com ares de perseguição. Os meninos tornam a passar e torna a clarear em cena. Os meninos estão visivelmente cansados. Voltam a passar os velhos também cansados e finalmente tornam os meninos que se dirigem a João de Deus no proscênio. Cessa a música.)

MENINA

Já andamos muito, Vicente. Vamos descansar um pouco.

VICENTE

Vamos. Também estou muito cansado. Ei, Sr. Deus! Este meu cavalo está me dando tanto trabalho!... (Os dois sentam-se perto do velho e dormem.)

VELHO

Tão cansados, coitadinhos. (O velho sussurra uma canção de ninar enquanto escurece sobre eles e os velhos entram em cena com sua música e param também para descansar. Cessa a música.)

ALTO

(Sentando-se perto de seu piano.) Quanto você acha que ele vale, hem Baixinho?

BAIXINHO

(Abrindo a portinhola do contrabaixo e tirando uma banana.) Milhares de notas de cinco cruzeiros.

ALTO

Ficaremos ricos e não precisaremos mais trabalhar. (Abre seu piano e tira também uma banana, dando outra para o Gordo. Eles comem a banana.)

BAIXINHO

Vamos embora que está amanhecendo. Não podemos perder a pista do menino.

OS DOIS

Não podemos perder a pista do cavalo azul. (Saem.)

7.ª CENA

VELHO

Enquanto dormem um pouquinho, vou preparar a cidade aonde eles vão chegar. (O velho puxa o coreto para o meio da cena. Os meninos se levantam, espreguiçam e entram na cidade enquanto o velho volta ao tamborete.)

VICENTE

Vem ali um homem. (Aparece um homem bem vestido. Cessa a música.) Homem, será que o senhor viu um cavalo azul passando por aqui?

HOMEM

Um, o quê?



VICENTE

Um cavalo azul.

HOMEM

Você está doido? Isto aqui é uma cidade. Não existe destas coisas por aqui. *(Quer sair.)*

VICENTE

*(Puxando-o.)* Existe sim, o meu. Quer saber como ele é?

HOMEM

Tenho mais o que fazer do que ouvir histórias de cavalos azuis. Já estou atrasado cinco minutos. Não posso chegar atrasado.

*(Vem vindo outro homem.)*

VICENTE

O senhor viu?

2.º HOMEM

Meu relógio estava atrasado três minutos. Não posso perder a hora. *(Sai.) (Vem vindo o 3.º homem.)*

VICENTE

Será que o senhor viu?



*Os três elefantes dançarinos (Ana Maria Magnus, José de Freitas e Afonso Veiga)*



*O palhaço e o elefante  
(Antero de Oliveira e José de Freitas)*



*A menina e Vicente  
(Celina Watzky e Cláudia Isabella)*

3.º HOMEM

Não vi nada. (*Desaparece.*)

VICENTE

(*Vem vindo a lavadeira.*)

E a senhora viu?

LAVADEIRA

Não adianta perguntar, que não vi nada. Se vejo alguma coisa, não posso lavar tôda roupa. (*Sai.*)

VICENTE

E os senhores?

(*Vêm vindo três soldadinhos.*)

TRÊS SOLDADINHOS MARCHANDO

(*Cantando em cadência.*) Não temos tempo a perder... Não temos tempo a perder... Não temos tempo a perder... (*Saem.*)

(*Surge o vendedor.*)

VENDEDOR

Quem quer comprar?... Quem quer comprar?...  
Quem quer comprar?...

(*A menina sai atrás do vendedor. A cidade, num ritmo mais acelerado, torna a voltar e todos, sem per-*

ceberem Vicente, passam de um lado para o outro, sempre dizendo suas frases apressadas.)

VICENTE

(Gritando acima de tôdas as vozes.) Quem viu meu cavalo azul? Quem viu meu cavalo azul? (Tôda a cidade desaparece, ouve-se então a voz da Velha-Que-Viu.)

VELHA-QUE-VIU

Eu vi... eu vi. (Entra em cena, vestida de uma maneira estranhamente fora de moda, como estas loucas que usam chapéu, xale e bolsa e que, em outras épocas, foram elegantes.)

VICENTE

(Precipitando-se para ela.) Viu? Azul?

VELHA-QUE-VIU

Todo azul com enormes asas para voar na terra.

VICENTE

É. É.

VELHA-QUE-VIU

E com grandes barbatanas para nadar no mar...

VICENTE

(Achando que a velha está exagerando.) Bem, isto...

VELHA-QUE-VIU

(Contando.) E dois olhos de fogo, numa cabeça tão linda... tão linda...

VICENTE

(Não se contendo.) Ela viu... Ela viu!... (Para a velha.) Espera, vou chamar minha amiga. (Sai de cena.) Menina... menina... ela viu...

(Enquanto Vicente procura a menina, chegam os três velhos e raptam a velha.)

GORDO

Ela viu. É nossa. (Desaparecem com a velha, que não reage.)

VICENTE

(Voltando com a menina.) Onde está a Velha-que-viu? para onde foi a Velha-que-viu? Desapareceu! Velha! Velha!

MENINA

(Sentando-se na escada do coreto muito desanimada.) Vicente, não adianta mais a gente procurar... já andamos tanto... tanto!

VICENTE

Já estamos quase encontrando. A velha viu. Ela vai nos dizer para onde ele foi... Onde? Onde está você, meu cavalinho? Bem perto?

VENDEDOR

(Chegando.) Quem quer comprar? ... Quem quer comprar...

MENINA

(Desanimada.) O senhor tem um cavalinho azul?

VENDEDOR

Azul, vermelho, amarelo... da cor que o freguês quiser...

VICENTE

De verdade?

VENDEDOR

De papelão.

MENINA

Quanto custa?

VENDEDOR

Cinco cruzeiros. (Tira um cavalinho de massa azul.)

VICENTE

Será que o senhor não viu um de verdade?

MENINA

Este mesmo serve, Vicente. Vamos embora. Estou com medo.

VENDEDOR

Por que é que você não procura no curral do Cowboy?

VICENTE

Lá tem cavalos?

VENDEDOR

Muitos. (Sai.) Quem quer comprar? Quem quer comprar?

VICENTE

Então vamos lá, meninazinha?

MENINA

Quero ir para casa, Vicente. Este mesmo serve.

VICENTE

É a última vez que procuramos, está bem?

MENINA

Promete?



VICENTE

Depois você pode voltar.

MENINA

E você?

VICENTE

Só volto quando encontrar meu cavalinho. Coitado. Tão sozinho.

MENINA

Então, vamos. *(Os dois saem. A menina puxando o cavalo de papelão.)*

VICENTE

*(Saindo.)* Pena que a Velha-que-viu tenha sumido. *(Voltam os três músicos carregando a velha.)*

BAIXINHO

Agora pode falar, velha.

ALTO

E depressa, que não temos tempo a perder. *(A velha fica quieta e entra no coreto cantarolando.)* Fala, velha. Onde é que está o cavalo? Você viu?

VELHA-QUE-VIU *(Calmamente.)*

O vento é verde, a chuva é branca, e lá vem o menino cavalgando no cavalo azul...

OS TRÊS

É êle. Onde? *(Armedrontados, eles saem de cena e tornam a voltar com os instrumentos de onde tiram armas.)*

VELHA-QUE-VIU

Cavalgando na nuvem...

OS TRÊS

*(Olhando e apontando armas para as nuvens.)*  
Nas nuvens? Deve ser um monstro!

GORDO

Um dragão!

BAIXINHO

Um dragão!

ALTO

Um dragãozão!

VELHA-QUE-VIU

*(Agora bem rápido.)* Lá vem o menino cavalgando no cavalo azul... Cavalgando na nuvem que

é preta e grita: ai! ai! ai! Quero cair, quero molhar...  
quero virar rio, pro cavalo beber... (A velha começa  
a passear pela cena seguida pelos velhos estupefatos.)  
Pacatá, pacatá... pacatá...

BAIXINHO

Ela é doida!

VELHA-QUE-VIU

Quero cair.  
Quero molhar.  
Virar um rio.  
Pacatá, pacatá, pacatá.  
Um rio virar  
Pro cavalo beber... ah! ah! ah!

BAIXINHO

Pára com isto, velha (Segura a velha.) Quer matar de susto três pobres velhos que sofrem do coração? hem? Onde é que você viu o cavalo azul, hem? Diz logo, velha, senão eu te mato.

VELHA

Me larga, velho horroroso... (A velha se desprende e sai correndo com os velhos atrás numa corrida bastante ridícula. A velha escapole e some.)

ALTO

Depressa, Gordo. Lá vem gente. Ninguém deve saber que estamos aqui.

(Os três mais do que depressa tomam seus instrumentos, guardam as armas, entram no coreto e começam a tocar uma valsinha lenta. Música n.º 5AB. Pela frente e por trás dos velhos passam os habitantes da cidade que nós já conhecemos. Ninguém repara nos velhos. Todos saem. Menos o vendedor.)

VENDEDOR

Quem quer comprar...

GORDO

Psiu! Seu vendedor!

VENDEDOR

Quer comprar, senhor?

BAIXINHO

Queria saber se o senhor não viu um menino com uma menina.

VENDEDOR

Ora, senhor, eu vejo tantos todos os dias.

BAIXINHO

Mas este é diferente. Ele anda atrás de um cavalo azul.

VENDEDOR

Ah! Aquê! Vi sim. A menina até me comprou um brinquedo.

ALTO

Para onde foram eles?

VENDEDOR

Acho que foram até o curral do Cowboy. Lá está cheio de cavalos. Pode ser que ele encontre o dêle lá.

BAIXINHO

Curral do Cowboy onde é?

VENDEDOR

No fim desta estrada que começa ali. Quem são os senhores? Parentes do menino?

BAIXINHO

Tios dêle. E donos de um circo lá no sul. Obrigado pela informação. Vamos, pessoal. Precisamos encontrar nosso sobrinhozinho.

OS DOIS

Nosso sobrinhozinho. (Os velhos saem com a música n.º 14B.)

VENDEDOR

Quem quer comprar... (O vendedor sai e o velho tira o coreto.)

8.ª CENA

VELHO

O caminho para o curral do Cowboy era muito comprido. Vicente e a menina começaram a andar pela estrada mas se perderam no caminho...

~~Enquanto o velho fala no prosa, os meninos passam com a música n.º 14B.~~ e foram para longe do curral. ~~(Cessa a música.)~~ Mas os velhos, que são bandidos muito espertos, vão chegar primeiro ao curral. Neste lugar o cowboy criava cavalos para vender aos circos. Eram portanto cavalos ensinados. ~~(Entram os quatro cavalinhos brancos. Os atores que vestem a cabeça dos cavalinhos brancos entram de lado, levando uma única peça de cenário que esconde o corpo e as pernas dos atores e representa o curral.)~~ De noite os bandidos chegaram. Estava muito escuro. ~~(Escurece um pouco enquanto surgem os três bandidos com lanternas e começam a procura, iluminando a cara de cada cavalo que levanta o focinho à medida que é iluminado.)~~

BAIXINHO

Êste é branco (Os outros respondem sempre: é branco.) Êste também é branco. Êste também é branco. Êste também é branco.

OS DOIS

Tudo branco.

OS TRÊS

Onde está o azul?

ALTO

Só se está trancado. Vamos esperar o dia chegar e perguntar ao vaqueiro.

GORDO

Por que não procurar logo?

ALTO

Se o vaqueiro desconfia pode mandar nos prender.

GORDO

Por que não pedimos a êle para nos vender?

BAIXINHO

Você é cretino, Gordo? Acha que alguém vai querer vender um cavalo que voa, que canta e que é azul?

ALTO

Temos é que roubar.

GORDO

Vamos logo, então.

ALTO

Vê se o dia está nascendo?

GORDO

*(Olhando.) Já. (Clareia em cena, os cavalos relincham e levantam a cabeça. Os bandidos se escondem. Chega o Cowboy com seu grande chapéu.)*

COWBOY

Que barulho é êste? Se é ladrão de cavalo, atenção! que eu atiro. *(Puxa os revólveres.)* Não há ninguém aí? *(O Cowboy corre à cena até que ouve o barulho de um dos instrumentos, e muito desconfiado aponta os revólveres. Os três músicos, apavorados, imediatamente saem do esconderijo segurando os instrumentos.)*

BAIXINHO

Somos três pobres músicos pedindo esmola.

COWBOY

Músicos, aqui no curral? Isto está me cheirando a mentira.

ALTO

Somos músicos, sim.



GORDO

Sim, somos músicos.

BAIXINHO

Ouçá, senhor Cowboy. *(Começam a tocar a música n.º 5B.)*

COWBOY

*(Interrompendo.)* Vocês não vieram roubar meus cavalos? *(Os três começam a rir nervosamente.)*

BAIXINHO

Que bobagem!

ALTO

Que bobagem!

GORDO

Que bobagem!

BAIXINHO

Vamos continuar a tocar para êle. *(Os três põem-se a tocar — música 5A, enquanto o Cowboy passeia desconfiado. Enquanto tocam, chegam Vicente e a menina.)*

VICENTE

Olha quem está aqui. O circo! Os nossos amigos do circo. Os músicos! *(Os três bandidos param de*

*tocar e ficam estatelados.)* Queridos músicos, como é que vocês vieram parar aqui? *(Os três se entreolham e olham para o Cowboy.)*

BAIXINHO

Andando.

ALTO

Andando.

GORDO

Andando.

VICENTE

Para que vocês estão aqui?

BAIXINHO

Vimos tocar música para êste Cowboy. *(Música 5A).*

ALTO E BAIXINHO

Vimos *(Confirmando.)*

COWBOY

Acho que êles são ladrões de cavalos.

VICENTE

São não, seu Cowboy. Êles são músicos do maior circo do mundo. Como vai o palhaço?

GORDO

Vai bem.

ALTO

Vai bem.

BAIXINHO

Vai bem.

VICENTE

Com licença. Quero falar agora com o Cowboy, porque *(Falando confidencialmente.)* o meu cavalinho azul está aqui. Com licença. *(Vicente leva o Cowboy para um canto e começa a conversar. Os músicos querem ouvir a conversa.)*

Ouve-se apenas o Cowboy dizer alto:

COWBOY

Azul? Sim, claro, venha comigo. *(Os três saem de cena.)*

BAIXINHO

*(Para os músicos.)* Vocês não ouviram? *(Os três abrem as portinholas dos instrumentos e tiram os revólveres.)* Agora o cavalo está no papo. *(Vem vindo o Cowboy com os meninos.)* Mãos ao alto!

ALTO

Mãos ao alto!

BAIXINHO

Mãos ao alto!

GORDO

Passem já para cá o cavalo azul. *(Os cavalos brancos, assustados, fogem em disparada. O Cowboy levanta a mão. Vicente e a menina olham sem compreenderem o que está se passando.)*

GORDO

Mãos ao alto, menino!

ALTO

Mãos ao alto, menina! *(Todos estão de mãos erguidas.)*

COWBOY

Ladrão de cavalos. Bem que eu desconfiava...

BAIXINHO

Passem logo o cavalo azul, se não querem levar tiros na barriga.

VICENTE

Mas ele não está aqui, seu músico.

BAIXINHO

Não me faça de bôbo, sim, menino? Já estou cansado de ouvir mentiras. Pensa que não ouvi o Cowboy dizer que o azul estava aqui?

VICENTE

Mas não é o meu, seu Baixinho. O meu não é igual àquele.

BAIXINHO

Seu Cowboy, não tenho tempo a perder. O cavalo ou a vida.

COWBOY

*(Vendo que não pode fazer nada contra tanta arma apontada.)* Hip! Hip! Hip! Azul! Azul! *(Todos aguardam ansiosos a chegada do cavalo.)*

BAIXINHO

Vamos, por que ele não aparece?

COWBOY

Hip Hip! Hip! Azul! *(Surge um dos cavalos brancos, muito tímido.)*

GORDO

Mas este não é azul!

CS TRÊS

É branco.

COWBOY

O nome dele é Azul, porque tem olho azul.

BAIXINHO

*(Para Vicente.)* É este o seu?

VICENTE

*(Rindo.)* Não... O meu é todo azul e grande!

ALTO

*(Meio alucinado.)* E sabe cantar...

GORDO

*(Idem.)* E voar!

BAIXINHO

*(Realista.)* E vai dar muito dinheiro ao Baixinho aqui... Vamos, *(Gritando.)* quero seu cavalo azul, está ouvindo? *(Sacode o menino, enquanto o Cowboy e a menina saem disfarçadamente.)* Quero o seu cavalo para o meu circo, compreende? Agora, neste minutinho.

VICENTE

Mas eu estou procurando o meu cavalo, e depois vou levá-lo ao circo. Fica calmo, seu músico, não é preciso isso aí. (*Revólver.*) O senhor é músico mesmo, ou é bandido?

BAIXINHO

Bandido... e músico.

VICENTE

Mais bandido do que músico... ou mais músico do que bandido?

BAIXINHO

Quase que só bandido.

VICENTE

Vocês três?

OS TRÊS

Nós três. (*Os três tiram as barbas e fazem caras de bandidos.*)

VICENTE

Que caras feias, meu santo Deus. Vocês roubam pianos, violões, violoncelos, violinos, violas e vitrolas?

ALTO

Nós roubamos tudo.

BAIXINHO

Chega de conversa, amarrem o menino. Enquanto ele não nos der seu cavalo azul, não será solto. (*O Alto e o Gordo amarram o menino.*) Vamos, agora trate de descobrir o seu cavalo.

VICENTE

Amarrado ninguém pode procurar nada. Se vocês fazem o favor de me desamarrar...

BAIXINHO

Vai é morrer, porque estou desconfiado que este negócio todo é uma mentira.

ALTO

Nos fez andar meses e meses atrás dêle...

GORDO

Estou cansado de procurar.

BAIXINHO

Menino que faz bandido ficar cansado e não acha cavalo azul, deve morrer.



OS DOIS

Morrer.

VICENTE

Mas, se eu morrer, quem vai procurar meu cavalinho?

BAIXINHO

Não interessa.

ALTO

Não interessa.

GORDO

Não interessa. *(Ouve-se de fora a voz do Cowboy, que em seguida aparece armado.)*

COWBOY

Mãos ao alto! *(Os três largam tudo e ficam de mãos para o alto.)* Músicos de meia tigela! Ladrões de cavalos! Já, já, para a polícia, andem!...

BAIXINHO

*(Fingindo.)* Deixe ao menos levar nossos instrumentos, Sr. Cowboy. Assim, quando estivermos na prisão sòzinhos, nossa música distrairá...  
70

COWBOY

Está bem. Mas andem logo. *(Os músicos fingem que vão pegar os instrumentos e saem correndo com o Cowboy atrás.)* Parem, seus bandidos, que eu atiro mesmo... *(Sai atrás dos bandidos. A menina se apressa em desamarrar o menino.)*

MENINA

Vicente, meu amigo, vamos embora? para nossa casa? Minha mãe e meu pai devem estar muito aflitos procurando.

VICENTE

Estou com muitas saudades lá de casa, também.

MENINA

Então vamos.

VICENTE

Preciso primeiro achar êle. Depois eu volto. Você vai na frente, está bem? A gente pede ao Sr. Deus para te levar. O senhor leva? *(Dirigindo-se ao velho.)*

VELHO

*(Sem se mexer.)* Levo, sim, Vicente. Eu levo a meninazinha para a casa dela.

VICENTE

Eu sabia, Sr. Deus. *(Para a menina.)* Diga a papai e a mamãe que estou quase achando o meu cava-  
71

linho. Diga a mamãe para preparar uma cama bem macia para mim. Estou cansado de tanto dormir no chão duro. Diga a papai para preparar capim verde para o cavalinho. Diga ao palhaço que os músicos são bandidos e quando eu chegar vamos fazer um circo só para nós. Me esperem todos na entrada da cidade que vou chegar como um doido galopando no meu cavalo...

## MENINA

Adeus, Vicente, e volta logo. Cuidado com os perigos. (Sai.)

## VICENTE

(Enquanto a menina dá a mão ao velho, saindo em seguida pelo proscênio.) Diga a mamãe para botar vestido novo para a minha chegada e fazer doce de côco e canja de galinha para eu comer... Adeus... (Enquanto a menina sai, puxando seu cavalinho de papelão, ouve-se a música n.º 1B (só flauta-contrabaixo.) Ao mesmo tempo, o cavalinho branco de olho azul sai, levando seu curral. Vicente fica sozinho, olhando sair o cavalo de papelão.) Agora vou à serra da Mantiqueira. (Maroto.) Acho que você está lá, meu cavalinho! (Vicente sai de cena. Cessa a música.)

(Pela cena aparecem os três bandidos fugindo do Cowboy, que vem logo atrás com a música n.º 14B. Voltam os três músicos em mãos ao alto com o cowboy atrás. Desaparecem.)

(Música n.º 3B)

## VELHO

Como vocês viram, os três músicos foram presos, a menina levei para a casa dela. Todos na cidade estão

esperando Vicente voltar. Ele continuou correndo mundo. (*Na cena surge Vicente todo esfarrapado, sem um pé de sapato, comendo um pedaço de pão — O ator ou atriz que faz o Vicente deve trocar de roupa para esta cena.*) Quando estava muito cansado, vinha deitar aqui perto de mim. (*Vicente deita-se perto de João de Deus.*) E foi assim que um dia... Vejam vocês...

(No palco uma luz azulada e estranha começa a clarear a cena. Vicente se apruma e aproxima-se do meio do palco, atento. Ele está quase em silhueta. Tudo está azulado e escuro. A música n.º 30 A.B.C. num crescendo, acompanhada pelo galopar de um cavalo, anuncia a aproximação do cavalinho azul, que surge do fundo da cena imponente e todo azul, com cauda branca. Este cavalo representa o mesmo pangaré do início da peça agora transfigurado. Vicente, imóvel, observa.)

## VICENTE

(Como se estivesse fazendo a coisa mais natural do mundo, sem absolutamente encarar a aparição do seu cavalinho como coisa impossível, pega a corda que, como na primeira cena, caía do pescoço do cavalo e começa a fazer com ele as mesmas evoluções). Upa! Upa! meu cavalinho. Vamos já para casa, meu cavalinho! Papai, mamãe, a menina, o palhaço, estão todos nos esperando na entrada da cidade! Todos esperam nossa volta! Upa! Upa! Upa! Para casa, meu cavalinho. A galope! Para casa!

(O cavalo dá várias galopadas em torno do menino, enquanto a música cresce, a luz se acende e se apaga em vários tons de cores, e o pano se fecha).

M.J. - DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL  
SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL EM SÃO PAULO  
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

PARECER Nº 3355 / 84

TÍTULO: "O CAVALINHO AZUL"

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: LIVRE

EXPEÇA-SE CERTIFICADO DE  
ACORDO COM PARECER DOS CENSO  
RES

Em

22 / 08 / 84

Chefe de S.C.P.

**1- IDENTIFICAÇÃO**

Título: "O Cavalelho Azul"

Autor: Maria Clara Machado

Resp: Sociedade Cultural Tetro Arco-Iris

Local: Campinas/SP

**2- CONTEÚDO**

Texto infantil, em ato único, entremecido de números musicais; narra, em nove cenas, a estória do menino Vicente que um dia saiu pelo mundo à procura do seu "cavalelho / azul" - na realidade, um pangaré velho e magro que o pai do garoto vendera porque não servia mais para puxar carga. Ao final, depois de muita peripécia e aventura, / perseguindo os bandidos, exausto e maltrapilho, ele reencontra, em uma visão imponente, o seu pangaré transfigurado, azul, tal qual o idealizara.

**3- PÚBLICO ALVO** : Para público mirim.

**4- LINGUAGEM** : Coloquial, simples e acessível.

**5- GRAU DE PERSUAÇÃO** : Convincente.

**PARECER** : Trata-se de uma peça que visa o entretenimento de forma sadia e descompromissada, alegre e fantasiosa, com mensagens positiva e final feliz.

Pelo exposto, opino por sua liberação, sem qualquer restrição etária, podendo, s.m.j., ser dispensado o exame / censório do ensaio geral.

São Paulo, 13/08/84

Shirley Maria Reis  
T.C. - 2.417.106



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

3856/84

## O CAVALINHO AZUL

LIVRE

## IDENTIFICAÇÃO:

PEÇA INFANTIL: O CAVALINHO AZUL

AUTORA: MARIA CLARA MACHADO

MÚSICA REGINALDO DE CARVALHO

GRUPO-SOCIEDADE CULTURAL ARCO-ÍRIS

LOCAL: CAMPINAS

LEITURA DE TEXTO

CONTEÚDO: ESTÓRIA DE VICENTE, UM GAROTO POBRE, QUE POSSUI UM PANGARÉ TODO BRANCO DE OLHOS AZUIS. POR NÃO SER MAIS APROVEITADO PARA O TRABALHO, O PAI DO MENINO RESOLVE VENDER O ANIMAL PARA COMPRAR GALINHAS. SAUDOSO DE SEU COMPANHEIRO, VICENTE RESOLVE SAIR PELO MUNDO PROCURANDO SEU CAVALINHO AZUL QUE NA IMAGINAÇÃO INFANTIL, DANÇAVA, CANTAVA E VOAVA. AO PASSAR POR UM GRUPO MAMBEMBE E DANDO AS CARACTERÍSTICAS DO ANIMAL, TRÊS FALSOS MÚSICOS PASSAM A PERSEGUI-LO COM O INTUITO DE APOSSAREM-SE DE AZUL. CHEGANDO AO CURRAL DO COWBOY, OS BANDIDOS SÃO PRESOS E VICENTE CONSEGUE ENCONTRAR SEU COMPANHEIRO COM A AJUDA DE JOÃO DE DEUS.

MENSAGEM: O AMOR E A DEDICAÇÃO DA CRIANÇA AOS ANIMAIS.

LINGUAGEM: LITERÁRIA, ADEQUADA A PÚBLICO INFANTIL.

PÚBLICO ALVO: GENERALIZADO

GRAU DE PERSUAÇÃO: BASTANTE CONVINCENTE.

PARECER: A OBRA DESTACA PONTOS POSITIVOS DA PERSONALIDADE HUMANA, COMO O COMPANHEIRISMO, A COMPREENSÃO E A FIDELIDADE, ALÉM DE ESTIMULAR O CARINHO E O CUIDADO COM OS ANIMAIS. POR TRATAR-SE DE CONTEÚDO ADEQUADO A PÚBLICO INFANTIL, OPINHO PELA LIBERAÇÃO DA PEÇA, PARA A FAIXA ETÁRIA LIVRE, SUGERINDO AINDA A DISPENSA DO ENSAIO GERAL, S.M.J.

SÃO PAULO, 17 DE AGOSTO DE 1984.

*Marques*  
VERA LÚCIA DAMÁSIO MARQUES E SILVA  
TÉCNICA DE CENSURA MATR. 2.417.078

EXPOSIÇÃO CERTIFICADO DE  
ACORDO COM PARECER DOS CENSO  
RES

Em 22/08/84

*[Assinatura]*  
UPF/SP

Chefe do SCDP





MINISTÉRIO DA JUSTIÇA  
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0248, p.231

# CENSURA FEDERAL

## TEATRO

Certificado Nº PROVISÓRIO

PEÇA " O CAVALINHO AZUL "

ORIGINAL DE MARIA CLARA MACHADO

APROVADO PELA D.C.D.P.  
CLASSIFICAÇÃO

VÁLIDO ATÉ 17 de OUTUBRO de 19 84

S. Paulo,  
Brasil, 17 de AGOSTO de 19 84

*Maria Inês Rolim Cauchioli*

MARIA INÊS ROLIM CAUCHIOLI  
CHEFE SCDP/SR/S P  
~~DIRETORIA DE GDFP~~

LIVRE

M.J.-D.P.F  
CERTIFICADO DA D.C.D.P

Certifico constar no arquivo de registro de peças teatrais deste Serviço, o assentamento da peça intitulada " O CAVALINHO AZUL "

Original de MARIA CLARA MACHADO

Tradução de .X.X.X.X.X.X.X.X.X.X.

Adaptação de .X.X.X.X.X.X.X.X.X.X.

Produção de .X.X.X.X.X.X.X.X.X.X.

Requerida por SOCIEDADE CULTURAL TEATRO ARCO-IRIS

Tendo sido censurada em \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 19 \_\_\_\_\_ e recebido a seguinte classificação: L I V R E. ESTE CERTIFICADO SO TERÁ VALIDADE ACOMPANHA DO DE TEXTO CARIMBADO.

S.Paulo,

~~Brasília~~ 17 de AGOSTO de 19 84

ARLETE APARECIDA CORREIA  
SECRETARIA DE CULTURA  
SCC/SCDP/SR/SP

TÍTULO " O CAVALINHO AZUL "

AUTOR DA PEÇA: MARIA CLARA MACHADO.

1) ARQUIVO

Clas. Anterior LIVRE

Praça SCDP/SR/SP

Obs.: \_\_\_\_\_

DF. 31 / AGOSTO / DE 1984

  
Resp. pela elaboração do Processo

ADILSON

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura \_\_\_\_\_

Técnico de Censura \_\_\_\_\_

Data prazo Exame de \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_ a \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_

DF. \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_

\_\_\_\_\_  
Resp. pela Programação

3) CHEFE DA S.C.T.C.

Emita-se o certificado, de acordo com requerimento de censura e com a classificação imprópria para menores de LIVRE anos, sem cortes, condicionada ao exame do ensaio geral.

Obs.: \_\_\_\_\_  
Brasília-DF, 04 de set. de 19 84

  
Cláudio M. de Aguiar  
TC - Matr. 1227

Brasília - DF de de 1.97

4) SERVIÇO DE CENSURA

À consideração do Senhor Diretor da DCDP, tendo em vista tratar-se de \_\_\_\_\_ para o qual os censores propõem a classificação etária de LIVRE

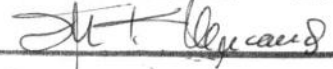
Brasília-DF, 05 de 09 de 19 84

Em de de 1.97

5) DIRETOR DA D.C.D.P.

**LIBERE-SE**  
na forma do parecer

Em, 05 / 09 / 19 84

  
Solange M. T. Fernandes  
Diretora da DCDP



**MINISTÉRIO DA JUSTIÇA**  
**DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL**  
**DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS**

**ESPETÁCULO TEATRAL**

CERTIFICADO Nº

812

EMIÇÃO

05 DE SETEMBRO 1984

VALIDADE

05 DE SETEMBRO 1989

TÍTULO

"O CAVALINHO AZUL"

AUTOR (ES)

MARIA CLARA MACHADO

CLASSIFICAÇÃO

LIVRE

JUSTIFICAÇÃO DE IMPROPRIEDADE

*Solange M. F. Hernandez*  
 SOLANGE MARIA TEIXEIRA HERNANDES  
 Diretora da DCDP  
 ASSINATURA

TÍTULO:

O CAVALINHO AZUL

ESPÉCIE:

PEÇA TEATRAL

CERTIFICADO Nº

812

TRADUTOR OU ADAPTADOR:

REQUERENTE:

SOCIEDADE CULTURAL TEATRO ARCO-IRIS

\*SÃO PAULO/SP\*

DECISÃO:

L I V R E. CONDICIONADA AO EXAME DO ENSAIO GERAL. ESTE  
 CERTIFICADO SÓ TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO SEU  
 "SCRIPT" DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.

*Neti de Oliveira*  
 NETI DE OLIVEIRA  
 Chefe do SC /DCDP  
 ASSINATURA

Brasília, 05 DE SETEMBRO DE 1984



06 de setembro de 1984

1.650/84-SE/DCDP

SP

" O CAVALINHO AZUL ", de autoria de Maria Clara Machado;  
" A REVOLTA DOS BRINQUEDOS ", de Pedro Veiga e Pernambuco de Oliveira  
e " ARENA CONTA ZUMBI ", de Gianfrancesco Guarnieri e Augusto Boal.

Atenciosamente,

*Solange M. F. Hernandez*  
SOLANGE MARIA TEIXEIRA HERNANDES  
Diretora da DCDP



|                                                        |
|--------------------------------------------------------|
| 1 - DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL<br>CÓDIGO - 88.202 |
| EM 29/05/86 N° 4324                                    |
| DCDP/BSB                                               |

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

OF Nº 01033/86-SCDP/SR/DPF/DF

Brasília, 28 de maio de 1.986.

Do Chefe do Serviço de Censura de Diversões Públicas/SR/DPF/DF

Ao Diretor da Divisão de Censura de Diversões Públicas/DPF

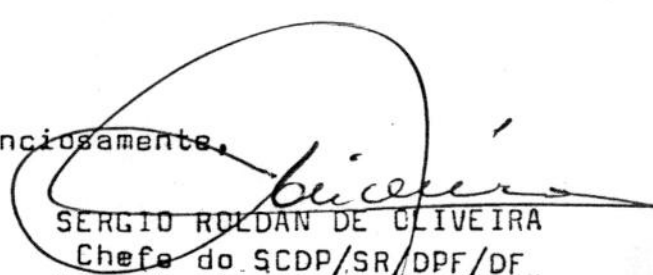
Assunto Encaminhamento

Senhor Diretor ,

Encaminho a V. Sa. os processos de peças teatrais, abaixo discriminadas, examinadas e liberadas por este Serviço.

- VONTADE (GERAÇÃO DO MEDO) MENTIRA DE ELÁSTICO  
Autoria: Paulo Roberto dos Santos
- JOÃO E MARIA - UMA ESTÓRIA DE VERDADES E MENTIRAS  
Autoria: Fernando Villar
- PIC-NIC SIDERAL  
Autoria: OTANI DE CARLO
- A CASA DE BERNARDA ALBA  
Autoria: Federico Garcia Lorca
- POPEYE NA ESCALADA DO ARCO ÍRIS  
Autoria: Otani de Carlos
- VIVA O REI JOÃO  
Autoria: Daniel Pedro da Silva
- BLUEPERERÊ  
Autoria: Pedro Borges Filho
- O CAVALINHO AZUL  
Autoria: Maria Clara Machado
- APARECEU A MARGARIDA  
Autoria: Roberto de Athayde
- CINDERELA  
Autoria: Donato Donati
- O AVARENTO  
Autoria: Moliere

Atenciosamente,

  
SERGIO ROLDAN DE OLIVEIRA  
Chefe do SCDP/SR/DPF/DF

ILMO. SR. DIRETOR DA DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS  
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

CENSURA FEDERAL  
MJ — DPF — SCDP

27 FEV 1986  
Protocolo N.º 021

JOSE PAULO DOS SANTOS NEZO

Requerente

BRASILEIRA

Nacionalidade

FUNC. HOTELEIRO

Profissão

Carteira de Identidade

667.410

SSP.DF

Nº e Órgão Expedidor

residente e domiciliado à

QNL 30 VIA 07 CJA 07 TAG. DF

224.8819 / 225.9834

, vem,

mui respeitosamente, requerer de V. Sa. que se digne mandar examinar, de conformidade com as normas

censórias vigentes, a (s)

PEÇA O CAVALINHO AZUL

abaixo relacionada (s),

Espécie

de autoria de:

MARIA CLARA MARMADO

O CAVALINHO AZUL

Título (s)

(INFANTIL)

Nestes termos,

Pede deferimento.

BSB. 27/02/86

Local e Data

Requerente

Anexos:

RECEBI O TEXTO E O CBR  
TITULADO -  
Brasília - DF 11 MARÇO 1986

2 TEXTO

## 1 - EMPRESA OU GRUPO (Se houver)

Nome: GRUPO DE TEATRO CORPO E ALMA CGC: 01716463/0001-17  
 Sede: RNL 30 VIA 02 CASA 07 TAG. DE  
224.88.19 - 225.98.34. CEP: 72.000  
 Diretor ou Responsável: PAULO NETO

## 2 - DADOS DO AUTOR

Nome: MARIA CLARA MACHADO  
 Pseudônimo: — Filiação: —  
 Nacionalidade: BRASILEIRA Naturalidade: RS  
 Data do Nasc.: — Identificação: —  
 Estado Civil: —  
 Profissão: TEATROLOGA  
 Endereço: RIO DE JANEIRO  
 CEP: —

## 3 - PARCERIA

Nome: REGINALDO CORREIA  
 Pseudônimo: — Filiação: —  
 Nacionalidade: BRASILEIRA Naturalidade: —  
 Data do Nasc.: — Identificação: —  
 Estado Civil: —  
 Profissão: MÚSICO COMPOSITOR  
 Endereço: RS  
 CEP: —

Nome: —  
 Pseudônimo: — Filiação: —  
 Nacionalidade: — Naturalidade: —  
 Data do Nasc.: — Identificação: —  
 Estado Civil: —  
 Profissão: —  
 Endereço: —  
 CEP: —

Declaro que a matéria a ser examinada nunca foi submetida à apreciação dessa DCDP (excetuando os pedidos de renovação de certificado ou de confronto de texto), assumindo, inteira responsabilidade pelas informações aqui prestadas.

DATA: 27/02/86

Ass.: [Assinatura]



DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

SERVIÇO DE TELECOMUNICAÇÕES

TELEX RECEBIDO

RECEBI NO DIA 04/03/86  
ÀS 14h50 HORAS

ASSINATURA

CONTROLE

Nº

540



DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL  
SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL NO D.F.  
SERTEL - TELEX - RECEBIDO



SR/DF/BSA

DITEL BSA

DE BRASÍLIA/DF NR 1750 30 04/1042P

SCDP/SR/DF BSA.

NR 158-SA/DCDP DE 030386 PT RERA 009/86/SCDP/SR/DF DE 270286 VG  
INFO CONSTA ARQ DCDP REF PEÇA TEAT 'O CAVALINHO AZUL' VG REG  
NR 812 VG CLASSIF LIVRE VG VAL 050989 PT

DCDP

NNNN

FV041158

RECB POR

SR/DF/BSA

DITEL BSA



O CAVALINHO AZUL

1 ato e 9 cenas

Música de Reginaldo de Carvalho



PERSONAGENS

João de Deus

Vicente, o menino

O pai

A mãe

O pangaré

O palhaço

O músico gordo

O músico alto

O músico baixo

A menina

O 1º homem

O 2º homem

O 3º homem

A lavadeira

O vendedor

Os três soldados

Velha-que-viu

O cowboy

Os três elefantes

Os quatro cavalos



Os personagens dos três elefantes podem ser os mesmos dos três soldados. Os quatro cavalos podem ser os soldados, o 1º homem, 2º homem.

CENÁRIO

O palco vazio com fundo azulado. Os elementos das várias cenas vão sendo colocados à medida que a ação se desenrola.

- 1ª cena: Sugestão de uma casa.
- 2ª cena: O mesmo
- 3ª cena: Cena vazia
- 4ª cena: Sugestão de arquibancada de circo. 3 cadeiras.
- 5ª cena: O mesmo
- 6ª cena: Cena vazia.
- 7ª cena: Sugestão de uma cidade: um coreto.
- 8ª cena: O curral do cowboy.
- 9ª cena: Cena vazia.

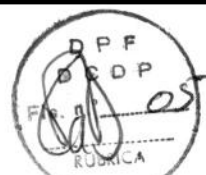
1ª CENA

(Ao abrir-se o pano, vê-se apenas o palco vazio. Enquanto se ouve a música nº 1A, 1B, um velho de longas barbas, maltrapilho e vagabundo, simpático e bonachão se dirige em direção à platéia segurando um tamborete.)

VELHO - Eu me chamo João de Deus. Sou vagabundo. Estou aqui para contar a história do menino Vicente e de seu cavalo. Um dia perdi a tesoura de cortar barba e tive que deixar crescer esta barba. No princípio não gostava; sujava muito quando eu comia, mas agora gosto; quando faz frio cubro-me assim, (Mostra) e minha barba serve de cobertor. Também aprendi a comer com minha barba: faço assim. (Mostra). Gosto dela também por causa do Vicente, que me achou parecido com o Padre Eterno. Isto quer dizer que minha barba se parece com a barba de Deus. Por isso cuido dela. Barba de Deus é coisa séria. Vou contar como é que a história começou. Aqui (Pela esquerda entram o pai e a mãe carregando a casa) morava Vicente com seu pai e sua mãe, nesta casinha. (O pai e a mãe colocam a casa e o banquinho e desaparecem.) E ali vem ele - nem me viu ainda - com seu cavalo. Vou deixar esta história contar-se por si mesma, enquanto vou ajudando aqui, ao lado. (O velho senta-se no tamborete, fora da cena, perto da cortina, na semi-obscuridade, enquanto a luz cresce dentro do palco, onde se vê um menino pobre puxando uma enorme corda que prende ao pescoço de um deio pangaré, sujo, magro, com cara infeliz. O menino, em êxtase, procura convencer o cavalo. (Dois atores em pé, um fazendo a cabeça com uma máscara e o outro fazendo de traseiro.))

VICENTE-Se você der mais uma voltinha, só mais uma voltinha, meu cavallinho, eu prometo levar você lá numa campina toda verdinha de tanto capim verde. Vamos, vamos, meu cavallinho azul! (O cavalo se levanta com grande esforço e começa a trotar em volta do menino.) Vamos, meu cavallinho azul! Upa! Upa! Upa! (o cavalo, cansado, começa a se arrstar.)

VICENTE-(ZANGADO) Assim você não poderá trabalhar no circo! Não pode. Veja como eu faço. Como aquele grande cavalo branco lá do circo da cidade. Buuuuuuuu, assim, levantando as patas e depois me levando de garupa como a bailarina Lili, toda verde e tão bonita, e o domador Rogério de boné dourado e calças vermelhas ...Upa! Upa! Upa! Vamos, vamos! (O cavalo está exausto) Bem, por hoje, chega, amanhã treinaremos mais. Você está cada vez melhor e mais bonito.



MÃE - (De dentro) Vicente!

VICENTE - O que é, mãe?

MÃE - (Saindo com uma trouxa de roupas para lavar) Venha estudar menino. Está quase na hora da escola.

VICENTE - Já vou, mamãe. Deixe eu conversar mais um pouquinho com meu cavalinho azul.

MÃE - Que cavalinho azul, que nada! Um pangaré velho que não presta nem para puxar a carroça de teu pai (Saindo com a trouxa) Cavalinho azul!...Azul!

VICENTE - (Baixo, para o cavalo) Não liga não, meu cavalinho. (para a platéia) Mamãe chama meu cavalinho de sujo e velho porque ela pensa que ele é sujo e velho, porque mamãe é gente grande e gente gra de tem que lavar roupa, fica cansada e maltrata o cavalinho sem querer. Como é que ela pode saber a cor do meu cavalo se nem vê ele direito de tanto cozinhar, arrumar e lavar roupa? Também ele anda um pouco sujo hoje, mas é porque a água do nosso rio está quase seca, não lava mais direito, (Para o cavalo) mas amanhã vou também te levar num rio muito grande, muito branco de tão limpo, que passa perto da campina verde. Lá você tomará um banho e vamos para o circo. Quem não estiver muito limpo e lindo também pode entrar no circo, está ouvindo?

PAI - (Chegando com a balde) Vicente, olha a ração do mimoso. E chega de rodar este cavalo. Ele está muito magro, precisa descansar.

VICENTE - Vou levar ele, papai, para a grande campina verde e vou dar um banho nele no rio de água branca.

PAI - (Bem humorado) Onde é que existe está campina, menino? Tudo está seco, isto sim. Seco e estorricado, Onde é que tem um rio grande e branco?

VICENTE - Aquele lá longe.

PAI - Longe, onde?

VICENTE - Ora, papai, lá longe, do outro lado daquele morro mais longe

PAI - Lá longe é a cidade.

VICENTE - Onde está o circo, não é?

PAI - É. Vá estudar, menino.

VICENTE - Vou buscar meu livro e venho estudar aqui, tá bem? (Entra por trás da casa.)

PAI - (Depois de misturar a comida do cavalo) Toma, pangaré, come isto para não morrer de fome. (O pangaré enfia a cara no balde. O pai sai e volta e menino)

VICENTE - Você sabe o que é uma ilha? É uma quantidade de terra cercada de água por todos os lados... Um istmo (Diz baixinho como procurando decorar) Um istmo... é.... Sabe, cavalinho, nós vamos lá... nós vamos na ilha cercada de água por todos os lados, cercada de istmos... de cabos, de tudo. Depois ao pro montório. Depois, eu monto em você e saímos correndo atrás das capitânicas hereditárias... Vai ser ótimo!

MÃE - (De dentro) Vicente, venha estudar cá dentro. Sózinho, longe do teu cavalo.

VICENTE - Estou indo. (Entra gritando) Vamos para as capitânicas hereditárias! Eu e meu cavalinho azul...

PAI - (Chegando e ouvindo as últimas palavras do filho) Mulher; Venha cá. (A mãe chega) Mulher, temos que vender o pangaré. (O cavalo levanta a cara do balde, assustado.)

MÃE - (Preocupada) Vender? Por que?

PAI - Esse pangaré não serve mais para nada. Já vendi a carroça. Este cavalo só serve para comer mais dinheiro. Se for vendido, posso apurar uns cobres e com ele comprar umas galinhas e começar uma criação.





MÃE - E o menino?

PAI - O menino esquece. Arranja out o brinquedo.

MÃE - Esquece não. Ele só pensa nisso.

PAI-- Está ficando doido: melhor é levar o cavalo longe. (Põe o chapéu, pega o cavalo pelas cordas). Vou até a cidade vendê-lo. Pro menino trago um brinquedo. Adeus mulher. (Sai)

MÃE - Por que você não vende a vaquinha?

PAI - (Parando e voltando-se) A vaquinha dá leite.

MÃE - Mas o cavalo dá alegria ao menino.

PAI- Mas não dá dinheiro. O menino se acostuma. (O pai sai puxando o pangaré. No proscênio ele se encontra o velho João de Deus e pára.)

VELHO - Bom dia.

PAI - Quem é o Senhor?

VELHO - Sou João de Deus.

PAI - O que é que está fazendo aqui?

VELHO - Estou vendo tudo.

PAI - Para que?

VELHO - Para contar aos outros, (Para a platéia) eles.

PAI - (Depois de olhar para a platéia) Vai contar na certa que sou um pai muito ruim porque vou vender o pangaré...

VELHO - O senhor tem que vender mesmo?

PAI - Depois quem vai arranjar dinheiro para o menino comer? É muito fácil ter pena do pangaré, mas de mim ninguém tem. Adeus. (Sai muito zangado)

VELHO - O pai ficou muito zangado e partiu para a feira onde vendeu o cavalo. Pensamos que o menino ia ficar muito triste. Alguns dias se passaram, e vejam o nosso Vicente sentadinho na porta com sua bola, presente do pai. (Escurece no velho e clareia na cena.)

## 2ª CENA

VICENTE, sentado na soleira da porta, de vez em quando dá uma espiadela para fora. (Ouve-se a música nº 3A)

VICENTE - Mamãe!

MÃE - (Aparecendo) Que é menino?

VICENTE - Que horar que ele volta.

MÃE - Quem?

VICENTE - O meu cavalinho azul.

MÃE - Acho que ele volta... amanhã. Venha para dentro, Vicente. Nem almoçou direito. Assim sem comer você não pode ficar.

VICENTE - Estou esperando.

MÃE - (Com muito jeito) Acho, meu filhinho, que seu cavalo não volta mais. Seu pai trouxe esta bola para você brincar com ela. Você não acha bonita esta bola?

VICENTE - Acho, Por isso que eu quero mostrar ela ao meu cavalo.

MÃE - (Exasperada) Seu cavalo foi vendido.

VICENTE - Eu sei, mamãe, não precisa gritar. Papai me disse. Mas depois ele volta.

MÃE - Mas agora ele tem outro dono.

VICENTE - (Rindo) Outro dono. Ah! ah! ah! Como é possível isto, mamãe? Dono a gente só tem um. Ele volta.

MÃE - Volta não.

VICENTE - Volta sim. Solta porque estou esperando para ir ao circo.

MÃE - (Entrando na casa) Ah, menino. Assim não é possível.

VICENTE - (Música nº 38) (Socinho) Estou achando é que meu cavalinho perdeu o caminho. (Suspirando forte) Ele é tão distraído!

VICENTE - Preciso ir atrás dele. Mamãe disse que este mundo está cheio de perigos. Não posso mais deixar meu amigo perdido por aí. Talvez ele tinha ido para as Antilhas Holandesas ou então para a ilha de Brocoló cercada de água por todos os lados, ou algum istmo ou cabo... Sei lá, todos estes perigos..... e se ele foi para a Serra da Mantiqueira? Coitadinho! Adeus meu Pai, adeus minha Mãe, me esperem que eu volto com ele. Adeus. ( O menino sai pelo proscênio em direção oposta ao lugar onde está o velho e a música continua até o encontro com o velho.)

### 3ª CENA

(O velho entra na cena e tira a casa. Vicente torna a aparecer na cena nua, enquanto o velho o aguarda)

VELHO - Sozinho, menino, neste caminho?

VICENTE - Quem é o senhor?

VELHO - (Meio surdo) O que?

VICENTE - Quem é o senhor?

VELHO - João de Deus.

VICENTE - (espantadíssimo) O senhor é.....o Deus?

VELHO - (Depois de uma pausa, gozador, topando a confusão) Sou.

VICENTE - Do catecismo?

VELHO - Ih! Ih! Ih!... sou

VICENTE - Bem que eu estou vendo tanta barba. (Pausa) Deus no duro? Padre Eterno?

VELHO - No duro.

VICENTE - Aquele que está em toda a parte?

VELHO-- Aquele mesmo.

VICENTE - Então, Senhor Deus, quer fazer o favor de olhar onde está o meu cavallinho azul?

VELHO - O que?

VICENTE - Pois o senhor não vê tudo?

VELHO - Vejo. Claro que sim...

VICENTE - Cabos, ilhas, istmos, serra da Mantiqueira, e tudo? e Idéia na cabeça e tudo?

VELHO - E tudo.

VICENTE - Então cadê ele?

VELHO - Ele?

VICENTE - O cavalo. Não viu? o meu?

VELHO - Não vi.

VICENTE - Mas você não vê tudo?

VELHO - Ah! vi sim. Muito lindo seu cavalo.

VICENTE - Azul!

VELHO - Com cauda azul muito grande...

VICENTE - Não a cauda é branca, ó Deus, você esqueceu?

VELHO - Esqueci não. Fico cansado de ver tudo ao mesmo tempo...

VICENTE - Deve cansar mesmo ver tudo ao mesmo tempo. Não tem dor de cabeça? Eu não. Não sou como o Senhor. Coitado! Só vejo poucas coisas e meu cavallinho.

VELHO - Então vamos achá-lo.

VICENTE - O senhor vem comigo?

VELHO - Não posso, menino. Se vou procurar seu cavalo quem é que vai vigiar o mundo?

VICENTE - O senhor não pode deixar algum santo fazer isto por alguns dias?

VELHO - Não posso.

VICENTE - Então, adeus.

VELHO - Espera, menino. Onde é que você vai?

VICENTE - Vou indo por aí ver se acho ele.

VELHO - Quando você precisar de mim é só chamar que estou ali sentado naquele banquinho.

VICENTE - É dali que o senhor vigia o mundo?

VELHO - É

VICENTE - Ah! Então, adeus! (Desaparece do lado esquerdo)



#### 4ª CENA

VELHO - Foi assim que conheci Vicente. Uns achavam que ele era um menino mentiroso porque inventava coisas: via cavalos azuis, circo enormes, campinas, verdes: achava que um vagabundo como eu era Deus, Imaginem vocês.

Outros achavam que ele era louquinho. Cá pra mim, acho que ele era mentiroso não e nem louco. Apenas via as coisas diferentes e acreditava mesmo no que via. Só sei que ele andou pelo mundo atrás de seu cavalo. Será que encontrou? Vamos ver por onde ele anda agora. Depois de muito caminhar chegou primeiro a um circo numa cidade pequena perto da cidade dele.

(O velho puxa a pequena arquibancada) Os donos deste circo são aqueles três músicos que vem ali (O velho volta ao tamboreta. Os músicos entram com suas cadeiras solenemente. Um gordo e alto, o segundo alto e magro, e o terceiro baixinho. O gordo leva o violino, o alto leva um piano, e o baixinho um contrabaixo, que vão buscar fora de cena depois de colocarem as cadeiras no fundo da cena, esses instrumentos são feitos de madeira compensada, bem leves para serem carregados e a música é tocada nos bastidores enquanto os músicos em cena apenas pretendem que tocam como em Instrumentos de brinquedo. O gordo abre a portinhola de seu violino que só tem a utilidade de guardar dinheiro, e retira uma flauta. Os três começam a tocar música nº 54, enquanto chega a meninazinha que cumprimenta os velhos e senta na arquibancada. Os velhos usam fraque e cartola, barbas postiças e pedaços de cabelos saindo das cartolas.)

VELHO - Esses velhos alugaram um palhaço para fazer graça enquanto tocavam e ganhavam dinheiro.

(Tambor forte para a chegada do palhaço)

PALHAÇO - Caro público. Boa tarde, bom dia e boa noite! Este é o nosso grande circo americano! Boa tarde, bom dia e boa noite! Os melhores (acentuando) trapezistas do mundo vão voar por este teto! Cinco elefantes vermelhos domesticados, educados, amestrados, vão cantar! Cantar, caro público, cantar com voz de elefantes! Um cachorro chamado doly vai tocar violino...Tocar violino caro público, com a pata de cachorro... Um gato vai cantar ... Um gato cantor, caro publico, com voz de barítono... Uma foca bailarina e uma bailarina gente vão dançar ao mesmo tempo, ao mesmo tempo, caro público, em cima de cinco cavalos... cinco cavalos, caro público... Um homem que engole fogo e cospe gelo, cospe gelo, caro público. ( Ouve-se um tambor forte. Seque-se grande silêncio)

PALHAÇO - ...Tudo por cinco cruzeiros!

( o palhaço passa pela arquibancada esperando quem pague, enquanto os músicos terminam a valsinha. A menina se levanta e tira de uma bolsinha cinco cruzeiros, que entrega ao palhaço. este leva o dinheiro para o gordo que abre a portinhola de seu violino e guarda o dinheiro.)

E, para começar, o grande palhaço, o mais engraçado do mundo vai fazer um número de corda bamba. Este palhaço sou eu e aqui está a corda bamba.

( O palhaço estica no chão uma corda, abre um guarda-chuva

mirim e começa a fingir que se equilibra no clássico número. Os músicos acompanham o número. A menina bate palmas.) F.

PALHAÇO - Muito obrigado! Muito obrigado! Caro público! E agora o grande palhaço do grande... (Neste momento entra Vicente; o palhaço faz uma pausa para olhá-lo, depois recomeça.) ... do grande circo americano vai fazer um número de contorcionismo. (Vicente, entusiasmado, começa a bater palmas. O palhaço fica nervoso com tanto entusiasmo e desanda a fazer uma série de números e evoluções, sempre com Vicente e a menina batendo palmas, até que, exausto, se senta no chão.)

VICENTE - (Aproximando-se) Grande palhaço do grande circo americano, quer fazer o favor de me dizer se o meu cavalo azul está aqui?

PALHAÇO - O que? Um cavalo azul? Nunca vi. (Põem-se de pé. Os músicos também).

VICENTE - Com um rabo enorme, branco!

PALHAÇO - Isto existe? Um cavalo azul?

VICENTE - O meu. É lindo. Dança, canta e voa.

PALHAÇO - (Correndo para os músicos) Cavalo azul... cavalo azul... Deve ser mentira... Deixa de bobagem, menino. Não vê que estou trabalhando? Não atrapalhe meu número contando coisas (meio em dúvida) que não existem... Sai daí. (Num canto desconfiado.) Cavalo azul!

(Vicente sobe na arquibancada, os números tocam um acorde esquisito, o palhaço presta atenção e corre para Vicente.)

PALHAÇO - Se quiser assistir tem que pagar.

VICENTE - Mas eu não tenho dinheiro.

MENINA - Eu pago para ele. (A menina tira o dinheiro e dá ao palhaço; Este leva-o ao músico gordo, que o guarda dentro do violino.)

VICENTE - Obrigado, menininha!

PALHAÇO - Agora podem bater palmas. Acabei meu número de contorcionismo. (Vicente e a menina batem palmas)

PALHAÇO - (Trocando de casaca e pondo uniforme de domador.) Atenção. Agora o grande circo americano vai apresentar o número dos três elefantes que vieram especialmente da África para o nosso circo.

(Entram três elefantes muito cansados que dançam muito sem graça uma valsa tocada pelos músicos (10). Depois, os elefantes vão-se embora e os meninos batem palmas.)

PALHAÇO - E por hoje é só, caro público.

MENINA - Mas o senhor disse que ia ter uma porção de coisas mais!

PALHAÇO - EU DISSE!

MENINA - Disse sim! Cachorro que toca violino. Trapezista no ar, e a dançarina Lili? E a foca? Cadê?

PALHAÇO - (cortando) Ah! é verdade... mas isso tudo vai ser amanhã.. Amanhã, caro público. Imaginem que a dançarina Lili (Confidencial) está com dor de barriga... e o trapezista... o trapezista... (Entusiasmado-se.) caro público, torceu o pé ... o cachorro que toca violino foi despedido porque... mordeu o rabo do gato cantor... e o gato cantor foi para o hospital... mas amanhã... caro público... amanhã por cinco cruzeiros teremos tudo isso... Boa tarde... bom dia... boa noite... (Vai saindo enquanto fala. A música recomeça; 5A). (Vicente acompanha a música com o corpo. A menina observa-o.)

MENINA - Ele é azul mesmo?





VICENTE - O que?

( Os músicos param de tocar e põem ouvidos )

MENINA - (Repetindo) Ele é azul mesmo?

VICENTE - Tão azul que nem sei!

MENINA - Eu gostaria tanto de procurar um cavalo azul!

VICENTE - Você quer vir comigo?

MENINA - Não posso.

VICENTE - Por quê?

MENINA - ,Paguei cinco cruzeiros e estou esperando acontecer alguma coisa bonita aqui no circo.

VICENTE - E não acontece nada?

MENINA - Todos os dias é a mesma coisa. O palhaço dá cambalhotas e os três elefantes dançam. Já dei todas as minhas notas de cinco e ainda não vi o cachorro tocar violino.

VICENTE - Vai ver que é mentira do palhaço.

MENINA - Será?

VICENTE - Vamos buscar o cavalinho. É melhor procurar nós dois do que sozinho. Vai ser lindo!

MENINA - Tenho que pagar cinco cruzeiros?

VICENTE - Não. Você pode vir de graça.

MENINA - Então, vamos.

VICENTE - Para que lado você quer ir primeiro? No Pacífico ou no Índico?

MENINA - Tenho um tio que mora no Ceará. Vamos lá primeiro?

VICENTE - Capital Fortaleza?

MENINA - É.

VICENTE - Fortaleza é um nome lindo. Então vamos lá primeiro. (Saem.

Clareia sobre o tamborete onde está o velho João de Deus)

VELHO - Enquanto Vicente saía com a menina, os três velhos músicos que na verdade são três bandidos disfarçados, (Os velhos tiram a barba e fazem cara de bandido.) estes bandidos que fingiam que eram músicos, obrigavam o palhaço a trabalhar de graça, não davam comida aos elefantes dançarinos, roubavam tudo que viam, quando ouviram a história do cavalinho azul ficaram loucos para roubá-lo do menino.

(Penumbra sobre o velho)

BAIXINHO - Você ouviu? Ele tem um cavalo azul.

GORDO - Se conseguirmos esse cavalo para o circo, ganharemos tanto dinheiro que ficaremos milionário... Todo mundo vai querer ver esta maravilha.

ALTO - Vamos pegar o menino.

BAIXINHO - Chame o palhaço.

(O Alto sai e volta com o palhaço)

BAIXINHO - Você ouviu o menino, palhaço?

PALHAÇO - Ele tem um cavalo azul.

ALTO - Com um rabo enorme, branco.

BAIXINHO - E sabe dançar.

OS QUATRO - E voar.

( Os três velhos se entreolham, vestem as barbas e se precipitam para fora da cena, trazendo em seguida Vicente e a menina um pouco atrás. Vicente está assustado. Os três estão querendo adular o menino.)

BAIXINHO - Palhaço, vai buscar pipocas para ele. (Palhaço sai)

ALTO - Sente-se aqui, menino.

GORDO - E você aqui, menina. (Os dois meninos sentam-se nas duas cadeiras oferecidas pelos músicos.) (O palhaço volta com as pipocas. Os quatro olham para os meninos comerem as pipocas)

BAIXINHO - Faz uma graça, para o menino rir, palhaço.

( O palhaço faz umas caretas, mas o menino não ri. Só os

três músicos dão gargalhadas estrondosas para impressionar o menino, que finalmente começa a rir. A menina está um pouco assustada.)

BAIXINHO - (Quando todos param de rir de repente) É verdade mesmo, menino?

VICENTE - É

OS TRÊS - Azul?

VICENTE - Azul.

ALTO - Como o céu?

VICENTE - Não.

GORDO - Como o mar?

VICENTE - Não.

OS TRÊS - OH!

BAIXINHO - Como os olhos do palhaço?

VICENTE - Não

ALTO - Então como é ele?

VICENTE - (Música nº 13) (Enleado) As vezes ele fica como o céu, depois, quando vem a tarde, ele fica um pouco como os olhos do palhaço, mas à noite é sempre como o mar à noite.

OS QUATRO - É lindo! Sen-sa-ci-o-nal...

VICENTE - É. (Cessa a música)

BAIXINHO - (Rapidamente.) Por quanto você quer vender?

VICENTE - Não quero vender nunca. Meu pai já vendeu, mas vou buscá-lo.

MENINA - Não vende não!...

BAIXINHO - (Chamando os outros para confabularem num canto.) Venham cá. Fica aí, palhaço, fazendo mais graça para ele. (Enquanto os três músicos bandidos confabulam, o palhaço tenta continuar as graças.)

VICENTE - Não precisa disso não, palhaço. Você já deve estar cansado.

BAIXINHO - (Voltando-se para Vicente) Ele come muito seu cavalo?

VICENTE - Só milho e capim, às vezes um pouco de nuvem que desmancha

BAIXINHO - (Como para si mesmo.) Nuvem desmanchada é chuva. É barato (Para Vicente) E por onde ele anda?

VICENTE - Aí pelo mundo... Na serra da mantiqueira, no Ceará ou... (Os três se aproximam.)

OS TRÊS - Ou...

VICENTE - Nas Capitâneas Hereditárias.

OS TRÊS - !!!!

VICENTE - É. Um dia ele fugiu de casa e foi correr o mundo agora tenho que ir atrás dele, senão ele é capaz de se perder por aí por estes perigos que existem nos promontórios e istmos da terra. (Começa a sair com a menina.)

GORDO - Você vai por que estrada?

VICENTE - Pela estrada do Ceará. Adeus, velhos. Na volta passo por aqui montado nele... (Sai com a menina)

### 5ª CENA

BAIXINHO - Precisamos deste cavalo.

GORDO - Vamos matar o menino.

ALTO - Não adianta matar o menino sem termos primeiro o cavalo.

BAIXINHO - É de um cavalo assim que estamos precisando. Um cavalo magro, que nos dará o dinheiro sem precisarmos trabalhar

ALTO - Ele come pouco milho.

GORDO - E capim.

BAIXINHO - Nós lhe daremos só capim. O milho está caro.

OS DOIS - Só capim.

BAIXINHO - Escutem aqui, amigos. Iremos atrás do menino. Quando ele achar o cavalo, matamos o menino e trazemos o cavalo.

ALTO - Que grande idéia, Baixinho!

BAIXINHO - (Chamando) Palhaço! Tira este circo daí. Vamos viajar...  
(Opalhaço tira as arquibancadas. Os velhos saem com seus instrumentos. João de Deus tira as cadeiras e fala do meio da cena.)

### 6ª CENA

VELHO - Vicente, sempre acompanhado pela menina, começou sua busca pela estrada. Foi primeiro até o Ceará. O cavaleiro não estava nem em Fortaleza nem em Cabrobó, nem em lugar nenhum. Foi a Pernambuco, ao Amazonas, andou perto do rio Negro e do Tocantins. E nada. Depois voltou para o sul. Os dois meninos viajavam de dia e dormiam à noite... Mas não sabiam do perigo que vinha atrás deles. Os três velhos, fingindo que eram músicos de verdade, para não serem vistos, andavam durante a noite e dormiam de dia. Os velhos, cada vez mais gulosos, só pensavam no dinheiro que o cavalo azul ia dar-lhes. (Volta para o tamborete.)

(A cena da viagem dos meninos perseguidos pelos músicos é feita com mudanças de luz e de música. Enquanto toca a música nº 14A-BC- passam o menino e a menina. A cena escurece para sugerir noite, mudando também a música para o nº 14AB e passam os três músicos com ares de perseguição. Os meninos tornam a passar e torna a clarear em cena. Os meninos estão visivelmente cansados. Voltam a passar os velhos também cansados e finalmente tornam os meninos que se dirigem a João de Deus no proscênio. Cessa música.)

MENINA - Já andamos muito, Vicente. Vamos descansar um pouco.

VICENTE - Vamos. Também estou muito cansado. Ei, Sr. Deus! Este meu cavalo está me dando tanto trabalho... (Os dois sentam-se perto do velho e dormem.)

VELHO - Tão cansados, coitadinhos. (O velho sussura uma canção de ninar enquanto escurece sobre eles e os velhos entram em cena com sua música e param também para descansar. Cessa música.)

ALTO - (Sentando-se perto do seu piano.) Quanto você acha que ele vale, hem Baixinho?

BAIXINHO - (Abrindo a portinhola do contrabaixo e tirando uma banana) Milhares de notas de cinco cruzeiros.

ALTO - Ficaremos ricos e não precisaremos mais trabalhar. (Abre seu piano e tira também uma banana, dando outra para o Gordo. Eles comem a banana)

BAIXINHO - Vamos embora que está amanhecendo. Não podemos perder a pista do menino.

OS DOIS - Não podemos perder a pista do cavalo azul. (Saem)

### 7ª CENA

VELHO - Enquanto dormem um pouquinho, vou preparar a cidade aonde eles vão chegar. (O velho puxa o coreto para o meio da cena. Os meninos se levantam, espreguiçam e entram na cidade enquanto o velho volta ao tamborete.)

VICENTE - Vem ali um homem. (Aparece um homem bem vestido. Cessa a música.) Homem, será que o senhor viu um cavalo azul passando por aqui?

HOMEM - Um, o que?

VICENTE - Um cavalo azul.

HOMEM - Você está doido? Isto aqui é uma cidade. Não existe destas coisas por aqui. (Quer sair)

VICENTE - (Puxando-o) Existe sim, o meu. Quer saber como <sup>que é?</sup>  
 HOMEM - Tenho mais o que fazer do que ouvir histórias de cavalos azuis. Já estou atrasado cinco minutos. Não posso chegar atrasado.

(Vem vindo outro homem)

VICENTE - O senhor viu?

2º HOMEM - Meu relógio estava atrasado três minutos. Não posso perder a hora. (Sai) (Vem vindo o 3º Homem)

VICENTE - Será que o senhor viu?

3º HOMEM - Não vi nada. (Desaparece)

VICENTE - (Vem vindo a lavadeira) E a senhora viu?

LAVADEIRA - Não adianta perguntar, que não vi nada. Se vejo alguma coisa, não posso lavar a roupa toda. (Sai)

VICENTE - E os senhores?

(Vem vindo três soldadinhos)

TRÊS SOLDADINHOS MARCHANDO - (Cantando em cadência) Não temos tempo a perder... Não temos tempo a perder... Não temos tempo a perder... (Saem)

(Surge o vendedor)

VENDEDOR - Quem quer comprar?... Quem quer comprar?... Quem quer comprar?...

(A menina sai atrás do vendedor. A cidade, num ritmo mais acelerado, torna a voltar e todos, sem perceberem Vicente, passam de um lado para o outro, sempre dizendo suas frases apressadas.)

VICENTE - (Gritando acima de todas as vozes) Quem viu meu cavalo azul? Quem viu meu cavalo azul? (Toda a cidade desaparece, ouve-se então a voz da Velha-que-viu.)

VELHA-QUE-VIU - Eu vi... eu vi. (Entra em cena, vestida de uma maneira estranhamente fora de moda, como estas loucas que usam chapéu, xale e bolsa e que, em outras épocas foram elegantes.)

VICENTE - (Precipitando-se) Viu? Azul?

VELHA-QUE-VIU - Todo azul com enormes assas para voar na terra.

VICENTE - É.É.

VELHA-QUE-VIU - E grandes barbatanas para nadar no mar...

VICENTE - (Achando que a velha está exagerando) Bem isto...

VELHA-QUE-VIU - (Contando) E dois olhos de fogo, numa cabeça tão linda... tão linda...

VICENTE - (Não se contendo) Ela viu... Ela viu... (Para a velha)

Espera vou chamar minha amiga. (sai de cena) Menina.....menina... ela viu.....

(Enquanto Vicente procura a menina, chegam os três velhos e raptam a velha)

GORDO - Ela viu. É nossa. (Desaparece com a velha, que não reage)

VICENTE - (Voltando com a menina) Onde está a Velha-que-viu? para onde foi a Velha-que-viu? Desapareceu! Velha! Velha!

MENINA - (Sentando-se na escada do coreto muito desanimada.) Vicente não adianta mais a gente procurar... já andamos tanto... tanto...

VICENTE - Já estamos quase encontrando. A velha viu. Ela vai nos dizer para onde ele foi... Onde? Onde está você, meu cavalinho? Bem perto?

VENDEDOR - (Chegando) Quem quer comprar?... Quem quer comprar...

MENINA - (Desanimada) O Senhor tem um cavalinho azul?

VENDEDOR - Azul, vermelho, amarelo... dar cor que o freguês quiser.

VICENTE - De verdade?

VENDEDOR - De papalão.



MENINA - Quanto custa?

VENDEDOR - Cinco cruzeiros. (Tira um cavalinho de massa azul)

VICENTE - Será que o senhor não viu um de verdade?

MENINA - Este mesmo serve, Vicente. Vamos embora. Estou com medo.

VENDEDOR - Por que é que você não procura no curral do Cowboy?

VICENTE - Lá tem cavalos?

VENDEDOR - Muitos, (Sai) Quem quer comprar? Quem quer comprar?

VICENTE - Então vamos lá, meninazinha?

MENINA - Quero ir para casa, Vicente. Este mesmo serve.

VICENTE - É a última vez que procuramos, está bem?

MENINA - Promete?

VICENTE - Depois você pode voltar.

MENINA - E você?

VICENTE - Só volto quando encontrar meu cavalinho. Coitado. Tão sozinho.

MENINA - Então, vamos. (Os dois saem. A menina puxando o cavalo de papelão.)

VICENTE = (Saindo) Pena que a Velha-que-viu tenha sumido. (Voltam os três músicos carregando a velha)

BAIXINHO - Agora pode falar, velha.

ALTO - E depressa, que não temos tempo a perder. (A velha fica quieta e entra no coreto cantarolando) Fala, velha. Onde é que está o cavalo. Você viu?

VELHA-QUE-VIU - (Calmamente) O vento é verde, a chuva é branca, e lá vem o menino cavalgando no cavalo azul...

OS TRÊS - É ele. Onde? (amendrontados, eles saem de cena e tornam a voltar com os instrumentos de onde tiram armas)

VELHA-QUE-VIU - Cavalgando na nuvem...

OS TRÊS - (Olham do e apontando armas para as nuvens) Nas nuvens? Deve ser um monstro!

GORDO - Um dragão!

BAIXINHO - Um dragão!

ALTO - Um dragãozão!

VELHA-QUE-VIU - (agora bem rápido) Lá vem o menino cavalgando no cavalo azul... Cavalgando na nuvem que é preta e grita: ai, ai! ai! Quero cair, quero molhar... que ro virar rio, pro cavalo beber... (A velha começa a passear pela cena seguida pelos velhos estupefatos.) Pacatá... pacatá... pacatá...

BAIXINHO - Ela é doida!

VELHA-QUE-VIU - Quero cair.

Quero molhar.

Virar um rio.

Pacatá, pacatá, pacatá.

Um rio virar

Pro cavalo beber... ah! ah! ah!

BAIXINHO - Pára com isso, velha (Segura a velha) Quer matar de susto três pobres velhos que sofrem do coração? hem? Onde é que você viu o cavalo azul, hem? Diz logo, velha, senão eu temato.

VELHA - Me larga, velho horrível... (A velha se desprende e sai correndo com os velhos atrás numa corrida bastante ridícula. A velha escapole e some.)

ALTO - Depressa, Gordo. Lá vem gente. Ninguém deve saber que estamos aqui.

(Os três mais do que depressa tocam seus instrumentos, guardam as armas, entram no coreto e começam a tocar uma valsinha lenta, música nº 5AB Pela frente e por trás dos velhos passam os habitantes da cidade que nós já conhece



cegos. Ninguém repara nos velhos. Todos saem. Menos o velho (vendedor.)

VENDEDOR - Quem quer comprar...

GORDO - Psiu! Seu vendedor!

VENDEDOR - Quer comprar Senhor?

BAIXINHO - Queria saber se o senhor não viu um menino com uma menina

VENDEDOR - Ora, senhor, eu vejo tantos todos os dias.

BAIXINHO - Mas este é diferente. Ele anda atrás de um cavalo azul.

VENDEDOR - Ah! Aquele? Vi sim. A menina até me comprou um brinquedo

ALTO - Para onde foram eles?

VENDEDOR - Acho que foram até o curral do cowboy. Lá está cheio de cavalos. Pode ser que ele encontre o dele lá.

BAIXINHO - Curral do cowboy onde é?

VENDEDOR - No fim desta estrada que começa ali. Quem são os senhores? Parentes do menino?

BAIXINHO - Tios dele. E donos de um circo lá no sul. Obrigado pela informação. Vamos, pessoal. Precisamos encontrar nosso sobrinhozinho.

OS DOIS - Nosso sobrinhozinho. (Os velhos, em com a música nº148)

VENDEDOR - Quem quer comprar... (O vendedor sai e o velho tira o coreto.)

### 8ª CENA

VELHO - O caminho para o curral do Cowboy era muito cumprido. Vicente e a meninazinha começaram a andar pela estrada mas se perderam no caminho.

(Enquanto o velho fala no proscênio, os meninos passam com a música nº18) e foram para longe do curral. (Cessa música) Mas os velhos, que são bandidos muito espertos, vão chegar primeiro ao curral. Neste lugar o cowboy criava cavalos para vender aos circos. Eram portanto cavalos ensinados. (Entram os quatro cavalinhos brancos. Os atores que vestem a cabeça dos cavalinhos branco, entram de lado, levando uma única peça de cenário que esconde o corpo e as pernas dos atores e representa o curral.) De noite os bandidos chegaram. Estava muito escuro. (Escurece em cena enquanto surgem os três bandidos com lanternas e começam a procurar, iluminando a cara de cada cavalo que levanta o focinho à medida que é iluminado.)

BAIXINHO - Este é branco. (Os outros respondem sempre: é branco) Este também é branco. Este também é branco. Este também é branco.

OS DOIS - Tudo branco.

OS TRÊS - Onde está o azul?

ALTO - Só se está trancado. Vamos esperar o dia chegar e perguntar ao vaqueiro.

GORDO - Por que não procurar logo?

ALTO - Se o vaqueiro desconfia pode mandar nos prender.

GORDO - Por que não pedimos a ele para nos vender?

BAIXINHO - Você é cretino, Gordo? Acha que alguém vai querer vender um cavalo ~~xxx~~, que voa, que canta e que é azul?

ALTO - Temos é que roubar.

GORDO - Vamos logo, então.

ALTO - Vê se o dia está nascendo?

GORDO - (Olhando) Já. (Clareia em cena, os cavalos relinham e levantam a cabeça. Os bandidos se escondem. Chega o Cowboy com seu grande chapéu.)

COWBOY - Que barulho é este? Se é ladrão de cavalo, atenção! Que eu atiro. (Puxa os revólveres) Não há ninguém aí? (O cowboy

corre a cena até que ouve o barulho de um dos instrumentos e o bandido desconfiado aponta os revólveres. Os três músicos, apavorados, imediatamente saem do esconderijo segurando os instrumentos.

BAIXINHO - Somos três músicos pedindo esmola.

COWBOY - Músicos, aqui no curral? Isto está me cheirando a mentira.

ALTO - Somos músicos, sim.

GORDO - Sim, somos músicos.

BAIXINHO - Ouça, senhor COWBOY. (Começam a tocar a música nº5B)

COWBOY - (Interrompendo) Vocês não vieram roubar cavalos meus? (Os três começam a rir nervosamente)

BAIXINHO - Que bobagem!

ALTO - Que bobagem!

GORDO - Que bobagem!

BAIXINHO - Vamos continuar a tocar para ele. (Os três põem-se a tocar - música 5A, enquanto o Cowboy passeia desconfiado. Enquanto tocam, chegam Vicente e a menina!)

VICENTE - Olha quem está aqui. O circo! Os nossos amigos do circo. Os músicos. (os três bandidos param de tocar e ficam estatelados) Queridos músicos, como é que vocês vieram parar aqui? (Os três se entreolham e olham para o cowboy.)

BAIXINHO - Andando.

ALTO - Andando.

GORDO - Andando.

VICENTE - Para que vocês estão aqui?

BAIXINHO - Viemos tocar música para este Cowboy. (Música 5A)

ALTO E BAIXINHO - Viemos (Confirmando)

COWBOY - Acho que eles são ladrões de cavalos.

VICENTE - São não, seu Cowboy. Eles são músicos do maior circo do mundo. Como vai o palhaço?

GORDO - Vai bem.

ALTO - Vai bem.

BAIXINHO - Vai bem.

VICENTE - Com licença. Quero falar agora com o Cowboy, porque (Falando confidencialmente.) o meu cavalezinho azul está aqui. Com licença. (Vicente leva o cowboy para um canto e começa a conversar. Os músicos querem ouvir a conversa.) (Ouve-se apenas o Cowboy dizer alto.)

COWBOY - Azul? Sim, claro, venha comigo. (Os três saem de cena)

BAIXINHO - (Para os músicos) Vocês não ouviram? (Os três abrem as portinholas dos instrumentos e tiram os revólveres.) Agora o cavalo está no papo. (Vem vindo o Cowboy com os meninos.) Mãos ao alto!

ALTO - Mãos ao alto!

BAIXINHO - Mãos ao alto!

GORDO - Passem já para cá o cavalo azul. (Os cavalos brancos, assustados, fogem em disparada. O Cowboy levanta a mão. Vicente e a menina olham sem compreender o que está se passando.)

GORDO - Mãos ao alto, menino!

ALTO - Mãos ao alto, menina! (Todos estão de mãos erguidas)

COWBOY - Ladrão de cavalos. Bem que eu desconfiava...

BAIXINHO - Passem logo o cavalo azul, se não querem levar tiros na barriga.

VICENTE - Mas ele não está aqui, seu músico.

BAIXINHO - Não me faça de bobo, sim, menino? Já estou cansado de ouvir mentirar. Pensa que não ouvi o Cowboy dizer que o azul estava aqui?

VICENTE - Mas não é o meu, seu Baixinho. O meu não é igual aquele.

BAIXINHO - Seu Cowboy, não tenho tempo a perder. O cavalo ou a vida.



- COWBOY - (Vendo que não pode fazer nada contra tanta armá a montada.)  
HIP! hip! Hip! Azul! Azul! ( Todos aguardam ansiosos a chegada do cavalo.)
- BAIXINHO - Vamos, por que ele não aparece?
- COWBOY - Hip! Hip!Hip!Azul!(Surge um dos cavalos brancos, muito tímido)
- GORDO - Mas este não é azul!
- OS TRÊS - É BRANCO.
- COWBOY - O nome dele é Azul , porque tem olho azul.
- BAIXINHO - (Para Vicente) É este o seu?
- VICENTE - (Rindo) Não... O meu é todo azul e grande!
- ALTO - (alucinado) E sabe cantar...
- GORDO - (Idem) E voar!
- BAIXINHO - ( Realista) E vai dar muito dinheiro ao Baixinho aqui...  
Vamos, (Gritando) quero seu cavalo azul, está ouvindo!  
(Sacode o menino, enquanto o Cowboy e a menina saem disfarçadamente) Quero o seu cavalo para o meu circo, com preende? Agora, neste minutinho.
- VICENTE - Mas estou procurando o meu cavalo, e depois vou levá-lo ao circo. Fica calmo, seu músico, não é preciso isso aí.  
(Revólver) O senhor é músico mesmo ou é bandido?
- BAIXINHO - Bandido ... e músico.
- VICENTE - Mais bandido do que músico... ou mais músico do que bandido?
- BAIXINHO - Quase que só bandido.
- VICENTE - Vocês três?
- OS TRÊS - Nós três. ( Os três tiram as barbas e fazem caras de bandidos.)
- VICENTE - Que caras feias, meu santo Deus. Vocês roubam pianos, violinos, violões, violoncelos, violas e vitrolas?
- ALTO - Nós roubamos tudo.
- BAIXINHO - Chega de conversa, amarrem o menino. Enquanto ele não nos der seu cavalo azul, não será solto. ( O alto e o Gordo amarram o menino.) Vamos, agora trate de descobrir o seu cavalo.
- VICENTE - Amarrado ninguém pôde procurar nada. Se vocês fazem o favor de me desamarrem...
- BAIXINHO - Vai é morrer, porque estou desconfiado que este negócio todo é uma mentira.
- ALTO - Nos fez andar meses e meses atrás dele...
- GORDO - Estou cansado de procurar.
- BAIXINHO - Menino que faz bandido ficar cansado e não acha cavalo azul, deve morrer.
- OS DOIS - Morrer.
- VICENTE - Mas, se eu morrer, quem vai procurar meu cavalinho?
- BAIXINHO - Não interessa.
- ALTO-- Não interessa.
- GORDO - Não interessa. ( Ouve-se de fora a voz do Cowboy, que em seguida aparece armado.)
- COWBOY - Mãos ao alto! (Os três largam tudo e ficam de mãos para o alto.) Músicos de má tipela! Ladrões de cavalos! Já, Já para a polícia, ardem!...
- BAIXINHO - (Fingindo) Deixe ao menos levar nossos instrumentos, Sr. Cowboy. Assim, quando estivermos na prisão sozinhos, nossa música distrairá...
- COWBOY - Está bem. Mas ande logo. (Os músicos fingem que vão pegar os instrumentos e saem correndo com o Cowboy atrás)Parem, seus bandidos, q e eu atiro mesmo... (Sai atrás dos bandidos)





dos. A menina se apressa em desamarrar o menino.)

MENINA - Vicente, meu amigo, vamos embora? para nossa casa e meu pai devem estar muito aflitos procurando.

VICENTE - Estou com muitas saudades lá de casa, também.

MENINA - Então vamos.

VICENTE - Preciso primeiro ahar ele. Depois eu volto. Você vai na frente, está bem? A gente pede ao Sr. Deus para te levar. O senhor leva? (Dirigindo-se ao velho)

VELHO - (Sem se mexer) Levo sim, Vicente. Eu levo a menina para a casa dela.

VICENTE - Eu sabia, Sr. Deus (Para a menina) Diga a papai e a mamãe que estou quase achando o meu cavalinho. Diga a mamãe para preparar uma cama bem macia para mim. Estou cansado de tanto dormir no chão duro. Diga a papai para preparar campim verde para o cavalinho. Diga ao palhaço que os músicos são bandidos e quando eu chegar vamos fazer um circo só para nós. Me esperem na entrada na cidade que vou chegar como um doido galopando no meu cavalo...

MENINA - Adeus, Vicente, e volta logo. Cuidado com os perigos. (Sai)

VICENTE - (Enquanto a menina dá a mão velho, saindo em seguida pelo proscênio.) Diga a mamãe para botar vestido novo para a minha chegada e fazer doce de côco e canja de galinha para eu comer... Adeus... (Enquanto a menina sai, puxando seu cavalinho de papelão, ouve-se a música nº 1D (só flauta-contrabaixo) Ao mesmo tempo, o cavalinho branco de olho azul sai levando seu curral. Vicente fica sozinho, olhando sair o cavalo de papelão.) Agora vou à serra da Mantiqueira. (Maroto) Acho que você está lá, meu cavalinho! (Vicente sai de cena. Cessa música)

(Pela cena aparecem os três bandidos fugindo do Cowboy que vem logo atrás com a música nº 14B. Voltam os três músicos em mãos ao alto com o Cowboy atrás. Desaparecem)

VELHO - Como vocês viram, os três músicos foram presos, a menina levei para a casa dela. Todos na cidade estão esperando Vicente voltar. Ele continuou correndo mundo. (Na cena surge Vicente todo esfarrapado, sem um pé de sapato, comendo um pedaço de pão - o ator ou atriz que faz o Vicente deve trocar de roupa para esta cena.) Quando estava muito cansado, vinha deitar aqui perto de mim. (Vicente deita-se perto de João-de-Deus.) E foi assim que um dia... Vejam vocês...

(No palco uma luz azulada e estranha começa a clarear a cena. Vicente se apruma e se aproxima do meio do palco atento. Ele está quase em silhueta. Tudo está azulado e escuro. A música nº 30 A.B.C, num crescendo, acompanhada pelo galopar de um cavalo, anuncia a aproximação do cavalinho azul, que surge do fundo da cena imponente e todo azul, com cauda branca. Este cavalo representa o mesmo pângaré do início da peça agora transfigurando. Vicente, imóvel, observa.)

VICENTE - (Como se estivesse fazendo a coisa mais natural do mundo, sem absolutamente encarar a aparição do seu cavalinho, como coisa impossível, pega a corda que, como na primeira cena, caía no pescoço do cavalo e começa a fazer com ele as mesmas evoluções.) Upa! Upa! meu cavalinho! Vamos já para casa, meu cavalinho! Papai, mamãe, a menina, o palhaço estão todos nos esperando na entrada da cidade! Todos esperam nossa volta! Upa! Upa! Upa! Para casa, meu cavalinho. A galope! Para casa! (O cavalo dá várias galopadas em torno do menino, enquanto a música cresce, a luz se acende e se apaga em vários tons de cores, e o pano se fecha)

PARECER Nº 013 / 86TÍTULO: "O CAVALINHO AZUL" "peça infantil"CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: L I V R E

O texto mostra o empenho do garoto Vicente para reencontrar seu velho pangaré, que, em sua fantasia, visualizava como um lindo e forte cavaleiro azul.

Centrado no amor de uma criança por seu animalzinho, a obra poderá ser liberada sem restrições.

Brasília, 28 de fevereiro de 1986

M.  L. Gama Cidade

CF 2 405 370



MJ-DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL  
SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL NO DISTRITO FEDERAL  
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS



Assunto: Exame censório de texto teatral

Título da Obra: "O CAVALINHO AZUL"

Autoria: MARIA CLARA MACHADO

Requerente: José Paulo dos Santos Neto

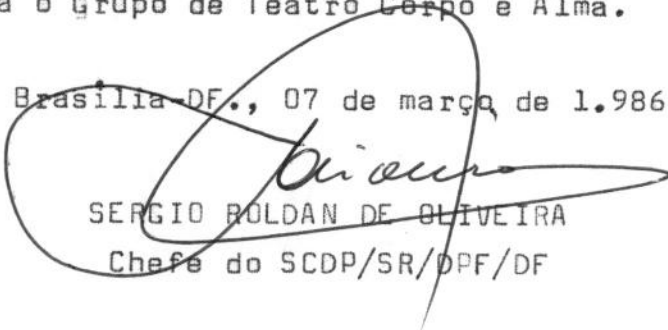
DESPACHO:

I - Trata-se de peça teatral já examinada e liberada pela Divisão de Censura de Diversões Públicas, com a chancela classificatória LIVRE, estando o certificado liberatório em plena validade, conforme consta no radiograma nº 158/86-SA/DCDP.

Por assim ser e levando-se em consideração o pronunciamento contido no Parecer nº 013/86, julgo viável a liberação da peça teatral acima nominada sem restrição etária, ou seja, com a chancela classificatória livre.

II - À SCC/SCDP/SR/DPF/DF, para expedir o certificado liberatório, para o Grupo de Teatro Corpo e Alma.

Brasília-DF., 07 de março de 1.986.

  
SERGIO BOLDAN DE OLIVEIRA  
Chefe do SCDP/SR/DPF/DF



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA  
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0248, p. 264



# CENSURA FEDERAL

## TEATRO

Certificado Nº 006/86-SCDP/SR/DPF/DF.

PEÇA "O CAVALINHO AZUL."

ORIGINAL DE MARIA CLARA MACHADO.

CLASSIFICAÇÃO

**LIVRE**

VÁLIDO ATÉ 05 de setembro de 19 89

Brasília-DF. , 10 de março de 19 86

*Sérgio Reidan de Oliveira*  
Censor Federal - Mat 240 630 7  
Chefe do SCDP/SR/DF



M. J — D.P.F

## CERTIFICADO DE CENSURA

Certifico constar no arquivo de registro de peças teatrais deste Serviço, o assentamento da peça intitulada "O CAVALINHO AZUL"

Original de MARIA CLARA MACHADO

Tradução de -----

Adaptação de -----

Produção de GRUPO DE TEATRO CORPO E ALMA

Requerida por JOSÉ PAULO DOS SANTOS NETO

Tendo sido censurada em 28 de fevereiro de 19 86 e recebido

a seguinte classificação: LIVRE, condicionado ao exame do ensaio geral. Este certificado tem validade em todo o território nacional somente quando acompanhado do texto devidamente carimbado por um órgão da DCDP.

Brasília., 10 de março de 19 86

Fernando  
Bel. L. Fernando Cardoso  
Chefe do Serviço de Censura  
Censor Federal - Matr. 241.080.0  
Chefe do SCC/SCDP/SR/DF

TÍTULO " O CAVALINHO AZUL "

AUTOR DA PEÇA: " MARIA CLARA MACHADO "

1) ARQUIVO

Clas. Anterior " LIVRE "

Praça " SCDP/SR/DF "

Obs.:

DF. 29 / MAIO / DE / 1986

*Adilson*  
Resp. pela elaboração do Processo

ADILSON

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura

Técnico de Censura

Data prazo Exame de / / a / /

DF. / /

Resp. pela Programação

4) SERVIÇO DE CENSURA

Em de de 1.97

3) CHEFE DA S.C.T.C.

*Arquivado conforme  
Obs. no certificado,  
BSB, 02/06/86*

*José Domingos Cardoso*  
CP - Matr. 2096417  
Chefe da SCTC/SC/DCDP

Brasília - DF

de

de 1.97

5) DIRETOR DA D.C.D.P.

SR/DF/BSA

+

DITEL BSA

DE SR/DF/BSA 74 20 141800P (SRD) 4 JAN 19 12 55 000000

DCDP

NR 002/SCDP/140187 PT SOL INFO PEÇA TEATRAL ENTREASPAS O  
CAVALINHO AZUL VG AUTOR MARIA CLARA MACHADO PT

SR/DF

NNNN

T/SRD/141805HS

R/+

DITEL BSA

SR/DF/BSA

E2  
0815

Recbi em 15/01/87  
às 15:35h (p/linho)

mat. 6.190.500

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE 0248, p.267

1329

DCDP

# RADIOGRAMA

Nome e cargo do expedidor fechando o texto. Escrever separando as linhas com 2 espaços



**MINISTÉRIO DA JUSTIÇA  
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL**

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0268, p.268

PARA USO DA ESTAÇÃO

Nº

Esécie.: OFICIAL

Número.....

Data:..... 15/01

Origem.....

Palavras.....

Hora:.....

1659 000000

PRÉAMBULO

ENDEREÇO

SCDP/SR/DF

POSIÇÃO:

QUITAÇÃO

HRS:

OPR: *li*

TEXTO A TRANSMITIR

Nº 026/DCDP de 15\_ 01 \_87 \_\_\_\_ RERA NR 002/SCDP/140187 VG INFO PEÇA  
TEAT "O CAVALINHO AZUL" CLASS LIVRE VG CERT VAL 050989 PT DCDP

Assinatura ou rubrica do expedidor.....

*Helena Senan Domingos*  
Chefe do SC - DCDP

DPF-84





11 SET 14 06 53 006307

## SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

Ofício nº 1938/87-SCDP/SR/DPF/DF

Brasília-DF., 09-setembro-1987

Do Chefe do Serviço de Censura de Diversões Públicas/SR/DPF/DF

Ao Diretor da Divisão de Censura de Diversões Públicas/DPF

Assunto: Encaminhamento (faz).

Senhor Diretor:

Encaminho a V. Sa., para as providências que se fizerem necessárias, os processados censórios relativos às peças teatrais, abaixo discriminadas, liberadas por este Serviço:

- 01 - AMOR EM CAMPO MINADO, de autoria de Dias Gomes
- 02 - EM PLENO MAR, de autoria de Slawomir Mrozek
- 03 - O NATAL (NASCIMENTO DE CRISTO), de autoria de Álvaro B. de Moura
- 04 - ENERGIA PARA O MUNDO, de autoria de Maria Aparecida Rennó e S. Nogueiros
- 05 - O CAVALINHO AZUL, de autoria de Maria Clara Machado
- 06 - NO FUNDO DO SÍTIO, de autoria de Roberto Athayde
- 07 - O SOLDADINHO INGLÊS, de autoria de Simão Francisco de Miranda
- 08 - MISTÉRIOS DO REINO, de autoria de Guido Heleno Dutra
- 09 - CREKPONVIDON, de autoria Estêbano Luiz de Oliveira
- 10 - ESTÓRIA DA CAROCHINHA, Criação coletiva do Grupo Ato te Ato
- 11 - O CASO GRETA - AMOR E LOUCURA DE UMA OUTRA PESSOA, de autoria de Fernando Villar.

Cordialmente,

*Sergio Roldan de Oliveira*  
Sergio Roldan de Oliveira  
Chefe do SCDP/SR/DPF/DF

Ilustríssimo Senhor

Dr. RAYMUNDO EUSTÁQUIO DE MESQUITA

DD. Diretor da DCDP/DPF, em exercício

BRASÍLIA - DF

ILMO. SR. DIRETOR DA DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS  
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

12 JAN 1987

Protocolo N.º 004



NIVALDO RAMOS DE FREITAS

Requerente

BRAS.

Nacionalidade

COMERCIÁRIO

Profissão

Carteira de Identidade

1.462.273SSP-GO

Nº e Órgão Expedidor

residente e domiciliado à

SEP-SUL 702 LOTE C -CLUBE DO CONGRESSO ————, vem,

muito respeitosamente, requerer de V. Sa. que se digne mandar examinar, de conformidade com as normas

censórias vigentes, a (s) PEÇA TEATRAL INFANTIL abaixo relacionada (s),

Espécie

de autoria de:

MARIA CLARA MACHADO

Título (s)

"O CAVALINHO AZUL"

Nestes termos,

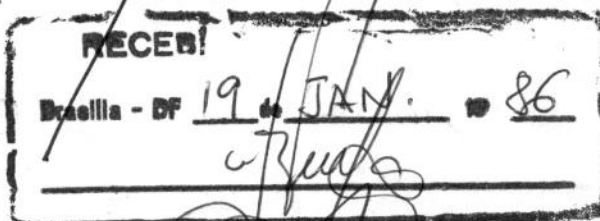
Pede deferimento.

BRASÍLIA - DF, 12/ JANEIRO/ 1987

Local e Data

Representante

Anexos:



## 1 - EMPRESA OU GRUPO (Se houver)

Nome: GRUPO FARSACGC: 00411792001-73Sede: SEP-SUL 702 Lote C - C. CONGRESSOCEP: 50330-1Diretor ou Responsável: Rivaldo Ramon de Freitas

## 2 - DADOS DO AUTOR

Nome: \_\_\_\_\_

Pseudônimo: \_\_\_\_\_

Filiação: \_\_\_\_\_

Nacionalidade: \_\_\_\_\_

Naturalidade: \_\_\_\_\_

Data do Nasc.: \_\_\_\_\_

Identificação: \_\_\_\_\_

Estado Civil: \_\_\_\_\_

Profissão: \_\_\_\_\_

Endereço: \_\_\_\_\_

CEP: \_\_\_\_\_

## 3 - PARCERIA

Nome: \_\_\_\_\_

Pseudônimo: \_\_\_\_\_

Filiação: \_\_\_\_\_

Nacionalidade: \_\_\_\_\_

Naturalidade: \_\_\_\_\_

Data do Nasc.: \_\_\_\_\_

Identificação: \_\_\_\_\_

Estado Civil: \_\_\_\_\_

Profissão: \_\_\_\_\_

Endereço: \_\_\_\_\_

CEP: \_\_\_\_\_

Nome: \_\_\_\_\_

Pseudônimo: \_\_\_\_\_

Filiação: \_\_\_\_\_

Nacionalidade: \_\_\_\_\_

Naturalidade: \_\_\_\_\_

Data do Nasc.: \_\_\_\_\_

Identificação: \_\_\_\_\_

Estado Civil: \_\_\_\_\_

Profissão: \_\_\_\_\_

Endereço: \_\_\_\_\_

CEP: \_\_\_\_\_

Declaro que a matéria a ser examinada nunca foi submetida à apreciação dessa DCDP (excetuando os pedidos de renovação de certificado ou de confronto de texto), assumindo, inteira responsabilidade pelas informações aqui prestadas.

DATA: Brasília - 01/02/01/87

Ass.: \_\_\_\_\_



FUNDAÇÃO BRASILEIRA DE TEATRO

O C A V A L I N H O    A Z U L

De: Maria Clara Machado

PERSONAGENS:

João de Deus  
Vicente, o menino  
O pai  
A mãe  
O pangaré  
O palhaço  
O músico gordo  
O músico alto  
O músico baixo  
A menina  
O 1º homem  
O 2º homem  
O 3º homem  
A lavadeira  
O vendedor  
Os três soldados  
Velha-que-viu  
O cowboy  
Os três elefantes  
Os quatro cavalos

Os personagens dos três elefantes podem ser os mesmos dos três soldados. Os quatro cavalos podem ser os soldados, o 1º e o 2º homem.





## CENÁRIO

O palco vazio com fundo azulado. Os elementos das várias cenas vão sendo colocados à medida que a ação se desenrola.

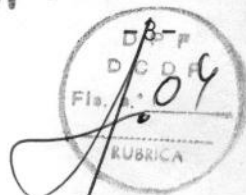
- 1a. Cena: sugestão de uma casa
- 2a. Cena: o mesmo
- 3a. Cena: cena vazia
- 4a. Cena: sugestão de arquibancada de circo, três cadeiras
- 5a. Cena: o mesmo
- 6a. Cena: cena vazia
- 7a. Cena: sugestão de uma cidade, um coreto
- 8a. Cena: o curral do cowboy
- 9a. Cena: cena vazia

1a. Cena

( Ao abrir-se o pano, vê-se apenas o palco vazio. Enquanto se houve a música nº 1A, 1B, um velho de longas barbas, mal trapilho e vagabundo, simpático e bonachão se dirige em direção à platéia segurando um tamborete).

## VELHO

Eu me chamo João de Deus. Sou vagabundo. Estou aqui para contar a história do menino Vicente e de seu cavalo. Um dia perdi a tesoura de cortar barba e tive que deixar crescer esta barba. No princípio não gostava; sujava muito quando eu comia, mas agora gosto; quando faz frio cubro-me assim, (mostra) e minha barba serve de cobertor. Também aprendi a comer com minha barba: faço assim. (Mostra) Gosto dela também por causa do Vicente, que me achou parecido com o padre eterno. Isto quer dizer que a minha barba se parece com a barba de Deus. Por isso cuido dela. Barba de Deus é coisa séria. Vou contar como é que esta história começou. Aqui (PELA ESQUERDA ENTRAM O PAI E A MÃE CARREGANDO A CASA) morava Vicente com seu pai e sua mãe, nesta casinha. ( O PAI E A MÃE COLOCAM A CASA E O BANQUINHO E DESAPARECEM ). E ali vem ele - nem me viu ainda - com seu cavalo. Vou deixar esta história contar-se por si mesma, enquanto vou ajudando aqui, ao lado. ( O VELHO SENTA-SE NO TAMBORETE, FORA DA CENA, PERTO DA CORTINA, NA SEMI-OBSCURIDADE, ENQUANTO A LUZ CRESCE DENTRO DO PALCO, ONDE SE VÊ O MENINO POBRE PUXANDO UMA ENORME CORDA QUE PRENDE AO PESCOÇO DE UM FEIO PANGARÊ, SUJO, MAGRO, COM CARA INFELIZ. O MENINO, EM ÊXTASE, PROCURA CONVENCER O CAVALO. (DOIS ATORES EM PÊ, UM FAZENDO A CABEÇA COM UMA MÁSCARA E O OUTRO FAZENDO O TRAZEIRO) .



VICENTE

Se você der mais uma voltinha, só mais uma voltinha, meu cavalinho, eu prometo levar você lá numa campina toda verdinha de tanto capim verde. Vamos, vamos, meu cavalinho azul! ( O cavalo se levanta com grande esforço e começa a trotar em volta do menino ). Vamos, meu cavalinho azul! Upa! Upa! Upa! ( O cavalo, cansado, começa a se arrastar ).

VICENTE

(Zangado). Assim você não poderá trabalhar no circo! Não pode. Veja como eu faço. Como aquele grande cavalo branco lá do circo da cidade. Buuuuuu, assim, levantando as patas e depois me levando na garupa como a bailarina Lili, toda verde de tão bonita, e o domador Rogério de boné dourado e calças vermelhas... Upa! Upa! Upa! Vamos, vamos! ( O CAVALO ESTÁ EXAUSTO ). Bem, por hoje, chega. Amanhã treinaremos mais. Você está cada vez melhor e mais bonito.

MÃE

( DE DENTRO ). Vicente!

VICENTE

O que é, mamãe?

MÃE

( SAINDO COM UMA TROUXA DE ROUPAS PARA LAVAR ) Venha estudar, menino. Está quase na hora da escola.

VICENTE

Já vou, mamãe. Deixe eu conversar mais um pouquinho só com meu cavalinho azul.

MÃE

Que cavalinho azul, que nada! Um pangaré velho que não presta mais nem para puxar a carroça do teu pai ( SAINDO COM A TROUXA ) Cavalinho azul!...

VICENTE

( BAIXO, PARA O CAVALO ). Não liga não, meu cavalinho. ( PA



VICENTE (continuação)

RA A PLATÊIA ). Mamãe chama meu cavalinho de sujo e velho porque' ela pensa que é sujo e velho, porque mamãe é gente grande e gente grande tem que lavar roupa, fica cansada e maltrata o cavalinho, sem querer. Como é que ela pode saber a cor do meu cavalo se nem vê ele direito de tanto cozinhar, arrumar e lavar roupa? Também ' ele anda um pouco sujo hoje, mas é porque a água do nosso rio es tá quase sêca, não lava mais direito, ( PARA O CAVALO ), mas amanha vou também te levar num rio muito grande, muito branco de tão limpo, que pass-a perto da campina verde. Lá você tomará um banho e vamos para o circo. Quem estiver muito limpo e lindo também não pode entrar no circo, está ouvindo?

PAI

( CHEGANDO COM O BALDE ). Vicente, olha a ração do mimoso. E chega de fazê-lo rodar. Ele está muito magro, precisa descansar.

VICENTE

Vou levar ele, papai, para a grande campina verde e vou dar um banho nele no rio de água branca.

PAI

( BEM HUMORADO ). Onde é que existe esta campina, menino? Tu do está sêco, isto sim. Sêco e esturricado. Onde é que tem um rio grande e branco?

VICENTE

Aquele lá longe.

PAI

Longe, onde?

VICENTE

Ora, papai, lá longe, do outro lado daquele morro mais longe.

PAI

Longe é a cidade.

VICENTE

Onde está o circo, não é?

PAI

É. Vã estudar, menino.



VICENTE

Vou buscar meu livro e venho estudar aqui, está bem? (ENTRA POR TRÁS DA CASA ).

PAI

( DEPOIS DE MISTURAR A COMIDA DO CAVALO ). Toma, pangaré, co me isto para não morrer de fome. ( O PANGARÉ ENFIA A CARA NO BALDE. O PAI SAI E VOLTA O MENINO ).

VICENTE

Você sabe o que é uma ilha? É uma quantidade de terra cerca da de água por todos os lados... Um istmo (DIZ BAIXINHO, COMO PRO CURANDO DECORAR) Um istmo...é ... sabe, cavalinho, nós vamos lá... nós vamos na ilha cercada de água por todos os lados, cercada de istmos... de cabos, de tudo. Depois vamos ao promatório. Depois , eu monto em você e saímos correndo atrás das capitancias hereditárias. Vai ser ótimo!

MÃE

( DE DENTRO ). Vicente, venha estudar cá dentro. Sozinho, longe deste cavalo.

VICENTE

Estou indo. (ENTRA GRITANDO). Vamos para as capitancias! Eu e o meu cavalinho azul...

PAI

( CHEGANDO E OUVINDO AS ÚLTIMAS PALAVRAS DO FILHO). Mulher! Venha cá. (A MÃE CHEGA). Mulher, temos que vender o pangaré. (O CAVALO LEVANTA A CARA DO BALDE, ASSUSTADO).

MÃE

( PREOCUPADA) Vender? Por quê?

PAI

Este pangaré não serve mais para nada. Já vendi a carroça. Este cavalo só serve para comer mais dinheiro. Se for vendido, pos so apurar alguns cobres e com ele comprar galinhas e começar uma criação.

MÃE

E o menino?

PAI

O menino esquece. Arranja outro brinquedo.

MÃE

Esquece não. Ele só pensa nisto.





PAI

Estã ficando doido; melhor é levar o cavalo logo. (Põe o cha peu, pega o cavalo pela corda). Vou ã cidade vendê-lo. Pro menino trago um brinquedo. Adeus, mulher. (Sai).

MÃE

Porque você não vende a vaquinha?

PAI

(PARANDO E VOLTANDO-SE) A vaquinha dá leite.

MÃE

Mas o cavalo dá alegria ao menino.

PAI

Mas não dá dinheiro. O menino se acostuma. (O PAI SAI PUXAN DO O PANGARÊ. NO PROSCÊNIO ELE ENCONTRA COM O VELHO JOÃO DE DEUS E PÁRA).

VELHO

Bom dia.

PAI

QUEM é o senhor?

VELHO

Sou João de Deus.

PAI

O que é que está fazendo aqui?

VELHO

Estou vendo tudo.

PAI

Para quê?

VELHO

Para contar aos outros, (PARA A PLATÉIA) eles.

PAI

(DEPOIS DE OLHAR PARA A PLATÉIA): Vai contar na certa que sou um pai muito ruim porque vou vender o pangaré!....

VELHO

O senhor tem que vender mesmo?

PAI

Depois quem vai arranjar dinheiro para o menino comer? É mui to fácil ter pena do pangaré, mas de mim ninguém tem. Adeus . (SAI MUITO ZANGADO ).



VELHO

O pai ficou muito zangado e partiu para a feira onde vendeu o cavalo. Pensamos que o menino ia ficar muito triste. Alguns dias se passaram, e vejam o nosso Vicente sentadinho na porta, com sua bola, presente do pai. (ESQUIRE NO VELHO E CLAREIA NA CENA).

2a. Cena

Vicente, sentado na soleira da porta, de vez em quando dá uma espiadela para fora. (OUVE-SE A MÚSICA nº 3A):

VICENTE

Mamãe!

MÃE

(APARECENDO). Que é, menino?

VICENTE

Que horas que ele volta?

MÃE

Quem?

VICENTE

O meu cavalinho azul.

MÃE

Acho que ele volta... amanhã. Venha para dentro, Vicente. Nem almoçou direito. Assim sem comer voce não pode ficar.

VICENTE

Estou esperando.

MÃE

( COM MUITO JEITO). Acho, meu filhinho, que seu cavalo não volta mais. Seu pai trouxe esta bola para você brincar com ela. Voce não acha bonita esta bola?

VICENTE

Acho. Por isso que eu quero mostrar ao meu cavalo.

MÃE

(EXASPERADA) Seu cavalo foi vendido.

VICENTE

Eu sei, mamãe, não precisa gritar. Papai me disse. Mas depois ele volta.

MÃE

Mas agora ele tem outro dono.



VICENTE

(RINDO) Outro dono! Ah! Ah! Ah! Como é possível isto, mãe? Dono a gente só tem um. Ele volta.

MÃE

Volta não.

VICENTE

Volta sim. Volta porque estou esperando ele para irmos ao circo.

MÃE

( ENTRANDO EM CASA ) Ah, menino. Assim não é possível.

VICENTE

(MÚSICA nº 3B)

(SOZINHO). Estou achando é que meu cavalinho perdeu o caminho. (SUSPIRANDO FORTE). Ele é tão distraído. Preciso ir atrás dele. Mamãe disse que este mundo está cheio de perigos. Não posso mais deixar o meu amigo perdido por aí. Talvez ele tenha ido para as Antilhas Holandesas ou então para a ilha de Brocôio cercada de água por todos os lados, ou algum istmo ou cabo... sei lá, todos estes perigos... e se ele foi para a serra da Mantiqueira? Coitadinho! Adeus meu pai, adeus minha mãe, me esperem que eu volto com ele. Adeus. ( O MENINO SAI PELO PROSCÊNIO EM DIREÇÃO OPOSTA ONDE ESTÁ O VELHO E A MÚSICA CONTINUA ATÉ O ENCONTRO COM O VELHO ).

### 3a Cena

( O VELHO ENTRA NA CENA E TIRA A CASA. VICENTE TORNA A APARECER NA CENA NUA, ENQUANTO O VELHO O AGUARDA ).

VELHO

Sozinho, menino, neste caminho?

VICENTE

Quem é o senhor?

VELHO

(MEIO SURDO) O quê?

VICENTE

Quem é o senhor?

VELHO

João de Deus.

VICENTE

(ESPANTADÍSSIMO) O Senhor é... o DEUS?

VELHO

( DEPOIS DE UMA PAUSA, GOZADOR, TOPANDO A CONFUSÃO ). Sou.



VICENTE

Do caticismo?

VELHO

Ih! Ih! Ih! ... sou.

VICENTE

Bem que eu estou vendo tanta barba. (PAUSA) Deus no duro?  
Padre Eterno?

VELHO

No duro.

VICENTE

Aquele que está em toda parte?

VELHO

Aquele mesmo.

VICENTE

Então, Senhor Deus, quer fazer o Favor de olhar onde está o  
meu cavalinho azul?

VELHO

O quê?

VICENTE

Pois o Senhor não vê tudo?

VELHO

Vejo, claro que sim...

VICENTE

Cabos, ilhas, istmos, serra da Mantiqueira, e tudo? e idéia  
na cabeça e tudo?

VELHO

E tudo.

VICENTE

Então cadê ele?

VELHO

Ele?

VICENTE

O cavalo. Não<sup>0</sup> viu? O meu?

VELHO

Não o vi.

VICENTE

Mas você não vê tudo?

VELHO

Ah! vi sim. Muito lindo o seu cavalo.





VICENTE

Azul.

VELHO

Com cauda azul, muito grande...

VICENTE

Não, a cauda é branca, ó Deus, você esqueceu?

VELHO

Esqueci não. Fico cansado de ver tudo ao mesmo tempo...

VICENTE

Deve cansar mesmo ver tudo ao mesmo tempo. Não tem dor de cabeça? Eu não. Não sou como o senhor. Coitado! Só vejo poucas coisas e o meu cavalinho.

VELHO

Então vamos achá-lo.

VICENTE

O senhor vem comigo?

VELHO

Não posso, menino. Se vou procurar seu cavalo, quem é que vai vigiar o mundo?

VICENTE

O senhor não pode deixar algum santo fazer isso por alguns dias?

VELHO

Não posso.

VICENTE

Então, adeus.

VELHO

Espera, menino. Onde é que você vai?

VICENTE

Vou indo por aí ver se acho ele.

VELHO

Quando você precisar de mim, é só chamar que estou ali senta do naquele banquinho.

VICENTE

É dali que o senhor vigia o mundo?

VELHO

É.

VICENTE

Ah! Então, adeus. (DESAPARECE DO LADO OPOSTO)

4a. Cena

VELHO

Foi assim que conheci Vicente. Uns achavam que ele era um menino mentiroso porque inventava coisas, via cavalinhos azuis, circos enormes, campinas verdes, achava que um vagabundo como eu era Deus, imaginem vocês. Outros achavam que ele era louquinho. Cã para mim, acho que mem era mentiroso, nem louco. Apenas via as coisas diferentes e acreditava mesmo no que via. Sô sei que ele andou pelo mundo atrás de seu cavalo. Será que encontrou? Vamos ver por onde ele anda agora. Depois de muito caminhar chegou primeiro a um circo numa cidade pequena perto da cidade dele. ( O VELHO PUXA UMA PEQUENA ARQUIBANCADA ). Os donos deste circo são aqueles três músicos que vêm ali. ( O VELHO VOLTA AO TAMBORETE. OS MÚSICOS ENTRAM COM SUAS CADEIRAS, SOLENEMENTE. UM GORDO E ALTO, O SEGUNDO ALTO E MAGRO, E O TERCEIRO BAIXINHO. O GORDO LEVA UM VIOLINO, O ALTO LEVA UM PIANO, E O BAIXINHO, UM CONTRABAIXO, QUE VÃO BUSCAR FORA DE CENA DEPOIS DE COLOCAREM AS CADEIRAS NO FUNDO DA CENA. ESTES INSTRUMENTOS SÃO FEITOS DE MADEIRA COMPENSADA, BEM LEVES PARA SEREM CARREGADOS E A MÚSICA É TOCADA NOS BASTIDORES ENQUANTO OS MÚSICOS DE CENA APENAS PRETENDEM QUE TOCAM COM EM INSTRUMENTOS DE BRINQUEDO. O GORDO ABRE A PORTINHOLA DO SEU VIOLINO QUE SÔ TEM A UTILIDADE DE GUARDAR DINHEIRO, E RETIRA UMA FLAUTA. OS TRÊS COMEÇAM A TOCAR A MÚSICA 5-A, ENQUANTO CHEGA A MENINAZINHA QUE CUMPRIMENTA OS VELHOS E SENTA NA ARQUIBANCADA. OS VELHOS USAM FRAQUE E CARTOLA, BARBAS POSTIÇAS E PEDAÇOS DE CABELOS SAINDO DAS CARTOLAS ).

VELHO

Estes velhos alugaram um palhaço para fazer graça enquanto eles tocavam e ganhavam dinheiro. ( TAMBOR FORTE PARA A CHEGADA DO PALHAÇO ).

PALHAÇO

Caro público! Boa tarde, bom dia e boa noite! Este é o nosso Grande Circo Americano! Boa tarde, bom dia e boa noite! OS MELHORES (ACENTUANDO) trapezistas do mundo vão voar por este teto! cinco elefantes vermelhos, domesticados, educados, amestrados, vão cantar! cantar, caro público, cantar com voz de elefantes! Um cachorro chamado DOLY vai tocar violino... tocar violino, caro público, com pata de cachorro... um gato vai cantar... um gato cantor, caro público, com voz de barítono... uma foca bailarina e uma bailarina gente vão dançar ao mesmo tempo, ao mesmo tempo, caro público, em cima de cinco cavalos... cinco cavalos, caro público... um homem que engole fogo e cospe gelo... cospe gelo, caro público. ( OUVES-SE UM TAMBOR FORTE. SEGUE-SE GRANDE SILÊNCIO ).



## PALHAÇO

... Tudo por cinco cruzados ( O PALHAÇO PASSA PELA ARQUIBANCADA ESPERANDO QUEM PAGUE, ENQUANTO OS MÚSICOS TERMINAM A VALSINHA. A MENINA SE LEVANTA E TIRA DE UMA BOLSINHA CINCO CRUZADOS, QUE ENTREGA AO PALHAÇO; ESTE LEVA O DINHEIRO PARA O GORDO, QUE ABRE A PORTINHOLA DO SEU VIOLINO E GUARDA O DINHEIRO ). ...e para começar, o GRANDE palhaço, o mais engraçado do mundo, vai fazer um número de corda bamba. Este palhaço sou eu, e aqui está a corda bamba. ( O PALHAÇO ESTICA NO CHÃO UMA CORDA, ABRE UM GUARDA-CHUVA MIRIM E COMEÇA A FINGIR QUE SE EQUILIBRA NO CLÁSSICO NÚMERO. OS MÚSICOS ACOMPANHAM O NÚMERO. A MENINA BATE PALMAS ). ... muito obrigado! muito obrigado, caro público! E agora o grande palhaço do grande... ( NESTE MOMENTO ENTRA VICENTE, O PALHAÇO FAZ UMA PAUSA PARA OLHÁ-LO, DEPOIS RECOMEÇA ). ::: do grande circo americano vai fazer um número de contorcionismo. ( VICENTE, ENTUSIASMADO, COMEÇA A BATER PALMAS. O PALHAÇO FICA NERVOSO COM TANTO ENTUSIASMO E DESMANDA A FAZER UMA SÉRIE DE NÚMEROS E EVOLUÇÕES, SEMPRE COM VICENTE E A MENINA BATENDO PALMAS; ATÉ QUE EXAUSTO, SE SENTA NO CHÃO ).

## VICENTE

(APROXIMANDO-SE)

Grande palhaço do grande circo americano, quer por favor ' me dizer se o meu cavalo azul está aqui?

## PALHAÇO

O quê? Um cavalo azul? Nunca vi. ( PÕE-SE DE PÉ. OS MÚSICOS TAMBÉM ).

## VICENTE

Com um rabo enorme, branco!

## PALHAÇO

Isto existe? Um cavalo azul?

## VICENTE

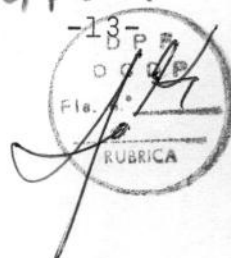
O meu. É lindo. Dança, canta e voa.

## PALHAÇO

(CORRENDO PARA OS MÚSICOS) Cavalo azul... cavalo azul... deve ser mentira... deixa de bobagem, menino. Não vê que estou trabalhando? não atrapalha meu número contando coisas (MEIO EM DÚVIDA) que não existe... sai daí. ( NUM CANTO DESCONFIADO ) Cavalo azul. (VICENTE SOBE NA ARQUIBANCADA, OS MÚSICOS TOCAM UM ACORDE ESQUISITO, O PALHAÇO PRESTA ATENÇÃO E CORRE PARA VICENTE ).

## PALHAÇO

Se quiser assistir, tem que pagar.



VICENTE

Mas eu não tenho dinheiro

MENINA

Eu pago para ele. ( A MENINA TIRA O DINHEIRO E DÁ AO PALHAÇO. ESTE LEVA-O AO MÚSICO GORDO, QUE O GUARDA DENTRO DO VIOLINO ).

VICENTE

Obrigado, menininha.

PALHAÇO

Agora podem bater palmas. Acabei meu número de contorcionismo. (VICENTE E A MENINA BATEM PALMAS).

PALHAÇO

( TROCANDO DE CASACA E PONDO UNIFORME DE DOMADOR ). Atenção. Agora o grande circo americano vai apresentar o número dos três elefantes que vieram especialmente da África para o nosso circo. ( ENTRAM TRÊS ELEFANTES MUITO CANSADOS QUE DANÇAM MUITO SEM GRAÇA UMA VALSA TOCADA PELOS MÚSICOS. DEPOIS, OS ELEFANTES VÃO-SE EMBORA E OS MENINOS BATEM PALMAS ). E por hoje é só caro público.

MENINA

Mas o senhor disse que ia ter uma porção de coisas mais!

PALHAÇO

Eu disse?

MENINA

Disse sim. Cachorro que toca violino. Trapezistas no ar, e a dançarina Lili? e a foca? cadê?

PALHAÇO

( CORTANDO ) Ah! é verdade... mas isto tudo vai ser amanhã... amanhã, caro público. Imaginem que a dançarina Lili (CONFIDENCIAL) está com dor de barriga... e o trapezista... o trapezista... (ENTUSIASMADO) caro público, torceu o pé... o cachorro que toca violino foi despedido porque... porque mordeu o rabo do gato cantor... e o gato cantor foi para o hospital... mas amanhã... caro público... amanhã por cinco cruzados teremos tudo isto... boa tarde... bom dia... boa noite... (VAI SAINDO ENQUANTO FALA.....A música 5-A recomeça, VICENTE ACOMPANHA A MÚSICA COM O CORPO. A MENINA OBSERVA-O ) .

MENINA

Ele é azul mesmo?

VICENTE

O quê? ( OS MÚSICOS PARAM DE TOCAR E PÕEM OUVIDOS ).

MENINA

( REPETINDO ) Ele é azul mesmo?

VICENTE

Tão azul que nem sei!



Fortaleza é um nome lindo. Então vamos lá primeiro. (SAEM: CLAREIA SOBRE O TAMBORETE ONDE ESTÀ O VELHO JOÃO DE DEUS).

VELHO

Enquanto Vicente saía com a menina, os três velhos músicos que na verdade são três bandidos disfarçados, ( OS VELHOS TIRAM AS BARBAS E FAZEM CARA DE BANDIDOS ). estes bandidos que fingiam ' que eram músicos, obrigavam o palhaço a trabalhar de graça, não davam comida aos elefantes dançarinos, roubavam tudo o que viam, quando ouviram a história do cavaleiro azul ficaram loucos para roubá-lo do menino. ( PENUMBRA SOBRE O VELHO )

BAIXINHO

Você ouviu? Ele tem um cavalo azul.

GORDO

Se conseguirmos este cavalo para o circo, ganharemos tanto dinheiro que ficaremos milionários... todo mundo vai querer ver esta maravilha.

ALTO

Vamos pegar o menino .

BAIXINHO

Chame o palhaço. ( O ALTO SAI E VOLTA COM O PALHAÇO ).

BAIXINHO

Você ouviu o menino, palhaço?

PALHAÇO

Ele tem um cavalo azul.

ALTO

Com um ramo enorme, branco.

BAIXINHO

E sabe dançar.

OS QUATRO

E voar.

( OS TRÊS SE ENTREOLHAM, VESTEM AS BARBAS E SE PRECIPITAM PARA FORA DE CENA, TRAZENDO EM SEGUIDA VICENTE E A MENINA UM POUCO ATRÁS. VICENTE ESTÁ ASSUSTADO. OS TRÊS ESTÃO QUERENDO ADULAR O MENINO ).

BAIXINHO

Palhaço, vai buscar pipocas para ele. ( PALHAÇO SAI ).

ALTO

Sente-se aqui, menino.

GORDO

E você aqui, menina. ( OS DOIS MENINOS SENTAM-SE NAS DUAS CADEIRAS OFERECIDAS PELOS MÚSICOS ).

( O PALHAÇO VOLTA COM AS PIPOCAS. OS QUATRO OLHAM PARA OS MENINOS COMEREM PIPOCAS ).



BAIXINHO

Faz uma graça para o menino rir, palhaço. ( O PALHAÇO FAZ UMAS CARETAS, MAS O MENINO NÃO RI. SÓ OS TRÊS MÚSICOS DÃO GARGALHA DAS ESTRONDOSAS PARA IMPRESSIONAR O MENINO, QUE FINALMENTE COMEÇA A RIR. A MENINA ESTÁ UM POUCO ASSUSTADA ).

BAIXINHO

( QUANDO TODOS PARAM DE RIR DE REPETE ). É verdade mesmo, menino?

VICENTE

É.

OS TRÊS

Azul?

VICENTE

Azul.

ALTO

Como o céu?

VICENTE

Não .

GORDO

Como o mar?

VICENTE

Não.

OS TRÊS

Oh!

BAIXINHO

Como os olhos do palhaço?

VICENTE

Não.

ALTO

Então como é ele?

VICENTE

( MÚSICA Nº 13 ) ( ENLEADO ) . Às vezes ele fica como o céu, depois, quando vem a tarde, ele fica um pouco como os olhos do palhaço, mas à noite sempre como o mar à noite.

OS QUATRO

É lindo! Sen-sa-ci-o-nal...

VICENTE

É. ( CESSA A MÚSICA )

BAIXINHO

( RAPIDAMENTE ) Por quanto você quer vender?

VICENTE

Não quero vender nunca. Meu pai já vendeu, mas vou buscá-

lo.



MANINA

Não vende não...

BAIXINHO

( CHAMANDO OS OUTROS PARA CONFABULAREM NUM CANTO ) venham cá. Fica aí palhaço, fazendo mais graça para ele. (ENQUANTO OS TRÊS BANDIDOS CONFABULAM, O PALHAÇO TENTA CONTINUAR AS GRAÇAS ).

VICENTE

Não precisa disso não, palhaço. Você já deve estar cansado.

BAIXINHO

( VOLTANDO-SE PARA VICENTE ) Ele come muito, seu cavalo?

VICENTE

Só milho e capim, às vezes um pouco de ~~nuvem~~ que desmancha.

BAIXINHO

( COMO PARA SI ). Nuvem desmanchada é chuva. É barato.

( PARA VICENTE ) E por onde anda ele?

VICENTE

Aí pelo mundo... Na serra da Mantiqueira, no Ceará ou...

( OS TRÊS SE APROXIMAM ).

OS TRÊS

Ou...

VICENTE

Nas Capitanias Hereditárias.

OS TRÊS

!!!!!!

VICENTE

É, um dia ele fugiu de casa e foi correr mundo, agora tenho que ir atrás dele, senão ele é capaz de se perder aí por estes perigos que existem nos promontórios e istimos da terra. ( COMEÇA A SAIR COM A MENINA ).

GORDO

Você vai por que estrada?

VICENTE

Pela estrada do ceará. Adeus velhos. Na volta passo por aqui montado nele... ( SAI COM A MENINA ).

### 5a Cena

BAIXINHO

Precisamos deste cavalo.

GORDO

Vamos matar o menino.

ALTO

Não adianta matar o menino sem termos primeiro o cavalo.





BAIXINHO

É de um cavalo assim que estamos precisando. Um cavalo mi-  
lagroso, que nos dará dinheiro sem precisarmos trabalhar.

ALTO

Ele como pouco milho.

GORDO

E capim.

BAIXINHO

Nós lhe daremos só capim. O milho está caro.

OS DOIS

Só capim.

BAIXINHO

Escutem amigos. Iremos atrás do menino. Quando ele achar  
o cavalo, matamos o menino e trazemos o cavalo.

ALTO

Que grande idéia, baixinho!

BAIXINHO

( CHAMENDO). Palhaço! Tira este circo daí, vamos viajar...  
( O PALHAÇO TIRA AS ARQUIBANCADAS. OS VELHOS SAEM COM SEUS INSTRU-  
MENTOS. JOÃO DE DEUS TIRA AS CADEIRAS E FALA DO MEIO DE CENA ).

6a Cena

VELHO

Vicente, sempre acompanhado pela menina, começou sua busca  
pela estrada. Foi primeiro até o Ceará. E o cavalinho não estava nem  
em Fortaleza nem em Cabrobró, nem em lugar nenhum. Foi a Pernambuco,  
ao Amazonas, andou perto do Rio Negro e do Tocantins. E nada. Depois  
voltou para o sul. Os dois meninos viajavam de dia e dormiam de noi-  
te... mas não sabiam do perigo que vinha atrás deles. Os três velhos,  
fingindo que eram músicos de verdade, para não serem vistos, andavam  
durante a noite e dormiam durante o dia. Os velhos cada vez mais gu-  
losos, só pensavam no dinheiro que o cavalo azul ia dar-lhes.( VOLTA  
PARA O TAMBORETE ).

( A CENA DA VIAGEM DOS MENINOS PERSEGUIDOS PELOS MÚSICOS É FEITA '  
COM MUDANÇAS DE LUZ E DE MÚSICA. ENQUANTO TOCA A MÚSICA NÚMERO 14-A-  
BC, PASSAM O MENINO E A MENINA. A CENA OBSCURECE PARA SUGERIR NOI-  
TE, MUDANDO TAMBÉM A MÚSICA PARA O NÚMERO 14-AB e passam os três '  
MÚSICOS COM ARES DE PERSEGUIÇÃO. OS MENINOS TORNAM A PASSAR E TOR-  
NA A CLAREAR A CENA. OS MENINOS ESTÃO VISIVELMENTE CANSADOS. VOL-  
TAM A PASSAR OS VELHOS TAMBÉM CANSADOS E FINALMENTE TORNAM OS MENI-  
NOS QUE SE DIRIGEM A JOÃO DE DEUS NO PROSCÊNIO. CESSA A MÚSICA ).

MENINA

Já andamos muito, Vicente. Vamos descansar um pouco.



VICENTE

Vamos, também estou muito cansado. Ei, Senhor Deus! Este meu cavalo está me dando muito trabalho! ... ( OS DOIS SENTAM-SE PERTO DO VELHO E DORMEM ).

VELHO

Tão cansados, coitadinhos. ( O VELHO SUSSURRA UMA CANÇÃO DE NINAR ENQUANTO ESCURECE SOBRE ELES E OS VELHOS ENTRAM EM CENA COM SUA MÚSICA E PARAM TAMBÉM PARA DESCANSAR. CESSA A MÚSICA ).

ALTO

( SENTANDO-SE PERTO DO SEU PIANO ). Quanto você acha que ele vale? Heim Baixinho?

BAIXINHO

(ABRINDO A PORTINHOLA DO CONTRABAIXO E TIRANDO UMA BANANA ). Milhares de notas de cinco cruzados.

ALTO

Ficaremos ricos e não precisaremos mais trabalhar. (ABRE SEU PIANO E TIRA TAMBÉM UMA BANANA, DANDO OUTRA PARA O GORDO. ELES COMEM A BANANA ).

BAIXINHO

Vamos embora que está amanhecendo. Não podemos perder a pista do menino.

OS DOIS

Não podemos perder a pista do cavalo azul. ( SAEM ).

7a Cena

VELHO

Enquanto dorme um pouquinho, vou preparar a cidade onde eles vão chegar. ( O VELHO PUXA O CORETO PARA O MEIO DA CENA. OS MENINOS SE LEVANTAM, ESPREGUIÇAM E ENTARAM NA CIDADE ENQUANTO O VELHO VOLTA AO TAMBORETE ).

VICENTE

Vem ali um homem. ( APARECE UM HOMEM BEM VESTIDO. CESSA A MÚSICA ). Homem, será que o senhor viu um cavalo azul passando por aqui?

HOMEM

Um, o quê?

VICENTE

Um cavalo azul.

HOMEM

Você está doido? Isto aqui é uma cidade. Não existem destas coisas por aqui. ( QUER SAIR ).

VICENTE

( PUXANDO-O ). Existe sim, o meu. Quer saber como ele é?



HOMEM

Tenho mais o que fazer do que ouvir histórias de cavalos azuis. Já estou atrasado cinco minutos. Não posso chegar atrasado. ( VEM VINDO OUTRO HOMEM ).

VICENTE

O senhor viu?

2º HOMEM

Meu relógio estava atrasado três minutos. Não posso perder a hora. (SAI) ( VEM VINDO OUTRO HOMEM ).

VICENTE

Será que o senhor viu?

3º HOMEM

Não vi nada. ( DESAPARECE ).

VICENTE

( VEM VINDO UMA LAVADEIRA ) E a senhora viu?

LAVADEIRA

Não adianta perguntar que não vi nada. Se vejo alguma coisa não posso lavar toda essa roupa. ( SAI ).

VICENTE

E os senhores?(VEM VINDO TRÊS SOLDADINHOS).

TRÊS SOLDADINHOS MARCHANDO

(CANTANDO EM CADÊNCIA) Não temos tempo a perder... Não temos tempo a perder... não temos tempo a perder... ( SAEM )

- ( SURGE O VENDEDOR )

VENDEDOR

Quem quer comprar? ... Quem quer comprar? Quem quer comprar?...

( A MENINA SAI ATRÁS DO VENDEDOR. A CIDADE, NUM RÍTMO MAIS ACELERADO, TORNA A VOLTAR E TODOS, SEM PERCEBEREM VICENTE, PASSAM DE UM LADO PARA OUTRO, SEMPRE DIZENDO SUAS FRASES APRESSADAS ).

VICENTE

( GRITANDO ACIMA DE TODAS AS VOZES ). Quem viu meu cavalo azul?... Quem viu meu cavalo azul? ( TODA A CIDADE DESAPARECE. OUVI-SE ENTÃO A VOZ DA VELHA-QUE-VIU ).

VELHA-QUE-VIU

Eu vi... eu vi. ( ENTRA EM CENA, VESTIDA DE UMA MANEIRA ESTRANHAMENTE FORA DA MODA, COMO ESTAS LOUCAS QUE USAM CHAPÉU, XALE E BOLSA E QUE, EM OUTRAS ÉPOCAS, FORAM ELEGANTES ).

VICENTE

( PRECIPITANDO-SE PARA ELA ). Viu? Azul?



VELHA-QUE-VIU

Todo azul com enormes asas para voar na terra.

VICENTE

É. É.

VELHA-QUE-VIU

E com grandes barbatanas para nadar no mar ...

VICENTE

( ACHANDO QUE A VELHA ESTÁ EXAGERANDO ). Bem, isto...

VELHA-QUE-VIU

E dois olhos de fogo, numa cabeça tão linda... tão linda...

VICENTE

( NÃO SE CONTENDO ) Ela viu... ela viu... ( PARA A VELHA )  
espera, vou chamar minha amiga. ( SAI DE CENA ) Menina... menina...  
ela viu... ( ENQUANTO VICENTE PROCURA A MENINA, CHEGAM OS TRÊS VE-  
LHOS E RAPTAM A VELHA ).

GORDO

Ela viu. É nossa. ( DESAPARECEM COM A VELHA, QUE NÃO REA-  
GE ).

VICENTE

VICENTE

( VOLTANDO COM A MENINA ) Onde está a Velha-que-viu? Para  
onde foi a Velha-que viu? Desapareceu! Velha! Velha!

MENINA

( SENTANDO-SE NA ESCADA DO CORETO MUITO DESANIMADA ). Vi-  
cente, não adianta mais a gente procurar... já andamos tanto...tan-  
to!

VICENTE

Já estamos quase encontrando. A velha viu. Ela vai nos di-  
zer para onde ele foi... Onde? Onde está você, meu meu cavalinho?  
Bem perto?

VENDEDOR

( CHEGANDO ) Quem quer comprar?... Quem comprar?...

MENINA

( DESANIMADA ) O senhor tem um cavalinho azul?

VENDEDOR

Azul, vermelho, amarelo... da cor que o freguês quiser.

VICENTE

De verdade?

VENDEDOR

De papelão.

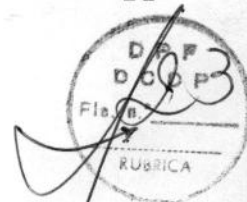
MENINA

Quanto custa?

VENDEDOR

Cinco Cruzados. ( TIRA UM CAVALINHO DE MASSA AZUL ).





VICENTE

Serã que o Senhor não viu um de verdade?

MENINA

Este mesmo serve, Vicente. Vamos embora. Estou com medo.

VENDEDOR

Por que é que você não procura no curral do Cowboy?

VICENTE

Lã tem cavalos?

VENDEDOR

Muitos. (SAI). Quem quer comprar? Quem quer comprar?

VICENTE

Então vamos lá, meninazinha?

MENINA

Quero ir para casa, Vicente. Este mesmo serve.

VICENTE

É a última vez que procuramos, está bem?

MENINA

Promete?

VICENTE

Depois você pode voltar.

MENINA

E você?

VICENTE

Só volto quando encontrar meu cavalinho. Coitado tão sozinho.

MENINA

Então vamos. ( OS DOIS SAEM. A MENINA PUXANDO O CAVALO DE PAPELÃO ).

VICENTE

( SAINDO ). Pena que a Velha-que-viu tenha sumido. ( VOLTAM OS TRÊS MÚSICOS CARREGANDO A VELHA ).

BAIXINHO

Agora pode falar, Velha.

ALTO

E depressa, que não temos tempo a perder. ( A VELHA FICA QUIETA E ENTRA NO CORETO CANTAROLANDO ). Fala, velha. Onde é que está o cavalo? Você viu?

VELHA-QUE-VIU

(CALMAMENTE). O vento é verde, a chuva é branca, e lá vem o menino cavalgando no cavalo azul...

OS TRÊS

è ele, Onde? ( AMEDRONTADOS, ELES SAEM DE CENA E TORNAM A VOLTAR COM OS INSTRUMENTOS DE ONDE TIRAM ARMAS ).

VELHA-QUE-VIU

Cavalgando na nuvem...

OS TRÊS



OS TRÊS

( OLHANDO E APONTANDO ARMAS PARA AS NUVENS ). Nas nuvens?  
Deve ser um monstro!

GORDO

Um dragão!

BAIXINHO

Um dragão!

ALTO

Um dragãozão!

VELHA-QUE-VIU

( AGORA BEM RÁPIDO ). Lá vem o menino cavalgando no cavalo azul... cavalgando na nuvem que é preta e grita: ai! ai! ai! Quero cair, quero molhar ... quero virar rio, pro cavalo beber... ( A VELHA COMEÇA A PASSEAR PELA CENA SEGUIDA PELOS VELHOS ESTUPEFADOS ). Pacatã, pacatã-... pacatã...

BAIXINHO

Ela é doida!

VELHA-QUE-VIU

Quero cair.

Quero molhar.

Virar um rio.

Pacatã, pacatã, pacatã.

Um rio virar,

Pro cavalo beberr... Ah! Ah! Ah!

BAIXINHO

Pára com isto, velha. ( SEGURA A VELHA ). Quer matar de susto três pobres velhos que sofrem do coração? Hem? Onde é que você viu o cavalo azul, hem? Diz logo, velha, senão eu te mato.

VELHA-QUE-VIU

Me larga, velho horroroso... ( A VELHA SE DESPRENDE E SAI CORRENDO COM OS VELHOS ATRÁS NUMA CORRIDA BASTANTE RIDÍCULA. A VELHA ESCAPOLE E SOME ).

ALTO

Depressa, Gordo. Lá vem gente, Ninguém deve saber que estamos aqui. ( OS TRÊS MAIS DO QUE DEPRESSA TOMAM SEUS INSTRUMENTOS, GUARDAM AS ARMAS, ENTRAM NO CORETO E COMEÇAM A TOCAR UMA VALSINHA LENTA. MÚSICA nº 5AB. PELA FRENTE E POR TRÁS DOS VELHOS PASSAM OS HABITANTES DA CIDADE QUE NÓS JÁ CONHECEMOS. NINGUÉM REPARA NOS VELHOS, TODOS SAEM. MENOS O VENDEDOR ).

VENDEDOR

Quem quer comprar...

GORDO

Psiu! Seu vendedor!

VENDEDOR

Quer comprar, senhor?



BAIXINHO

Queria saber se o senhor não viu um menino com uma menina.

VENDEDOR

Ora, senhor, eu vejo tantos todos os dias.

BAIXINHO

Mas esse é diferente. Ele anda atrás de um cavalo azul.

VENDEDOR

Ah! Aquele? Vi sim. A menina até me comprou um brinquedo.

ALTO

Para onde foram eles?

VENDEDOR

Acho que foram até o curral do Cowboy. Lá está cheio de cavalos. Pode ser que ele encontre o dele lá.

BAIXINHO

Curral do Cowboy, onde é ?

VENDEDOR

No fim da estrada que começa ali. Quem são os senhores? Parentes do menino?

BAIXINHO

Tios dele. E donos de um circo lá no sul. Obrigado pela informação. Vamos pessoal. Precisamos encontrar nosso sobrinhozinho.

OS DOIS

Nosso sobrinhozinho. ( OS VELHOS SAEM COM A MÚSICA nº 14B).

VENDEDOR

Quem quer comprar... ( O VENDEDOR SAI E O VELHO TIRA O CO-RETO ).

8a Cena

VELHO

O caminho para o curral do Cowboy era muito comprido. Vicente a meninazinha começaram a andar pela estrada mas se perderam no caminho. ( ENQUANTO O VELHO FALA NO PROSCÊNIO, OS MENINOS PASSAM C/ A MÚSICA nº 1B )... e foram para longe do curral. ( CESSA A MÚSICA) Mas os velhos, lque são bandidos espertos, vão chegar primeiro no curral. Neste lugar o Cowboy criava c avalo para vender aos circos. Eram portanto cavalos ensinados. ( ENTRAM OS QUATRO CAVALINHOS BRANCOS. OS ATORES QUE VESTEM A CABEÇA DOS CAVALINHOS BRANCOS ENTRAM DE LADO, LEVANDO UMA ÚNICA PEÇA DO CENÁRIO QUE ESCONDE O CORPO E AS PERNAS DOS ATORES E REPRESENTA O CURRAL ). De noite os bandidos chegaram. Estava muito escuro. ( ESCURECE EM CENA ENQUANTO SURGEM OS TRÊS BANDIDOS COM LANTERNAS E COMEÇAM A PROCURA, ILUMINANDO A CARA DO CAVALO QUE LEVANTA O FOCINHO À MEDIDA QUE É ILUMINADO).



BAIXINHO

Este é branco. ( OS OUTROS RESPONDEM SEMPRE: É BRANCO ).  
Este também é branco. Este também é branco. Este também é branco.

OS DOIS

Tudo branco.

OS TRÊS

Onde está o azul?

ALTO

Só se está trancado. Vamos esperar o dia chegar e perguntar ao vaqueiro.

GORDO

Porque não procurar logo?

ALTO

Se o vaqueiro desconfia pode mandar nos prender.

GORDO

Por que não pedimos a ele para nos vender?

BAIXINHO

Você é cretino, Gordo? Acha que alguém vai querer vender um cavalo que voa, que canta e que é azul?

ALTO

Temos é que roubar.

GORDO

Vamos logo, então.

ALTO

Vê se o dia está nascendo?

GORDO

( OLHANDO ). Já. ( CLAREIA EM CENA, OS CAVALOS RELINCHAM E LEVANTAM A CABEÇA. OS BANDIDOS SE ESCONDEM. CHEGA O COWBOY COM SEU GRANDE CHAPÉU ).

COWBOY

Que barulho é este? Se é ladrão de cavalo, atenção! que eu atiro. ( PUXA OS REVOLVERES ). Não há ninguém aí? ( O COWBOY CORRE A CENA ATÉ QUE OUVI O BARULHO DE UM DOS INSTRUMENTOS E MUITO DESCOFIADO APONTA OS REVÓLVORES. OS TRÊS MÚSICOS, APAVORADOS, IMEDIATAMENTE SAEM DO ESCONDERIJO SEGURANDO OS INSTRUMENTOS ).

BAIXINHO

Somos três pobres músicos pedindo esmola.

COWBOY

Músicos, aqui no curral? Isto está me cheirando a mentira.

ALTO

Somos músicos, sim.

GORDO

Sim, somos músicos.





BAIXINHO

Ouça, Senhor Cowboy. ( COMEÇAM A TOCAR A MÚSICA nº 5B )

COWBOY

( INTERROMPENDO ). Vocês não vieram roubar meus cavalos?  
( OS TRÊS COMEÇAM A RIR NERVOSAMENTE ).

BAIXINHO

Que bobagem!

ALTO

Que bobagem!

GORDO

Que bobagem!

BAIXINHO

Vamos continuar a tocar para ele. ( OS TRÊS PÕEM-SE A TOCAR - MÚSICA nº 5A, ENQUANTO O COWBOY PASSEIA DESCONFIADO. ENQUANTO TOCAM, CHEGAM VICENTE E A MENINA ).

VICENTE

Olha quem está aqui. O circo! Os nossos amigos do circo. Os músicos! ( OS TRÊS BANDIDOS PARAM DE TOCAR E FICAM ESTATELADOS ). Queridos músicos, como é que vocês vieram parar aqui? ( OS TRÊS SE ENTREOLHAM E OLHAM PARA O COWBOY ).

BAIXINHO

Andando.

ALTO

Andando.

GORDO

Andando.

VICENTE

Para que vocês estão aqui?

BAIXINHO

Viemos tocar música para este Cowboy. ( MÚSICA nº 5A ).

ALTO E BAIXINHO

Viemos. ( CONFIRMANDO ).

COWBOY

Acho que são ladrões de cavalos.

VICENTE

São não, seu Cowboy. Eles são músicos do maior circo do mundo. Como vai o palhaço?

GORDO

Vai bem.

ALTO

Vai bem.

BAIXINHO

Vai bem.



VICENTE

Com licença. Quero falar agora com o Cowboy, porque ( LINDO CONFIDENCIALMENTE ). o meu cavalinho azul está aqui. Com licença. ( VICENTE LEVA O COWBOY PARA UM CANTO E COMEÇA A CONVERSAR. OS MÚSICOS QUEREM OUVIR A CONVERSA ).

\* OUVI-SE APENAS O COWBOY DIZER ALTO:

COWBOY

Azul? Sim, claro, venha comigo. ( OS TRÊS SAEM DE CENA ).

BAIXINHO

( PARA OS MÚSICOS ). Vocês não ouviram? ( OS TRÊS ABREM AS PORTINHAS DOS INSTRUMENTOS E TIRAM OS REVÓLVORES ). Agora o cavalo está no papo. ( VEM VINDO O COWBOY COM OS MENINOS ). Mãos ao alto!

ALTO

Mãos ao alto!

BAIXINHO

Mãos ao alto!

GORDO

Passem para cá o cavalo azul. ( OS CAVALOS BRANCOS ASSUSTADOS, FOGEM EM DISPARADA. O COWBOY LEVANTA A MÃO. VICENTE E A MENINA OLHAM SEM COMPREENDEREM O QUE ESTÁ SE PASSANDO ).

GORDO

Mãos ao alto, menino!

ALTO

Mãos ao alto, menina! ( TODOS ESTÃO DE MÃOS ERGUIDAS ).

COWBOY

Ladrão de cavalos. Bem que eu desconfiava...

BAIXINHO

Passem logo o cavalo azul, se não querem levar tiros na barriga.

VICENTE

Mas ele não está aqui, seu músico.

BAIXINHO

Não me faça de bôbo, sim, menino? Já estou cansado de ouvir mentiras. Pensa que não ouvi o Cowboy dizer que o azul estava aqui?

VICENTE

Mas não é o meu, seu Baixinho. O meu não é igual aquele.

BAIXINHO

Seu Cowboy, não tenho tempo a perder. O cavalo ou a vida.

COWBOY

( VENDENDO QUE NÃO PODE FAZER NADA CONTRA TANTA ARMA APONTADA )  
Hip! Hip! Hip! Azul! Azul! ( TODOS AGUARDAM ANSIOSOS A CHEGADA DO CAVALO ).



BAIXINHO

Vamos, por que ele não aparece?

COWBOY

Hip! Hip! Hip! ( SURGE UM DOS CAVALOS BRANCOS. MUITO TÍMI  
DO ).

GORDO

Mas este não é azul!

OS TRÊS

É branco.

COWBOY

O nome dele é azul, porque tem o olho azul.

BAIXINHO

( PARA VICENTE ). É este o seu?

VICENTE

( RINDO ) Não... O meu é todo azul e grande!

ALTO

( MEIO ALUCINADO ). E sabe cantar...

GORDO

( IDEM ) : E voar!

BAIXINHO

( REALISTA ). E vai dar muito dinheiro ao Baixinho aqui...  
Vamos, ( GRITANDO ) quero seu cavalo azul, está ouvindo? ( SACODE  
O MENINO, ENQUANTO O COWBOY E A MENINA SAEM DISFARÇADAMENTE ). Que  
ro seu cavalo para o meu circo, compreende? Agora, neste minutinho.

VICENTE

Mas eu estou procurando o meu cavalo, e depois vou levá-  
lo ao circo. Fica calmo, seu músico, não é preciso isso aí. (REVÔL  
VER ). O Senhor é músico mesmo, ou é bandido?

BAIXINHO

Bandido ... e músico.

VICENTE

Mais bandido do que músico... ou mais músico do que bandi  
do?

BAIXINHO

Quase que só bandido.

VICENTE

Vocês três?

OS TRÊS

Nós três. ( OS TRÊS TIRAM AS BARBAS E FAZEM CARAS DE BANDI  
DOS ).

VICENTE

Que caras feias, meu santo Deus. Vocês roubam p<sub>ia</sub>nos, vio  
lões, violoncelos, violinos, violas e vitrolas?

ALTO

Nós roubamos tudo.



BAIXINHO

Chega de conversa, amarrem o menino. Enquanto ele não nos der seu cavalo azul, não será solto. ( O ALTO E O GORDO AMARRAM O MENINO ). Vamos, agora trate de descobrir o seu cavalo.

VICENTE

Amarrado ninguém pode procurar nada. Se vocês fazem o favor de me desamarrar...

BAIXINHO

Vai é morrer, porque estou desconfiado que este negócio é uma mentira.

ALTO

Nos fez andar meses e meses atrás dele...

GORDO

Estou é cansado de procurar.

BAIXINHO

Menino que faz bandido ficar cansado e não acha cavalo azul, deve morrer.

OS DOIS

Morrer.

VICENTE

Mas, se eu morrer, quem vai procurar meu cavalinho?

BAIXINHO

Não interessa.

ALTO

ALTO

Não interessa.

GORDO

Não interessa. ( OUVES-SE DE FORA A VOZ DO COWBOY, QUE EM SEGUIDA APARECE ARMADO ).

COWBOY

Mãos ao alto! ( OS TRÊS LARGAM TUDO E FICAM DE MÃOS PARA O ALTO ). Músicos de meia tigela! Ladrões de cavalo! Já, já, para a polícia, andem!

BAIXINHO

( FINGINDO ). Deixe ao menos levar nossos instrumentos, Senhor Cowboy. Assim, quando estivermos na prisão sozinhos, nossa música distrairá ...

COWBOY

Está bem. Mas andem logo! ( OS MÚSICOS FINGEM QUE VÃO PEGAR OS INSTRUMENTOS E SAEM CORRENDO COM O COWBOY ATRÁS ). Parem, seus bandidos, que eu atiro mesmo... ( SAI ATRÁS DOS BANDIDOS. A MENINA SE APRESSA EM DESAMARRAR O MENINO ).

MENINA

Vicente, meu amigo, vamos embora? Para nossa casa? Minha mãe e meu pai devem estar muito aflitos procurando.

VICENTE





VICENTE

Estou com muita saudades lá de casa, também.

MENINA

Então vamos.

VICENTE

Preciso primeiro achar ele. Depois eu volto. Você vai na frente, está bem? A gente pede ao Sr. Deus para te levar. O Senhor leva? ( DIRIGINDO-SE AO VELHO ).

VELHO

( SEM SE MEXER ): Levo, sim, Vicente. Eu levo a meninazinha para casa dela.

VICENTE

Eu sabia, Sr. Deus. ( PARA A MENINA ). Diga a papai e a mãe que eu estou quase achando o meu cavalinho. Diga a mamãe para preparar uma cama bem macia para mim. Estou cansado de tanto dormir no chão duro. Diga a papai para preparar capim verde para o cavalinho. Diga ao palhaço que os músicos são bandidos e quando chegar vamos fazer um circo só para nós. Me esperem todos na entrada da cidade que vou chegar como doido galopando o meu cavalo...

MENINA

Adeus, Vicente, e volta logo. Cuidado com os perigos.(SAI)

VICENTE

( ENQUANTO A MENINA DÁ A MÃO AO VELHO, SAINDO EM SEGUIDA PELO PROSCÊNIO). Diga a mamãe para botar vestido novo para minha chegada e fazer doce de côco e canja de galinha para eu comer... adeus... ( ENQUANTO A MENINA SAI, PUXANDO SEU CAVALINHO DE PAPELÃO, OUVI-SE A MÚSICA Nº 18 - SÓ FLAUTA E CONTRABAIXO )( AO MESMO TEMPO, O CAVALINHO BRANCO DE OLHO AZUL SAI, LEVANDO SEU CURRAL. VICENTE FICA SOZINHO, OLHANDO SAIR O CAVALO DE PAPELÃO ). Agora vou a Serra da Mantiqueira. ( MAROTO ) Acho que você está lá, meu cavalinho! ( VICENTE SAI DE CENA. CESSA A MÚSICA ).

\* ( PELA CENA APARECEM OS TRÊS BANDIDOS FUGINDO DO COWBOY, QUE VEM ATRÁS COM A MÚSICA nº 14B. VOLTAM OS TRÊS MÚSICOS EM MÃOS AO ALTO COM O COWBOY ATRÁS. DESAPARECEM ). ( MÚSICA Nº 3B ).

VELHO

Como vocês viram, os três músicos foram presos. A menina levei para a casa dela. Todos na cidade estão esperando Vicente voltar. Ele continuou correndo mundo. ( NA CENA SURGE VICENTE TODO ESFARRAPADO, SEM UM PÉ DE SAPATO, COMENDO UM PEDAÇO DE PÃO - O ATOR OU ATRIZ QUE FAZ O VICENTE DEVE TROCAR DE ROUPA PARA ESTA CENA). Quando estava muito cansado, vinha deitar aqui perto de mim. ( VICENTE DEITA-SE PERTO DE JOÃO DE DEUS ). E foi assim que um dia...Vejam vocês... ( NO PALCO UMA LUZ AZULADA E ESTRANHA COMEÇA A CLAREAR A CENA. VICENTE SE APRUMA E APROXIMA-SE DO MEIO DO PALCO, ATENTO. ELE ESTÁ QUASE EM SILHUETA. TUDO ESTÁ AZULADO E ESCURO. MÚSICA 30 A.B.C. NUM CRESCENDO, ACOMPANHADA PELO GALOPAR DE UM CAVALO, ANUNCIA A APRO-



XIMAÇÃO DO CAVALINHO AZUL, QUE SURGE DO FUNDO DA CENA IMPONENTE E TODO AZUL, COM CAUDA BRANCA. ESTE CAVALO REPRESENTA O MESMO PANGA RÊ DO INÍCIO DA PEÇA AGORA TRANSFIGURADO. VICENTE, IMÓVEL, OBSERVA ).

## VICENTE

( COMO SE ESTIVESSE FAZENDO A COISA MAIS NATURAL DO MUNDO SEM ABSOLUTAMENTE ENCARAR A APARIÇÃO DO SEU CAVALINHO COMO COISA IMPOSSÍVEL, PEGA A CORDA QUE, COMO NA PRIMEIRA CENA, CAÍA DO PESCOÇO DO CAVALO E COMEÇA A FAZER COM ELE AS MESMAS EVOLUÇÕES ). Upa! Upa! meu cavalinho. Vamos já para casa, meu cavalinho! Papai, mamãe, a menina, o palhaço, estão todos nos esperando na entrada da cidade! Todos esperam nossa volta! Upa! Upa! Upa! Para casa, meu cavalinho. A galope! Para casa!

\* ( O CAVALO DÁ VÁRIAS GALOPADAS EM TORNO DO MENINO, ENQUANTO A MÚSICA CRESCE, A LUZ SE ACENDE E SE APAGA EM VÁRIOS TONS DE CORES, E O PANO SE FECHA ).

\*\*\* FIM \*\*\*

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

SERVIÇO DE TELECOMUNICAÇÕES

TELEX RECEBIDO

RECEBI NO DIA 16/JAN/1987  
ÀS \_\_\_\_\_ HORAS

ASSINATURA

CONTROLE

Nº

160 133



DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL  
SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL NO D.F.  
SERTEL - TELEX - RECEBIDO



SR/DF/BSA

DTEL BSA

BRASILIA/DF NR/277 20 15JAN87 1720P ((JC))----

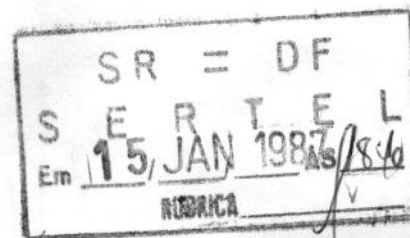
SCDP/SR/DF/BSA.

NR/026/DCDP DE 15/1/87 PT

RERA NR 002/SCDP 14/1/87 VG INFO PEÇA TEAT "O CAVALINHO AZUL"

CLASS LIVRE VG CERT VAL 5/9/89 PT

DCDP.



NNNN

TR/E151754/⊕

SR/DF/BSA

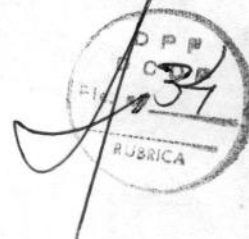
DITEL BSA





MINISTÉRIO DA JUSTIÇA  
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE 0248, p.304



PARECER Nº 002 / 87

TÍTULO: "O CAVALINHO AZUL" P T

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: L I V R E

AUTORA: MARIA CLARA MACHADO

Duas crianças partem para várias partes do mundo à procura de um cavalelho azul, fruto da fantasia de uma delas.

Dirigida ao público infantil, a obra veícu la mensagens de amor e dedicação aos animais.

Inexistindo implicações censórias, poderá ser liberada sem restrições.

Brasília, 14 de janeiro de 1987

M. A. *[assinatura]* L.G. Cidade

CNF 2 405 370

*[assinatura]*  
Dalmo Paixão  
Censor Federal - Matr. 2.415.781

*[assinatura]*  
Del. Ivêlice G. de Andrade Varg.  
Censora Federal - Matr. 2.415.794.

Ps. Esta peça já foi liberada anteriormente por este Serviço.





Q. 0092187

19 01 87

Sr. NIVALDO RAMOS DE FREITAS

LINHO AZUL "

MARIA CLARA MACHADO

"O CAVA-

LIVRE

  
Chefe do SCD/SA/PR/DF  
Censor Federal - Matr. 2.415.000  
Chefe da Seção de Controle de Documentos em exercício



Ilustríssimo Senhor

Chefe do Serviço de Censura de Diversões Públicas/SR/DPF/DF

Eu, Guilherme Barcellos, representante do Grupo Farsa/Supimpaplicação no que diz respeito à montagem do espetáculo infantil "O CAVALINHO AZUL", venho mui respeitosamente requerer à Vossa Senhoria a isenção do ensaio geral, necessário à liberação do certificado de censura. O espetáculo tem pré-estréia no dia 30 de julho de 1987 às 21 horas na Sala Martins Penna do Teatro Nacional de Brasília e a temporada será de 1º a 16 de agosto no mesmo local.

Nestes termos

Pede deferimento

Brasília 28 de julho de 1987

*FI. De acordo,*  
*pelos autos*  
*4*  
*Guilherme Barcellos*  
*Em 28/07/87* Guilherme Barcellos  
produtor/ator  
*Sergio Roberto de Oliveira*  
Bel. Sergio Roberto de Oliveira  
Censor Federal - Mat. 240 539 7  
Chefe do SCDP/SR/DF



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA

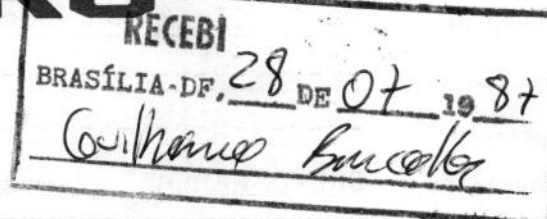
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0248, p.307

# CENSURA FEDERAL

## TEATRO

Certificado Nº 017-SCDP/SR/DPF/DF



PEÇA "O CAVALINHO AZUL"

ORIGINAL DE Maria Clara Machado

CLASSIFICAÇÃO

**LIVRE**

VÁLIDO ATÉ 28 de JULHO de 19 92

Brasília DF, 28 de JULHO de 19 87

SERGIO ROLDAN DE OLIVEIRA

Chefe do SCDP/SR/DPF/DF

M. J — D.P.F

CERTIFICADO DE CENSURA  
BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0248, p. 308

Certifico constar no arquivo de registro de peças teatrais deste Serviço, o assentamento da peça intitulada "O CAVALINHO AZUL"

Original de Maria Clara Machado

Tradução de -X-X-X-X-X-X-X-X-X-X-X-X-X-X-X-X-X-X-X-X-X-X-X-X-X-X-X-X-

Adaptação de -X-X-X-X-X-X-X-X-X-X-X-X-X-X-X-X-X-X-X-X-X-X-X-X-X-X-X-X-

Produção de GRUPO FARSA

Requerida por Nivaldo Ramos de Freitas

Tendo sido censurada em 12 de JANEIRO de 19 87 e recebido a seguinte classificação: L I V R E

CONDICIONADA AO EXAME DO ENSAIO GERAL.

ESTE CERTIFICADO SÓ TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO "SCRIPT"  
DEVIDAMENTE CARIMBADO PELO SCDP/SR/DPF/DF OU PELA DCDP/DPF.

VÁLIDO EM TODO TERRITÓRIO NACIONAL.

BSB , 28 de JUNHO de 19 87

[Assinatura]  
/ Chefe do Serviço de Censura



## TEATRO

TÍTULO \* O CAVALINHO AZUL \*

AUTOR DA PEÇA: \* MARIA CLARA MACHADO \*

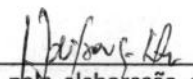
## 1) ARQUIVO

Clas. Anterior \* LIVRE \*

Praça \* SCDP/SR/DF \*

Obs.:

DF. 17 / SET... / DE / 1987

  
 Resp. pela elaboração do Processo

Adilson \*\*\*

## 2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura

Técnico de Censura

Data prazo Exame de \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_ a \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_

DF. \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_

 \_\_\_\_\_  
 Resp. pela Programação

## 4) SERVIÇO DE CENSURA

Em \_\_\_\_ de \_\_\_\_ de 1.9

## 3) CHEFE DA S.C.T.C.

1. O SCDP/SR/DF, dispensa o exame do Censur. genat.
2. Não foi observada a validade do Certificado anterior.
3. ARQUIVE-SE!

BR, 21/09/87

Brasília - DF

  
 Luiz Pedro de Souza  
 de - Mat. 2.407.803  
 Chefe do SCTC/DGDP

de 1.9

## 5) DIRETOR DA D.C.D.P.